



JORNALISMO LITERÁRIO

ITINERÁRIOS POSSÍVEIS

UMA HOMENAGEM A PAULO ROBERTO ARAUJO

Marlon Santa Maria Dias | Olívia Bressan | Viviane Borelli (Org.)

Marlon Santa Maria Dias

Olívia Bressan

Viviane Borelli

(Org.)

JORNALISMO LITERÁRIO: ITINERÁRIOS POSSÍVEIS

HOMENAGEM A PAULO ROBERTO ARAUJO

Santa Maria

FACOS-UFSM

2020

Preparação de texto

Marlon Dias e Olívia Bressan

Revisão de texto

Gisele Reginato

Projeto gráfico e diagramação

Mariana M. Bolzan e Pedro Pellegrini

Revisão da diagramação

Mariana M. Bolzan

Capa

Mariana M. Bolzan e Pedro Pellegrini

Ilustrações

Pedro Pellegrini, Matheus Moreira
e Mariana M. Bolzan

Agradecimentos:

Karim Wahhab, Gisele Reginato, Sandra Depexe, Zília Mara Scarpari, Delmar Bressan, Alisson Machado e às autoras e autores que colaboraram com suas produções e boa vontade nesta coletânea.

J82 Jornalismo literário [recurso eletrônico] : itinerários possíveis : uma homenagem a Paulo Roberto Araujo / Marlon Santa Maria Dias, Olívia Bressan, Viviane Borelli (org.). – Santa Maria, RS : FACOS-UFSM, 2020.
1 e-book

1. Jornalismo 2. Jornalismo literário 3. Reportagem I. Dias, Marlon Santa Maria II. Bressan, Olívia III. Borelli, Viviane

CDU 070.448

ISBN: 978-65-5773-015-7

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte CRB-10/990
Biblioteca Central - UFSM

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Ciências da Comunicação

Reitor

Paulo Afonso Burmann

Vice-reitor

Luciano Schuch

Diretor do CCSH

Mauri Leodir Löbner

Chefe do Departamento de Ciências da Comunicação

Rodrigo Stéfani Correa

FACOS-UFSM

Diretora Editorial

Ada Cristina Machado da Silveira

Editora Executiva

Sandra Depexe

Comissão Editorial

Ada Cristina Machado da Silveira (UFSM)

Eduardo Andrés Vizer (UBA)

Eugênia Maria Mariano da Rocha Barichello (UFSM)

Flavi Ferreira Lisbôa Filho (UFSM)

Maria Ivete Trevisan Fossá (UFSM)

Marina Poggi (UNQ)

Paulo César Castro (UFRJ)

Sonia Rosa Tedeschi (UNL)

Veneza Mayora Ronsini (UFSM)

Conselho Técnico Administrativo

Aline Roes Dalmolin (UFSM)

Leandro Stevens (UFSM)

Liliane Dutra Brignol (UFSM)

Sandra Depexe (UFSM)

Se os mestres que cumpriram de corpo e alma sua missão na Terra estiverem agora reunidos em algum lugar, além ou alhures, vai ter festa quando este livro aparecer por lá. Festa com os camafeus de Pelotas, que tanto agradavam ao professor Paulo Roberto Araujo.

Sem ele, este livro não existiria. E sem este livro, o professor Paulo Roberto talvez jamais pudesse ter certeza, lá onde agora esteja, de que seus ensinamentos foram tão bem transmitidos. Alguns de seus talentosos ex-alunos assimilaram os truques e as técnicas para manter viva, pulsante, aquela pegada de apuração e escrita que, a partir da década de 1960, elevou o jornalismo brasileiro ao patamar dos melhores do mundo. Enquanto houver bons textos, há esperança.

Este livro, portanto, consagra um aprendizado. É tudo o que um mestre pode desejar. Dá para sentir no ar o sorriso de satisfação de Paulo Roberto. Que saboreie com prazer os seus camafeus.

Renato Modernell, autor de *Em trânsito: um ensaio sobre narrativas de viagem*

*Gestado pelo afeto que se verte em tributo – ao professor Paulo Roberto Araujo –, *Jornalismo Literário: Itinerários Possíveis* traz a dicção de importante subsídio a alunos e professores dedicados ao território de convergência entre literatura e jornalismo. E por aliar saber e sabor – ensaios teóricos e textos jornalístico-literários –, o livro deve aguçar qualquer leitor que flagra na escrita do jornalista uma língua que roça a língua do ficcionista literário.*

Seja bem-vindo.

Marcelo Bulhões, autor de *Jornalismo e Literatura em convergência*

SUMÁRIO

7 | **PREFÁCIO** Meu tio | Luiz Antônio Araujo

9 | **APRESENTAÇÃO**

20 | **ARTIGOS**

21 | Em busca da memória (quase) perdida | *Angélica Lüersen / Augusto Paim*

45 | Perfil jornalístico: histórias de vida e a busca da alteridade | *Gisele Reginato / Marlon Dias*

73 | A autoria no jornalismo como toque de mestre do confeitiro | *Céssica Valentini*

95 | Flanar é voltar a ter os sapatos sujos | *Olívia Bressan*

125 | A humanização do relato de um não-lugar através da descrição | *Thaís Brugnara Rosa*

148 | Revista *proa*: a experiência da criação | *Giuliana Matiuzzi Seerig*

163 | **REPORTAGENS**

164 | Há vida nos subterrâneos de Buenos Aires | *Thaís Brugnara Rosa*

188 | Ouro Preto me comove | *Olívia Bressan*

217 | Rumo a outro verão | *Carolina Abelin*

243 | Treze de julho, uma terça-feira | *Bibiano Girard*

262 | Em dia que não tinha vento, não se ouvia rádio | *Kelem Freitas Duarte*

285 | Pássaro proibido | *Marlon Dias*

313 | A linguagem do trabalhador na boca suja de um italiano | *Bruna Homrich*

331 | A flor de todos os dias | *Myrella Allgayer*

350 | Retratos polono-brasileiros | *Larissa Drabeski*

377 | **CRÔNICA**

378 | À livraria do Globo, com carinho | *Paulo Roberto Araujo*

382 | Passos de um peregrino são errantes | *Iuri Müller*

385 | Anotado no moleskine | *Gabriel Eduardo Bortolini*

394 | Há tempos pensava em te escrever | *João Pedro Wizniewsky Amaral*

398 | No ar, Projeto Rádio Escola | *Aurea Evelise Fonseca*

401 | Domingo, 27 de agosto, aniversário do Paulo Roberto | *Luciana Mielniczuk*

405 | “Caríssimo Paulo” | *Tatiana Py Dutra*

408 | A palavra é frágil para a saudade que não termina | *Olívia Bressan*

417 | **ESCRITO EM UM MURO**

436 | **AUTORAS E AUTORES**





PREFÁCIO MEU TIO

Luiz Antônio Araujo

De todas as formas de lembrar Paulo Roberto de Oliveira Araujo, a que o leitor ora contempla é a que mais faz justiça a três de suas razões de viver: jornalismo, literatura e ensino. Muito cedo, ele escolheu combinar esses ingredientes de forma metódica, como era de seu feitio, e definitiva. Uma vez misturados os elementos, jamais voltou a concebê-los de forma isolada nem a se imaginar apartado da liga deles resultante. A maneira quase natural com que os três aparecem entrelaçados ao longo dos textos reunidos neste livro compõe um painel no qual ele certamente se reconheceria – com alguma ironia, mas não muita.

Criança e sem pleno discernimento, acompanhei alguns dos momentos cruciais dessa trajetória. Paulo Roberto era meu tio caçula, nascido apenas 16 anos antes. Mais do que isso, era meu padrinho (responsabilidade que reivindicou em família no momento de meu nascimento), mentor e amigo. Para meus

avós, foi filho temporão; para meus pais, quase filho mais velho. Aluno mediano, pelo que sei, compensava com organização e curiosidade as eventuais limitações de aprendizagem. O ambiente familiar valorizava o estudo e a leitura. Meu avô, militar, era leitor regular, apreciador de memórias, história, geografia e política. Suas recordações de uma conferência de Erico Veríssimo, assistida em Santa Maria nos anos 1930, fazem parte da história oral familiar. Minha avó lia a Bíblia e best-sellers como *Éramos seis*, de Maria José Dupré. Numa era pré-televisão, Paulo Roberto fez-se leitor por indução e por gosto.

Em 1973, aos 22 anos, passou no vestibular para Medicina Veterinária, tentativa malsucedida de conciliar a pressão familiar por uma profissão “séria” e o amor pelos animais. Lembro-me da foto em que aparecia no dia do trote com outros calouros (“lembrança dos dias de bixo do Padrinho”, dizia a dedicatória que, de tão lida, decorei). A leitura e a literatura, já combinadas à escrita de crônicas e contos, aproximaram-no do Jornalismo, curso recém-criado na Universidade Federal de Santa Maria. Na época, ele e minha avó foram nos visitar no Rio de Janeiro, onde vivemos por dois anos. Imagens da época mostram-nos nos pontos turísticos fundamentais (bondinho do Pão de Açúcar, Cristo): ele de camisa estampada ao estilo *Swinging London* e calça boca de sino, eu de bermuda e sorriso com “porteira”. Aos seis anos, decidi também ser jornalista.





A atmosfera acadêmica da Comunicação marcou-o para sempre. Lia de tudo. Antes de mais nada, ficção, interesse facilitado pelo boom da literatura latino-americana (Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Gabriel García Márquez, Miguel Ángel Asturias, Carlos Fuentes, Guillermo Cabrera Infante, Manuel Scorza, Ciro Alegría) e pela maior geração de contistas que o Brasil já produziu (Dalton Trevisan, Caio Fernando Abreu, Moacyr Scliar, Josué Guimarães, João Antônio, Ivan Ângelo, Luiz Vilela, Roberto Drummond, Deonísio da Silva). Degustava também romances e novelas, gêneros em que preferia autores como Erico, Clarice Lispector e Nérida Piñón.

Compartilhava comigo a melhor parte de suas descobertas literárias, às vezes me dando a precedência diante de uma nova aquisição. Numa prática que manteria a vida inteira, me dava livros pelos quais eu manifestara, no máximo, um interesse vago. Foi assim que ganhei, aos 11 anos, o primeiro volume de *O Continente*. Mais ou menos por essa época, decidi escrever o meu próprio “romance”, a lápis, num caderno escolar. Sempre com disposição para brincadeira, ele assinou o prefácio, no qual se perguntava se eu seria “um novo Erico”.

De par com a literatura, vinha o jornalismo. Não por acaso, alguns de seus autores favoritos, como Josué, Caio e García Márquez, eram ou haviam sido repórteres. Com a censura se esvaindo, a grande reportagem florescia em veículos

tradicionais (as reportagens de Fernando Morais sobre a Transamazônica e Cuba em *O Estado de S. Paulo*, a cobertura das primeiras greves no ABC Paulista por Ricardo Kotscho na *Folha de S. Paulo*) e na imprensa nanica (*Pasquim*, *Coojournal*, *Movimento*, *Opinião*, *Versus*, *Em Tempo*, *Pato Macho*, *Enfim*, *Jornal da República*). Na época, ler o que a imprensa publicava podia ser um exercício hermenêutico radical. Levavam-se horas discutindo um título, uma foto ou uma frase dita numa entrevista em busca de ironias, ambiguidades, marcas de censura ou de autocensura. Nada era mais gratificante do que encontrar uma reportagem que rompia as amarras e trazia, pela primeira vez, uma informação havia muito sonogada do público: denúncias de tortura ou corrupção, palavras de exilados, informações sobre silenciamento estatal.

Em 1977, segredou-me que Josué Guimarães seria paraninfo da turma de formandos de Comunicação da UFSM. Eu tinha lido *Os Tambores Silenciosos* e ficara impressionado com a maneira como o livro tinha sido escrito, com longas frases e parágrafos sem ponto final e as vozes dos personagens misturadas à do narrador. Lá fomos nós ao auditório do Colégio Centenário numa noite quente de verão para assistir à cerimônia. A solenidade foi marcada pela contundência do orador em relação ao regime militar e à administração da universidade – e pela inconformidade de uma parte da turma,



que chegou a se retirar do recinto. Recordamos aquela noite por muito tempo como uma aventura – para mim, tinha sido a ocasião de estar pela primeira vez no mesmo recinto de um escritor de verdade.

Nos anos seguintes, teve breves passagens pelo jornal *A Razão* e pela *Rádio Imembuí*, suas únicas experiências em redação. Imagens que sobreviveram dessa época mostram uma equipe jovem e alegre, submetida ao desafio nada insignificante de fazer um jornal de qualidade sob um regime de exceção. Por temperamento e capacidade, foram-lhe confiadas tarefas de coordenação e edição. Lembro de vê-lo manuseando laudas rabiscadas à caneta que trazia para casa.

Formado em 1978, aos 27 anos, foi convidado em seguida a assumir vaga de professor no Curso de Comunicação Social. Era um desafio complexo. A universidade experimentava os ventos da abertura, mas a estrutura institucional e, sobretudo, a mentalidade de professores, servidores e estudantes havia sido conformada no período anterior. Paulo Roberto era um dos mais jovens professores do curso e havia sido colega de alguns de seus alunos. A ponte geracional facilitou a transição, e ele acabou sendo o primeiro coordenador do Curso eleito pelos estudantes. Entre os professores, a amizade de ex-mestres e ex-colegas de turma foi um elemento de estímulo.

Seu grande prazer era conviver com os alunos em sala de aula. Num período em que a produção acadêmica sobre Jor-



nalismo era restrita, ele nutria e inculcia respeito pela teoria. Fazia questão de manter e compartilhar com os estudantes um robusto acervo de livros e revistas especializados que nunca parou de crescer. Reuniu o que é provavelmente uma das maiores bibliotecas privadas sobre Jornalismo e Comunicação no Estado. Estava longe, porém, de ser cartesiano. Suas aulas poderiam começar a partir de uma observação ligeira sobre uma notícia do dia, passando em seguida às sugestões de leitura. Ou evoluir em clima de conversa. À medida que conhecia cada aluno, aproveitava a mais breve oportunidade para indicar autores ou fazer comentários sobre um título ou uma frase. Caso fosse preciso consultar um livro, não hesitava em fornecer o próprio exemplar. Ser professor era, para ele, antes de mais nada, estimular a pensar: gesto generoso por natureza, fundado na convicção da humanidade comum, capaz de reverberar muito além de cargas horárias e grades curriculares.

Sua formação docente foi aperfeiçoada durante o Curso de Mestrado em Comunicação Social, realizado em meados dos anos 1980 na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Depois de cinco anos em sala de aula, encontrou-se frente a frente com alguns dos mais destacados pesquisadores de seu campo: José Marques de Melo, Cremilda Medina, Maria Immacolata Lopes e outros. Foi por essa época que travou contato com o conceito de Jornalismo Literário, uma



das futuras chaves de seu ensino. Embora não tenha defendido a dissertação ao final do curso, o biênio passado em São Paulo temperou-o em termos profissionais e pessoais. A capital paulista, imersa no turbilhão da redemocratização do país, exercia sobre ele um fascínio que nunca se atenuou. Fartou-se de cinema, teatro, exposições e mostras, a par da variada atividade acadêmica no campus do Butantã. Morador do Bixiga, acimatou-se com bares e restaurantes, breve concessão a um estilo boêmio para o qual nunca teve verdadeira vocação.

De volta à UFSM, passou a se dedicar cada vez mais aos aspectos práticos do ensino de rádio e de texto. Tinha apreço especial, entre outros, pelo projeto Rádio Escola, resultante de uma parceria entre o Curso de Jornalismo e a Rádio Universidade, e pela revista *proa*, dedicada ao Jornalismo Literário. A era do webjornalismo e das redes sociais não o deixou indiferente. Por meio do *Facebook*, conectava-se a amigos próximos e distantes. Criou séries de posts, como “Anotado no moleskine” e “Escrito num muro”, prontamente adotados em tom carinhoso pelos mais próximos. Aos que lhe indagavam sobre a aposentadoria, respondia com um misto de discrição e sarcasmo.

Ao concluir estas reminiscências – e meu agradecimento a Viviane, Marlon e Olívia por ter a oportunidade de escrevê-las não poderia ser maior –, faço questão de mencionar duas das características de Paulo Roberto sobre as quais nunca



deixo de refletir. Uma delas é o humor. Aprendi com ele que não há nada tão solene e grave que não mereça servir de matéria-prima para o riso, a começar por nós mesmos. A outra é o desprezo pela vaidade pedestre, a que busca aquilo que Marx chamou, a propósito de Proudhon, de “o efeito do momento, o êxito do dia”.

Paulo, obrigado.





APRESENTAÇÃO

Esta obra nasce diante de dois propósitos centrais: compartilhar reflexões acerca do jornalismo literário e homenagear Paulo Roberto Araujo, falecido em cinco de outubro de 2016. A conjunção desses propósitos se dá, sobretudo, pelo fato de Paulo Roberto ter dedicado boa parte de sua vida docente à formação de jornalistas mais sensíveis à escuta do Outro. Ele foi professor do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria por mais de trinta anos.

Dessa forma, o projeto deste livro é, acima de tudo, afetivo. Por isso, reunimos um grupo de autoras e autores que foram, em sua maioria, seus alunos na UFSM. Quem o conhecia irá reconhecê-lo nos textos desta coletânea, não apenas naqueles dedicados à sua memória, mas também nos artigos, ensaios e nas reportagens. Contudo, o leitor que não o conheceu também poderá se aventurar sem receios: propomos aqui caminhos para pensar (e fazer) o jornalismo literário.

Compreendido como o gênero que se apropria de técnicas da literatura de ficção para a narração de fatos, o jornalismo literário tem conquistado espaço em ambientes



acadêmicos e editoriais no Brasil. Observamos sua crescente expansão através de livros e coleções, revistas e sites especializados. Ainda que seja mais presente e relacionado à mídia impressa – sobretudo revistas, mas também jornais –, o gênero não se resume apenas à palavra escrita, mas alarga-se para formatos radiofônicos, audiovisuais e narrativas híbridas de ambientes digitais.

Para Paulo Roberto, jornalismo literário era muito mais que o emprego de técnicas e recursos estilísticos da ficção ao texto – antes, deveria ser uma postura a ser assumida pelo jornalista no caminho da humanização do relato. Ele acreditava num jornalismo que não fosse atrelado apenas ao imediatismo factual, mas que conseguisse perceber as complexidades que permeiam as histórias de vida das personagens.

Nos últimos dez anos, Paulo Roberto ocupou-se mais detidamente do ensino de jornalismo literário, ministrando disciplinas que fossem desdobramentos do tema, como Jornalismo Cultural, Jornalismo Impresso, Jornalismo Literário e Biografia. A partir de então, orientou trabalhos de conclusão de curso que tinham como problemática central o que denominava “estilo jornalismo literário”. As monografias tinham como diferencial a união da pesquisa teórica bibliográfica com a prática jornalística e originaram projetos experimentais: séries de reportagens, perfis, programas radiofônicos e livros-reportagem. Nessa seara do jornalismo literário, cada trabalho trouxe contribuições sobre diferentes temáticas e



metodologias de apuração, tais como história de vida, história oral, narrativas biográficas, crônicas e reportagens-conto, relatos de viagem, escolha de fontes, memória, tipos de entrevista, humanização do relato.

Nesse sentido, *Jornalismo literário: itinerários possíveis. Homenagem a Paulo Roberto Araujo* se inscreve num espaço editorial lacunar que se refere a obras que apresentem a intersecção entre a teoria e a prática do jornalismo literário. Em geral, encontramos livros-reportagem ou produção teórica sobre o gênero. Aqui, o leitor encontrará uma tentativa de conectar essas duas dimensões. É, portanto, um livro destinado especialmente a jornalistas e estudantes de jornalismo que se interessam pela temática e a professores que buscam referências para trabalhar o jornalismo literário em suas aulas.

A primeira parte do livro traz ensaios e discussões teóricas sobre diferentes aspectos do gênero. No texto de abertura, *Em busca da memória (quase) perdida*, Angélica Lüersen e Augusto Paim partem de reminiscências de sua convivência com Paulo Roberto para resgatar objetos característicos da personalidade do homenageado, utilizados como metáforas da prática do jornalismo literário. Escrito em forma de diálogo entre os dois autores, introduz o leitor leigo às características do gênero com um olhar renovado, sem incorrer na incipiência dos textos iniciais.

Considerado por alguns teóricos como o “gênero no-



bre do jornalismo literário”, o perfil é tema da discussão proposta por Marlon Santa Maria Dias e Gisele Reginato em *Perfis jornalísticos: histórias de vida e a busca pela alteridade*. Os autores realizam um resgate historiográfico do gênero, além de pensarem, através de casos exemplares, a relação estabelecida entre o jornalista e sua fonte. O texto defende a potência do perfil na escrita da vida do Outro pelo jornalismo, como forma de problematizar a alteridade.

Em *A autoria no jornalismo como toque de mestre do confeitiro*, Géssica Valentini utiliza a alegoria do mestre confeitiro visando discutir as possibilidades da autoria no jornalismo. Segundo o artigo, ainda que siga uma receita, o bolo do mestre confeitiro tem um toque especial, que é um modo de fazer só dele. Tal qual o mestre, o repórter pode se utilizar de várias técnicas consagradas para a escrita de seu texto, mas somente o encontro da assinatura pessoal irá singularizar a produção jornalística.

Já Olívia Bressan propõe em *Flanar é voltar a ter os sapatos sujos* uma metodologia para o relato de viagem no qual a subjetividade e a imersão nos processos de captação e de redação são valorizados. Para tanto, é preciso abraçar a postura do flâneur, ou seja, ser um caminhante disposto a descobrir a cidade para onde se viaja. Assim, o artigo reconstitui os passos dos repórteres que já colocaram o flanar em prática, e esmiuça as características de um relato de viagem escrito sob essa perspectiva.



O ponto de partida de *A humanização do relato de um não-lugar através da descrição*, de Thaís Brugnara Rosa, é a proposição do antropólogo Marc Augé de que o avanço da modernidade teria potencializado a criação de não lugares: espaços de circulação carentes de relação, identidade e história onde as pessoas, por vezes, são tratadas como números. Com base na reportagem que fez sobre o metrô de Buenos Aires, a autora explora o recurso da descrição como forma de humanizar a narrativa e de encontrar um caminho alternativo à banalização do ser.

No ensaio *Revista proa: a experiência da criação*, Giuliana Matiuzzi Seerig detalha os processos e desafios da produção de uma revista experimental de jornalismo literário. Em 2010, um grupo de estudantes de Jornalismo da UFSM se reuniu para criar uma publicação na qual pudessem veicular as reportagens que produziam na disciplina de Jornalismo Literário. Nasceu, assim, a *proa*, revista anual com três números lançados, cuja orientação foi de Viviane Borelli e Paulo Roberto Araujo.

Na segunda parte do livro, publicamos nove textos, entre reportagens e perfis inéditos produzidos, originariamente, como trabalhos de conclusão de curso, sob orientação de Paulo Roberto Araujo. Cada texto é sucedido por um breve relato sobre o processo criativo, momento em que os autores refletem sobre a construção da reportagem e a relação travada com o orientador.

Em *Há vida nos subterrâneos de Buenos Aires*, de Thaís



Brugnara Rosa, o leitor transita entre a multidão no metrô portenho. Em meio às “milhões de pernas gordas, magras, tortas” que circulam pelo lugar, a repórter encontra três personagens que diariamente circulam pelo espaço do metrô: Héctor, Gabi e Dario. As três breves biografias são intercaladas pela observação da autora às figuras excêntricas e aos detalhes que passam despercebidos aos olhares menos atentos.

Também em trânsito, Olívia Bressan, autora de *Ouro Preto me comove*, relata eventos transformadores na cidade histórica mineira. Com o olhar de uma repórter que se dispõe a flunar sem rumo certo, ela encontra com João Rodrigues, à espera de uma indenização pelo trabalho em minas insalubres, vivencia a Folia de Reis em uma comunidade quilombola, desbrava profundezas de si mesma ao lado de dois performers e vai a uma misteriosa festa, numa noite de céu roxo, cujo desfecho é surpreendente.

A experiência do deslocamento e do viajar é ponto de inflexão também na Espanha de Carolina Abelin. Em 2008, o país vivia o início de uma crise econômica cujas consequências se arrastam até hoje. É nesse cenário de incertezas que a repórter desembarca em terras espanholas com a intenção de trabalhar durante três meses e conseguir dinheiro para realizar um curso de cinema em Nova York. Os três meses tornaram-se oito. *Rumo a outro verão* narra o estranhamento diante de uma cultura diversa: em uma das passagens mais inusitadas, Carolina relata seu trabalho como dançarina de um can-



tor brega. Suas experiências nos apresentam uma Barcelona de festejos e rituais, mas também de dificuldades impostas aos trabalhadores pela crise.

Treze de julho, uma terça-feira é uma história de família: desde a infância, o repórter Bibiano Girard ouvia sobre os mistérios que rondavam a vida e a morte de seu bisavô, Marcos Antônio. É também a história de uma busca: Bibiano viaja até Vila Saicã, povoado próximo de Rosário do Sul (RS), para reconstituir o cotidiano, no início do século XX, das grandes estâncias comandadas por fazendeiros. A morte de Marcos Antônio, mote da reportagem, é pretexto para a representação da falência de um modo de vida que dominou o pampa gaúcho por mais de um século.

A região pampeana também é cenário de *Em dia que não tinha vento, não se ouvia rádio*, de Kelem Freitas Duarte. A repórter conta como o *Mensageiro Rural*, o programa radiofônico mais tradicional do Alegrete desde 1940, tornou-se o meio de comunicação mais eficaz entre as pessoas que moravam na cidade e os trabalhadores do campo. Os radialistas rememoram histórias pitorescas e explicam de que forma a chegada do telefone celular na zona rural impôs ao rádio uma nova configuração.

Em *Pássaro proibido*, Marlon Santa Maria Dias nos apresenta Silvio, um cabeleireiro de 65 anos, residente numa pequena cidade na fronteira do Brasil com o Uruguai. Silvio



trabalhava em uma casa de shows e prostituição em São Paulo até perceber que precisava voltar a sua terra natal para resolver questões do passado. Tendo como fio condutor os encontros do repórter com o perfilado, o texto apresenta a exclusão social de quem vive à margem da própria margem: a vida de um gay idoso numa cidade interiorana.

Em *A linguagem de um trabalhador na boca suja de um italiano*, a jornalista Bruna Homrich acompanha o sindicalista Vitto Gianotti durante uma viagem até Novo Hamburgo, onde ele falaria sobre Comunicação Sindical aos metalúrgicos da cidade. O perfil capta a figura por meio de suas falas e gestos e retrata o espírito de luta de quem aprendeu no chão de fábrica a lidar com os trabalhadores, tornando-se uma das vozes mais proeminentes do movimento sindical brasileiro.

Em janeiro de 2013, um incêndio na Boate Kiss, em Santa Maria, vitimou 242 pessoas, em sua maioria jovens. A maior tragédia do Rio Grande do Sul teve ampla cobertura midiática, porém careceu de humanização das histórias de vida das vítimas. Myrella Allgayer reconstrói, em *A flor de todos os dias*, o cotidiano de Carolina, uma estudante universitária que se desdobrava entre os estudos no curso de Tecnologia em Alimentos, na UFSM, e os cuidados com a saúde da mãe.

Retratos polono-brasileiros, de Larissa Drabeski, retrata as histórias de Pedro e de Sofia: trajetórias diferentes, mesmas raízes. A região de São Mateus do Sul, no Paraná, onde vivem



os dois personagens, foi colonizada a partir de 1890, quando a Polônia não existia como um país livre. A população passou a emigrar em busca de uma Terra Prometida. No Brasil, eles encontraram, de fato, a liberdade, mas não sem dificuldades.

A terceira parte inicia com *À livraria do Globo, com carinho*, um dos poucos textos escritos por Paulo Roberto a que tivemos acesso. Motivado pelo fechamento da livraria que frequentava desde a infância, ele escreve uma crônica em que rememora sua formação como leitor e o fascínio por livros. Em seguida, reunimos textos sobre Paulo Roberto, carinhosamente escritos por alunos, colegas e amigos. Iuri Müller, em *Passos de um peregrino são errantes*, reflete sobre algo que muitos alunos se perguntavam: será que, além de leitor ávido, Paulo também escrevia? Em *Anotado no Moleskine*, Gabriel Eduardo Borbulini detalha a curiosa relação estabelecida entre orientador e orientando, tendo a literatura e uma gatinha como elementos em comum. Na gramática afetiva de João Pedro Wizniewsky Amaral, os e-mails enviados pelo professor têm papel central em *Há tempos pensava em te escrever*. Em *No ar, Projeto Rádio Escola*, Aurea Evelise Fonseca relata como ela e Paulo conceberam o projeto de ensino que marcou a formação de centenas de jornalistas da Facos/UFSCar.

Em março de 2018, quando finalizávamos o livro, fomos surpreendidos com a notícia da morte prematura de Lu-



ciana Mielniczuk. Além de ser uma referência na pesquisa em Jornalismo Digital, Luti foi nossa professora, colega e amiga. Foi também uma forte incentivadora deste projeto – nos disse não ter como recusar a “dificílima tarefa” de escrever sobre quem lhe era tão querido. Em *Domingo, 27 de agosto, aniversário do Paulo Roberto*, Luti recorda os momentos compartilhados com Paulo: os passeios que costumavam fazer, os conselhos recebidos e o fascínio de ambos por agendas e livrarias. Sua generosidade e seu olhar sensível não apenas ficam marcados em nossa memória, mas também são percebidos nas entrelinhas desse texto inédito. Já “*Caríssimo Paulo*” é uma crônica de Tatiana Py Dutra na qual ela relembra as conversas que extrapolavam os cafés e prosseguiam pelo *Facebook*, especialmente sobre o assunto de que mais gostavam: os felinos. Para fechar a seção, em *A palavra é frágil para a saudade que não termina*, Olívia Bressan escreve sobre a potência do texto para expressar as lembranças da convivência quimérica da autora com o seu professor e amigo.

Na última parte da coletânea está *Escrito em um muro*, que resgata fragmentos biográficos publicados nas redes sociais digitais em homenagem a Paulo Roberto no dia de sua morte. São breves narrativas que deságuam em memórias, situações curiosas, ensinamentos e gratidão no momento da despedida.



Se pudéssemos resumir suas motivações, diríamos que Paulo Roberto combinou, ao longo de sua trajetória, a poesia à racionalidade factual, nutriu o impulso realizador sem abdicar da imaginação e do sonho. Foi tentando conciliar essas facetas que organizamos esta coletânea. Paulo é revelado por textos em perspectivas complementares, numa espécie de jogo de espelhos que fazem multiplicar o olhar sobre ele. De modo semelhante, o jornalismo literário é apresentado por diversos prismas, refletindo ângulos do gênero nem sempre enfocados. Por isso, este livro não se lê de uma vez: desvela-se aos poucos, páginas percorridas sem ordem pré-estabelecida ou destino certo.

Convidamos a todos para que desfrutem de uma publicação carinhosamente pensada, cheia de saudade e de significado. Que a leitura proponha caminhos para o jornalismo literário no que o tema oferece de mais valioso: o aspecto humano, que não apenas constitui a potência das narrativas sobre vidas reais, mas que também constrói os laços afetivos motivadores deste projeto, tecidos durante o percurso deste itinerário.

Marlon Santa Maria Dias

Olívia Bressan

Viviane Borelli



ARTIGOS



EM BUSCA DA MEMÓRIA (QUASE) PERDIDA

Angélica Lüersen | Augusto Paim

Se o uso da técnica literária da descrição é uma das principais características do texto no jornalismo literário¹, a memória é certamente a sua arqui-inimiga. O jornalista que descreve está em permanente embate com a própria memória movediça e a de seus entrevistados. Eu, por exemplo, gostaria de dissertar sobre descrição descrevendo o apartamento do Paulo, que, para várias gerações de alunos, foi um templo de conversas sobre literatura e jornalismo. No entanto, faz anos que estive lá pela última vez. Procuro ativar as lembranças através de uma foto. Nela, o Paulo, a Angélica e eu posamos para a câmera usando o modo *timer*. Deve ter sido em 2007, talvez 2008, mas com certeza não muito depois disso, pois nos últimos anos o Paulo preferia se encontrar com seus alunos no café da Cesma. Se não me engano, a foto foi feita no dia em que nos reunimos para conversar sobre a monitoria da disciplina

¹ Em *Radical Chique* e o *Novo Jornalismo*, Tom Wolfe (2005) distingue quatro características comumente encontradas no texto de jornalismo literário: o uso da descrição, o uso do diálogo, a narração cena-a-cena e a alternância de focalizadores.

de Jornalismo Literário. Eu havia sido monitor nos últimos três semestres da faculdade e agora, ex-aluno, passava o bastão para a Angélica. O Paulo está usando um moletom cinza por cima de uma camisa com listras horizontais azuis e brancas sobressaindo-se por cima da calça folgada. Não consigo ver seus pés porque alguns jornais em cima de uma banquetta obstruem a visão da câmera, mas presumo, pelo conjunto, que ele calça chinelos. A Angélica está de botas, jaqueta e pulôver pretos e calça jeans azul. Estou vestindo um suéter azul, calça jeans preta e tênis. Estamos na sala do apartamento, onde minha turma se reuniu algumas vezes para confraternizar comendo pizza. Em cima da mesa de centro está minha mochila da UFSM; atrás dela, entrevê-se uma garrafa térmica, o que me leva a crer que ali também há uma cuia. Estamos os três de pé entre dois sofás, o da esquerda com uma capa em tons de laranja, por cima da qual se nota duas almofadas listradas em verde e verde-claro, e o da direita, com uma estampa azul, bege e vermelho-escuro. Atrás de nós, há diversos quadros distribuídos nas duas paredes brancas, das quais a porta vermelha se destaca. Observando a foto agora, me chama a atenção as três bengalas ao lado do segundo sofá. O Paulo não precisava delas, ele as colecionava.

Muitas lembranças que tenho do apartamento do Paulo não se encontram nessa foto. Onde estão os livros espalhados e empilhados por toda a sala? E os gatos? A *moleskine*? Os

cds da Cesária Évora, do Vitor Ramil, do Miles Davis? E qual era mesmo a vista que se mostrava para nós, que olhávamos em direção à câmara?

Descrevemos para criar imagens, mas também para não esquecer. Por outro lado, só é possível descrever aquilo que já não foi esquecido. Para superar os limites da minha descrição, peço ajuda à Angélica.

Miró, Ava e Piaf eram apenas nomes conhecidos como clássicos da música, do cinema e das artes em 2007, ano em que fizemos a fotografia na casa do Paulo. Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Georges Perec e Truman Capote gostavam de gatos. Mia Couto, Hermann Hesse e Érico Veríssimo também. Fiz coro. Disse que seriam melhores companhias do que cães, sobretudo pela independência. Ava Lavínia, Piaf Agnes Dinah, Miró Tibet e, por último, Anis Lupita dividiram *siestas* (sic), alegrias e tempo com o Paulo. Dividiram também postagens no *Facebook*: “Piaf, sonolenta, em nome da família, deseja-lhes uma noite e um setembro harmoniosos”. Passaram a ser nobres integrantes da família. Tanto é que as reuniões deixaram de acontecer no apartamento porque, segundo ele, os gatos não gostavam de visitas e ele não queria incomodá-los. Habilidosos na atenção e observação, me fazem lembrar das ca-



pacidades que nós, jornalistas apreciadores da literatura de não ficção, precisamos exercitar. O interesse com que tratamos dos fatos, da disposição dos objetos nos ambientes, dos rostos desconhecidos que vão ganhando proximidade, e a capacidade de explorar os lugares de uma forma ímpar.

Aliás, diante do olhar curioso e perscrutador do jornalista, muitas histórias ganham outra dimensão. Pequenas fissuras na parede dizem algo que o repórter atento percebe. Uma xícara com café esquecida na mesa da sala; as cortinas de veludo pesadas; os sapatos britânicos engraxados até o solado; as vestes impecáveis de Talese ou Wolfe para o encontro com o entrevistado no café da esquina. Se o jornalismo tradicional utiliza o *lead* e a pirâmide invertida como estrutura básica para os textos, o jornalismo literário propõe uma prática que extrapola as convenções. Não é apenas o que a fonte nos diz ou aquilo que os documentos comprovam que interessa. No texto literário de não ficção, os números importam e as fontes oficiais também, mas talvez importem tanto quanto o maço de cigarro queimado ao longo de uma hora de conversa.

Me pergunto de que outra forma saberíamos sobre a experiência dos jornalistas que apareceram poucos minutos antes do horário marcado para a entrevista e que precisaram esperar à porta? “Hávamos marcado o encontro para as 19 horas. Cometemos a imprudência de chegar com três minu-



tos de antecedência. Tocamos a campainha e ele só apareceu, saltitante, três minutos depois, alegríssimo consigo mesmo e com sua pontualidade” (LEÃO, 2006, online). Diria mais: que coisas descobrimos nós, leitores, sobre esse personagem que deixou os ponteiros do relógio correrem por três minutos para, só então, abrir a porta?

Em diferentes níveis de percepção, as histórias são experimentadas por quem as viveu, por quem as contou e também por quem as leu. Hunter S. Thompson, por exemplo, envolveu-se até o pescoço pela experimentação, quase sempre associada ao consumo excessivo de drogas, e não apenas observou a realidade dos becos para contar a história, como também mergulhou nela, tornando-se estrela de suas próprias pautas. Criou um gênero alinhado ao jornalismo literário, mas de estilo exacerbadamente experimental, marcado pelo alto envolvimento pessoal, irreverente e subjetivo do repórter: o Jornalismo Gonzo. *Medo e delírio em Las Vegas* poderia ser, por acidente, confundido como um livro escrito por Hemingway ou Bukowski quando, na verdade, é a obra-prima de Thompson. Nela o autor alia reportagem, um tanto de ficção e uma viagem alucinante narrada em primeira pessoa pelo protagonista.

A capacidade de vivenciar determinadas realidades nos move como jornalistas, e o jornalismo literário, me convenço, é o terreno que permite compartilhar nossos acontecimentos – ou desacontecimentos, para fazer menção ao relato autobio-



gráfico de Eliane Brum (2014). Este texto, por exemplo, não está comprometido apenas com o jornalismo literário ou com os fatos acerca da vida do Paulo, mas é também um pequeno repositório para as memórias – as que permanecem conosco – do Augusto e minhas.

Os gatos! Sim, você tem razão, na época dessa foto o Paulo ainda não os tinha. Eu mesmo estaria com outra aparência se houvesse bichanos pela casa: o nariz vermelho, os olhos inchados e espremidos pelo esforço de me controlar para não coçar.

Essa falha de memória me faz pensar nos objetos que os jornalistas costumam usar para enfrentar o esquecimento. Lembrei do Paulo e de suas *moleskines*. O jornalista anotando discretamente, com elegância, os tópicos principais de uma entrevista. Sem tirar o olho do entrevistado, diga-se de passagem, pois isso era algo que o Paulo nos ensinava e até mesmo demonstrava, fazendo anotações na sua caderneta enquanto falava com os alunos. Às vezes era engraçado o jeito como ele insistia longamente na demonstração.

Até hoje não consigo usar o bloquinho direito, talvez por não ter levado o ensinamento tão a sério quanto deveria. Se olho apenas para o entrevistado, não consigo entender



meus garranchos depois. Até já pensei em aprender estenografia para lidar com o problema. Enfim. Por essas e outras, muitos jornalistas preferem usar o gravador: deixando-o ligado durante uma entrevista, o entrevistador se concentra exclusivamente no diálogo, pois pode escutar o áudio depois. Claro que sempre há aquele medo de que a gravação falhe. Por segurança, alguns gravam e anotam ao mesmo tempo, anulando assim a vantagem de usar o gravador, ao mesmo tempo que a desvantagem continua lá, o fato de que há coisas que se diz a um jornalista com um bloquinho, mas não diante de um gravador ligado. Do meu ponto de vista, só é necessário gravar entrevistas que podem ser questionadas depois, como com um político. De resto, em histórias de vida ou entrevistas mais cotidianas, ele é dispensável, até mesmo indesejável, pois pode tirar a espontaneidade do diálogo.

Alguns autores de jornalismo literário dispensam também o bloquinho de notas. Gay Talese, célebre representante do Novo Jornalismo estadunidense dos anos 1960, anota apenas o que for muito peculiar e que poderia ser facilmente esquecido – “um torneio de frase, uma palavra especial, uma revelação pessoal expressa num estilo inimitável” (TALESE, 2004, p. 512) –, do contrário permanece de olhos e ouvidos atentos à conversa da qual está participando. À noite, antes de dormir, escreve então para si mesmo um relato minucioso do

que viu e ouviu naquele dia. No método Talese, o esquecimento não é um inimigo do jornalista, mas sim uma ferramenta que funciona como primeiro filtro de decupagem.

Nos últimos anos, um outro tipo de bloquinho tem sido reintroduzido ao jornalismo: o de desenhos. Em meados do século 19, quando a fotografia ainda enfrentava impedimentos técnicos que impossibilitavam sua impressão nos jornais, artistas como Melton Prior e Constantin Guys cobriram a Guerra da Crimeia como correspondentes. Eles enviavam seus desenhos para a sede do *The Illustrated London News*, onde eram então finalizados pelos artistas da redação. Desde os anos 2000, uma nova geração de autores de reportagens desenhadas tem feito esboços no local da apuração, ou para registrar a totalidade de uma cena – na medida em que uma fotografia isolada pode ser descontextualizada, gerando a falsidade de um momento, como comumente acontece na cobertura de protestos –, ou para abrir portas na apuração, já que potenciais entrevistados se aproximam movidos pela curiosidade de ver o que o artista está desenhando².

² A esse tema dedico um capítulo da minha tese sobre estética da narrativa jornalística em quadrinhos, concluída em 2019 na Universidade Bauhaus, em Weimar. Entre os inúmeros autores que utilizam o bloco de desenhos como método de apuração, estão a russa Victoria Lomasko e o suíço Christoph Fischer. Um exemplo brasileiro é a reportagem que Robson Vilalba fez em duas escolas ocupadas em Curitiba. Vilalba relata que inicialmente os estudantes não queriam a presença do jornal *Gazeta do Povo* no local, porém, ao vê-lo desenhando em frente à escola, foram lhe perguntar o que ele estava fazendo. Como ficaram interessados pelos desenhos, pediram-no então para entrar. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/>



A memória se torna mais difusa à medida que tento lembrar quando foi que eu e o Paulo nos aproximamos. As reminiscências um tanto turvas, às vezes, propõem reconfigurações, quase como num esquecimento proposital. A fotografia é, muitas vezes, um refúgio que nos acolhe e que nos permite percorrer não só a imagem na superfície, mas também reencontrar lembranças (vivas ou imaginadas). Diferente da cobertura da Guerra da Crimeia, as publicações de hoje prezam pelas inserções fotográficas como um grande atrativo. A revista *piauí*, na contramão, prioriza o texto em profundidade, e os desenhos e ilustrações ali contidos tecem discursos críticos e contextualizados sobre os fatos. A visualidade, materializada dessa maneira, nos dá maior liberdade para criarmos imagens mentais.

Algumas vezes, proponho aos alunos da disciplina de Jornalismo Literário que façam o exercício do registro visual baseado somente na memória, ainda que algumas experiências só possam ser compartilhadas tal qual vimos, a partir da fotografia. De uma viagem que fiz à Alemanha, em 2016, por exemplo, o Paulo pediu que eu enviasse fotos para que pudesse dividir comigo a possibilidade de sair de Santa Maria. Penso que essa era a forma de viajar que mais o agradava porque

educacao/serie-de-desenhos-mostra-o-ambiente-de-duas-escolas-ocupadas-em-curitiba-4gvbk2i1mwrh1xu8h2l8nmpnr>. Acesso em: 18 abr. 2020.



não precisava abandonar sua rotina. Quando lemos uma produção em estilo literário, viajamos junto, embebidos da narrativa – e acabamos por criar empatia pelos personagens e por suas circunstâncias.

Empatia, sim! Até pouco tempo, falar de empatia no jornalismo parecia algo místico, uma idealização juvenil. Um texto que li recentemente, *Journalism and the power of emotions*, resenha estudos sobre empatia na área da neurologia e vincula os resultados às narrativas jornalísticas (SILLESEN; IP; UBERTI, 2015). Mas não se trata de um trabalho isolado. Em maio de 2017, participei da 12ª conferência da Associação Internacional de Estudos em Jornalismo Literário, a IALJS³, onde houve um painel com o título *Journalism of Affect: Narrative Empathy and Engagement*, no qual quatro pesquisadoras de diferentes universidades apresentaram os resultados de suas respectivas pesquisas sobre esse tema. A ideia é que, através da imersão proporcionada por narrativas jornalísticas, podemos sentir empatia por pessoas com as quais não convivemos, e que transportamos essa empatia para o grupo social a que essas pessoas pertencem: se acompanhamos os percalços de uma família síria para chegar à Europa em um bote superlo-

³ <<http://ialjs.org/>>



tado, tendemos a olhar de uma forma mais humanizada para a questão dos refugiados em geral; se conhecemos de perto a rotina e a história de vida de um homem que vive debaixo de uma marquise, maior a chance de termos sensibilidade em relação às dificuldades de pessoas em situação de rua.

A imersão pode acontecer por experiências radicais de observação participante, da maneira que faz o jornalista alemão Günter Wallraff, que se disfarça para se infiltrar nos temas que investiga, mas também por outros modos de apuração que podem engajar o leitor, como, por exemplo, o uso de técnicas literárias em uma narrativa jornalística.

Aliás, imersão não é algo promovido exclusivamente pelo uso dos recursos literários. Dan Archer, um HQ-repórter estadunidense, é um dos criadores de uma agência chamada *Empathetic Media*⁴, cujo objetivo é oferecer narrativas em quadrinhos, em realidade virtual ou aumentada para empresas jornalísticas. A vantagem não se resume a estabelecer uma relação mais intensa entre o público e o tema da reportagem, como também há benefícios em termos de rentabilidade: reforçar o engajamento do leitor com os produtos da empresa significa promover fidelidade de leitura, o que gera receitas nos negócios.

Se eu pudesse voltar no tempo, teria feito muitas fotos do apartamento do Paulo, e então poderíamos oferecer agora,

⁴ <<http://www.empatheticmedia.com/>>



em vez de memórias moveidças, uma reconstrução fidedigna do espaço. O leitor entraria pela porta da sala, colocaria para tocar um cd do Nei Lisboa ou da Cesária Évora, deixaria para trás a mesa de centro com os livros empilhados, encararia o largo espelho horizontal acima da cômoda da sala e entraria no corredor com a estante de livros. Livros que o Paulo dizia que mudavam de lugar durante a noite, que se multiplicavam, se escondiam, como se tivessem vida própria.... Eu poderia continuar descrevendo o caminho até o escritório, mas acredito que é desnecessário: o leitor, como eu, certamente ficaria lá pelo corredor, olhando os títulos, passando os dedos pelas lombadas, perdendo-se naquele labirinto borgiano.

Chego no prédio da Cesma, alguns minutos depois do combinado. Como de costume, o Paulo gasta parte do seu tempo percorrendo as prateleiras da livraria, no térreo, em busca de novas edições, até mesmo de obras que já estão em sua biblioteca. Trocamos duas ou três palavras com a moça do caixa. Perguntamos sobre a possibilidade de reservar uma obra para que o Paulo possa pensar um pouco se levará ou não. Depois, subimos ao primeiro andar, sentamos mais ao centro da cafeteria. Distribuimos nossos pertences sobre a mesa. Pedimos um expresso para ele e um café gelado, com sorvete,



calda de chocolate e *chantilly* para mim. Há um bloco de anotações sobre a mesa, mas nele nenhum desenho fará menção a esse momento. Nos sentamos com a face voltada para o interior da Cesma, de onde se pode avistar as prateleiras da papelaria. Já estamos nos últimos dias de janeiro de 2014 e eu recém retornei de um intercâmbio, de onde trouxe um *mala* – espécie de cordão de contas usado para entoar mantras no budismo –, trouxe dois, na verdade. Eu não sabia qual o Paulo gostaria mais, então decidi levar ambos para que escolhesse. Gastamos horas conversando. Sempre bom ouvinte, ele deixa aparente seu envolvimento com a história. Eu, com meu entusiasmo frequente, vasculho todos os cantos da memória para não deixar passar nenhum vestígio de esquecimento. Pedimos outro café e uma água.

Passaram-se 37 meses. Agora é um domingo nublado e frio. Choveu durante toda a noite em Chapecó. Dou uma olhada na minha biblioteca. Entre *A Mulher Calada* e *Os vagabundos iluminados* está *Aura*. Teria dois exemplares, não fosse o Paulo perceber que era a segunda vez que havia comprado a versão *pocket* para mim. Minhas referências literárias se ampliavam a cada encontro com ele, mesmo que, com o passar do tempo, essas ocasiões tenham se tornado cada vez mais espaçadas.

A literatura, aliás, tem papel importante no processo de criação no jornalismo. Alex Galeno e Gustavo de Castro (2002) já chamavam a atenção quanto às simbioses e os limia-



res difusos entre as duas áreas. Trata-se de “uma fronteira permeável, que permite uma útil e amável convivência”, como endossa Scliar (2002, p. 14) na mesma obra. A literatura ensina ao jornalismo sobre o cuidado na escolha das palavras, sobre a forma que se dá a um texto e ainda sobre a urdidura dos fatos que privilegiam a imaginação – o que não quer dizer escrever um texto de ficção. Penso que a literatura cabe como referência ao jornalismo, sobretudo porque podemos perceber a realidade de uma maneira mais expandida e sensível, “com essa explosão reveladora de que fala Cortázar, trazendo com ela a ‘peste’: o desconforto, a inquietação e a desconfiança que minam a crença ingênua no poder expressivo e representativo da linguagem” (SATO, 2002, p. 45).

A escrita no estilo jornalismo literário pode ser aplicada a diferentes formatos de apresentação dos fatos, não ficando restrito ao livro-reportagem. O livro-reportagem, acho importante esclarecer, é caracterizado pela liberdade de pauta e redação e se adequa tanto à biografia quanto à denúncia ou, ainda, ao relato histórico. Mas não se apegue ao fato de que o cuidado com a apresentação das informações é suficiente. No jornalismo literário, a apuração, a checagem das informações e o contato “real” com as fontes é imprescindível, como em qualquer bom jornalismo. Sobre esse aspecto, penso, o Augusto fará questão de discorrer.



Na verdade, eu preferiria seguir na tentativa de resgate das memórias do apartamento. Então foi você quem deu o terço budista que ficava pendurado em uma das portas? Eu vinha mesmo pensando no pouco contato que tive com essa faceta do Paulo: sua vida espiritual. Mas, enfim, não é sobre o terço que quero falar. Quero falar de portas. Mais exatamente: de maçanetas.

Lembra do ritual que se seguia todo santo fim de aula? O Paulo era o último a deixar a sala no prédio da Facos, acompanhado do seu monitor da época, e interrompia a avaliação sobre os acontecimentos do dia para fechar a porta. Ele fazia tudo com imensa concentração: colocava a chave na fechadura, girava duas voltas para a direita, depois duas voltas à esquerda, e então duas à direita novamente. Às vezes repetia o processo, e sempre pedia para o monitor acompanhar tudo, como testemunha de que a operação fora executada com sucesso. Não raro, o monitor tinha que fazer o teste de tentar abrir a porta. Por último, testava o próprio Paulo girando a maçaneta e empurrando a porta contra o trinco, com força, uma, duas, três vezes, chegando finalmente à conclusão de que tudo que se encontrava do outro lado estava inegavelmente trancafiado. Com essa convicção em mente, íamos com ele entregar a chave na secretaria.



Da cozinha do Paulo lembro pouco. Eu entrava lá para preparar o chimarrão (ele preferia que eu o fizesse). Lembro que na peça ao lado, a lavanderia, havia gaiolas com passarinhos, mas mais do que isso não me recordo. Raramente íamos à cozinha. Às vezes, quando fazíamos uma janta da turma, eu me oferecia para lavar a louça, mas o Paulo nunca deixava. Não era por educação. É que ele gostava do processo de lidar com o caos empilhado na pia através da lavagem minuciosa de cada uma das peças, que depois iam sendo organizadas metodicamente em cada um dos departamentos do corredor de louça. Um processo lento, que não raro ficava para o dia seguinte, como uma forma de não apagar com demasiada pressa os vestígios das horas de descontração. Lavar louça era para ele – e é para mim também – um jeito de reviver experiências recentes, uma forma de reter ou de retardar o desaparecimento de lembranças.

O que isso tem a ver com jornalismo? Bem, posso dizer que um bom repórter fecha seu texto da mesma forma que o Paulo fechava a porta da sala de aula da Facos: só depois de muita checagem. E o processo de apuração se assemelha às horas boas e espontâneas de uma confraternização entre amigos, vividas com foco no presente e nas pessoas que ali estão. Quando a apuração chega ao fim, é aconselhável dar um tempo antes de iniciar a escrita, cujo processo reconstrutivo muito se assemelha a lavar louça. Trata-se de fazer com

que a pilha desordenada e suja – que erroneamente poderia ser tomada como sinônimo de algo que, com tristeza, chegou ao fim – volte a representar o que era no início: louça limpa e organizada, instrumento para a confraternização.

Outra técnica que a literatura compartilha com o jornalismo é a possibilidade de escolher os períodos nos quais se pretende relatar uma história. Como narradora, posso me situar no passado para contar os fatos, mas também posso olhar a partir do presente para situações do passado. Visito agora o instante em que ganhei minha primeira revista *piauí*. Na capa, com a letra um pouco desconcertada, o Augusto escreve algumas palavras que fazem referência ao Natal. Gostaria de tê-la em mãos para me certificar.

Na prateleira que dedico aos livros e revistas, encontro exemplares mais antigos e outros ainda recentes. A edição que busco não está mais aqui. Desisto de procurar por ela. Aproveito então para revisitar cada título que ganhei do Paulo, percorrendo com os dedos a lombada dos volumes. *Cavalos do Amanhecer*, *Províncias*, *Mulheres de Cabul*, *Dançar tango em Porto Alegre*, *A Sangue Frio*. Me detenho. O romance-reportagem escrito por Truman Capote, clássico do jornalismo literário, conta sobre um crime contra a família Clutter, ocorrido no Kansas, e sobre



os autores do assassinato, Perry Smith e Dick Hickock, executados em 1965. Capote narra os fatos como alguém que olha de fora, sem integrar a narrativa. Figura no papel de narrador onisciente, distanciando-se do lugar dos acontecimentos.

O narrador, já disse Mário Vargas Llosa (2008), é um ser feito de palavras, e é preciso separá-lo da figura do autor. Além disso, o narrador é capaz de estabelecer a coerência interna nas histórias, ele persuade, como quando Capote relata minuciosamente cada personagem, o local, as situações e nos faz criar imagens mentais, tal é a sua precisão e atenção aos detalhes.

Quando publicou *Música para Camaleões*, em 1980, Capote quebrou o silêncio de quase quinze anos e se fez presente, tornando-se narrador-personagem. Nos textos que integram a obra, é possível conhecer tanto sobre ele quanto sobre os personagens que ali estabelecem vínculos com o autor.

Uma xícara de café, uma cadeira amarela com almofadas e *A guerra não tem rosto de mulher*, de Svetlana Aleksievitch, me fazem companhia nesta manhã. Paro um instante. Olho pela janela do Edifício Borsatto e acompanho o voo de um pássaro. Não sei identificar qual é, mas isso não parece importante agora. Me perco em pensamentos vagos para, em seguida, lembrar que devo escrever ao Augusto. “Meu *deadline* é hoje, certo?”



Deadline colocamos para coisas que precisam ter início, meio e fim. Prazo é coisa mundana, serve para aquelas experiências que precisam de um ponto final. Quero continuar falando sobre o Paulo. Quero buscar a sua essência, como em um perfil literário em que a apuração durasse toda a eternidade. Não posso prescrever um *deadline* porque nosso texto não se encerra aqui. Que texto daria conta de capturar aquilo que o Paulo significa para nós, a mistura de afeto com devoção intelectual, a proximidade que não diminuiu apesar das distâncias e do tempo? Os ex-alunos do Paulo são um pouco do Paulo. Nós o levamos para onde vamos, traduzimos suas ideias para os novos contextos que vamos vivendo. Temos ele ao nosso lado quando descobrimos um autor, quando lemos um livro ou quando temos uma experiência significativa e pensamos: “nossa, precisava falar sobre isso com o Paulo”.

O apartamento é maior do que escrevi aqui. Um texto completo teria além disso que descrever a rua, o caminho até a faculdade que o Paulo fazia ora de táxi, ora de lotação, teria que desvelar seus pensamentos quando entrava no elevador da reitoria para as aulas de rádio no décimo andar, o que pensava quando chegava na Facos, que ideias lhe sobrevieram na primeira vez que pôs os pés na Facos, como foi sua vida em São Paulo durante o mestrado... E a sua infância? A adolescência? Ainda assim, seria um perfil incompleto. Faltaria des-



crever a voz, a pele, o olhar: a experiência de ser o Paulo.

Mas que bom que é assim, essa incompletude de cômodos inexplorados, facetas que não visitamos, detalhes que esquecemos. Coletivamente continuaremos montando as peças desse quebra-cabeça.

Se fosse um obituário, eu diria: Paulo Roberto de Oliveira Araujo vivia uma vida tranquila em seu apartamento, na rua dos Andradas, número 1235. Tinha 1,75 de altura, 80kg de peso, 65 anos de idade.

Tanto a Inglaterra quanto os Estados Unidos são países que privilegiam a publicação de obituários e, acredite, as vagas são disputadíssimas entre os jornalistas por conta da liberdade nos textos. O jornal *New York Times* é uma referência. Em 2008, foi publicado *O livro das vidas: obituários do New York Times*, uma reunião de textos que contam a história de vida de pessoas anônimas, histórias desconhecidas mas interessantes, extraordinárias até, escritas de um modo tal que criamos pelos personagens empatia e um certo afeto. Nos aproximamos das histórias e quase delas fazemos parte. São textos que falam sobre a vida – e não sobre a morte.

Paulo Roberto de Oliveira Araujo vivia uma vida tranquila em seu apartamento, na rua dos Andradas, número 1235. Tinha 1,75 de altura, 80kg de peso, 65 anos de idade. Partiu na



mesma cidade em que foi acolhido nos braços de dona Ivone de Oliveira Araujo, sua mãe, em 27 de agosto de 1951. Entre suas escolhas, o camafeu comprado na banca de doces de Pelotas e a panelinha de coco da confeitaria Copacabana. Já não ordenava ao atendente do balcão com a mesma frequência de antes. Foi diagnosticado com diabetes já fazia alguns anos e, por conta disso, não cometia muitos exageros. Vez ou outra fugia da dieta rigorosa e ia até o café La Santa para comer uma fatia de torta Sofia, feita com coco e damascos, e tomar uma xícara de café. Sempre muito discreto, foram raras as situações em que perdeu o controle e alterou a voz. Lembro de ter presenciado uma ou outra vez nas longas tardes de apresentação do programa Rádio Ativo, na UFSM, quando chamava a atenção dos alunos, ainda um tanto inexperientes. Aliás, foi onde nos conhecemos: na disciplina de Radiojornalismo. Eu estava com uma jaqueta cor-de-rosa. Lembro que o Paulo escreveu sobre isso, mais tarde, entregando em minhas mãos meu perfil em estilo literário. Tinha como título: “O sorriso cor-de-rosa”.

A reportagem humanizada, a vida das pessoas comuns, a descrição cena-a-cena, o relato minucioso e um estilo mais livre para o texto jornalístico: só ouvi falar de modo consistente sobre esses temas com a disciplina de Jornalismo Literário. Foi com ela que o Paulo imprimiu sua marca em nós, seus alunos, e nos deu espaço para ocuparmos as cadeiras reservadas aos amigos. Nos ofereceu, ainda, a oportunidade para



o exercício intelectual, para experimentarmos a universidade de outras formas. O *Palavra Falada*, por exemplo, foi um programa de rádio no qual comentávamos não apenas os livros que líamos, mas também informações sobre os autores, sobre o contexto em que foram escritos e no qual partilhávamos um tempo agradável. Dedicou mais de 30 anos da sua vida a ser professor. Foi homenageado depois de 25. Era metódico, beirando ao excesso: conferia repetidas vezes a fechadura da porta na sala de jornalismo da Facos.

Morou três anos em São Paulo, no bairro Bexiga, quando fez mestrado na USP. Estudou Jornalismo e também Medicina Veterinária na UFSM. Graduou-se em ambas as profissões. Estudou por muitos anos no Colégio Manoel Ribas, o Maneco. Usava, na infância, um extensor de lápis para não desperdiçar o grafite ou deixar de escrever as ideias no papel. Colecionava canetas, *moleskines*, agendas, ímãs e pinguins de geladeira. Amava os livros porque com eles conhecia, na intimidade, todos os lugares do mundo. Adorava poesia, crônica, literatura, ficção. “Era fascinado pelo tempo. Tinha relógios de todos os tamanhos, nos banheiros, na sala, corredores, escritório, em todas as peças da casa. Ornamentavam a casa junto com calendários de todos os tipos”, confidencia Karim.

Amou mais os gatos do que os livros. Antes deles, dois canarinhos, Basquiat e Algodão, o primogênito, que viveu por 16 anos. Chegou a ter 24 periquitos. Quando conheceu Karim,



restavam apenas dois: Maria Flor e Nanquim, mas logo veio outro casal como presente: Faluja e Bagdá. No calendário sobre a mesa de trabalho marcava o ano de 2002. Karim trouxe consigo a presença. Foram cúmplices na vida discreta e acontechante que escolheram dividir.

As calçadas da rua Professor Braga, geralmente com ruído estridente, ficaram mais silenciosas por um instante. Paulo apreciava o silêncio mais do que a agitação. Era uma quarta-feira. Três semanas antes, convidou Marguerite Yourcenar para sua última postagem: “E vida houve onde o sofrimento e a dor conviveram na cadência do tempo com a alegria e a felicidade”, “procuremos entrar na morte de olhos abertos”. Parecia dia de vento norte, mas era a sensação de estranheza que me acometia, um prelúdio que mais tarde compreendi. Paulo Roberto de Oliveira Araujo encantou-se em cinco de outubro de 2016, às 20h, no Hospital São Francisco.



Referências

BRUM, E. *Meus desacontecimentos: a história de minha vida com as palavras*. São Paulo: LeYa, 2014.

GALENO, A.; CASTRO, G. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

LEÃO, D. O cheiro de cimento me inebria. *piauí*, São Paulo, n. 1, out. 2006. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-cheiro-de-cimento-me-inebria/>. Acesso em: 18 abr. 2020.

LLOSA, M. V. *Cartas a um jovem escritor: toda vida merece um livro*. Tradução de Regina Lyra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

SATO, N. Jornalismo, literatura e representação. In: GALENO, A.; CASTRO, G. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002, p. 29-46.

SCLIAR, M. Jornalismo e literatura: a fértil convivência. In: GALENO, A.; CASTRO, G. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002, p. 13-14.

SILLESEN, L. B.; IP, C.; UBERTI, D. Journalism and the power of emotions. *Columbia Journalism Review*, maio/jun. 2015. Disponível em: https://www.cjr.org/analysis/journalism_and_the_power_of_emotions.php. Acesso em: 12 maio 2017.

TALESE, G. Como não entrevistar Frank Sinatra. Posfácio. *Fama e Anonimato*. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WOLFE, T. *Radical chique e o novo jornalismo*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.





PERFIL JORNALÍSTICO: HISTÓRIAS DE VIDA E A BUSCA DA ALTERIDADE

Gisele Reginato | Marlon Santa Maria Dias

“Talvez seja tão difícil contar uma boa vida quanto vivê-la”, diz o biógrafo Lytton Strachey (1918, p. 6, tradução nossa)¹. Afinal, contar uma boa história requer captar a profundidade e complexidade dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, o jornalismo literário agrega técnicas da ficção e elementos básicos do jornalismo, como levantamento e verificação de informações, para produzir um texto bem apurado e bem escrito (MARTINEZ, 2009).

Das narrativas possíveis, o perfil é um gênero de escrita e apuração para apresentar histórias de vida aos leitores, que “dá ao repórter a chance de fazer um texto mais trabalhado” (KOTSCHO, 2009, p. 42). A busca não é pelas aspas dos entrevistados: eles têm rosto, características, sentimentos, percepções sobre o mundo, sobre os outros e sobre si mesmos. São textos biográficos curtos que narram episódios da trajetória de um indivíduo para humanizar o personagem, apre-

sentando-o como é, sem máscaras, julgamentos prévios ou caricaturas. “Um perfil é, assim, a escavação de uma personalidade. Seu autor se vale de uma montanha de entrevistas, documentos e, por fim, de seu olhar seletivo: comunica o que sabe e o que ignora”, define Villanueva Chang (2010).

Maia (2013) entende que o grande diferencial na produção do gênero é que sua elaboração não precisa ser balizada pelo texto convencional, voltado para as respostas do *lead* sobre quem fez o que, quando, onde, como e por que. Se bem-feitos, oportunizam narrativas diferenciadas e que têm espaço nos veículos midiáticos, especialmente nas revistas.

Para retratar um sujeito, o jornalista pode simplesmente usar uma lente padrão e obter a imagem enquadrada pelo olhar mais direto, mas pode, sobretudo, experimentar outras lentes, as quais propiciem ângulos compositores de imagens fortes, fracas, grandes, pequenas, brilhantes, opacas, enfim, imagens recortadas do personagem perfilado. Se esse formato tem sua veiculação garantida em praticamente todas as revistas é porque reflete uma tendência da sociedade em saber sobre o outro. Seja na dimensão reflexiva, especulativa, modelizadora ou simplesmente fugaz, todos anseiam por histórias de vida, e é por isso que as revistas abrigam esse formato em suas páginas (MAIA, 2013, p. 176-177).

O perfil pode também ser definido como uma compo-



sição textual do sujeito a partir de determinadas angulações que traduzem as perspectivas adotadas tanto na captação quanto na edição (MAIA, 2013). Não se trata de realizar uma simples descrição de uma pessoa, uma vez que expressa a vida em seu contexto: atém-se à individualidade, mas não se restringe ao individualismo anedótico, folclórico, idiossincrático (VILAS BOAS, 2008). Espeiorin e Sólío (2012, p. 5) destacam que um texto bem elaborado atenta para os vários fatores que compõem a personalidade e a aparência do perfilado: “precisa analisar e criar relações com o ambiente em que vive o personagem da reportagem. Durante a leitura do texto, o leitor deve se sentir atraído a conhecer a vida do case”. Ou seja, o repórter deve encontrar as singularidades a respeito de quem se conta. Os diversos ângulos dessa composição serão delineados a partir do processo de captação, bem como por seu olhar seletivo (MAIA, 2013). Afinal, para Villanueva Chang (2010), o perfil tenta explicar alguém a partir de três perguntas: *o que diz?, o que esconde? e o que faz?*

A veiculação de um perfil, “o gênero nobre do jornalismo literário”, como define Vilas Boas (2008, p. 38), está ligada ao arranjo entre a linha editorial de uma organização jornalística e as representações sociais comumente associadas à pessoa perfilada. Além disso, requer tempo e dedicação. Não é por acaso que Villanueva Chang (2010) compreende



que a produção desse tipo de texto pode exigir um trabalho superior a qualquer outro no jornalismo, pois reúne a busca obsessiva por pistas de um detetive, a visão em escala de um historiador, a dúvida metódica de um ensaísta, a clareza de um professor, o instinto narrativo de um escritor. Perfilar é, portanto, a junção de três objetivos: reportar e contextualizar a vida pública e privada de alguém; ensaiar ideias sobre ela e sua comunidade; narrar e condensar sua história em cenas e resumos (VILLANUEVA CHANG, 2010).

Tendo como base tais entendimentos, apresentamos, na sequência do artigo, um resgate historiográfico do perfil jornalístico e uma síntese de seu desenvolvimento conceitual no Brasil. Depois o relacionamos com a possibilidade de encontro com a alteridade, para então chegarmos às suas potencialidades narrativas, a partir de alguns casos exemplares.

Breve historiografia

As origens do gênero perfil remontam às narrativas da Antiguidade que contavam a respeito de figuras ilustres. Os primeiros textos se ocupavam, principalmente, de monarcas, nobres, generais e santos, e suas vidas exemplares tinham fundo moral e pedagógico (DOSSE, 2009). Os relatos tendiam a hipóteses reducionistas sobre a trajetória do biografado, como afirma Weinberg (1992), pois o sujeito não era o foco, mas, sim,



seus feitos e o lugar que ocupava na hierarquia social. Já na Idade Moderna, com a ascensão do romance (WATT, 2010), os relatos épicos e idealistas dão cada vez mais lugar a novas geografias, temas e personagens na literatura: a cidade, a rua, as casas, a vida doméstica e privada, o indivíduo ordinário, as relações interpessoais, o cotidiano da burguesia e o estranhamento e fascínio ao que era marginal. O movimento realista veio mostrar a conjunção de primárias técnicas de apuração com recursos da escrita literária. Autores como Daniel Defoe, Victor Hugo, Honoré de Balzac, Charles Dickens, Mark Twain e Émile Zola realizaram, à época, um trabalho de captação do cotidiano, agindo como repórteres de seu tempo (CHILLÓN, 1999).

Não há total precisão ou concordância sobre a demarcação inaugural do perfil, já que a constituição do gênero se deu a partir dos diálogos estabelecidos com outras correntes precursoras. Vilas Boas (2002) e Weinberg (1992) sinalizam que textos biográficos curtos podem ser encontrados em publicações que datam das primeiras décadas do século XX. É consenso, porém, que seu desenvolvimento no jornalismo ocidental se deve, em grande parte, ao trabalho realizado na redação de *The New Yorker*². Em 26 de fevereiro de 1927, a revista publicou seu primeiro perfil sob a retranca *Profiles* – de autoria de Percy Hammond a respeito do produtor teatral

² Fundada em fevereiro de 1925, *The New Yorker* destaca-se pela qualidade de seus textos e pelo modo como trata seus funcionários, sem delimitar prazos para a entrega ou definir extensão dos artigos. É reconhecida pelo jornalismo literário que pratica (PANIAGO, 2008).





Al Woods (PANIAGO, 2008).

Como aponta Paniago (2008, p. 158), os primeiros perfis da *New Yorker* não eram tão elaborados ou extensos e tinham como foco, sobretudo, famosos. Foi o repórter Russel Crouse quem sugeriu retratar pessoas “fracassadas”. De início, o então editor Harold Ross rejeitou a proposta, mas mudou de ideia após ler o texto escrito por Crouse sobre John McGoorty, um morador de um bairro marginalizado de Nova York. Publicado em 31 de outubro de 1931, *Vagabundo do Bowery* abriu espaço para uma tradição que se firmaria e encontraria ecos de maestria nos textos de Joseph Mitchell: um olhar aprofundado que refuta a objetificação exótica do personagem anônimo, confere-lhe humanidade e revela sua complexidade.

Os *profiles* publicados pela *New Yorker* não apenas nomearam o gênero³, como também popularizaram um formato, *um modo de fazê-lo*. Contratado em 1938 pela revista, Joseph Mitchell estabeleceu-se como um dos precursores a alçar a protagonistas das reportagens os desafortunados e desconhecidos da cidade. Os editores lhe davam total liberdade e não estabeleciam *deadline* (nos anos 1950, ele demorava até três anos para entregar um artigo), o que permitiu, como exalta Salles (2003), que inventasse uma nova maneira de fazer não ficção.

Da mesma época, destaca-se também o trabalho de

³ Na língua inglesa, além de *profile* (perfil), os textos biográficos curtos publicados em periódicos jornalísticos são também chamados de *close-up* (visto de perto) e *portrait* (retrato). Em português, o termo perfil é o mais utilizado.

Lincoln Barnett, especializado em perfis de celebridades para a revista *Life*, alguns reunidos no livro *Writing on life: Sixteen close-up*, de 1951. Os anos seguintes mostrariam o amadurecimento do gênero através de jornalistas como Calvin Trillin, Janet Flanner, John Hersey, Nicholas Lemann, Lilian Ross e Gay Talese. O trabalho desses repórteres foi fundamental para a eclosão do *New Journalism*, tendência de redação que defendia a produção de grandes reportagens com recursos próprios da narrativa ficcional⁴.

O perfil encontrou seu lugar de prestígio nas revistas, como *The New Yorker*, *Life*, *Esquire*, *Vanity Fair* e *Harper's*. No Brasil, a partir dos anos 1960, esse tipo de escrita biográfica começou a se destacar em publicações como *Manchete*, *Cruzeiro* e, sobretudo, *Realidade*. Essa última, lançada em abril de 1966, soube usufruir da efervescência existente na época para contar de maneira mais aprofundada sobre os múltiplos Brasis. De seus repórteres, destacam-se Luiz Fernando Mercadante, Carlos Azevedo, Oriana Fallaci, Roberto Freire e José Hamilton Ribeiro. Conforme a linha editorial, os perfis procuravam ajudar o leitor a entender o contexto do país a partir das biografias de personagens que, em conjunto, for-

⁴ Surgido nos Estados Unidos dos anos 1960, o *New Journalism* “agitou o epicentro do jornalismo mundial e abalou estruturas fossilizadas da textualidade jornalística” (BULHÕES, 2007, p. 145). Wolfe (2005) atribui a Gay Talese o primeiro texto dessa nova tendência: justamente um perfil sobre o ex-boxeador Joe Louis, publicado na revista *Esquire* em 1962.



mavam uma ideia de nação.

Realidade circulou até 1976 e, mesmo que seus últimos anos de atividade pouco lembrem o início áureo, figura até hoje no imaginário jornalístico como ideal a seguir. Nos anos que sucederam a seu fechamento, poucas foram as iniciativas semelhantes que lograram tamanha repercussão. Posteriormente, Vilas Boas (2003) identifica a prática do perfil em alguns jornais (*Jornal do Brasil*, *Folha de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*) e em publicações sobre famosos (*Isto É Gente*, *Quem*, *Chiques e Famosos*), centradas mais na invasão consentida e falseada por intrigas que nas “sutilezas do encontro, a pessoa por detrás do mito ou o grau de observação e captação do autor” (VILAS BOAS, 2002, p. 97). Hoje, é possível encontrar perfis em *TPM*, *Trip e piauí* – esta, inclusive, desde a data de seu lançamento em 2006, possui o maior destaque no cenário editorial relacionado ao exercício do estilo jornalismo literário. É identificada como herdeira franca do legado de *Realidade*, com forte inspiração também em *The New Yorker*.

Mesmo presente na imprensa brasileira desde a década de 1960, o primeiro esforço para a conceituação do perfil surge duas décadas depois, na obra de Sodré e Ferrari (1986, p. 126), como “ênfase na pessoa – seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é protagonista de uma história: sua própria vida”. Os autores atrelam o gênero às técnicas



da descrição interior ou exterior de um personagem e categorizam o texto em discurso direto (que considera a entrevista); discurso indireto (narrador conta a história do personagem); e em discurso indireto livre (usa as duas modalidades anteriores). Tal classificação reflete certa confusão identificada na imprensa entre o perfil e os textos que abrem as entrevistas.

Sodré e Ferrari (1986) ainda afirmam que o perfil é definido pelo modo como o jornalista constrói o personagem. Para tanto, classificam-no em três divisões. O *personagem-tipo* se refere às celebridades, personalidades que se encaixam em uma categoria e seus atributos típicos é que conferem o tom à construção narrativa. Já o *personagem-caricatura* revela figuras estranhas que tendem à postura caricata, plana e exibicionista. Por fim, o *personagem-indivíduo* é aquele com retrato mais psicológico do que referencial, que enfoca o comportamento e as particularidades do sujeito frente ao mundo. Ademais, os autores ainda sinalizam para a existência de outras duas variações: o miniperfil (enfoque rápido em um personagem no interior de uma reportagem) e o multiperfil (vários testemunhos sobre a vida, em geral, de uma personalidade).

Outra perspectiva é encontrada em Coimbra (1993), que divide a reportagem entre estrutura dissertativa, descritiva e narrativa e denomina o perfil como uma *reportagem descritiva de pessoa*, cujo foco está na caracterização do personagem por suas descrições físicas e psicológicas e também pelo retrato



de objetos e ambientes que se referem ao entendimento do seu cotidiano. Esse conceito se aproxima ao de Wolfe (2005, p. 55) para a descrição, a qual nomeia de “*status* de vida da pessoa”: a exposição de seus gestos, hábitos, maneiras, costumes, estilo de mobília, vestimentas, comportamentos com os outros e detalhes simbólicos do dia a dia⁵.

É nos anos 2000 que a produção acadêmica sobre perfis ganha fôlego, especialmente com as contribuições de Lima (2004) e Vilas Boas (2003, 2008), que vinculam a temática às pesquisas de jornalismo literário. Para Lima (2004, p. 95), “o espaço por excelência do perfil é o jornalismo literário, escola de prática da reportagem e do ensaio jornalístico que se inspira em procedimentos de captação e narrativa da literatura para relatar o real”.

Convencionou-se que o formato apresenta, via de regra, um recorte biográfico. No entanto, não há consenso entre os autores de que a noção do gênero não possa ser expandida para figuras não-humanas. Vilas Boas (2003, p. 16) afirma que “instituições e comunidades também têm (e podem merecer um) perfil jornalístico”, mas se contradiz em artigo posterior, afirmando que, na verdade, se restringiria à vida de humanos (VILAS BOAS, 2008). Kotscho (2009), por outro lado, defende a perspectiva dos perfis que falem de *coisas*, sobre as quais publi-

⁵ Para Wolfe (2005), além da descrição, há outros recursos ficcionais indispensáveis para o texto jornalístico-literário: utilização de diálogos, ponto de vista da terceira pessoa (troca de foco narrativo) e construção do texto cena a cena.



cava nos anos 1990. Em retrospectiva, a própria *New Yorker*, por exemplo, já publicou um retrato escrito por Joseph Mitchell, no início da carreira, a respeito de Elkton, a cidade que mais celebrava casamentos nos Estados Unidos.

Neste artigo, focamos a discussão nos textos que apresentam fragmentos sobre a trajetória de alguém – biografias de curta-duração (*short-term biography*), conforme definição de Weinberg (1992). Mas é importante ressaltar: ainda que mantenha relações próximas com a biografia e também com a história de vida – gêneros textuais característicos da Sociologia, Antropologia, História e Literatura –, o perfil se desenvolve e se singulariza nos domínios do Jornalismo, tendo o presente como articulador do enfoque. E, assim, se defronta com um problema: como narrar uma vida? Cientes da incapacidade de uma resposta para tal pergunta, refletimos a seguir sobre as potencialidades do perfil jornalístico na busca pela alteridade.

O Outro nos perfis: jornalismo e alteridade

Sabemos que o jornalismo contribui para a construção de narrativas (BIRD; DARDENNE, 1993; MOTTA, 2007) que nos ajudam a entender o mundo social compartilhado (BERGER; LUCKMANN, 2009). Ao produzir saber acerca dos acontecimentos, os discursos jornalísticos colaboram com os “nossos modos de compreender e ver o mundo, visões que te-



cem nossa percepção do outro e nossa maneira de lidar com o diferente ou semelhante” (RESENDE, 2009, p. 6). Sendo assim, o jornalismo tem (ou deveria ter) compromisso com a pluralidade: ele precisa mostrar como o nosso entorno funciona em sua complexidade e diversidade (REGINATO, 2016).

Se bem trabalhados, os perfis permitem humanizar as fontes jornalísticas, sejam elas “heróis” ou “anti-heróis”, populares ou criticadas, aproximando os leitores da história narrada. Acreditamos, portanto, na potência do perfil na escrita da vida do Outro pelo jornalismo, conseguindo problematizar a alteridade como uma “premissa da diversidade do mundo”, a partir da qual os sujeitos “buscam perceber uns aos outros, a fim de apreender a singularidade de cada um que não o ‘eu’, mesmo que o conhecimento absoluto intersubjetivo seja um feito inalcançável, pois sempre haverá algo que nos escapa” (FREITAS, 2017, p. 25, grifo da autora). Freitas problematiza que a alteridade instiga ações de reconhecimento entre os sujeitos, mas esse reconhecimento dá visibilidade para uns, enquanto outros permanecem invisibilizados.

Portanto, falar em pluralidade exige que façamos uma pergunta: quem são aqueles que o jornalismo apresenta diariamente? Freitas (2017, p. 35) aponta que, com a ação interpretativa do jornalismo, agenciam-se perspectivas de um “movimento seletivo que faz com que alguns sujeitos tornem-se perceptíveis, enquanto outros sejam destinados ao apagamento”. Uma das características do processo de apuração do



jornalismo literário é dar voz aos “invisíveis”, tanto pessoas quanto lugares que no dia a dia não ganham espaço na imprensa. É se interessar pelas histórias que as pessoas comuns têm para dividir: “contar os dramas anônimos como épicos, como se cada Zé fosse um Ulisses, não por favor ou exercício da escrita, mas porque cada Zé é um Ulisses. E cada pequena vida uma Odisseia” (BRUM, 2006, p. 187).

Esse movimento é importante porque o jornalismo deve desnaturalizar o que parece consensual, questionando a falsa ideia de que todos utilizam os mesmos mapas culturais para perceber o mundo e agir sobre ele (BENETTI, 2010). Como apontam Hall *et al* (1993, p. 227), “os pontos de vista ‘consensuais’ da sociedade representam-na como se não existissem importantes rupturas culturais ou econômicas, nem importantes conflitos de interesses entre classes e grupos”. E sabemos que há sim importantes rupturas e conflitos. Esse suposto consenso social é justamente estabelecido pelo que “o jornalismo não diz, as angulações que ele descarta, as vozes que ele ignora” ou ainda pela “forma como ele marginaliza o que parece perigoso e acomoda o diferente na ordem de um regime discursivo” (BENETTI, 2010, p. 161-162).

Diante desse desafio, o perfil deve ser um “texto ruidoso” e não um “texto cego”, conforme classificação de Resende (2002). O autor trabalha com a ideia de que os textos cegos se limitam às ordens do legitimado discurso jornalístico e, assim,



não se disponibilizam ao olhar do Outro. Já o texto ruidoso, ao fazer uso de estratégias narrativas complexas – como a presença explícita do narrador – se lança às possibilidades do diálogo. Essa interação, como afirma Medina (2002), é o que dá conta de fazer um texto humanizado do entrevistado, com uma apuração que mergulha no indivíduo para compreender conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida.

O jornalista, como um dos protagonistas do ato, quando se reposiciona no lugar do humano, cria possibilidades do encontro. Articulando-se no tecido da vida, ele deixa, através do texto, de ocupar o lugar de dono da lei, para tornar-se um observador, tanto quanto o é aquele para quem escreve. Ainda que seja dado ao primeiro o privilégio da escrita, ele não faz sua a voz do outro e nem se propõe, tão-somente, a parafrasear suas fontes (RESENDE, 2009, p. 38).

Ao criar as possibilidades do encontro com a alteridade, o perfil conseguiria avançar na incapacidade do jornalismo apontada por Resende (2014) de enfrentar um diálogo com o Outro. O objetivo com isso é cumprir uma das finalidades do jornalismo, de mostrar a diversidade social, levando em conta diferenças de sujeitos e de contextos (REGINATO, 2016), ao deixar antever a multiplicidade de opiniões da sociedade, uma “obrigação moral” do jornalismo, segundo Lago (2010, p. 167).



Escrita para encontrar o Outro

Escutei-o quando estava sóbrio e o escutei quando estava bêbado. Escutei-o quando estava deprimido e manso – quando, como ele dizia, se sentia tão por baixo que precisava ficar na ponta dos pés para alcançar o fundo – e o escutei quando estava possuído por uma exaltação incoerente. Escutei-o tanto que consegui chegar a algumas conclusões e entender, ao menos em parte, o que ele falava quando estava muito bêbado ou muito exaltado ou ambas as coisas ao mesmo tempo, e pouco a pouco, sem ter essa intenção, aprendi a seu respeito coisas que talvez não fosse de sua vontade que eu soubesse, ou que, por outro lado, como ele tinha uma mente sinuosa e gostava de complicações, talvez fosse de sua vontade que eu soubesse – nunca vou ter certeza. De qualquer modo, estou certo de que sei por que nunca se encontrou o manuscrito da História Oral (MITCHELL, 2003, p. 107).

Em 1942, Joseph Mitchell publicou na *New Yorker* o perfil *Professor Gaivota*, sobre Joe Gould, um mendigo formado em Harvard, que perambulava pelo boêmio bairro nova-iorquino de Greenwich Village, falava a “língua das gaivotas” e garantia estar escrevendo a monumental *História Oral da Nossa Época*. Em 1964, sete anos após a morte de Gould, Mitchell publicou um segundo texto intitulado *O Segredo de Joe Gould*. O trecho destacado acima retrata a relação do repórter com seu interlocutor. Tais produções tornaram-se clássicas não ape-



nas pela utilização de recursos da ficção em sua construção ou da própria excentricidade do personagem, mas sobretudo pela maneira como explicitam a postura do jornalista diante da complexidade da vida de uma pessoa.

Salles (2003, p. 142) destaca que o trabalho de Mitchell é uma “celebração de pessoas e lugares que, apesar de todas as tendências e argumentos contrários, escolhem preservar seus anacronismos. Nada o satisfazia tanto como as pequenas insurreições contra a crueldade do tempo”. Em *Professor Gaivota*, o narrador se mostra atento a uma figura que parece descolada da realidade e, portanto, exótica aos olhos dos que por ele passam todos os dias. Já o segundo retrato de Gould fala mais sobre a descrição minuciosa de um encontro. O desvelamento sobre a verdade em relação à escrita da *História Oral* que Gould se dedicava é apenas mote para trazer ao debate a maneira como o repórter deve se comportar diante da fonte, os compromissos e desafios de narrar quando isso implica contar a vida de alguém e a importância do *olhar* e da *escuta* no processo de apuração. Não à toa, Vilas Boas (2008, p. 40) é taxativo ao dizer que “o problema de narrar com qualidade é sempre, sempre do autor”.

Ainda que muitos recomendem o tempo prolongado de convívio com o perfilado, não há regras rígidas para a elaboração de um perfil. Lembremos três perfis clássicos de per-



sonalidades. Em *How do you like it now, gentlemen?* (O que vocês acham disso agora, senhores?), Lillian Ross narra os três dias em que acompanhou o escritor Ernest Hemingway em sua estada em Nova York, em 1950. Dispondo de pouco tempo com o entrevistado, Ross se vale da construção cinematográfica (cena a cena) para descrever os lugares, as pessoas e as conversas que teve com Hemingway durante os passeios que fez com ele e com sua esposa. São as informações ofertadas pelo escritor norte-americano que a fazem retornar a histórias do passado: “O barman trouxe as bebidas. Hemingway tomou grandes goles e disse que se dá bem com animais, às vezes, melhor do que com humanos. Em Montana, uma vez, ele viveu com um urso, e o urso dormiu com ele, ficou bêbado com ele e era um amigo próximo” (ROSS, 1950, online, tradução nossa)⁶. A autora não se interessa em verificar a veracidade sobre o que é relatado por meio de outras fontes, afinal, a riqueza de seu texto reside no que Hemingway fala sobre si mesmo. O foco está no encontro, no exato momento compartilhado.

Já Truman Capote teve ainda menos tempo com Marlon Brando. Apenas uma noite, durante sete horas, em 1956. Capote conversou com o ator em um hotel em Kyoto e tinha uma motivação: entrevistá-lo durante as filmagens de *Sayonara*. Mas não se deteve nisso e, fugindo à entrevista protocolar,

⁶ Original: “The bartender brought the drinks. Hemingway took several large swallows and said he gets along fine with animals, sometimes better than with human beings. In Montana, once, he lived with a bear, and the bear slept with him, got drunk with him, and was a close friend”.



criou um complexo retrato de Brando. Em *O duque em seus domínios*, o escritor se fixa em descrições físicas e dos ambientes para reconstruir o momento atual do ator, enquanto se vale das entrevistas que fez com pessoas próximas a ele para oferecer as controvérsias sobre sua personalidade. No entanto, o ponto alto são as longas declarações do ator, entremeadas de frases sensitivas e interpretativas do autor, como na parte em que ele explora a conturbada relação do astro com os pais, estabelecendo, ali, um fio condutor para a personalidade que buscava traçar de seu perfilado:

Quando fala do menino que foi, o menino parece existir nele ainda, como se o tempo pouco houvesse feito para separar o adulto da criança magoada e carente. [...] “Mas minha mãe era tudo para mim. Um mundo. Eu me esforçava tanto. Costumava voltar da escola para casa...” Ele hesitou, como se esperasse que eu o imaginasse: Bud, livro debaixo do braço caminhando pensosamente pela rua, à tarde. “Não haveria ninguém em casa. Nada na geladeira”. Mais quadros soltos: quartos vazios, uma cozinha. “Aí o telefone tocava. Alguém ligando de um bar. E eles diriam: ‘Temos uma senhora, aqui. Melhor vir buscá-la’” (CAPO-TE, 2006, p. 315).

A escuta atenta e o olhar interessado são também características presentes em Gay Talese, que escreveu sobre Frank Sinatra sem ter conversado com ele. O repórter acom-



panhou durante meses a comitiva do cantor e entrevistou mais de cem pessoas próximas a Sinatra para compor o perfil. Publicado em 1966 na *Esquire*, *Frank Sinatra está resfriado* tornou-se um clássico pela ênfase que Talese dá aos detalhes reveladores que mostram como um simples resfriado “mina as bases” da confiança do cantor e “afeta não apenas seu estado psicológico, mas parece provocar também uma espécie de contaminação psicossomática que alcança dezenas de pessoas que trabalham para ele, bebem com ele, gostam dele, pessoas cujo bem-estar e estabilidade dependem dele” (TALESE, 2004, p. 257).

É certo que há uma diferença entre perfilar celebridades e pessoas desconhecidas. Enquanto inexitem (ou há poucas) referências em relação a anônimos, abundam informações sobre personalidades. O trabalho de humanizar o relato, no entanto, segue um mesmo caminho: fugir de visões preconcebidas e binarismos que estabelecem o vilão e o mocinho. A fuga dos estereótipos auxilia na busca pelas vivências dos personagens reais. “Ao eliminarmos os apelos fáceis e óbvios, o que vem à tona é o evento da entrevista, a vida do personagem, sua trajetória, seus altos e baixos, suas realizações” (VILAS BOAS, 2003, p. 11). E, para isso, independe o grau de conhecimento público do personagem, afinal, o perfil revela um olhar singular de um repórter em relação a seu interlocutor.

Entendendo que todo ser humano tem potencial para



a complexidade, é preciso “desenvolver os dispositivos certos para captá-la” (PANIAGO, 2008, p. 28), olhar com humanidade para quem é retratado, percebê-lo. Eliane Brum se surpreende com Sapo, um homem que esmolava pelas ruas de Porto Alegre e se questiona sobre o modo como aquele homem se constrói através daquilo que cotidianamente testemunha:

O mais incrível é que o Sapo estava ali havia 30 anos. E há mais de uma década nos cruzávamos na rua da Praia. Minha cabeça no alto, a dele no rés-do-chão. Eu mirando seu rosto. Ele, os meus pés. Só dias atrás tive a coragem de me agachar e nivelar nossos olhares, subvertendo as regras do jogo de que ambos participávamos. Não nos reconhecemos (BRUM, 2006, p. 60).

Não se alcança um retrato perfeito ou fidedigno do indivíduo. Primeiro, porque cada repórter escreverá um perfil distinto sobre a mesma pessoa – o texto será, inclusive, distinto, se alguns anos separarem uma escrita da outra, como nos mostram os dois textos sobre Joe Gould. Segundo, porque o perfilado irá se revelar o quanto achar necessário, poderá fal-sear em alguns momentos e dizer muito através de seus gestos e silêncios. Mais uma vez, o jornalista lança mão de sua sagacidade para interpretar aquilo que seu entrevistado quer dizer – e também os não-ditos e os indícios – e tenta sintetizar textualmente as dificuldades de compreensão da personalidade



humana – que não é decifrável, transparente, unilateral.

Como Mitchell mostra em *O Segredo de Joe Gould*, as histórias contadas pelo perfilado eram, em muitos momentos, fabulações. E o repórter sabia, mas aí reside também a postura humanizada em reconhecer o que tais fabulações querem dizer. É também o que fica perceptível nos perfis escritos por Eliane Brum: o de Sapo, já mencionado, e também o de Ailce de Oliveira Souza, uma mulher que descobriu que tinha um câncer incurável e com quem Brum conviveu durante os últimos 115 dias de vida. Cada um narra a sua história de uma maneira, o diálogo abre as possibilidades para essa compreensão (MEDI-NA, 2002) e o repórter precisa atentar por que alternamos com frequência nossos pensamentos e reproduzimos por vezes situações apenas ouvidas como se tivessem sido testemunhadas (VILAS BOAS, 2002) e, assim, a memória vai sendo construída e reconstruída constantemente. Olhar com fascínio para a personalidade humana e mostrar as contradições próprias da vida talvez seja um dos desafios do perfil, como mostra esse texto inicial sobre Ailce, acometida pela proximidade da morte.

“É tão estranho”, ela diz. “Eu passei a minha vida inteira batendo ponto, com horário para tudo. Quando me aposentei, arranquei o relógio do pulso e joguei fora. Finalmente eu seria livre. Aí apareceu essa doença. Quando tive tempo, descobri que meu tempo tinha acabado.” Ela está intrigada com essa traição da vida. Quando fala, sua expressão é de perplexidade. Ailce de Oliveira



Souza não é uma filósofa, é uma merendeira de escola. Toda a sua vida havia sido de uma concretezude às vezes brutal. Toda a sua vida havia sido uma sequência de atos. E agora a morte chegava exigindo metáforas (BRUM, 2008, p. 383).

O perfil cumpre, portanto, uma função muito importante dentro do jornalismo, a qual Vilas Boas (2003, p. 14) chama de “empatia”, que é se preocupar com a experiência do outro, colocar-se na situação experimentada pelo personagem, significa “compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar as situações do ponto de vista do interlocutor”. O autor acredita também que a empatia facilita o autoconhecimento – não apenas do jornalista, mas também dos leitores.

Considerações finais

O perfil jornalístico é uma construção textual laboriosa que resulta de um rigoroso método de apuração amparado, sobretudo, na observação e na entrevista. Seu rigor metodológico, porém, não se refere à rigidez ou a fórmulas, mas sim a um processo cuidadoso e atento do *olhar* e da *escuta*, na busca de novas alteridades. Quando finalizado, longe de ser um retrato definitivo, este tipo de texto apresenta a justaposição de, pelo menos, duas camadas: a narração do entrevistado, o modo como ele recria suas memórias, e a narração do jornalista-observador, sua



percepção humanizada sobre a vida que está diante de si.

Ao resgataremos alguns exemplos clássicos, ainda que pontualmente, procuramos mostrar a pluralidade de abordagens e roteiros biográficos narrativos. As possibilidades de diálogo com o Outro e as técnicas narrativas da descrição do cotidiano parecem impulsionar o texto, tal como apontam Sodré e Ferrari (1986), Coimbra (1993) e Vilas Boas (2003). Porém, o perfil não se resume a longas descrições de pessoas, ambientes e situações. A descrição surge consoante à construção psicológica e deve ser sempre justificada, ou seja, estar ali para fazer o leitor perceber determinados aspectos da vida do indivíduo que não são ditos diretamente, mas mostrados. É por isso que os perfis abdicam de estatísticas e enfatizam os detalhes, fragmentos reveladores e indícios na ação narrativa.

Mesmo que composto por técnicas de apuração, coleta de informações e escrita advindas da intersecção de diferentes campos, o perfil emerge e se desenvolve como um gênero textual jornalístico, fixando um recorte temporal mais específico que a biografia: em geral, um evento atual é motriz à narrativa – seja uma viagem, a filmagem de um longa-metragem ou um resfriado. No entanto, há ainda aquelas produções que não especificam o acontecimento, mas movimentam distintas temporalidades dentro do presente da narrativa.

Diferente dos textos jornalísticos convencionais, as produções em jornalismo literário requerem mais tempo para



execução, afinal, necessitam imersão do repórter. Quando se trata de um perfil, Maia (2013) atenta que cada entrevistado aciona uma maneira diferente de verificação. Infelizmente, as demandas mercadológicas dos veículos de comunicação tradicionais suprimem cada vez mais trabalhos do tipo. Ainda que encontremos bons exemplos em revistas, como em *piauí* e *Brasileiros*, notamos que o foco principal se volta quase exclusivamente a personalidades, sobretudo políticas, que partem do personagem para a análise do contexto social.

Essas narrativas, no entanto, continuam sendo produzidas em outros espaços: as potencialidades do perfil ensejam novos jornalistas a investirem na elaboração de reportagens em jornalismo literário, como vemos em revistas e demais produções laboratoriais, nos livros-reportagem e em textos como os que integram a segunda parte desta obra. Surgem também novas iniciativas independentes publicadas em ambientes digitais, como as reportagens em formato longform, incentivadas por financiamento coletivo, que buscam maior profundidade, lançando mão de recursos multimídia e de características autorais. É a prova de que muitos jornalistas ainda se movimentam pelas dúvidas, apreciam as contradições, arriscam-se ao diálogo e acreditam que, independente da plataforma, ainda existem muitas narrativas interessantes para serem construídas. Basta que mantenham o interesse pela história do outro.



Referências

BENETTI, M. O jornalismo como acontecimento. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. P. S. (org.). *Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

BIRD, E.; DARDENNE, R. Mito, registo e “estórias”: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, N. (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: VEGA, 1993.

BRUM, E. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

_____. *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*. São Paulo: Globo, 2008.

BULHÕES, M. M. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo, SP: Ática, 2007.

CAPOTE, T. O duque em seus domínios. In: CAPOTE, T. *Os cães ladram*. Porto Alegre: L&PM, 2006, p. 276-316.

CHILLÓN, A. *Literatura y periodismo: una tradición de relaciones promiscuas*. Barcelona: Aldea Global, 1999.

COIMBRA, O. *O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura*. São Paulo: Ática, 1993.

DOSSE, F. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.



ESPEIORIN, V.; SÓLIO, M. *Uma pitada de literatura no jornalismo: o perfil na revista Piauí*. Anais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Chapecó: Intercom, 2012.

FREITAS, C. *Alteridade e jornalismo: a outridade na editoria mundo da Folha de S.Paulo*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

HALL, S. *et al.* A produção social das notícias: o *mugging* nos media. In: TRAQUINA, N. (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993.

KOTSCHO, R. *A prática da reportagem*. São Paulo: Ática, 2009.

LAGO, C. Ensinamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no jornalismo. *Brazilian Journalism Research*, v. 6, n. 1. Brasília: SBPJor, 2010.

LIMA, E. P. *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri, SP: Manole, 2004.

MAIA, M. R. Perfil: a composição textual do sujeito. In: TAVARES, F. M. B.; SCHWAAB, R. *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, 2013.

MARTINEZ, M. Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Ano VI, n. 1. Florianópolis: UFSC, 2009.

MEDINA, C. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

MITCHELL, J. *O segredo de Joe Gould*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.



MOTTA, L. G. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (org.). *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

PANIAGO, P. *Um retrato interior: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade*. Tese de Doutorado. Brasília: UNB, 2008.

REGINATO, G. D. *As finalidades do jornalismo: o que pensam veículos, jornalistas e leitores*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2016. Disponível em: <<http://goo.gl/gLYBDo>>.

RESENDE, F. *O olhar às avessas – a lógica do texto jornalístico*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2002.

_____. O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro. *Galáxia*, n. 18. São Paulo: PUC-SP, 2009.

_____. Representação das diferenças no discurso jornalístico. *Brazilian Journalism Research*, v. 11, n. 2. Brasília: SBPJor, 2014.

ROSS, L. How do you like it now, gentlemen? *The New Yorker*, Nova York, 13 maio 1950. Disponível em: <http://www.newyorker.com/magazine/1950/05/13/how-do-you-like-it-now-gentlemen>. Acesso em: 25 fev. 2020.

SALLES, J. M. O homem que escutava. Posfácio. In: MITCHELL, J. *O segredo de Joe Gould*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 139-157.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. *Técnica de reportagem*. Notas sobre a Narrativa Jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

STRACHEY, L. *Eminent Victorians*. New York: The Moderny Library, 1918.



TALESE, G. Frank Sinatra está resfriado. In: TALESE, G. *Fama & anonimato*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 257-307.

VILAS BOAS, S. *Biografias & Biógrafos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus, 2002.

_____. *Perfis e como escrevê-los*. São Paulo, SP: Summus, 2003.

_____. A arte do perfil. *Revista Biblioteca Entrelivros*. São Paulo, n. 11, 2008.

VILLANUEVA CHANG, J. O crítico de pessoas. *O Globo*, 2010. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/o-critico-de-pessoas-305126.html>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

WATT, I. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WEINBERG, S. *Telling the untold story: how investigative reporters are changing the craft of biography*. Columbia: University of Missouri Press, 1992.

WOLFE, T. *Radical chique e o novo jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.





A AUTORIA NO JORNALISMO COMO TOQUE DE MESTRE DO CONFEITEIRO

Céssica Valentini

Talvez uma boa definição para a autoria no Jornalismo seja liberdade para apurar os sentidos do mundo. Partimos do pressuposto de que fazer jornalismo não é como executar uma receita de bolo única e, mesmo lançando mão de técnicas consolidadas, é praticamente impossível duas pessoas escreverem um texto igual. Consideramos que a autoria é uma alternativa que vai na contramão de recursos como a pirâmide invertida e o *lead*. Não se trata de rejeitar os métodos, que muitas vezes facilitam o trabalho de quem escreve, mas sim de apontar para outras possibilidades narrativas, considerando que a reportagem é uma construção da realidade com espaço para a criatividade – o toque de mestre do confeitoiro.

Como veremos através dos exemplos, a autoria abre espaço para estratégias discursivas que se aproximam da literatura, como a descrição, o uso de metáforas, a imersão do repórter nas cenas. Apesar de, muitas vezes, a aproximação

do Jornalismo com a Literatura suscitar preconceito, a matéria-prima do jornalismo são as histórias reais, os acontecimentos. Levando isso em conta, escancaramos a noção de que se trata de uma realidade construída e de que, portanto, a autoria é a consciência do confeitoiro, ou seja, do repórter, de que pode lançar um olhar diferenciado para o mundo, com sensibilidade, enquanto suas mãos hábeis dão forma a um trabalho único, embora os ingredientes continuem sendo as informações e a busca pela verdade.

Meu primeiro contato com a possibilidade de um texto autoral foi nas aulas da disciplina de Jornalismo Literário, ministrada pelo professor Paulo Roberto Araujo, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Logo no início, ele nos apresentou jornalistas como Tom Wolfe e Gay Talese, que tinham textos diferenciados. Ambos fazem parte de uma corrente conhecida nos Estados Unidos como *New Journalism*, que incentivava a liberdade do repórter para apurar com profundidade e escrever não apenas utilizando técnicas consagradas.

Em meu Trabalho de Conclusão de Curso, motivada pelo professor Paulo, me inspirei nos jornalistas citados para fazer um experimento: escolhi quatro personagens anônimos para escrever seus perfis, utilizando em cada apuração uma técnica diferente: entrevista, observação participante, observação não-participante e um com o uso de todas as técnicas.



Um dos perfis mais conhecidos de Gay Talese, *Frank Sinatra está resfriado*, foi escrito sem que o jornalista tivesse entrevistado o protagonista da história. Pela ousadia, a reportagem se tornou um clássico e inspirou um dos meus perfis, no qual utilizei o método da observação não-participante para contar a história de um ator de rua que interpretava uma estátua no centro de Santa Maria.

Com as informações obtidas através de uma entrevista de caráter humanizado (MEDINA, 2002), contei a história de um jogador de futebol amador que havia completado seu milésimo gol na “carreira”. Na época, em 2008, Romário havia acabado de comemorar o feito como jogador profissional. Já a observação participante foi com um vendedor de amendoins, que, no Rio Grande do Sul, se chama “carapinha”. Um cozinheiro cuja cozinha é a rua, sendo que, à época, a atividade iniciava a ganhar visibilidade e status com a participação de um *chef* no programa *Big Brother Brasil*. O último perfil, com o uso de todas as técnicas, foi de uma catadora de papel que também é poeta (VALENTINI, 2008).

A maior lição desse projeto foi perceber que, independente da técnica utilizada, o jornalismo é a arte de tecer o presente, de contar histórias, como propõe Cremilda Medina (2003), e que o resultado da produção é inevitavelmente autoral. Ao mesmo tempo, perceber isso amplia a compreen-



são do que se trata de jornalismo, embora não isente, de forma alguma, o compromisso com a verdade.

A experiência com o trabalho foi de tal forma instigante que resolvi estudar no mestrado um dos veículos que considerava um exemplo de jornalismo autoral: a revista *piauí*. Admirava o caráter pessoal incutido em cada texto pelos repórteres. Analisar a produção de reportagens da publicação e também experienciar a concepção dos perfis trouxe importantes pistas sobre a autoria nas reportagens no estilo jornalismo literário.

A primeira parte do artigo faz uma revisão bibliográfica dos conceitos e a segunda traz exemplos de autoria por meio de reportagens da revista *piauí* e das jornalistas Eliane Brum e Neide Duarte, que se destacam por reportagens autorais. A análise foi feita através de procedimentos metodológicos da Análise Crítica da Narrativa, propostos por Luiz Gonzaga Motta (2005).

A teoria do confeito

Um texto é sempre escrito por alguém. Ou quase sempre, já que, até mesmo no jornalismo, máquinas são capazes de produzir notícias. Ainda assim, é preciso prévia programação humana. Desse modo, parece redundante falar em autoria. No entanto, as configurações perante a hegemonia racio-



nalista-positivista demonstram que algumas competências técnicas ganharam visibilidade, ao passo que, de certa maneira, tornaram o jornalismo um produto à venda – como refletiu Medina em seu livro clássico de 1988 – com formas tão semelhantes de escrever textos que, por vezes, estes se confundem.

De acordo com Ijuim (2012), a imprensa cresceu com a ascensão da burguesia pelo aumento da população alfabetizada e pelo desenvolvimento tecnológico proporcionado pela Revolução Industrial. De uma atividade artesanal, o fazer jornalístico foi modificado sobretudo no século XIX e seguiu a lógica do capitalismo, tanto pela profissionalização no ramo quanto pela produção de notícias em larga escala.

Nesse cenário, a objetividade surgiu como fruto da ciência moderna, que propõe tornar o conhecimento um objeto. No jornalismo, o conceito foi adotado praticamente como uma estratégia, como se os fatos pudessem falar por si só e não houvesse um sujeito por trás de cada notícia ou reportagem. Embora até mesmo em ações simples, como a escolha do enfoque ou do título, já esteja presente um autor, falar que um texto é subjetivo tornou-se quase sinônimo de tratá-lo como uma criação ficcional e, por isso, considerar a autoria tornou-se raro.

A busca consciente por um distanciamento, através de estratégias discursivas, a fim de ocultar as marcas de enunciação, ocorre por meio do apagamento dessas marcas “no



enunciado (por exemplo, com o uso das formas impessoais de narrar)”, o que cria “um efeito de sentido de objetividade e de distanciamento. Com o apagamento da enunciação, é como se as notícias se enunciassem a si mesmas [...]” (DINIZ; PORTELA, 2008, p. 85).

Sempre houve um narrador, mas as estratégias mais utilizadas ainda hoje propõem o seu apagamento. Como se isso tornasse o relato mais verossímil, mais objetivo. Quando propomos a autoria, escolhemos um caminho alternativo, que permite ao autor estar presente na narrativa: admitimos que há um construtor por trás da reportagem, realizada com base em suas escolhas.

Entretanto, não é uma ideia nova, se pensarmos no *New Journalism*, cujo auge foi na década de 1950. Talvez a novidade sejam as discussões para reduzir o preconceito e admitir, tanto na academia, quanto no mercado de trabalho, as diferentes possibilidades de elaboração que uma matéria pode ter.

Nesse sentido, a autoria é um elemento que se destaca, principalmente quando tratamos de reportagens. Devemos reconhecer que no jornalismo diário não é comum encontrarmos textos diferenciados, em função das rotinas produtivas modificadas por aspectos econômicos e facilidades tecnológicas. Para Kovach e Rosenstiel (2004, p. 227), há pelo menos uma lista de problemas que atravancam o caminho, impedindo que as informações cheguem aos leitores de forma impactante: “pressa,



ignorância, clichês, preconceitos, antolhos culturais. Uma matéria bem escrita, fora do clássico esquema da pirâmide invertida (onde, como, quando, quem, por quê), exige tempo. [...] E tempo é luxo que os jornalistas sentem ter cada vez menos”. Porém, os mesmos autores citam como tarefa do jornalista transformar o significativo em interessante em cada matéria e encontrar a mistura exata do sério e do menos sério. Para eles,

jornalismo é contar uma história com uma finalidade. A finalidade é fornecer às pessoas informação que precisam para entender o mundo. O primeiro desafio é encontrar a informação que as pessoas precisam para tocar suas vidas. O segundo desafio é tornar essa informação significativa, relevante e envolvente (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 226).

Para Dines (1986), o depoimento pessoal pode substituir um levantamento maçante sobre determinado problema por meio da presença ativa do repórter.

A fome na África, os apátridas do Chile, a coragem dos dissidentes soviéticos, os heróis anônimos das obras monumentais são temas da atualidade, resultado dessa sensibilização generalizada para localizar o sofrimento do mundo, parte essencial do Ser jornalista (DINES, 1986, p. 140).

Sodré e Ferrari (1986) dão contribuições que ressaltam essa perspectiva. Para eles, nas condições de sofrimento de



um indivíduo, projetam-se as dificuldades de uma nação em luta pela vida. Assim, a humanização do relato é tanto maior quanto mais passa pelo caráter impressionista do narrador, ou seja, a vivência da realidade, o arrebatamento dos sentidos, conforme argumentam:

Diretamente ligada à emotividade, a humanização se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos. O repórter é aquele “que está presente”, servindo de ponte (e, portanto, diminuindo a distância) entre o leitor e o acontecimento. Mesmo não sendo feita em primeira pessoa, a narrativa deverá carregar em seu discurso um tom impressionista que favoreça essa aproximação (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 15).

Bulhões (2007) complementa que a reportagem é o que viabiliza a realização de um estilo, ou seja, é uma forma verbal que comporta a marca da individualidade. Se voltarmos aos primórdios da reportagem, já encontramos a autoria como uma característica quase inerente ao gênero. No Brasil, um dos precursores foi Euclides da Cunha, correspondente de *O Estado de São Paulo* na Batalha de Canudos, em 1897. O resultado das narrativas, escritas de forma descritiva, expositiva e através de uma apuração profunda foi publicado posteriormente no consagrado livro *Os Sertões*. Salientando tais exemplos, novamente parece redundante falar em autoria. No en-



tanto, há diferenciações claras entre o sujeito oculto, proposto pelas estratégias discursivas do jornalismo racionalista-positivista, e o sujeito autor no jornalismo, em que ele próprio escolhe as estratégias para dispor as informações e dar uma assinatura pessoal à narrativa.

Em toda a sua obra, Medina (2008) enfatiza uma crise da hegemonia racionalista-positivista, que impulsionou de muitas formas a adoção de receitas prontas. Nesse sentido, a pesquisadora propõe o resgate da autoria como elemento chave para uma reconfiguração de cenários. O objetivo é incentivar alternativas para qualificar o jornalismo e dar ao público algo além do “feijão com arroz” ou do mesmo bolo todos os dias. Por isso, muitos pesquisadores são entusiastas da autoria. De qualquer modo, é um desafio olhar o exercício do jornalismo como o confeitoiro que busca o melhor recheio, a melhor forma e não despreza seu toque de mestre, a cereja do bolo.

Para ilustrar a discussão, escolhemos reportagens da revista *piauí* e das jornalistas Eliane Brum e Neide Duarte, que se destacam quando consideramos formas peculiares de contar uma história. O procedimento metodológico utilizado se detém nas estratégias comunicativas, um dos movimentos propostos por Motta (2005) na Análise Pragmática da Narrativa. Segundo o autor,



estudar as narrativas jornalísticas é descobrir os dispositivos retóricos utilizados pelos repórteres e editores capazes de revelar o uso intencional de recursos lingüísticos e extralingüísticos na comunicação jornalística para produzir efeitos (o efeito de real ou os efeitos poéticos) (MOTTA, 2005, p. 9).

A escolha das reportagens foi aleatória, de acordo com exemplos que ilustrassem e revelassem características da autoria.

O desafio de cada confeitoiro

Cada repórter é único e tem seu próprio jeito de contar uma história. Porém, como vimos, a autoria, enquanto estratégia discursiva, embora esteja presente desde as primeiras reportagens, não tem sido tão comum na prática. Além de ter sido meu objeto de estudo no mestrado, a escolha pela revista *piauí* se dá por sua proposta editorial, que consente maior liberdade aos repórteres. Já Eliane Brum, desde a década de 1990, se destaca pelo olhar sensível à realidade, com textos pouco comuns em meios de comunicação impressos.

Enquanto isso, Neide Duarte mostra que, em reportagens de TV, também é possível recorrer a elementos da literatura e construir narrativas totalmente autorais. Ambas as jornalistas foram escolhidas por terem atuado em meios de



comunicação de grande circulação, que não possuem uma proposta tão peculiar quanto a *piauí*, mas ainda assim conseguem se sobressair a caminhos narrativos tradicionais.

Na *piauí*, cada repórter ou colaborador possui uma abordagem particular. Há maior liberdade para a escolha da pauta e abertura para modos de escrita menos engessados. Cada jornalista imprime marcas autorais e, além disso, a biografia dos autores também revela o modo peculiar como escrevem.

Um jornalista que se destaca por uma abordagem singular é Luiz Maklouf Carvalho. Além de reportagens sobre temas diversos que culminaram em Prêmios como o Esso Regional Norte e o Jabuti de livro-reportagem, é conhecido pelos trabalhos de jornalismo investigativo. Especialmente entre 1984 e 2005, produziu dezenas de reportagens sobre Luiz Inácio Lula da Silva e o Partido dos Trabalhadores (PT) para o *Jornal do Brasil*, *Jornal da Tarde*, *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*.

Na *piauí*, os principais trabalhos de Carvalho são reportagens de jornalismo investigativo e de cunho político, inclusive sobre assuntos ligados ao PT e ao governo de Lula. É o caso de *Pão e Glória*, na edição 39, de dezembro de 2009, cujo subtítulo introduz o enfoque: “Márcio Thomaz Bastos defende acusados de tráfico, corrupção e deixa para Deus os julgamentos morais”.

A narrativa desenha a trajetória do homem que iniciou a carreira como vereador de província, tornou-se ministro da Jus-



tiça e defendeu nomes importantes do cenário econômico e político como Antonio Carlos Magalhães, Lula, Chico Mendes, Edir Macedo, Roger Abdelmassih, Camargo Corrêa e Eike Batista.

O texto assume um caráter pessoal, algumas vezes com a inclusão do repórter na cena. O envolvimento entre autor e protagonista, sendo ambos personagens, vai além no relato de uma brincadeira feita pelo repórter: “O advogado respondeu que aceitava o caso e não cobraria nada. Brinquei com Thomaz Bastos dizendo que ele deve ter prescindido da remuneração com lágrimas nos olhos, e ele deu uma das suas raras gargalhadas” (CARVALHO, 2009, p. 33).

Cofundadora da *piauí*, Dorrit Harazim é, além de jornalista, roteirista e documentarista, tal qual o também fundador da revista, João Moreira Salles. Harazim foi pioneira da revista *Veja* e trabalhou em *O Estado de São Paulo* e *O Globo*. Já perfilou Michael Jackson e os Rolling Stones e, na *piauí*, também fez perfis de celebridades e anônimos, em construções híbridas, misturando humor, ironia, enriquecidas com figuras de linguagem.

Um dos perfis feitos por Harazim é *Zamariola sai do casulo*, publicado na edição 41, de fevereiro de 2010. O subtítulo explica a matéria: “Quem é o advogado de 28 anos que venceu a mais célebre causa de direito de família dos últimos tempos – o caso Sean – e como ele viveu a maratona que an-



tecedeu o embarque do menino para os Estados Unidos”. A narrativa descreve o personagem com informações pessoais: a hora que acordou e o tipo de mala utilizada – e até mesmo este dado, aparentemente insignificante, ajuda a compreender quem é ele em relação a outros advogados:

Zamariola pegou a mala com rodinhas preparada na véspera – um conforto notável, se comparado à de alça que carregava até então, mas ainda aquém das que deslizam com quatro rodinhas, usadas pelos advogados que vivem nos ares entre São Paulo e Brasília – e rumou para o escritório (HARAZIM, 2010, p. 22).

Embora alguém pudesse ter contado a história posteriormente, as informações minuciosas demonstram a presença da repórter no local: “Alguém bateu à porta. Era o serviço de quarto, trazendo club sandwiches, água de coco, sucos, pacotes de amendoim e refrigerantes” (HARAZIM, 2010, p. 24).

A ordem dessa narrativa não é cronológica, mas intercala a história com o presente, conforme os dados são expostos. Na reportagem, Harazim destaca o esforço de Zamariola e como surpreendeu a todos pela pouca idade e experiência. Portanto, tem-se a construção de um herói, feita por meio de informações, metáforas e depoimentos:



Ao subir à tribuna, parecia um colegial submetido a julgamento por um ateneu de sábios. Seu topete teimava em se rebelar e a beca, obrigatória naquele cenário, parecia feita para um homem de porte maior. [...] Foi quando Zamariola saiu do casulo. Não demorou cinco minutos para arrebancar a atenção de juízes e plateia. [...] “Enquanto acompanhava com agonia”, contou Paulo Andrade, “eu pensava: caramba, como esse cara é brilhante, como ele é melhor que eu!” (HARAZIM, 2010).

No final, a reportagem torna-se menos séria, com mais trechos pessoais, inclusive da namorada de Zamariola relatando como se conheceram. Já os traços autorais de Neide Duarte foram estudados por Ijuim e Urquiza (2009). Para eles, a repórter demonstra que é possível fazer um “jornalismo autoral, estético, criativo e comprometido com o ser humano para ser veiculado na dita ‘grande imprensa’, como o Jornal Nacional, o Jornal Hoje ou o Bom Dia Brasil da Rede Globo de Televisão” (IJUIM; URQUIZA, 2009, p. 91). Os autores identificam nas reportagens sinais de beleza, profundidade, ética e responsabilidade no telejornalismo diário:

São frases e enfoques diferenciados; abordagens literárias; abertura a fontes nunca antes ouvidas; temas que, normalmente, não teriam espaço na grande imprensa; entrevistas que concretizam o “diálogo possível” proposto por Cremilda Medina (1985). Na contramão do jornalismo mecânico, praticado como mandam os manuais de redação,



que não deixa espaço para a criatividade e a autoria e, conseqüentemente, compromete o entendimento do leitor e seu aprofundamento no assunto, Neide Duarte pratica e compreende o jornalismo como uma possibilidade concreta de transformação da realidade (IJUIM; URQUIZA, 2009, p, 91).

Neide Duarte ingressou no jornalismo ainda na década de 1970, no *Diário Popular* e *Jornal da Semana*. Mais tarde, trabalhou na TV Tupi, *Folha de São Paulo* e, entre os anos 1980 e 1990, integrou a equipe da TV Globo, do SBT e da TV Cultura, retornando à Rede Globo nos anos 2000 como repórter especial. Por todos os lugares por onde passou, teve trabalhos premiados e um dos mais expressivos, de acordo com o memorial feito para ela no site da Globo¹, foi a conceituação e produção, junto com os repórteres Edney Silvestre e Marcelo Canellas, do programa jornalístico *Brasileiros* (2010), cujo foco eram histórias de pessoas comuns que ajudaram a transformar a vida de suas comunidades. Uma dessas reportagens, veiculada em 1º de julho de 2010, na TV Globo, retratava a comunidade Lua Nova, no interior de São Paulo, que acolhe e capacita para o trabalho mulheres grávidas ou mães com filhos ainda pequenos. “Uma casa em construção é como uma esperança inacabada, tudo ainda poderá vir a ser. Além da cama, do armário, da mesa e cadeiras imaginadas, cada cômodo guarda um plano diferente” (TV GLOBO, transcrição da reportagem exibida em 01/07/2010).

¹ Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/neide-duarte/trajetoria.htm>>. Acesso em: 18 fev. 2020.



A reportagem começa assim, com um texto que parece poesia. Praticamente recitado pela autora que, enquanto isso, passeia pela casa que descreve. Ao invés de uma trilha sonora, comum nesse tipo de reportagem especial, o barulho das rodas do carrinho de mão. Os depoimentos são uma espécie de documentários. As cenas são tão poéticas quanto os textos, como a lua que surge após um depoimento triste e remete ao nome da comunidade.

“Ainda está claro, a lua é apenas uma luz pálida ainda incompleta no céu, assim como a noite... A partir de agora, tudo caminha para o crescimento” (TV GLOBO, transcrição da reportagem exibida em 01/07/2010), e a afirmação é uma metáfora para comparar a vida das meninas que chegaram ao projeto sem nenhuma perspectiva e agora têm uma nova chance para mudarem sua trajetória. Chega a relacionar a lua à barriga de Camila, uma das meninas grávidas personagem da matéria. Assim como na reportagem exemplificada, as outras produções de Neide Duarte carregam sua singularidade, um caráter autoral que dá um espaço privilegiado a sua subjetividade.

Como ela, Eliane Brum reúne características pessoais que tornam seus textos únicos. Nascida em 1966, em Ijuí, no Rio Grande do Sul, atuou por onze anos como repórter do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde seus textos começaram a se destacar. Depois, ainda trabalhou durante uma década como repórter especial da *Revista Época* em São Paulo.





Atualmente, escreve artigos para os jornais *El País* (português e espanhol) e *The Guardian* (inglês)².

Um dos livros mais conhecidos de Eliane Brum é *A vida que ninguém vê*, coletânea de textos escritos em uma coluna semanal no jornal *Zero Hora*, nos anos 1990. Todas as reportagens são sobre a vida de pessoas reais, que jogam luz a histórias incomuns presentes no gasto cotidiano.

Enterro de Pobre, por exemplo, publicado em 26 de junho de 1999, conta a história de Antonio Antunes, pai de um bebê que morreu ainda no ventre da mãe. Desde o início, o texto traz muita subjetividade: “Não há nada mais triste do que enterro de pobre. Porque o pobre começa a ser enterrado em vida. Quem diz é Antonio, um homem esculpido pelo barro de uma humildade mais antiga do que ele” (BRUM, 2006, p. 36). O texto autoral, no entanto, não abdica da exatidão e da objetividade características do jornalismo, como no trecho abaixo, que inclui informações:

E quando levanta os olhos, tem medo de ofender o rosto do patrão apenas pela ousadia de erguê-los. Quem diz é Antonio Antunes. Ele acabara de sepultar o caixão do filho cujo rosto desconhece. O bebê de 960 gramas que morreu ainda no ventre da mãe. Antonio quis espiar a face do filho por um momento, mas a funcionária que foi buscar a criança na geladeira não deixou (BRUM, 2006, p. 36).

² Disponível em: <<http://elianebrum.com/biografia/>>. Acesso em: 18 fev. 2020.

No trecho seguinte, também escolhe dados que dão referência a uma dimensão de realidade, identificados por informações de onde, como, quando e por quê.

Antonio tinha comprado uma roupinha de sete reais no centro de Porto Alegre para que o filho não fosse sepultado nu como um rebento de bicho. Mas não pôde vesti-lo. Restou a Antonio o caixãozinho branco que ninou nos braços até a cova número 2026 do Campo Santo do Cemitério da Santa Casa (BRUM, 2006, p. 36).

O título “Enterro de Pobre”, embora seja sobre Antonio, traz uma referência clara a todos os Antonios. Nesse caso, até a objetividade é subjetiva.

Nada se encerrou para Antonio Antunes quando chegou ao sopé do morro do cemitério e pronunciou a frase de sua vida. Acabara de sepultar o filho que dificilmente morreria se o pai não fosse pobre. Em um caixão doado, numa cova emprestada, no campo de lomba do único cemitério que acolhe pobre em toda a capital do estado. E que só por isso já merece a gratidão eterna de todos os Antonios (BRUM, 2006, p. 36).



Considerações finais

Como percebemos nos exemplos, o jornalista atua como quem conta uma história, através da liberdade na construção e das escolhas que faz desde a pauta até a publicação. As tecnologias trouxeram diversas transformações à comunicação, impeliram à convergência de mídia e à necessidade de profissionais que agregassem funções e escrevessem para diferentes formatos: internet, rádio, jornal, TV. Contudo, os exemplos mostram que, mesmo em meios de comunicação com linhas editoriais mais rígidas, a decisão é mais pessoal do que uma estratégia do meio – e esta construção pessoal perpassa todas as vivências do profissional.

Nesse sentido, a autoria se distingue de um jornalismo puramente técnico, com regras de codificação. Ao percebermos o autor revelando seus passos durante a apuração e dando pistas para acompanhar seus movimentos, é como se também nós fossemos transportados para o mundo simbólico sugerido pela narrativa. Na capacidade de se relacionar com o leitor reside a força de uma narrativa.

Considero, então, a autoria como o toque de mestre do autor-confeiteiro, que pode pensar na melhor massa, em um recheio saboroso, uma cobertura atraente e seu toque pessoal, a cereja do bolo. Assim, entendemos que ele precisa se



preocupar com todas as fases do processo jornalístico. Conforme afirma Medina (2006, p. 69), a plenitude da comunicação “ocorre na tríplice tessitura da ética, técnica e estética”. Se tivermos somente um ou outro, não haveria um jornalismo diferenciado.

Afinal, de que adiantaria um bolo bonito se não fosse saboroso? E se fosse somente saboroso pareceria só mais um entre milhares de outros? Da mesma forma, de que adiantaria a beleza de uma narrativa, a estética, se não fosse a ética? Liberdade com responsabilidade. Parece ser este o segredo de um bom autor-confeiteiro.



Referências

BULHÕES, M. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.

BRUM, E. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.

CARVALHO, L. M. Pão e Glória. *piauí*, São Paulo, n. 39, dez. 2009.

DINES, A. *O papel do jornal: uma releitura*. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

DINIZ, M. L. V. P.; PORTELA, J. C. (org.). *Semiótica e mídia - textos, práticas, estratégias*. São Paulo: Faac/Unesp, 2008. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/41886777/Semiotica-e-Midia-eBook>. Acesso em: 12 fev. 2020.

HARAZIM, D. Zamariola sai do casulo. *piauí*, São Paulo, n. 41, fev. 2010.

IJUIM, J. K. Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas. *Revista Comunicação Midiática*, v. 7, n. 2, p. 117-137, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://www2.faac.unesp.br/comunicacao-midiatica/index.php/comunicacaomidiatica/article/view/196/132>>. Acesso em: 18 fev. 2020.

_____; URQUIZA, M. G. Autoria e humanização em Neide Duarte. *Revista de Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 6, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p85/10419>. Acesso em: 18 fev. 2017.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. *Os elementos do jornalismo*. São Paulo: Geração Editorial: 2004.



MEDINA, C. *Notícia, um produto à venda: Jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Summus, 1988.

_____. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

_____. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003.

_____. *O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos*. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. *Ciência e jornalismo: Da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus, 2008.

MOTTA, L. G. *Análise Pragmática e Cultural da Narrativa*. 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. *Técnica de reportagem – notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.

TV GLOBO. *Programa Brasileiros*. Disponível em: <http://brasileiros.globo.com/platb/programa/>. Acesso em: 10 fev. 2020.

VALENTINI, G. *Diálogos da Utopia: caminhos para a apuração jornalística*. Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo. Santa Maria: UFSM, 2008.





FLANAR É VOLTAR A TER OS SAPATOS SUJOS

Olívia Bressan

A rua em torno era um frenético alarido./ Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,/ Uma mulher passou, com sua mão suntuosa/ Erguendo e sacudindo a barra do vestido./ Pernas de estátua, era-lhe a imagem nobre e fina./ Qual bizarro basbaque, afoito eu lhe bebia/No olhar, céu lívido onde aflora a ventania,/A doçura que envolve e o prazer que assassina.

Charles Baudelaire (1985)

ATRANI: A escada barroca abaulada subindo mansamente para a igreja. A grade atrás da igreja. As litânicas das velhas na hora das Ave-Marias: instrução na classe primária dos mortos. (...) Vilas como poços de ventilação. Na praça do mercado uma fonte. No fim da tarde, mulheres em volta.

CATEDRAL DE FREIBURG: Com o sentimento pátrio mais próprio de uma cidade associa-se para seus habitantes – e talvez até, ainda na lembrança, para os viajantes que ali se demoraram –, o som e o intervalo com que se inicia a batida dos relógios de suas torres.

Walter Benjamin (1994)

Não por acaso, nos trechos acima, tanto o eu-lírico do poema quanto o narrador do ensaio estão em movimento. Em comum, a observação das pessoas e do frenético ritmo cosmopolita. A poética desses escritos reside na tradução da perspectiva do homem de *fin de siècle*, que ensaiava os primeiros passos rumo ao desconhecido século XX. Nas entrelinhas, o espírito franco do crescimento urbanístico, das aglomerações humanas e do surgimento de novas tecnologias. São reflexões fragmentadas, velozes e quiméricas, tal qual o momento se apresentava. As diversas narrativas breves escritas por Benjamin, dentre elas as selecionadas aqui, são metáforas construídas no livro *Rua de Mão Única* (1928) sobre o deambular, sugerindo que o folhear das páginas seria um descaminho por ruas e vielas. O poema de Baudelaire em epígrafe, intitulado *A uma passante*, por sua vez, incluído em *Les fleurs du mal*, foi publicado em 1860 e trata da tentativa de reter o sentimento que desperta no poeta a visão de uma mulher que passa, anônima, em meio às pessoas da cidade. Os versos apresentam uma criatura errante que perambula, aprecia o coletivo e desenreda os meandros das cidades. O flâneur é essa figura de olhos inquietos, atento ao fantástico da vida descortinado diariamente. Foi Baudelaire (1821-1867), inclusive, quem cunhou o termo “flâneur”, que aparece, pela primeira vez, em outra obra sua, *O pintor da vida moderna*. Grande crítico de arte



e de literatura, o escritor publica no *Le Figaro*, entre os dias 26 e 29 de novembro de 1863, os treze capítulos que constituiriam a obra fundamental para entender os primeiros momentos da modernidade. Desse modo, Baudelaire inaugura uma nova crítica e, ao mesmo tempo, uma nova arte, voltada para a fixação da impressão instantânea, por meio da precisão e da rapidez de sua execução. Capta, assim, a beleza do transitório, encontrada no variável, no contingente e na própria relativização do belo. Os textos são tecidos a partir do pretexto do perfil de M.C.G – “Monsieur” Constantin Guys de Sainte-Hélène (1805-1892), aquarelista de talento que, entretanto, fazia questão de permanecer incógnito. A partir desse retrato, Baudelaire (2006) caracteriza o artista que começava a surgir e procurava apreender a realidade e o mundo contemporâneo através da palavra escrita.

Pode-se dizer que, por excelência, o flâneur é um “pintor de costumes” (BAUDELAIRE, 2006, p. 13). Seu ponto de vista sobre as coisas é comparável ao traço rápido de um desenho ou de uma aquarela. Para ele, a representação da vida não estaria em quadro acabado, mas, sim, no esboço, criado com menos cuidado com a forma e, portanto, mais espontâneo e afetivo. É alguém que desenha os trajetos em seu imaginário, observando tudo à sua volta, vislumbrando a próxima esquina, vendo poesia nas passadas ritmadas. A rua era a nova pai-



sagem a romantizar, um lugar onde se deveria estar para ver a gente, exaltada por Diderot (apud BENJAMIN, 1989) – “É bela a rua!” – e por Breton (apud ARRIGUCCI JUNIOR, 2010) – “A rua é o único lugar da experiência nas palavras”. O lar do andari-lho, metaforiza Baudelaire (2006, p. 20), é a cidade, e andar por suas vias, uma vocação:

A multidão é seu universo [...]. Sua paixão e profissão é desposar a multidão. Para o perfeito flâneur, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa é contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo.

Também chamado de *Homem da Multidão* (BAUDELAI-RE, 2006, p. 17) – em referência ao título do conto escrito em 1840, por Edgar Allan Poe (1809-1849) – o flâneur tem a facul-dade de transformar o trivial em *novidade*, inebriar-se pelos ca-minhos, cultivar o espírito ingênuo da criança. É um homem em permanente estado de convalescença e, por isso mesmo, aberto e exposto aos sentimentos do mundo. Segundo Poe (2011), ele não se contenta em contemplar o *vai e vem* das pes-soas da vidraça do café onde está, e só encontra felicidade se irrompe na massa disforme para observar as pessoas de perto. Desse modo, o poeta e contista norte-americano registra uma



modificação social hoje plenamente consolidada: na multidão, os indivíduos tornam-se indistintos, incapazes de se voltarem para os lados e perceberem quem são aqueles que os rodeiam. Estão acompanhados e, ao mesmo tempo, isolados. Portanto, tocaria ao flâneur fazer parte da torrente caminhante, mas ir contra a corrente da cegueira e da obriedade. Sua curiosidade é a pedra de toque que o impulsiona para ser um exímio analista de seu tempo, espécie de “botânico do asfalto” (BENJAMIN, 1989, p. 34). Função asseverada por Guys, protagonista do livro de Baudelaire (2006, p. 21), afinal, quem “se entedia no seio da multidão, é um imbecil! Um imbecil! E desprezo-o!”.

O arrebatamento que o flâneur conserva pela multidão revela uma sensação de estrangeirismo e solidão quanto ao lugar onde se está. Talvez aí esteja a explicação para ficar à procura de rostos desconhecidos e prezar, como lei principal, sair a qualquer lugar e hora. Tenta aplacar o sentimento de vazio, por meio das amizades que faz pelo caminho, de modo que compartilhem momentos e segredos fugidios do mundo. E, se há mistérios a serem revelados, este personagem faz as vezes de detetive. Quer desvendar um crime ou a trajetória de uma folha de papel voando, quer transmutar o comezinho em exotismo e surpresa.

Assim, o flâneur leva a tiracolo algo entre a objetividade e a irresolução. Faz pactos com o acaso, planeja rotas – mes-



mo que esteja, por outro lado, sempre disposto a mudá-las ao sabor do vento. Essa postura ingênua e contemplativa é incorporada por muitos autores do final do século XIX e do início do século XX, como Marcel Proust (1871-1922), que exalta as distrações de uma Paris idílica:

[...] então fora de todas essas preocupações literárias e sem estabelecer nenhum vínculo com elas, de repente, um telhado, o reflexo de sol sobre uma pedra, o cheiro de um caminho, me faziam parar por um prazer especial que me davam e também porque pareciam esconder, para além daquilo que eu via, alguma coisa que me convidava a vir apanhar e que, apesar de todos os meus esforços, eu não chegava a descobrir (PROUST, 1939 apud BENJAMIN, 1989, p. 191).

No caminho de Swann (1913) é a primeira parte dos sete tomos do conjunto de livros que formam *Em busca do tempo perdido* (1913-1927) – título que, de antemão, sugere o espírito da época, de apreensão do fugaz. Um romance que, tendo como temas a memória, caminhadas, encontros fortuitos e os salões parisienses, se encaixa perfeitamente com os temas estudados por Benjamin – ele, inclusive, trabalhou em uma tradução da série de livros escrita por Proust (SOLNIT, 2016). O ensaísta alemão o elege como o primeiro ficcionista, depois de Baudelaire, a incorporar a perspectiva do flâneur em sua produção literária (BENJAMIN, 1989). Todavia, há quem discorde desta



classificação. James Wood (2011), professor de Literatura em Harvard, sustenta que o flâneur pioneiro seria anterior: teria sido personificado por Frédéric Moreau, retratado em *A educação sentimental* (1869) de Gustave Flaubert. O rapaz é descrito como um ocioso que vagueia pelo *Quartier Latin*, atento ao cenário e aos sons de Paris, olhando sem pressa e refletindo.

Seja como for, já é possível identificar, à época, certa exaltação da rua por outros escritores. Charles Dickens (1812-1870) considerava, inclusive, que sua criação dependia dela. Não eram os campos verdes e silenciosos que o inspiravam, mas sim a agitação urbana. “Uma semana, quatorze dias, posso escrever maravilhosamente num sítio afastado; mas um dia em Londres basta para me reerguer e me inspirar de novo” (DICKENS, 1912 apud BENJAMIN, 1989, p. 198). Mais remotamente, Vitor Hugo (1802-1885) costumava vagar pelas ruas: flânar era um ofício e o espaço urbano, território franco para estudo sobre aspectos diversos da cidade a respeito da qual iria escrever em *Os miseráveis* (1862).

O flâneur acaba por encarar a urbe um tanto quanto os fisiologistas, ocupados em observar tipos humanos em situações do dia a dia. Tal postura leva muitos escritores realistas a saírem a campo para investigar temas de interesse. Na primeira década do século XX, o jornalista e ficcionista Jack London (1876-1916), por exemplo, empreende uma extensa



pesquisa sobre a vida da população indigente, a qual, diferentemente do flâneur, só podia optar por dormir ao relento e, sem maiores romantismos, fazer da rua sua casa. London imerge de tal forma na rotina dos marginais da maior metrópole capitalista, que se torna um deles, dormindo em albergues, vivendo uma rotina de fome e desemprego. A partir de tais experiências, escreve *O Povo do Abismo* (1903), no qual relata os estertores de sua temporada nas ruas.

O ocaso do clássico flâneur, figura que sintetizou o despontar de um período, se dá por novas demandas no avançar dos anos. Primeiro, os carros a motor passam a concorrer com as antiquadas charretes e os pedestres se tornam motoristas. Como examina George Friedmann (1936 apud BENJAMIN, 1989, p. 211) em *A crise do progresso*, “a obsessão de Taylor, de seus colaboradores e sucessores, é a ‘guerra à flânerie’”. O alastramento dos automóveis teria deixado a atividade mais complicada, menos agradável e surpreendente de se realizar. Também é possível especular que o flâneur tenha se rarefeito à medida que seus adeptos começam a ser incorporados na rotina de trabalho capitalista: a flânerie passa a ser considerada a salvação financeira do literato e, então, é vendida como produto jornalístico (MARX, 1932 apud BENJAMIN, 1989, p. 225). Portanto, a capacidade criativa, bem como o poder de descrição e narração dessa figura, agora não é vinculada ao



ócio, mas a uma atividade profissional. O jornalista passa a ter consciência de seu comportamento errante – algo que anteriormente quase não acontecia – visando a algum fim.

Mesmo que a flânerie tradicional tenha sido tragrada pelas mudanças nos arranjos econômicos, ainda perdura o arquétipo do caminhante e observador que pinta cenários e situações no intento de travar guerra à fugacidade. Caminhar, conforme diz o filósofo Frédéric Gros (2010, p. 10), permanece sendo até hoje sinônimo de resistência política à velocidade do sistema que sobrecarrega de afazeres, pois quando “se anda a pé, só há um desempenho que de fato conta: a intensidade do céu, o viço das paisagens”. A contravenção do pedestre é a sua lentidão. A pressa embrutece a vida.

Jornalismo e flânerie caminham lado a lado: o caso de João do Rio

Mas como aliar a atitude indolente descompromissada do andarilho flâneur às obrigações implicadas no ofício de repórter? Talvez um dos casos mais bem-sucedidos dessa combinação seja o do jornalista João do Rio, cuja influência foi paradigmática no jornalismo brasileiro. Paulo Barreto – seu nome verdadeiro – começou a atuar no periódico *Cidade do Rio*, entre 1898 e 1899. Em 1900, na *Gazeta de Notícias*, chama



a atenção do público com uma série de reportagens intitulada *As religiões do Rio*. Como era de se esperar, segundo a concepção atual, para fazer reportagens ele teria que apurar os fatos, sair a campo, conversar com pessoas. A questão é que, em pleno início de século XX, imperava nas redações o jornalismo de opinião (MEDINA, 1978), de uma forma que era possível escrever um jornal inteiro sem o jornalista sequer sair de sua mesa na redação. Luís Edmundo, jornalista contemporâneo de João do Rio, descreve assim, em 1938, o jornalismo de sua época em *O Rio de Janeiro do meu tempo*:

O jornal, na alvorada do século, ainda é a anêmica, clorótica e inexpressiva gazeta da velha monarquia. [...] Poucas páginas de texto, quatro ou oito. [...] literatura cor-de-rosa e que os homens mais ou menos letrados do país sorvem logo de manhã cedo. [...] Paginação sem movimento ou graça. Colunas frias, monotonamente alinhadas, jamais abertas. Vaga *clicheterie*. Ausência quase absoluta das manchetes e de outros processos jornalísticos, que já são, no entanto, conhecidos nas imprensas adiantadas no norte da Europa (EDMUNDO, 1938 apud MEDINA, 1978, p. 56).

De acordo com Jorge Sá (1999), Paulo Barreto defrontou-se com um jornal pensado como folhetim, no qual eram publicados “pequenos contos, pequenos artigos, ensaios breves, poemas em prosa, tudo, enfim, que pudesse informar os leitores sobre os acontecimentos daquele dia ou daquela se-



mana” (SÁ, 1999, p. 8). Coube então a João do Rio liderar uma mudança de rotina do jornal durante o período que compreendeu os anos 1900 a 1920. Ele queria exercitar seus sentidos para fora do recinto em que se formulavam as matérias, procurar a notícia onde ela acontecia de fato: nas ruas. Em plena contemporaneidade essa “inovação” soa risível. Entretanto, à época, representou um divisor de águas. Para citar Afonso Lopes de Almeida (apud MEDINA, 1978), ainda não passava pela cabeça dos literatos ir à cadeia ver de perto um criminoso e conversar com ele. E foi o que Paulo Barreto fez. Talvez essa atitude possa ser explicada pelo fato de ele mesmo encontrar identificação com a figura do flâneur – homem e profissional, nesse caso, não se desvinculavam. Era um jornalista que apreciava caminhar pelos espaços públicos registrando o circunstancial, pequenos acontecimentos do dia a dia, os quais poderiam passar despercebidos ou relegados à marginalidade por serem considerados insignificantes. Tais características, segundo Sá (1999), são próprias do que chama de *narrador-repórter*.

João do Rio subia os morros, frequentava lugares refinados e também a fina flor da malandragem carioca, em busca de material para seus artigos (SÁ, 1999). Desses levantamentos resultaram duas obras importantes para a história do jornalismo: *As religiões do Rio* (1906) e *A alma encantadora das ruas* (1910). Este último dividido em três capítulos muito re-

presentativos de sua flânerie: *O que se vê nas ruas, Três aspectos da miséria, Onde às vezes termina a rua*. Em ambos os livros, a disposição de quem entra em um terreiro de umbanda, entrevista feiticeiros e observa as modificações da cidade com certo ar de descompromisso. Desse modo, como bem assinala Bulhões (2007), o flâneur está investido dos atributos do ofício jornalístico, pois sai às ruas e aguça o olhar direcionado para o efêmero da vida mundana. A prática deambulatória de João do Rio é tão marcada que ele chega a elaborar uma espécie de manifesto do repórter caminhante.

Que significa flanar? Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem; é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessário ir até um sítio lóbrego, para deixar de lá ir, levado pela primeira impressão, por um dito que faz sorrir, um perfil que interessa, um par jovem, cujo riso causa inveja... Flanar é a distinção do perambular com inteligência. Nada como o útil para ser artístico. Daí o desocupado flâneur ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas. Do alto de uma janela admira o caleidoscópio da vida no epítome delirante que é a rua [...] (JOÃO DO RIO, 2007, p. 28).

Em João do Rio, flâneur e repórter não são estranhos um ao outro. Conforme afirma Bulhões (2007) em longo en-



saio sobre o literato carioca, há nele a postura aristocrata do dândi despreocupado que vagueia pelas ruas, aberto às contingências do acaso. Mas, ao mesmo tempo, também está ao lado a figura do jornalista, alguém investido de uma atitude profissional, que realiza entrevistas e apura os acontecimentos, noticia a realidade. João do Rio mantinha uma postura dileitante e indeterminada, perdendo-se por entre a multidão, aparentando ociosidade, desobrigado de cumprir prazos ou tempo determinados. Nada mais distante, há que se ressaltar, do que concebemos hoje, um século mais tarde, como rotina produtiva nas redações.

De todo modo, mesmo que as práticas do início do século não encontrem eco nas rotinas jornalísticas atuais, João do Rio deixa uma contribuição inegável no que diz respeito aos métodos de captação de dados, fiel ao compromisso de apurar a notícia de um modo mais humanizado. Foi ele o responsável por mostrar aos outros repórteres que, para atender às novas demandas do público consumidor de jornais, era preciso adequar-se à maneira como já eram feitos à época os jornais no exterior. Legou aos jornalistas a ideia de que o propósito do repórter precisa ser o de caminhar e apurar acontecimentos, colando-se à pele do real. Sobre esse propósito, Di Cavalcanti (apud MEDINA, 1978, p. 55) afirma em artigo de 1948: “João do Rio representa o tipo exemplar do repórter, coisa que,



até ele ter surgido na nossa imprensa, não existia. A ação era tudo para aquele homem que tinha um ar preguiçoso, meio dândi, meio mulato pernóstico”. Nesse sentido, a afirmação do artista plástico é consoante com a de Medina (1978, p. 58), quando define o repórter como aquele “que vai à rua e constrói sobre o momento a história dos fatos presentes. Da união destes dois conceitos nasce a definição moderna de jornalismo. E João do Rio, se não é original na história da imprensa, pelo menos no Brasil inicia esse processo”.

Também em termos de composição textual, pode-se notar que o autor de *A alma encantadora das ruas* tem uma estilística particular. Em suas reportagens as impressões do jornalista são assinaladas, bem como seus traços de subjetividade (BULHÕES, 2007). O ritmo de suas narrativas, como destaca Vernieri (2009), é marcadamente dinâmico, veloz, arrojado para a época – o que parece ser o reflexo do próprio momento de modernização urbana em que o jornalista viveu e também de seu modo de ser. Como redator, inseriu recursos típicos da literatura no interior da vivência jornalística. De acordo com Bulhões (2007), todos esses elementos alçam o trabalho jornalístico de João do Rio ao patamar de uma das maiores realizações de textualidade do jornalismo brasileiro de todos os tempos e o mais importante registro do contexto de transformações do início do século XX.





O relato de viagem feito pelo repórter-flâneur

Verdadeiro repórter-flâneur, Paulo Barreto atuou como um botânico do asfalto, um homem da multidão e deve à rua boa parte da inspiração extraída para sua obra. Ele cumpriu a responsabilidade essencial do jornalista, preconizada por Ricardo Kotscho (2000, p. 16): a de “fazer com que o leitor viaje junto” no desenrolar de uma reportagem. É como se um relato fiel e bem escrito conseguisse *pegar o leitor pela mão* para fazê-lo acompanhar como tudo aconteceu.

Nesse sentido, a jornalista Eliane Brum (2008) reforça que, se o repórter quiser contar o que viu, precisa ter o olhar aguçado, recusando-se a enxergar apenas o que está programado, o que está na superfície. É o que ela chama de “a arte de olhar” (BRUM, 2008, p. 190). Lançar mão do truque de alteração de foco depende mais intrinsecamente do jornalista do que do tipo de assunto de que trata o relato. Tal estratégia de “inclinação de alguns centímetros de pescoço” sobre a qual fala Brum (2008, p. 189) pode ser determinante quando se trata de um relato de viagem. Nesse caso, o jornalista viajante precisa expor ao leitor o modo como acompanhou as coisas ocorrerem no espaço e no meio cultural em que esteve inserido durante um determinado período de tempo. Ele trabalha como o pintor de costumes de que fala Baudelaire.



Kotscho (2000, p. 16) enfatiza que é indispensável que um relato de viagem tenha profundidade: o repórter teria a obrigação de “colocar-se no lugar das pessoas que não podem estar lá, e contar o que viu como se estivesse escrevendo uma carta a um amigo”. Nesse sentido, o relato de viagem guarda uma gramática estilística próxima da grande reportagem (CHILLÓN, 1999; WOLFE, 2005; MODERNELL, 2011) e, por isso, poderiam ser aplicadas as mesmas diretrizes metodológicas para ambos os gêneros jornalísticos. Assim, pode ser uma saída seguir os conselhos de sistematização para escrever uma boa reportagem, proposto por Anton Tchekhov em *Um bom par de sapatos e um caderno de anotações* (2009). O primeiro passo recairia sobre o momento dos *preparativos* para uma reportagem, o segundo sobre a etapa da *pesquisa* e o terceiro e último sobre o processo efetivo de *escrita*.

Os processos de *pesquisa* e *escrita* de um relato serão comentados nas próximas páginas, sem tantos detalhes sobre os *preparativos*, isto é, no que ocorre antes de se viajar, pois é possível defender, no relato de viagem, que tal momento seja prescindível. Polêmico, mas como preconiza Gay Talese, é importante que o jornalista tente preservar o “senso de nada saber”¹ antes de começar seu trabalho – e essa postura de ignorância deliberada se torna ainda mais necessária ao viajar. O conselho

¹ Posição expressa em entrevista do jornalista para o programa Roda Viva em 2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=wJSDNmhoLhE>>. Acesso em: 17 mai. 2020.

do autor de *Fama & Anonimato*, *Honra teu pai*, *A mulher do próximo*, entre outros tantos livros-reportagem que formam bibliografia básica sobre jornalismo literário, parece se coadunar com um dos sustentáculos da flânerie: o passeante pueril como uma criança provida de sensibilidade e percepção aguda, para o qual nenhum aspecto da vida é indiferente (BAUDELAIRE, 2006). Munido de espírito ingênuo, o repórter-flâneur, segundo Bulhões (2007), não possui pautas e, como está desprovido de amarras, apreende o circunstancial sem preconceitos que poderiam impedi-lo de enxergar a diversidade de tonalidades de um quadro que retrata “a paisagem construída puramente de vida” (BENJAMIN, 1989, p. 186).

O flanar como postura do repórter

O jornalista parte, então, para a etapa da *pesquisa*. Ele viaja, observa atentamente ao seu redor, enquanto perambula pela cidade e coleta dados. Enfim, ele realiza os processos de apuração da reportagem. Para o repórter-flâneur, esse momento é especialmente agradável quando se propõe a novas descobertas, a receber os presentes do acaso. Ele investiga o mundo de uma maneira mais livre e criativa, em busca de fatos diferenciados e pontos de vista mais pessoais. O repórter que adota o flanar como postura jornalística inverte a lógica



cada vez mais sedimentada de que as pautas podem ser desvendadas no conforto das cadeiras de uma redação. Ele segue os princípios de Kotscho (2000), famoso por advogar pelo repórter que suja os sapatos, isto é, que trava com a rua um pacto para apurar uma reportagem:

Com pauta ou sem pauta, lugar de repórter é na rua. É lá que as coisas acontecem, a vida se transforma em notícia. Muitas vezes, quando ficamos sem assunto, o veterano fotógrafo Gil Passarelli e eu saímos sem pauta nenhuma, sem destino certo – e não me lembro de termos voltado algum dia sem matéria (KOTSCHO, 2000, p. 12).

Tal postura é endossada por Brum (2008) quando afirma que a maior graça de ser repórter é ir para a rua espiar o mundo sem saber o que vai encontrar. Ela mesma é famosa por títulos que explicitam essa posição, como *O olho da rua*, de 2009, e *Vida que ninguém vê*, de 2008 – compilações de suas crônicas-reportagens publicadas em *O Globo* e *Zero Hora*, respectivamente. É um jeito de fazer jornalismo que obriga o profissional a fazer a “reportagem externa” (WERNECK, 2009), termo cunhado por Kotscho, que denuncia que os repórteres estão fora do único lugar em que deveriam estar: na rua. Local privilegiado por Eliane Brum e que lhe permitiu descobrir histórias impressionantes como a que aconteceu numa manhã de abril em 1993:





[...] o chefe de reportagem da Zero Hora, onde eu trabalhava na época, me mandou cobrir uma coletiva de imprensa na prefeitura de Porto Alegre. A pauta era tão fascinante que nem lembro do que se tratava. O carro me deixou em algum ponto do centro e eu precisava andar um ou dois quarteirões para chegar à prefeitura. No caminho, eu vi uma rodinha. Eu estava atrasada, mas nunca resisti a uma rodinha. Perguntando e empurrando um e outro cheguei lá na frente. Diante dos meus olhos espantadíssimos emergiu de um bueiro um menino, em seguida outro. Esqueci completamente da coletiva que nunca virou notícia. Os garotos haviam dormido demais e, ao subir à superfície bem depois de o sol nascer, surpreenderam a população ao revelar a natureza de sua moradia. [...] Se eu fosse uma burocrata da notícia – e não uma repórter –, eu teria ignorado a rodinha porque estava atrasada e teria voltado para a redação com uma nota de pé de página sobre algo como o último projeto da Secretaria de Obras do município. Se eu tivesse preferido recuperar a coletiva por telefone então... (BRUM, 2008, p. 193).

Da mesma forma, o bate-pé de um repórter pode lhe proporcionar uma grata surpresa. Foi o caso de Kotscho, ao fazer uma reportagem para a *Folha de São Paulo* no previsível dia de Finados:

Pedaços de lápides de outros túmulos, entulho, uma ou outra flor perdida no caminho, onze covas abertas – só isso fazia lembrar que na quadra 45 estão sepultados mais de cem mortos sem nome. Perdido em meio àquele vazio, Alvinho Car-

doso, passos trôpegos, passou a manhã toda procurando pela sepultura da irmã Maria, morta há uns dois ou três anos e enterrada ele não lembra mais onde (KOTSCHO, 2000, p. 23).

Para o jornalista, o dia de Finados é mais uma das ocasiões exemplares de um ritual que acontece todo ano e nunca muda. A diferença de uma reportagem para outra depende da disposição do jornalista para sair da redação procurando encontrar um ângulo novo para um velho assunto e, aí sim, captar alguma cena que fuja à rotina e, por isso, nova e interessante. Para que o profissional seja capaz de ir à cata de tais diferenças, Ricardo Kotscho chega a pregar o corte das linhas telefônicas como única forma de desentocar os jornalistas de gabinete (WERNECK, 2009).

O burocrata de redação é aquele que se conforma em preencher formulários e não em chegar mais próximo à figura de um contador de histórias. Vanessa Barbara, inclusive, criou o *gerador automático de reportagens* em *O livro amarelo do terminal* (2008), no qual disserta sobre as pessoas em trânsito no Tietê, maior terminal rodoviário da América Latina. Dúvidas com as notícias sobre acidentes e engarrafamentos nas estradas? Ela tem a solução com seu gerador de notícias:

O movimento de saída dos paulistanos que pretendem deixar a cidade neste feriado de () Carnaval, () Páscoa, () Natal já é intenso nas principais rodovias. De acordo com a CET (Companhia



de Engenharia de Tráfego), é lento o trânsito nos principais corredores da cidade, entre eles as Marginais Pinheiros e Tietê, pistas expressa e local em ambos os sentidos e em praticamente toda a extensão. Nesta manhã/tarde foram registrados ___ quilômetros de lentidão. A previsão é de que ___ carros deixem a cidade até amanhã [...] (BARBARA, 2008, p. 131).

Trata-se, naturalmente, de uma ironia da autora, que durante muitos anos assinou coluna na *piauí* e hoje escreve periodicamente para o *The New York Times*². Seu gerador de notícias coloca à mostra a fragilidade do jornalismo *hard news* quando se baseia quase exclusivamente em pequenos formulários a serem reportados. Um relato de viagem nunca se quer relatório, e é por isso que a reportagem ganha mais em substrato humano e riqueza textual se a prática da flânerie for adotada. Afinal, a derrocada do flâneur moderno não extinguiu o ato de flanar, mas se transformou hoje em um estilo de vida a ser incorporado (SOLNIT, 2016).

Por mais impraticável que seja pensar atualmente em uma experiência jornalística vinculada ao sabor do vento, sem pauta, sem rotas definidas, a ideia de considerar, ao menos, uma experiência de viagem nesses moldes – ainda que para produzir uma grande reportagem em um veículo mais durável como o livro – parecerá libertadora para qualquer jornalista curioso que goste de circular e conhecer cidades, grandes

² Disponível em: <<https://www.nytimes.com/topic/person/vanessa-barbara>>. Acesso em: 5 mai. 2020.



ou pequenas, e de descobrir histórias de vida dos que nelas residem, na busca por produzir um bom conteúdo.

A postura de um repórter-flâneur, de acordo com as reflexões de Renato Modernell (2011, p. 63) sobre o jornalismo literário aplicado ao relato de viagem, é explicitada em três momentos: 1) “o viajante se diferencia do turista por sustentar um olhar despojado e inquisitivo sobre o que o cerca; convive de forma criativa com a insegurança e a surpresa; deixa-se levar pelo fluxo dos acontecimentos e delicia-se com os pequenos flagrantes da vida”; 2) “o autor tem acesso a esferas sociais com as quais não está habituado a conviver no “mundo comum”; 3) “na sua jornada, o viajante tem como aliados a disponibilidade e o acaso; consegue detectar lampejos de eternidade naquilo que é transitório”. Assim, a etapa da pesquisa é posta em prática quando o jornalista se vê como um verdadeiro viajante, disposto às imprevisibilidades durante a coleta de dados e ao encontro com entrevistados inusitados, para os quais, em um contexto cotidiano, não atentaria.

A abordagem de um repórter que flana durante uma viagem faz com que o relato pareça “mover-se ‘nas entrelinhas’ dos guias turísticos, sem dar relevância a elementos conhecidos por todos, os chamados cartões-postais” (MODERNELL, 2011, p. 62). Recusa-se o clássico das reportagens de viagem que dá conta dos pontos turísticos de um local e que os conta de maneira repetitiva e pouco criativa. Além disso, o profis-



sional que se dispõe a caminhar pelo local no qual fará suas reportagens está apto para observar as dinâmicas do estar em trânsito, em conformidade com as indicações de Modernell (2011, p. 63): “o autor tem *insights* ao observar o ritmo em que as coisas acontecem em cada lugar ou situação, e na sua narrativa consegue transmitir ao leitor diferentes dimensões do tempo (geográfica, social e individual)”, quando o “autor reflete sobre a natureza e a velocidade do deslocamento”. Além disso, o jornalista se entrega ao lugar visitado, consoante com o que autor diz: “a obra retrata uma experiência vivida em profundidade (imersão), na qual o viajante se lança com a sensação de queimar as pontes, ou seja, encerrar uma fase de sua vida” (MODERNELL, 2011, p. 62).

O repórter-flâneur como narrador de um relato de viagem

A última etapa da concepção de um relato de viagem sob a perspectiva de um repórter-flâneur diz respeito, efetivamente, à sua *escrita*. Nessas narrativas, é possível identificar marcas de autoria bastante evidentes. Nada mais natural: a reportagem sobre outros lugares reforça a perspectiva do redator, já que se trata de um processo de descoberta pessoal no qual os sentidos estão aguçados, desde o processo de apuração até a composição do texto. Por isso, na maioria das vezes, os relatos de viagem são escritos em primeira pessoa, caracte-



rística similar a das reportagens de jornalismo literário, especialmente a partir do surgimento do *New Journalism*. Para Gay Talese, um dos principais representantes dessa tendência de redação jornalística surgida nos Estados Unidos, em 1960, uma das vantagens do estilo novo jornalístico é que, desde então, foi permitida uma abordagem mais imaginativa nas reportagens, “possibilitando ao autor inserir-se na narrativa se assim o desejar, como fazem muitos escritores” (TALESE, 2004, p. 9).

O não apagamento do repórter nas produções de jornalismo literário as distanciam da impessoalidade, requisito básico da objetividade jornalística (VERNIERI, 2009). No entanto, conforme discute Coimbra (1993), o eventual reconhecimento de subjetividade não anula a procura pela exatidão no jornalismo. Trata-se de uma escolha narrativa que recusa o modo distante de contar o desenrolar dos fatos e, como sustenta Villas Boas (2003), aproxima a perspectiva de procura por uma experiência profunda, brotada do envolvimento do jornalista e do modo como ele observa o mundo. Ainda segundo o autor, a recusa no uso da primeira pessoa no jornalismo atual é uma maneira utópica e intransigente de pretender que o narrador inexistia – algo já registrado dez anos antes por Coimbra (1993, p. 103), quando escreveu que o narrador-protagonista havia caído em desuso no modo de narrar uma reportagem: “antigamente para valorizar o texto de um noticiário como vivo, palpitante, dizia-se que fora escrito ‘de dentro’ dos acontecimentos”.



O jornalista que se coloca no interior da narrativa recusa o ponto de vista *olímpico*, como define Ligia Chiappini Leite (1989, p. 43), em prol de “um modo de pensar que trabalha com a obscuridade da experiência, do erro e da dúvida”. A baixa na capacidade de narrar experiências estaria ocorrendo desde a consolidação da modernidade, fato para o qual atenta Benjamin (1993) em ensaio sobre *o narrador*. Para o filósofo, é cada vez menor o número de pessoas que sabem narrar devidamente, isto é, relatar de modo menos distinto das histórias orais. Nesse sentido, o jornalismo literário se afigura como uma arma contra a impessoalidade e a obviedade das histórias contadas nas reportagens, lançando mão de inovações e recursos dos mais diversos para que a notícia não caia na mesmice.

De acordo com Bulhões (2007), o repórter-flâneur seria a categoria de jornalista que expressaria seu “eu” nos acontecimentos de uma reportagem e destaca João do Rio como um escritor paradigmático que se coloca ao reportar:

Deve-se destacar que a postura do narrador é a de um personagem de ficção investido da ação própria do profissional da imprensa, a do repórter; e especialmente, de um ente que se movimentava no espaço urbano e vive “de dentro” a aventura da própria reportagem a ser escrita. Em muitos casos, as narrativas processarão as peripécias de um personagem-narrador-repórter no trabalho de colher o material jornalístico. Com isso, não há um efeito de separação entre o narrador-personagem e o fato narrado (BULHÕES, 2007, p. 108).





Há que se ponderar, contudo, que o “eu” excessivo pode trazer certo tom egocêntrico a uma reportagem, diminuindo a ênfase na fonte em detrimento da figura do repórter. É o que alerta Medina (1978, p. 62) ao analisar a produção jornalística de João do Rio: “Mesmo nas experiências mais recentes de reportagens de primeira pessoa, o repórter não se destaca como João do Rio em suas matérias. [...] O ‘eu’ aparece de forma obcecante”.

Ainda levando em consideração tais ressalvas, no relato de viagem, o uso da primeira pessoa é apropriado, visto que, conforme explica Modernell (2011), inclui conteúdos autobiográficos, havendo uma prevalência da subjetividade. Outra característica mencionada por ele é que, nesse tipo de texto, se dá menos relevância aos fatos em si do que a seus efeitos sobre o observador, e isso move o autor a digerir ou interpretar acontecimentos para o leitor de uma nova maneira. O emprego do “eu” em uma reportagem de viagem pode também pressupor uma transformação interior pela qual passa o protagonista ao longo do caminho – o que também repercute em um olhar retrospectivo e renovado do viajante quando retorna a sua antiga rotina.

Considerações finais

Batizado originalmente por Baudelaire, a figura do flâneur nasce em um contexto de amplas transformações urbanas e industriais e de incertezas em relação ao novo século

que se aproximava. Se seu trajeto (e futuro) era por excelência impreciso, sua definição também guarda um quê de irresolvido. Em *A História do Caminhar*, Rebecca Solnit (2016, p. 332-333) conclui que o flâneur se evade diante de concepções fechadas; ele escapa das mãos: “o único problema com o flanador é que ele só existiu como figura, um ideal e personagem na literatura. [...] Ninguém satisfaz exatamente o conceito, mas todos se envolveram em uma ou outra versão da flanagem”. A imprecisão definidora, por outro lado, repercute em maleabilidade, vantagem que propicia que o conceito de flunar ganhe novas roupagens até hoje – embora seja entendido de uma forma abrangente, como um estilo de vida a ser abraçado, um olhar renovado lançado em relação ao seu entorno.

Nesse sentido mais geral, é provável que também a produção do repórter se beneficiasse, caso fossem incorporados em sua prática profissional alguns aspectos do flâneur que caminha pela cidade. Sem pauta definida, ele está pronto para descobrir o que a rua lhe traz – e é dela que nasce sua força criativa. Há que se levar em conta, contudo, que o contexto estafante das rotinas produtivas nas quais o jornalista está imerso o impedem de investir no devir para escrever matérias.

Assim, para que o repórter consiga experimentar o flunar em sua prática profissional, a proposição aqui é que comece pelo relato de viagem escrito no estilo jornalismo literário. O deslocamento para um outro lugar faria, conforme aponta



Modernell (2011), com que o repórter se deixasse levar mais facilmente pelos encontros fortuitos e se lançasse ao mundo com uma perspectiva estrangeira e, portanto, menos viciada e mais curiosa – bastante parecida com a do flâneur baudelairiano.

Entretanto, a postura do repórter-flâneur não se esgota na ideia de um ser que perambula por aí: é também aquele que mantém um método de *pesquisa*, procurando fontes inusitadas, assuntos originais que fogem da matéria de cartão-postal, sendo disponível para o contingente; e de *escrita*, no qual prioriza relatar sua experiência pessoal, não sob uma terceira pessoa totalizante e isenta, mas a partir de um “eu” que aproxima o leitor do que de fato aconteceu.

Dessa forma, longe de esgotar a discussão, esse artigo quis, sobretudo, investigar de que maneira a prática jornalística pode ganhar em incremento quando incorpora uma espécie de “metodologia do flunar”, no intuito de empreender um relato de viagem mais imersivo e original em todas as suas etapas de produção.



Referências

ARRIGUCCI JÚNIOR, D. *O guardador de segredos: ensaios*. São Paulo, 2010.

BARBARA, V. *O Livro Amarelo do Terminal*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. *Sobre a modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Obras Escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. *Rua de mão única*. Obras escolhidas II. São Paulo, Brasiliense, 1994.

BULHÕES, M. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.

BRUM, E. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago, 2008.

CHILLÓN, A. *Literatura y periodismo*. Barcelona: Aldeia Global, 1999.

COIMBRA, O. *O texto da reportagem impressa*. São Paulo: Ática, 1993.

GROS, F. *Caminhar, uma filosofia*. São Paulo: É realizações, 2010.

JOÃO DO RIO. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Martin Claret, 2007.



KOTSCHO, R. *A prática da reportagem*. São Paulo: Ática, 2000.

LEITE, L. C. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1989.

MEDINA, C. A. *Notícia: Um Produto à Venda*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

MODERNELL, R. *Em Trânsito*. Um ensaio sobre narrativas de viagem. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

POE, E. A. O homem da multidão. In: BAUDELAIRE, C. *O Pintor da Vida Moderna*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SÁ, J. *A Crônica*. São Paulo: Ática, 1999.

SOLNIT, R. *A história do caminhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

TALESE, G. *Fama & Anonimato*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TCHEKHOV, A. *Um bom par de sapatos e um caderno de anotações: como fazer uma reportagem*; Seleção e prefácio de Piero Brunello. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VILLAS BOAS, S. *Perfis: e como escrevê-los*. São Paulo: Summus, 2003.

VERNIERI, S. *Vozes da estante*. Edição do autor, 2009.

WERNECK, H. A arte de sujar os sapatos. In: TALESE, G. *Fama & Anonimato*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

WOLFE, T. *Radical chique e o novo jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WOOD, J. *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.





A HUMANIZAÇÃO DO RELATO DE UM NÃO-LUGAR ATRAVÉS DA DESCRIÇÃO

Thaís Brugnara Rosa

Uma das principais funções do jornalismo é proporcionar a compreensão da contemporaneidade. O período é também chamado pelo antropólogo e etnólogo francês Marc Augé (1992) de “sobremodernidade”, no qual se expandem os “não-lugares”: locais que carecem de identidade, relação e história. As ideias de Augé foram o ponto de partida para iniciar o processo de reflexão sobre a humanização do relato jornalístico em um não-lugar a partir do uso da descrição. Busquei olhar de outra forma para o espaço do anonimato durante o processo de apuração e escrita de *Há vida nos subterrâneos de Buenos Aires*¹, considerando que a reportagem é o gênero mais complexo do jornalismo e que tem como forte aspecto a admissão e a defesa da subjetividade através da utilização de histórias de vida e descrições do ambiente e dos personagens (tanto física quanto psicológica).

¹ Nota dos editores: *Há vida nos subterrâneos de Buenos Aires* de Thaís Brugnara está publicada na segunda parte deste livro. Sugerimos sua leitura prévia, pois este artigo estabelece diálogo direto com a reportagem.

Dediquei neste artigo especial atenção ao aspecto da descrição, considerando a carência de estudos sobre o tema, apontada por Wolfe (2005). O autor diz que o processo descritivo é, dentre os recursos do Novo Jornalismo, o menos entendido. A tentativa de unir o jornalismo ao conceito de não-lugar partiu da intenção de humanizar a reportagem realizada sobre o metrô de Buenos Aires de tal forma que o local deixasse de ser um não-lugar e passasse a ter as características de identidade, história e relação ao longo do texto.

Em um não-lugar, como um metrô, milhares de pessoas passam a cada dia. Elas parecem apenas números que circulam em espaços vazios de identidade, relação e história. São passageiros na coletividade de um não-lugar, mas não são *não-pessoas*. Para humanizar a história a ser contada sobre esse espaço, é importante entender como os não-lugares se constituem e o papel que os usuários – por vezes, subvalorizados – desempenham neles.

Na sobremodernidade, proliferam-se não-lugares

A contemporaneidade criou novos espaços e formas de circulação, consumo e comunicação, assim como também é criada por estes. Tal contexto afeta as representações espaciais e as relações interpessoais. As novas formas de alteridade influenciam a identidade, ainda mais quando o indivíduo





é visto como um elemento do coletivo e tem como tempo apenas o presente. Ao abordar os *espaços do anonimato*, Augé (1992) trabalha os conceitos de *sobremodernidade* para definir a época em que vivemos, e de *não-lugares* para nomear alguns dos espaços pelos quais circulamos.

Na atualidade, os referentes de identidade, relação e história mudam de acordo com a organização espacial: os indivíduos (que são usuários, clientes ou passageiros) não estão identificados, socializados ou localizados nesses lugares (AUGÉ, 1992). Eles apresentam sua carteira de identidade quando requisitados por algum funcionário e, no entanto, em grupo, uns não sabem os nomes, profissões e endereços dos outros. Dessa forma, a *sobremodernidade* “impõe, de fato, às consciências individuais, experiências e provas muito novas de solidão diretamente ligadas à aparição e à proliferação de não-lugares” (AUGÉ, 1992, p. 97, tradução nossa)².

A solidão *sobremoderna* é característica dos aeroportos e metrô, típicos não-lugares, da mesma forma que as instalações para circulação de bens e pessoas (como rodovias e estações de trens), e alguns meios de transporte propriamente ditos (trens, ônibus, aviões). A denominação também designa locais construídos com certas finalidades, como transporte e comércio e que prestam serviços passageiros, como supermercados, hotéis

² Original: “impone en efecto a las conciencias individuales experiencias y pruebas muy nuevas de soledad, directamente ligadas a la aparición y la proliferación de no lugares”.



e bancos. Neles, as pessoas permanecem durante um tempo de espera e não há maior encontro, nem são construídos vínculos fortes. Ou seja, as relações são limitadas a trocas de olhares (que provavelmente nunca mais se encontrem) ou a prestações de serviços: por exemplo, pedir informações em um aeroporto ou perguntar qual a linha se deve tomar em uma estação de metrô.

Para Augé, um não-lugar é o contrário de uma casa: é um ponto de trânsito e ocupação provisória. No entanto, qualquer lugar pode passar a ser um não-lugar, desde que não se defina como um espaço de identidade, relação e história. Por outro lado, um não-lugar deixa de o ser para as pessoas que nele trabalham, já que elas não estão ali apenas de passagem ou usufruindo de um serviço. Há que se lembrar, porém, que um não-lugar não deixa de ser um lugar, entendendo-o como um espaço físico constituído. O autor admite a complexidade do uso do termo quando afirma que “são, na verdade, polaridades falsas: o primeiro [o lugar] não fica nunca completamente apagado e o segundo [o não-lugar] não se cumpre nunca totalmente” (AUGÉ, 1992, p. 84, tradução nossa)³.

Os “não-sujeitos” nos não-lugares

Os não-lugares são considerados espaços do anonimato, porque neles “nem a identidade, nem a relação, nem a his-

³ Original: “son más bien polaridades falsas: el primero [o lugar] no queda nunca completamente borrado y el segundo [o não-lugar] no se cumple nunca totalmente”.

tória detêm verdadeiro sentido” (AUGÉ, 1992, p. 91, tradução nossa)⁴. O autor fala no caráter massivo e público, solitário e coletivo do metrô de Paris no livro *El Viajero Subterráneo* (1987). Ele cita os rituais diários nesse não-lugar: descer as escadas que levam ao subterrâneo, comprar a passagem, esperar, entrar no trem, voltar a descer e subir as escadas – tudo feito de forma sincronizada por milhares de pessoas.

No metrô de Buenos Aires, por exemplo, o usuário paga alguns centavos em pesos argentinos pelo bilhete. Na compra, ele aceita o contrato de uma relação simbólica de cumprimento das normas de conduta de tal espaço. No ritual da mesmice, o passageiro tem que obedecer aos mesmos códigos dos demais, registrar as mesmas mensagens e responder às mesmas apelações. Durante essa experiência, o passageiro não cria uma identidade singular, apenas semelhança e solidão.

Nos não-lugares, os indivíduos têm sua identidade compartilhada, pois são elementos de um conjunto. A personalidade de um passageiro não extrapola as informações de seus documentos. A identidade, para Augé, entra em crise quando um grupo refuta o jogo social do encontro com o outro. Ela inexistente sem a alteridade, isto é, sem experiências e relações com os demais. Em um metrô, por exemplo, dois amigos que tomam o mesmo trem conversam entre si, mas não mantêm relações com os outros para além de uma troca

⁴ Original: “ni la identidad ni la relación ni la historia detienen verdadero sentido”.



de olhares e de algum empurrão durante os horários de mais movimento. Quando há diálogos com funcionários de uma companhia metroviária, eles limitam-se ao esclarecimento de dúvidas e comentários sobre o serviço.

A identidade perde sentido onde as relações são superficiais. Nesses espaços da atualidade, vive-se a urgência do momento presente. Pouco importa a memória individual. Não se sabe a história do jovem que utiliza o trem para ir ao trabalho todos os dias, nem da senhora que lhe oferece bilhetes de loteria. Também são desconhecidas as memórias do homem que toca violoncelo em troca de moedas e as do motorista que transporta todas essas vidas solitárias.

No diálogo silencioso mantido com a paisagem-texto e que se dirige a ele como aos demais, o único rosto que se desenha, a única voz que toma corpo são os seus: rosto e voz de uma solidão tão mais desconcertante na medida em que evoca milhões de outros (AUGÉ, 1992, p. 106, tradução nossa)⁵.

Na paisagem-texto, estão os enunciados típicos de um não-lugar: prescritivos, proibitivos ou informativos falam de forma indiferente para o coletivo, ao mesmo tempo em

⁵ Original: “En el diálogo silencioso que mantiene con el paisaje-texto que se dirige a él como a los demás, el único rostro que se dibuja, la única voz que torna cuerpo, son los suyos: rostro y voz de una soledad tanto más desconcertante en la medida en que evoca a millones de otros”.



que para cada um dos passageiros. Alguns exemplos estão no metrô de Buenos Aires, os quais dirigem-se a um usuário-padrão. Assim, prescrevem: “Evite accidentes. No se some ni saque los brazos por la ventanilla”, proibem: “Prohibido fumar” e informam: “Salida”.

Nesse sentido, a escolha por retratar algumas vidas, entre as milhares que passam por um metrô, foi a maneira encontrada para enfatizar o elemento humano em um não-lugar, considerando que “qualquer pessoa procurada no anonimato tem alguma coisa importante a dizer” (MEDINA, 2004, p. 19). Dessa forma, a humanização do relato é obtida, principalmente, quando a pessoa é descrita e sua trajetória é contada. Medina (2004, p. 92) a define como um “processo de seleção de determinados traços do indivíduo ou de uma situação com o objetivo de pôr em destaque a vivência humana comum e geral”. O sujeito, portanto, deixa de ser apenas um detalhe dentro da coletividade de um não-lugar e passa a ser um protagonista. No jornalismo ocidental, a humanização do relato ganhou espaço na metade do século XX, quando os repórteres começaram a dar mais atenção a histórias de vida e a descrições das fontes de informação.



O depoimento desce ao subsolo

No final dos anos 1950, surge, nos Estados Unidos, um novo estilo de jornalismo. Muito influenciados por escritores como Balzac, Stendhal e Dickens, alguns repórteres começam a utilizar as técnicas do romance de realismo social, originando assim o Novo Jornalismo. O romance de realismo social foi resultado do espírito do século XIX, alavancado por uma burguesia ascendente, impregnada de certo utilitarismo econômico e de uma visão positivista da sociedade. Os romancistas da época abandonaram a perspectiva romântica para compor de forma verossímil o contexto histórico-social e seus personagens pela observação da vida cotidiana.

Mantendo a apuração rigorosa e o compromisso com a veracidade do relato, os jornalistas descobrem “os recursos que deram ao romance realista seu poder único, conhecido, entre outras coisas, por seu ‘imediatismo’, sua ‘realidade concreta’, seu ‘envolvimento emocional’, sua qualidade ‘absorvente’ ou ‘fascinante’” (WOLFE, 2005, p. 53). Revistas como *The New Yorker*, *Esquire* e *Rolling Stone* passam a publicar as reportagens de jornalistas estadunidenses como Tom Wolfe, Gay Talese e Norman Mailer, defensores do Novo Jornalismo. Esses repórteres rejeitam as técnicas e rotinas adotadas pela maior parte da imprensa e criticam o mito da objetividade informativa.





A noção de objetividade havia caído em um descrédito radical: em lugar de pretender-se objetivo, pensavam, o jornalista deve manifestar sua inevitável subjetividade, o fato de que todo informador professa crenças e se submete a normas e rotinas profissionais que condicionam seu trabalho informativo de maneira decisiva (CHILLÓN, 1999, p. 223, tradução nossa)⁶.

Cremilda Medina (2004, p. 45) acrescenta ainda: “Diz-se: o domínio do jornalismo é do real aparente e imediato. Mas, ao se tratar do Homem, seja ele personagem ficcional ou fonte de informação, não há como desvincular essa ambiguidade entre o real e o sonho, o objetivo e o subjetivo”. Com o Novo Jornalismo, ironiza Medina (2004, p. 51),

o depoimento desceu ao subsolo do entrevistado, afloraram traços de sua personalidade, revelaram-se comportamentos, valores. É a humanização conquistando um espaço na comunicação coletiva. O jornalismo noticioso ortodoxo não admite esses luxos com o indivíduo, que não merece tanto espaço.

Não apenas admitida como propaganda, a subjetividade deu liberdade aos *novos* jornalistas, que começaram a despertar para os traços humanos ao colocar os personagens

⁶ Original: “La noción de objetividad había caído en un descrédito radical: en lugar de pretenderse objetivo, pensaban, el periodista debe manifestar su inevitable subjetividad, el hecho de que todo informador profesa creencias y se somete a normas y rutinas profesionales que condicionan su trabajo informativo de manera decisiva”.

em destaque através de, entre outros elementos, o relato de histórias de vida e a utilização da descrição, outra ousadia característica do estilo.

Desde a sua concepção, o Novo Jornalismo é baseado em quatro características: a construção cena a cena, o registro do diálogo, a utilização de diferentes focos narrativos e a descrição. Este último recurso sempre foi, para Wolfe (2005), o menos entendido. Mesmo assim, os novos jornalistas dão, em seus textos, papéis de destaque a descrições de ambientes e personagens.

Os repórteres experimentam o ato de descrever, que se trata de uma “ambição bastante elementar e alegre de mostrar ao leitor a vida real: – Venha aqui! Olhe! É assim que as pessoas vivem hoje! São essas coisas que elas fazem!” (WOLFE, 2005, p. 55). Desse modo, os textos registram desde as decorações das casas até as peculiaridades de cada personagem: os gestos, manias, poses, estilos e

[...] outros detalhes simbólicos do dia-a-dia que possam existir dentro de uma cena. Simbólicos de quê? Simbólicos, em geral, do status de vida da pessoa, usando essa expressão no sentido amplo de todo o padrão de comportamento e posses por meio do qual a pessoa expressa sua posição no mundo ou o que ela pensa que é seu padrão ou o que gostaria que fosse. O registro desses detalhes não é um mero bordado em prosa (WOLFE, 2005, p. 55).



Ao registrar parte da forma de viver das pessoas de uma época, os novos jornalistas auxiliam a compreensão da sua época. O gênero jornalístico adotado por eles é a reportagem, o mais aprofundado, em que predomina a forma narrativa. De acordo com essa visão, portanto, sem narrativa não haverá reportagem. Esse gênero, porém, “ganha esse status quando incorpora à narrativa elementos que possibilitam a compreensão verticalizada do tema no tempo e espaço, ao estilo do melhor jornalismo interpretativo” (LIMA, 2004, p. 24).

A reportagem é considerada como a notícia aprofundada, que, entre as principais características citadas por Sodré e Ferrari (1986, p. 15), tem “a predominância da forma narrativa e a humanização do relato”. O trabalho jornalístico durante a construção de uma reportagem é geralmente dividido em quatro etapas distintas: a pauta, a apuração, a redação e a edição.

Na elaboração da pauta, deve-se ter em conta o enfoque humanizador que será dado ao assunto, além de eleger as fontes. Durante a apuração, recomenda-se buscar a interação com os entrevistados, observando como eles atuam no contexto em que estão. Além da entrevista aprofundada e “[...] aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida” (MEDINA, 2004, p. 18). Isso exige mais do que apurações feitas apenas através de meios de comunicação, como o telefone e a internet.



Durante a redação e edição, várias estratégias podem ser utilizadas: a primeira delas é destacar o ser humano, tornando-o protagonista da história a ser narrada; pode-se também narrar histórias de vida e utilizar descrições físicas e psicológicas do personagem, assim como do seu comportamento e do ambiente em que atua.

Há muitas maneiras de escrever uma história, mas nenhuma pode prescindir de personagens. Também são inúmeras as formas de apresentá-los, caracterizá-los ou fazer com que atuem. De qualquer modo, existe [ou deveria existir] sempre um momento na narrativa em que a ação se interrompe para dar lugar à descrição (interior ou exterior) de um personagem (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 125).

A descrição como uma fotografia no texto narrativo

O estudo aprofundado do papel da descrição – ainda um enigma não apenas para os novos jornalistas – dentro do texto narrativo torna mais eficiente sua utilização para humanizar o relato de um não-lugar. Descrever é representar pessoas, ambientes e objetos a partir do detalhamento, qualificação e/ou enumeração, que levam à elaboração do objeto em foco. Dessa forma, considera-se que qualquer elemento descritivo é composto por categorias. Segundo Coimbra (1993), a primeira dessas é um tema-chave (substantivo) que enuncia a sequência descritiva;



a segunda corresponde a uma série de subtemas (substantivos), enquanto a última atribui qualidade (adjetivos) a esses.

Trata-se de um processo análogo ao “enquadramento geral”, como mencionam Duhamel e Masseron (1987 apud MARQUESI, 2004, p. 82), quando comparam o ato de descrever ao de fotografar: “a descrição de um objeto necessita que esse seja submetido pela filtragem do olhar descritor”. Para iniciar uma descrição, visualiza-se o tema-chave dentro de seu contexto, colocando-o em relação aos demais. Em seguida, a atenção é voltada apenas ao objeto, sendo uma espécie de “recorte”, em que se parte para o detalhamento do mesmo.

O texto descritivo envolve claramente a subjetividade. Não apenas por emitir um juízo de valor pelo uso de adjetivos que qualificam o tema-chave, mas também porque, como afirmam Adam e Petitjean (1982 apud MARQUESI, 2004, p. 70), “uma descrição é sempre o produto de um ato de seleção rigorosa que engaja totalmente uma subjetividade enunciativa”. Nesse processo seletivo, não se consegue notar a totalidade do tema nem verbalizar tudo o que é percebido. Além disso, esse recurso depende dos conhecimentos (por exemplo, de linguagem) de quem a produz e, durante a recepção, do repertório do leitor.

Uma das funções da descrição está em construir o cenário da narrativa a partir do detalhamento do ambiente e retratar as características físicas e psicológicas dos personagens. Ambos criam um efeito de real ao aprofundar o relato



com detalhes dos lugares e das pessoas envolvidas. Por outro lado, a utilização do recurso pode fazer com que a narrativa perca seu ritmo, já que a pausa abranda a sequência de ações para, em seguida, chegar ao clímax. A descrição, portanto, imobiliza um objeto, espaço ou ser em certo instante do texto narrativo e fixa um personagem por um momento em que aponta algumas características que os compõem.

Os usos da descrição em textos, inclusive, guardam recorrências identificadas por Genette (1973 apud MARQUESI, 2004, p. 47), que a organiza em duas principais categorias: a primeira é a “de ordem explicativa e simbólica” e pretende “revelar e justificar a psicologia dos personagens”; a outra tem papel puramente estético, ou seja, o processo descritivo é um longo e detalhado ornamento no discurso. No jornalismo, conforme sistematiza Torquato (1984), os tipos mais comuns de descrição são: pictórica, topográfica e cinematográfica, as quais podem ser concomitantes. A pictórica é produzida a partir do detalhamento registrado por um observador imóvel em relação ao que é descrito, como se o descritor pintasse um quadro; a topográfica enfatiza certos aspectos do que é observado, normalmente relativos à massa e/ou volume e a cinematográfica destaca o jogo de luzes ou sombras, semelhante a uma construção de cena fílmica.

Lima (2004) incrementa ainda a classificação identificando a descrição cronográfica, ao registrar uma época ou



circunstâncias temporais; a etopeia, que traz à tona aspectos psicológicos dos personagens, e a prosopográfica, que descreve os sujeitos fisicamente. O recurso também pode ser dividido de acordo com o envolvimento do autor com o objeto descrito: a partir da observação direta (o fato em sua atualidade) ou indireta (reconstituído pela memória). Ambas são frequentemente utilizadas juntas em um texto narrativo.

O desafio descritivo na reportagem

O processo descritivo de um não-lugar enfrenta uma situação particular: onde a identidade carece de sentido, descrever é um desafio. O fato de imperar o coletivo em detrimento da individualidade torna contraditória a descrição, que enfoca o indivíduo como tema, ressaltando características psicológicas, físicas ou do próprio vestuário. A representação desses ambientes também é peculiar, visto que têm características únicas de espaços transitórios.

Na reportagem *Há vida nos subterrâneos de Buenos Aires*, o ambiente do não-lugar foi retratado pictoricamente, segundo a classificação de Torquato (1984), como no caso do metrô – “O céu é de cimento e a luz, artificial” – e no dos trens – “De cada lado há quatro bancos de estofado rosa, que formam uma rara combinação com o chão verde e as paredes amarelas”



e “São seis vagões, todos vermelhos. Cada um tem seis portas e dezesseis janelas”.

A intenção de humanizar o relato fez com que o texto focalizasse nas pessoas. Predominam, portanto, a etopeia e a prosopografia as quais, conforme Lima (2004), descrevem psicológica e fisicamente os personagens. Mesmo com as longas horas de entrevista, a principal dificuldade durante a redação foi o uso da etopeia, pois é arriscado descrever alguém psicologicamente. Além da complexidade do tema, o próprio fato de o personagem estar sendo interpelado pode alterar o seu comportamento por saber que é analisado e que sua história vai ser publicada.

A solução foi buscar também como os retratados mesmos gostariam de ser descritos. Héctor “se define como frio, sério e calculista”, enquanto Gabi relaciona ao seu signo algumas características da sua personalidade: “Soy trabajadora, organizada, celosa, soy muy celosa de mi hija’, diz a virginiana”.

Algumas vezes o narrador relata suas percepções de características psicológicas ou estados de ânimo, geralmente fragmentos misturados à narrativa: “Dario é o homem dos extremos que se deprime até quando seu time de futebol, o Independiente, perde”, ele “se sente sozinho” e vê no violoncelo uma forma de extravasar seus sentimentos de homem quieto e introvertido. Parte da descrição de Dario, aliás, está trabalhada na relação dele com seu instrumento, como antecipado na marca introdutória: “(...) o barulho do trem compete com notas de violoncelo”.



A sintonia de ambos, constatada durante a apuração, é reiterada na descrição, em que as partes do corpo do músico se misturam às do violoncelo, que “parece uma extensão do homem que nele trabalha”. “Os joelhos escoram o corpo do violoncelo”, Dario “transpira enquanto maneja o arco” e “o chão recebe a haste de metal e também os sapatos gastos do músico”. “Há uma energia estranha na combinação desse homem, sua música e o ambiente subterrâneo”, que para o próprio Dario é difícil de entender. E, como uma espécie de *autodescrição psicológica*, ele, que “parece sofrer com o tango que toca”, com o “golpe que, de tão sonoro, é doce”, conta que o som sai conforme seu estado de espírito: “Sólo sé que cuando estoy down, el sonido sale oscuro (o escucho así). En otros días, sale más blanco, más suave o con más presencia”.

As entrevistas não são compostas apenas por palavras, mas também por uma riqueza de gestos. Quando explorados, podem indicar estados emocionais e criarem efeito de realidade, dando mais força às afirmações e humanizando o texto. Dario passa de uma anedota para falar que está “en carne viva” e a confissão transforma a expressão da sua face: “Ri, Dario. Um riso breve. Depois, frágil, encolhe os lábios secos”.

Os vestuários também servem como detalhes simbólicos para indicar signos de *status de vida* (WOLFE, 2005). A partir deles, pode-se ter uma ideia dos estilos e gostos de Dario



– “veste uma camisa vermelha e dourada, que dá um pouco de colorido a esta figura de rosto sério, mas movimentos leves, de uma força leve” –, Héctor – está com o uniforme da Metrovias – e Gabi – com a camiseta da Loteria Solidária.

A descrição prosopográfica dos protagonistas é pictórica, ou seja, em meio à narrativa surgem detalhes da fisionomia dos personagens. Descobrimos Héctor, com seu “corpo pesado de 1,90 m e 98 kg” e cujos “olhos verdes enchem de expressão o rosto oval, com fortes traços de sua descendência alemã. O sorriso é largo. O cabelo, curto e de um tom cinza”. Imaginamos Gabi, segundo a perspectiva dos demais passageiros:

Alguns olham com indiferença para a mulher cujos olhos não param de piscar. O rosto é redondo e o nariz, arrebitado. Na sua pobre vaidade, os longos cabelos loiros deixam à mostra a raiz negra. A cabeça está um pouco caída. Os ombros, encurvados. Baixa, a maioria dos passageiros diria que ela está acima do peso considerado ideal. Sorridente, está além da simpatia média estipulada pelas faces deste vagão.

Conhecemos Dario, precedido pelos gestos que faz enquanto toca. “Dario parece sofrer com o tango que toca. Será Piazzola que o faz enrugar a testa, apertar os lábios? O rosto, de sobrancelhas grossas, está compenetrado, mas há fios rebeldes que bagunçam os longos e negros cabelos presos. Também negros, os olhos parecem cobertos por uma capa amarelada. Profundas,



as rugas não estão apenas na superfície da pele seca”. As rugas no rosto de Dario são metáfora para aquelas em seu espírito.

Um não-lugar, porém, humanizado

No intuito de humanizar o relato jornalístico, procedimentos específicos foram adotados em cada uma das fases da produção da reportagem. Na elaboração da pauta, a decisão foi retratar três pessoas que tivessem o seu sustento ligado ao metrô. Embora Gabi, Héctor e Dario sejam rostos anônimos em um lugar de coletividade, o Subte para eles é muito mais que um não-lugar: são suas vidas diárias.

Para contar suas histórias, a apuração foi feita através de longas entrevistas e horas de observação, as quais permitiram mostrar como atuavam nos subterrâneos portenhos. Outras horas de observação auxiliaram no registro de cenas cotidianas vistas na plataforma e nos trens, enquanto personagens secundários frequentavam o espaço de um não-lugar. Por essa razão, a descrição deles é somente física e superficial, de modo prosopográfico e pictórico, através de algumas características pontuais, dispensando-se, portanto, a etopeia.

O Subte, sendo um não-lugar, vive o imediatismo do agora, “como se cada história individual esgotasse seus motivos, suas palavras e suas imagens no estoque inesgotável de uma inacabável história no presente” (AUGÉ, 1992, p. 108, tradução



nossa)⁷. Resgatar a memória contando histórias do passado (e também do presente) dos três personagens significa amenizar a impessoalidade e o esvaziamento de sentido de um metrô.

Nos não-lugares, os indivíduos têm sua identidade compartilhada como elementos de um conjunto. Exemplo disso está na descrição que transforma os usuários em números: “São dois milhões de pernas gordas, magras, tortas. É o mesmo número de braços que carregam bolsas, filhos ou livros de ficção”. Também não há maior encontro com os demais, como explicitado no trecho: “Senta na outra ponta, a mulher carregando sacolas e seus dois filhos. Não se sabe por que tanto o casal quanto a família se apertam em seus cantos, se há espaço entre eles”. O jogo social do encontro é refutado: “Sentado ao seu lado, o homem de terno tenta ler o jornal dela – mantendo uma distância que não seja incômoda a ambos”. Na frase anterior, é evidente a resistência para formar vínculos e as relações limitam-se a pedidos de informações ou a trocas de olhares.

“O viajante assíduo de uma linha de metrô se reconhece facilmente pela economia elegante e natural de seu modo de proceder” (AUGÉ, 1987, p. 16, tradução nossa)⁸. Rituais diários são feitos de forma sincronizada por uma multidão que deve cumprir as mesmas normas de conduta, como reitera a passagem: “O ritual indica que agora eles devem entrar em

⁷ Original: “como si cada historia individual agotara sus motivos, sus palabras y sus imágenes en el stock inagotable de una inacabable historia en el presente”.

⁸ Original: “El viajero asiduo de una línea de metro se reconoce fácilmente por la economía elegante y natural de su modo de proceder”.





um dos trens vermelhos que chegam a cada cinco, ou, nas horas de mais movimento, três minutos”.

O usuário do metrô aceita essas normas quando compra o bilhete e, em seguida, passa pela roleta, ao selar um contrato imaginário em uma relação simbólica. “Os bilhetes são jogados no chão ou em alguma lixeira casual que apareça, depois que os passageiros passam pela roleta”. Na reportagem, lê-se “Tus ideas quieren edding”, uma publicidade dirigida para quem Augé chama de *homem médio*.

As últimas linhas do texto falam de um adesivo que “oferece um telefone para quem já cansou dos desencontros desta grande cidade”. Depois, citam-se as solidões consumistas, intelectuais e turísticas, as quais Augé (1987, p. 56, tradução nossa)⁹ se refere quando fala sobre “a coletividade sem festejo e a solidão sem isolamento” nos metrô.

Considerações finais

Nas escadas, plataformas e trens, há pessoas com diferentes faces e estilos que dão vida aos subterrâneos e também a este relato. Usuários ou trabalhadores, é deles que vêm os mais interessantes ruídos, cores e movimentos. Seja a melodia do violoncelo, a oferta de bilhetes da Loteria Solidária ou, então, uma voz sufocada que protesta: “Parece transporte de

⁹ Original: “la colectividad sin festejo y la soledad sin el aislamiento”.

ganado”. Há a riqueza da diversidade vista pelas cores, como na senhora em que tudo é tão amarelo, no marrom da bolsa bordada de domingo e no cabelo loiro com as raízes negras de Gabi. E tem a variedade de movimentos: a força leve com que Dario maneja o arco, a constância com que Héctor dirige o trem como se fosse uma ambulância. Enfim, há vida nos subterrâneos de Buenos Aires.

Entre as características citadas por Augé, a “relação” continua, na reportagem, tendo a falta de sentido típica de um não-lugar. A intenção inicial era transcrevê-la em forma de diálogo. No entanto, durante a apuração, constatei que os próprios personagens que trabalham no metrô têm poucas e superficiais relações nas suas horas de Subte. Apesar dessa constatação, as histórias de vida e as descrições conseguem dar identidade e história aos personagens.

Procurei chamar a atenção neste artigo para os locais atuais de passagem, onde impera o transitório, e encontrar, por meio da narrativa, um caminho alternativo à banalização do ser humano como indivíduo na sobremodernidade. Também tentei mostrar as possibilidades da humanização desses espaços utilizando o gênero jornalístico mais aprofundado: a reportagem.

Héctor, Gabi e Dario são apenas três vidas destacadas entre as milhares que percorrem diariamente o espaço do anonimato, deixando entrever o potencial humano dos “dois milhões de pernas gordas, magras, tortas”.



Referências

AUGÉ, M. *El viajero subterráneo*. Barcelona: Gedisa, 1987.

_____. *Los no lugares*. Barcelona: Gedisa, 1992.

CHILLÓN, A. *Literatura y periodismo: una tradición de relaciones promiscuas*. Barcelona: Aldea global, 1999.

COIMBRA, O. *O texto da reportagem impressa*. São Paulo: Ática, 1993.

LIMA, E. P. *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri, SP: Manole, 2004.

MARQUESI, S. *A organização do texto descritivo em língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MEDINA, C. *Entrevista: O diálogo possível*. São Paulo: Ática, 2004.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. *Técnicas de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.

TORQUATO, F. G. *Jornalismo empresarial*. São Paulo: Summus, 1984.

WOLFE, T. *Radical Chique e o Novo Jornalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.





REVISTA PROA: A EXPERIÊNCIA DA CRIAÇÃO

Giuliana Matiuzzi Seerig

“O primeiro livro que preciso que vocês leiam para a disciplina é *Tia Júlia e o escrevinhador*.” Recém-chegados no curso de Comunicação Social e ainda com um certo receio de questionar, não perguntamos o porquê do extenso romance de Vargas Llosa ser tão essencial para aquela aula de Radiojornalismo. Entre tantas limitações – ansiedades, preocupações, pressa e uma certa pretensão própria dos iniciantes – tínhamos talvez uma boa característica: éramos leitores valentes. Chegamos à universidade curiosos e sedentos por aprender. O professor Paulo Roberto Araujo, que acabávamos de conhecer, parecia querer que perguntássemos o porquê, que fizéssemos uma contestação. Como o questionamento não veio, respondeu-o, ainda assim, com sua voz calma habitual: “É que eu preciso que vocês leiam um livro em que o personagem principal é o rádio”.

A estranheza e as excentricidades marcariam essa relação desde o começo. Paulo era responsável pelas disciplinas da área de Rádio, da qual gostava muito e ministrava com dedica-

ção, embora nunca escondesse que seu interesse mais genuíno era mesmo a literatura. Sua postura conosco sempre foi de colocar-nos à prova. Chegamos ao jornalismo animados, curiosos; estávamos dispostos a fazer caso das provocações benévolas que o professor Paulo nos lançava. Era do seu feitio propor-nos pautas difíceis e trabalhosas, colocar-nos frente a entrevistas bem densas e, eventualmente, até dar complexas indicações de última hora pelo ponto enquanto estávamos apresentando programas ao vivo. Nos acostumamos à avareza de elogios e às críticas por vezes duras; havia reclamações, verdade, mas gostávamos daquilo. Aceitávamos os desafios. Entendemos, desde cedo, que o professor Paulo era alguém que nos apoiaria para que fizéssemos o que estava além do trivial.

Não havia uma aula em que uma lista de referências de autores não aparecesse para exemplificar qualquer episódio. A literatura vinha sempre à baila durante os encontros de Rádiojornalismo, era parte do dia a dia; aparecia nos temas dos programas que produzíamos, nas conversas com o professor. Naturalmente, a disciplina de Jornalismo Literário, ministrada por ele, nos parecia bastante atraente. Nela, abandonaríamos o jornalismo convencional, quase sempre mais preocupado com o imediato, e poderíamos explorar uma escrita mais detida e meticulosa. Famosa por sua carga de leitura e por render, ao final, bons textos, todos queríamos ser selecionados para a disciplina de Jornalismo Literário. A aprovação

dependia de um questionário a respeito dos livros que conhecíamos sobre o assunto e sobre as expectativas que tínhamos com a matéria. Um critério silencioso, talvez, era a simpatia do professor pelos candidatos: pela relação tão estreita que se desenvolvia no curso e por sua transparência em seus gostos e desgostos, era impossível ministrar uma matéria para os que não estavam de acordo com seus parâmetros. Aqueles que não demonstrassem inclinação para a leitura e buscassem ali simplesmente créditos a mais, por exemplo, eram eliminados.

Era uma disciplina baseada em uma experiência de troca, de uma intensa oficina de texto que exorbitava a sala de aula e era vivida nas livrarias, em encontros para cafés e em discussões que se estendiam em caminhadas pelo campus. A forma de avaliação era por meio da produção de um perfil e de uma reportagem, ambos longamente trabalhados em diversas versões, contando com os apontamentos e melhorias feitas em aula, com o professor e com a monitoria. Ao final do semestre, todos os que seguiam com a matéria tinham um bom material, que geralmente correspondia a um assunto de seu interesse – embora alguns temas de perfis fossem eventualmente sorteados (mais uma vez, em caráter de desafio), as reportagens eram de temas trazidos pelos alunos, com bastante espaço para trazer questões que lhes eram caras. Era impossível pensar a disciplina de Jornalismo Literário



ministrada por Paulo fora do círculo de pessoas apaixonadas pelos livros, pela literatura e por esse gênero híbrido de jornalismo e ficção que buscávamos exercer. Por ter uma excelente memória, recordava de muitos dos textos produzidos por seus alunos nos anos anteriores; queríamos ser capazes de escrever algo que pudesse ser lembrado por ele com aquele mesmo carinho. Foi nesse círculo de convivências e afetos que a revista *proa* nasceu, como uma maneira de dar corpo a essas práticas e celebrar esses interesses compartilhados.

O jornalismo literário como uma forma mais acabada e profunda de lidar com a informação foi o mote que norteou nossas escolhas ao longo de todo o nosso curso. Depois de cursada a disciplina, nosso entusiasmo em produzir uma revista para veicular as produções realizadas em jornalismo literário era gestado nos encontros na universidade e fora dela. Na busca por pautas para o rádio, nas leituras que fazíamos, nas pesquisas e entrevistas para reportagens de outras revistas que produzíamos (Revista *.txt*, *Fora de Pauta* e reportagens online), tudo era um acúmulo de experiências de que lançávamos mão, mais tarde, na *proa*. Pensávamos em um veículo que abarcasse o que sonhávamos fazer, no futuro, como jornalistas, algo à altura das nossas inspirações.



Execução

A proposta de criação de uma peça, na disciplina de Produção Gráfica, foi a faísca que precisávamos. Sob orientação da professora Viviane Borelli, tivemos incentivos e liberdade para seguir o que nossas inclinações nos sinalizassem. Seria suficiente ter criado algo não tão extenso e complexo – um bom panfleto ou um cartaz teriam sido suficientes, mas queríamos, como sempre, fazer mais. A nosso modo singelo, como nas experiências vanguardistas, era preciso circunscrever nossas ideias em um veículo, dar materialidade àquilo que entendíamos como uma forma fecunda e aprofundada do jornalismo. Nossa vontade era que o material produzido na disciplina, no qual investíamos tanto tempo e esforço, pudesse estar visível não só para o público da faculdade, mas também para nossos entrevistados e para leitores interessados em boas histórias que pudessem se deparar com a revista. Uma pensada interdisciplinaridade norteava a publicação: entrariam textos de ficção, crônicas, críticas e a arte visual, através do *design* e estilo da revista, bem como de ensaios fotográficos e ilustrações.

Definidos os primeiros parâmetros, foram necessárias muitas reuniões para que a ideia se desenhasse. Começamos a certeza de que queríamos publicar ali tudo o que não caberia em nenhum outro veículo: as reportagens longas, os perfis



em que trabalhávamos nuances e detalhes em diversos encontros, entre outros textos de crônicas e ficção que produzíamos. A intenção era fazer uma revista com textos para guardar, que pudessem ser revisitados depois de anos e ainda carregar a mesma força de quando foram escritos, uma vez que o foco dos repórteres estava direcionado ao caráter humano das histórias e não ao acontecimento imediato. Como bons leitores da então recém lançada *piauí*, que havia aberto uma janela nova no jornalismo brasileiro, queríamos mimetizá-la, em alguns aspectos, dando nosso tom.

Formado o grupo de alunos que começaria o projeto, nos reunimos em uma noite, com o propósito de decidir os detalhes sobre o veículo que criaríamos. Éramos parte do grupo inicial da criação: Marlon Dias, Olívia Bressan, Janine Appel, Débora Dalla Pozza, Eduarda Gindri e Giuliana Matiuzzi. Logo surge a ideia, tão antiga quanto fecunda, de se valer da metáfora da leitura como viagem. Buscávamos um nome atraente e significativo, que servisse bem para uma revista de jornalismo literário e se encaixasse na metáfora de viagem. Proa!, alguém gritou, seguido de ovação dos demais. O nome parecia duplamente adequado: não era apenas que a palavra vinha ao encontro da noção de viagem e navegação, como tínhamos pensado, mas também carregava o sentido oculto do acrônimo do nosso professor: Paulo Roberto de Oliveira Araujo. Era o que



constava em um dos seus endereços eletrônicos, para o qual enviávamos, às vezes nos estertores de uma madrugada, as resenhas e trabalhos que ele demandava. A ambiguidade, no entanto, fez parte do nosso jogo de cena: “A palavra *proa* remete a parte dianteira do navio, destacando-se antes das demais. Além disso, devido às vogais fortes, o termo tem sonoridade e é facilmente memorizado.”, assim a apresentaríamos, alguns meses depois, em um congresso, logo depois da edição zero. Não sabíamos, à época, que seria uma inocente homônima de uma das maiores revistas de arte da América Latina, a *Proa* fundada em 1922 por Jorge Luis Borges, Macedônio Fernández e Ricardo Güiraldes. O fato é menos uma vergonha do que uma feliz coincidência de, sem saber, imitar os grandes. Além da revista argentina, também se chama *proa* uma revista de Antropologia e Arte da Universidade de Campinas (Unicamp) e um veículo sobre arquitetura colombiano, além de ter dado nome ao caderno de cultura de Zero Hora – que surgiu, vale dizer, depois da nossa revista.

A partir de então, seguimos aumentando a imagem da viagem e do marítimo para construir uma personalidade da revista. Ao sumário demos o nome de “Bússola”; ao editorial, “Embarque”; os textos opinativos e entrevistas se localizariam no “Leme” e para a parte reservada à ficção literária, como algo que vai às profundezas, demos o nome de “Léguas submarinas”. A



maior seção, na qual seriam inscritas as reportagens mais longas, se chamaria “Rotas”. Extensos como as reportagens, os perfis entrariam na editoria “A bordo”, entendendo que as personagens perfiladas seriam os passageiros da embarcação. “À deriva” foi pensada como uma editoria flutuante de charges, ilustrações e fotografias. A seção “Resgate”, como quem busca tesouros antigos, era um espaço no qual se falaria sobre lugares ou situações históricas interessantes. Era uma espécie de reformulação em papel de um quadro de um dos programas que produzíamos na Rádio Universidade, chamado “Relíquias da casa velha”. O título, retirado da última obra de Machado de Assis publicada, tinha sido escolhido pelo professor Paulo, naturalmente. A seção “Um copo de mar...”, com inspiração em uma frase de Jorge de Lima, apresentaria resenhas sobre literatura, construindo, por vezes, paralelos entre duas obras literárias. A frase era uma das preferidas do Paulo, que a utilizava em seu perfil uma de suas redes sociais – outra referência que fingimos ser casual, mas que ele sentia ter sido, também, uma homenagem. Encerrando a revista, o “Desembarque” despedia-se com recomendações de filmes, livros ou quaisquer outras indicações artísticas. Uma bela âncora estilizada marcava o final das seções.

Ainda que criada como um projeto em uma disciplina, sempre teve a perspectiva de existir de fato. A realização veio em seguida, quando por incentivo da professora Viviane Borelli e do próprio professor Paulo, a *proa* passa a ter o financiemen-

to do Departamento de Comunicação Social para ser impressa, por meio da Gráfica da Universidade.

As edições

No editorial da edição zero¹, seguindo sua tradição de dedicatórias, Paulo Roberto declara que aquele número era “uma homenagem aos egressos do curso, aos amantes do jornalismo literário, aos 40 anos da Facos, à formação de jornalistas mais humanos e sensíveis, aos personagens e fatos que dão vida à atividade jornalística”. De caráter bastante experimental e recursos limitados, a primeira edição teve uma excelente recepção dentro e fora da Universidade. Isso pode ser atribuído a uma das características mais pronunciadas da publicação: a quase totalidade de reportagens e perfis considerava os temas locais sob uma nova perspectiva. Tópicos tão conhecidos e, ao mesmo tempo, inexplorados, como a Romaria da Media-neira, bailes da terceira idade que aconteciam nos clubes das cidades do interior e a rotina dos jogadores de bocha eram esmerilhados em suas faces culturais, sociais, poéticas. Nos perfis, o curioso de cada profissão e as particularidades de diversas personalidades eram esmiuçados através de diversas técnicas narrativas. O tema local era explorado, por outro lado,

¹ As edições da revista estão disponíveis no endereço: <https://issuu.com/proa_revista/>.



tomando um ângulo de amplitude: não era o local que falava para si mesmo, mas a busca de algo universal naquilo tão próximo. Isso também fica evidente nos ensaios fotográficos, que exploravam detalhes e paisagens de cidades como Santa Maria, Montevideú, Pelotas, Porto Alegre, Buenos Aires.

Na segunda e terceira edições, publicadas, respectivamente, em janeiro 2013 e janeiro de 2014, buscávamos aparar as arestas do projeto. A cada edição, íamos afinando conceitos e definições do que entrariam nas editorias: a exceção de “Rotas” e “A bordo”, que já estavam determinadas com reportagens e perfis, seguimos aprimorando as seções, tanto no espectro conceitual quanto no espaço reservado. Assim se deu, por exemplo, na seção “Um copo de mar...”, em que a princípio eram apresentadas, com perspectivas diferentes, duas resenhas de um mesmo livro. Nas edições seguintes, entendeu-se que era mais produtivo apresentar duas obras distintas em lugar de duas resenhas. Do mesmo modo, nas edições 1 e 2 passaram a ser inseridas entrevistas na abertura da revista, o que não aconteceu na edição zero e não estava previsto no projeto editorial inicial. Outro caso se deu na seção “Desembarque”, na qual inicialmente eram apresentadas breves resenhas e indicações de filmes ou álbuns, no espaço de meia página. Ampliando o conceito de despedidas, foram inseridos breves textos sobre locais de diversas partes do mundo (um café interessante em uma cidade, um museu com algum traço único). Havia



sempre a preocupação de harmonizar os conteúdos, para aquilo que se inserisse em cada edição dialogasse através dos temas ou do modo de apresentação. De fato, a preocupação estética foi crescente e evoluía a cada edição; a revista não deveria se parecer com um repositório de texto ou uma colagem, mas se constituir em uma disposição coerente e orgânica.

As apurações de todas as seções não possuíam nenhuma espécie de apoio financeiro: eram feitas pelos próprios autores, de modo autônomo e voluntário. Além do material que era selecionado a cada semestre dentre as produções realizadas pelos matriculados em jornalismo literário, ex-alunos do curso de jornalismo (que também haviam cursado a disciplina) eram convidados pelo professor Paulo para enviarem colaborações, assim como alunos ainda na graduação. Também era frequente que alguém oferecesse pautas e textos para as demais seções, sejam produções já realizadas que encontraram na *proa* um local ideal para publicação, seja por uma ocasião de uma viagem pessoal em que se aproveitava para enviar algum material para a revista.

Bastidores

Toda a produção era feita nos interstícios das nossas demais atividades, o que nunca foi um problema, e na verdade, nunca foi posto em questão. Estávamos ali por nossa própria



vontade e trabalhar na *proa* era sobretudo prazeroso, ainda que, como qualquer trabalho, cansativo. É claro que, volta e meia, sobrevinham as atitudes mais intempestivas de nosso editor: a vontade de isolamento, a fúria quando algo não saía como desejava – ou talvez, era como havia pedido, porém, ele mesmo mudara de ideia. Não foram poucas as vezes em que disse que “se retiraria do projeto” ou, então, “que cortassem o nome dele, se fosse ser desse jeito”. Era preciso então que fosse convocada uma reunião de última hora, no mesmo café de sempre, aos cuidados dos seus alunos mais diletos (seus monitores), para que os ânimos fossem amansados, para que o fizéssemos entender que, na verdade, não era bem assim e etc., e é claro que sua opinião contava muito, e mais um *espresso* com limão, por favor.

Ele nunca pensava em se retirar, de fato – era mais uma das suas facetas, suas idiossincrasias. Ao final dessas reuniões, ria que nem criança. Às vezes dizia, sem contexto: “revista *proa*”, e dava um sorriso discreto, como que rindo do fato de que havíamos batizado a revista com suas iniciais. No entanto, nunca comentou diretamente, já que era totalmente avesso a atos de vaidade. Isso talvez explique sua forma de agir, quando do lançamento da revista. Marcado para coincidir com o início da feira do livro de Santa Maria, em maio de 2011, era também um momento de celebração da concretização do projeto e, de algum modo, uma homenagem à atuação docente de Paulo Roberto. Assim que tivemos a data e comunicamos a ele, res-



pondeu que não poderia ir, sem explicitar muito bem o porquê. Já conhecíamos seu temperamento, embora desejássemos sua presença. Esperávamos que, de última hora, ele comparecesse, que sua negativa fosse provisória. De fato, no dia, saímos todos junto da Universidade, no campus em Camobi, em direção ao centro da cidade, onde aconteceria o evento. Ele nos acompanhou, sentou-se à mesa conosco, conversou com os presentes. De repente, ao iniciar a cerimônia – na verdade apenas um momento de apresentação, em que seria anunciada a publicação da primeira edição – Paulo havia sumido sem que ninguém percebesse. A professora Viviane improvisa algumas palavras, em nome do homenageado ausente. Paulo censuraria, talvez, esse meu relato: me diria para falar apenas da revista, dos livros e não dele. Era comedido ele mesmo em seus elogios – quem os ganhava, guardava contente – e, coerente, aplicava a mesma medida para si.

proa, enfim

Foram apenas três edições. Com a formatura dos mais envolvidos – já que quando a criamos estávamos no terceiro ano de graduação –, somada a certa sobrecarga que Paulo sentia nos últimos anos, a revista foi encerrada. Não gostaríamos que o projeto definhasse aos poucos, por isso decidimos por



seu encerramento logo após a terceira edição. Se há algo que possa ser dito sobre aqueles anos, sem dúvida, é que éramos curiosos e tínhamos muito entusiasmo. Corríamos de um lado a outro buscando pautas, procurando pessoas, escrevendo, produzindo fotos, revisando textos. Não havia uma clara divisão entre o tempo para fazer determinada tarefa e nossa vida: aquela era, propriamente, a nossa rotina. Nunca uma reunião tinha hora exata para terminar e as discussões podiam se estender e se transformar, se diluírem em divagações que eram levadas, às vezes, para muito longe do ponto em que haviam começado. Era desse movimento que eram feitos nossos dias, era assim que convivíamos e sentíamos que estávamos aprendendo. A criação da revista *proa* pode ser sintetizada em três pontos essenciais: amizade, entusiasmo e amor pela literatura. Amizade entre nós, estudantes, e amizade do professor conosco. O entusiasmo, é claro, tem a ver com a idade que tínhamos, nossas aspirações, a vontade de ver circulando algo que havia saído da nossa própria lavra, mas também com a crença de que o bom jornalismo precisava ter o seu lugar.

A *proa* foi, afinal, nossa experiência mais autoral, uma revista que fizemos do começo ao fim – uma síntese de muito daquilo que aprendemos na graduação em jornalismo: criar em equipe, editar, escrever, administrar os projetos. Com não muito mais que essa vontade e recursos limitados, foi certa-



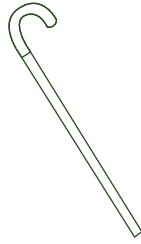
mente um projeto exitoso. Pudemos com ela sonhar e realizar, ao fim e ao cabo, sem medo da expressão soar lacrimosa. Foi aquela espécie de revista que, como jornalistas, na adversa segunda década dos anos 2000, nunca pudemos trabalhar para além da universidade. Como tudo aquilo que não é guiado pela praticidade, pelo útil, o jornalismo que aspira a ser arte será marcado por valores que, no cenário atual, estão bastante na contracorrente: a gratuidade e o desinteresse.

Com elas, homenageamos nossos mestres, celebramos a literatura, nos demos a possibilidade de criar. Como Coronel Buendía em *Cem anos de Solidão*, fabricávamos peixinhos de ouro para trocar por moedas de ouro, que depois seriam fundidas para criar novos peixinhos: a criação da revista não nos levava senão à prática do fazer. O que nos interessava, pois, era o trabalho, o fiar das palavras que se tecia e se consolidava nas edições que tanto prazer nos davam ter em mãos. Fomos ingênuos, como são ingênuos todos aqueles que anseiam por algo novo. Vivemos uma experiência de criação e autonomia que, seguramente, soubemos aproveitar e desfrutar em cada uma de suas páginas.





REPORTAGENS



HÁ VIDA NOS SUBTERRÂNEOS DE BUENOS AIRES

Thaís Brugnara Rosa

Eles correm e tudo o que fica para trás é vento. Não importa quem atrapalhe o percurso, quem peça esmolas ou ofereça cursos de inglês com 30% de desconto. Nem a garoa fria que cai do céu portenho nesta segunda-feira é incômoda. Eles só prestam atenção aos seus passos rápidos que economizam os segundos. Até que encontram a escada que indica o fim do mundo das ruas. A multidão chega ofegante a um outro mundo cujo céu é de cimento e a luz, artificial. Subte: assim é chamada a Terra dos subterrâneos portenhos, por onde corre o metrô de Buenos Aires.

Nem sempre tão rápido, o trajeto acima é percorrido um milhão de vezes a cada dia considerado útil na capital argentina. São dois milhões de pernas gordas, magras, tortas. É o mesmo número de braços que carregam bolsas, filhos ou livros de ficção. São obras de Borges ou Cortázar que, páginas abertas, colocam ainda mais pernas e braços nessa contabilidade.

Apesar dessas somas milionárias, a passagem que dá acesso a qualquer dos trens das 69 estações distribuídas em seis linhas não custa mais que \$ 4,50. Como um conjunto colorido de artérias no mapa da circulação subterrânea, essas são classificadas por letras (de A a E) e, respectivamente, pelas cores azul celeste, vermelho, azul, verde e roxo.

As linhas B e D são as mais movimentadas. Na primeira, de segunda a sexta, cerca de 320 mil bilhetes são pedidos diariamente. Os bilhetes são jogados no chão ou em alguma lixeira casual que apareça, depois que os passageiros passam pela roleta. O ritual indica que agora eles devem entrar em um dos trens vermelhos que chegam a cada cinco, ou, nas horas de mais movimento, três minutos.

“Parece transporte de ganado”, diz a voz de procedência duvidosa. Entre tantas bocas, aquela reclamou da sua falta de espaço. Assim é das 8h às 10h30, nos trens que vão à estação Leandro N. Alem, e das 18 às 20h, em direção contrária, a Los Incas. Cada trem costuma levar 26 minutos para percorrer os dez quilômetros correspondentes à linha B completa.

Antes, porém, de entrar em um dos vagões, os passageiros esperam no comprido corredor, que, em espanhol, recebe o nome de *andén*. Enquanto o trem não chega, eles assistem ao Subtv – que quase sempre transmite publicidades – ou analisam os demais usuários, que, na sua variedade de traços



e comportamentos, parecem ser uma opção bem mais interessante. São os mesmos atores com as mesmas cores da rua, só que sob a luz artificial.

Enquanto espera em um dos bancos, o casal de jovens abraçados conversa baixinho. Senta na outra ponta, a mulher carregando sacolas e seus dois filhos. Não se sabe por que tanto o casal quanto a família se apertam em seus cantos, se há espaço entre eles. O vazio se estende a todo o banco quando chega o trem que os levará da estação de Tronador a qualquer uma das onze paradas até chegar a Leandro N. Alem.

Os passageiros entram no trem. São seis vagões, todos vermelhos. Cada um tem seis portas e dezesseis janelas. A maioria dessas pode ser aberta, mas uma placa avisa: “Evite accidentes. No se some ni saque los brazos por la ventanilla”. Nenhum dos braços deste vagão se arrisca. De cada lado, há quatro longos bancos de estofado rosa que formam uma rara combinação com o chão verde e as paredes amarelas. Calcula-se que quarenta pessoas magras possam sentar em cada vagão: trinta e duas de qualquer peso, desde que não sejam muito baixas, podem, em pé, segurar-se nas argolas de apoio.

Acomodada no estofado, a magra senhora folheia o Clarín de trás para diante. Sentado ao seu lado, o homem de terno tenta ler o jornal dela – mantendo uma distância que não seja incômoda a ambos. Interessado na seção de Espor-



tes, ele perde a curiosidade quando ela vira a página. Ele olha, então, diretamente à menina que analisava sua tentativa de furto de informação. A garota disfarça e passa a ler as publicidades à altura do olhar de quem está em pé.

“Tus ideas quieren edding”, oferecem as letras garrafais. No entanto, o que chama a atenção é o senhor que agradeceu o assento oferecido e preferiu permanecer em pé. Em um dos braços, ele carrega o menino de uns três anos, que brinca com as argolas de apoio aos passageiros. Como um pequeno trapezista, ele transforma o trem em circo. Não recebe aplausos, mas alguns dos espectadores sorriem agradecendo pelos segundos fugazes de ternura.

Sorrisos que se vão quando um homem de cadeira de rodas impõe sua presença. Olhos muito azuis, pele escura e nenhuma perna. Ele veste roupas que um dia foram boas. Não se pode ver a marca do cigarro que carrega atrás da orelha. Deste homem, escapam sinais de uma distante beleza, apesar da testa franzida e das rugas compridas. Ele não sorri, não diz nada. Apenas entrega cartões com dizeres como “Toda la noche es corta para soñar contigo” e desenhos de ursinhos e corações. Após entregar o último, passa recolhendo os primeiros. Alguns passageiros devolvem os papéis, outros dão moedas.

Neste mesmo vagão, dois olhares se encontram por dois minutos. Até que ele desce em Carlos Pellegrini. Ela pas-



sa a roer as unhas até chegar a Leandro N. Alem. Talvez esses quatro olhos negros nunca mais se encontrem. Talvez todos esses passageiros nunca mais se encontrem. Ou continuem a dividir este mesmo espaço sem se perceberem. Assim é com Dario e Gabi, que não se conhecem nem se dão conta da mistura que produzem. É que, às vezes, perto de uma das escadas da estação Carlos Pellegrini, a voz dela encontra os acordes dele e se ouve a rara combinação que oferece bilhetes de loteria sob notas de violoncelo.

Da multidão que passa, alguns já devem ter dado uma moeda a Dario. Também é provável que tenham recebido a tentadora oferta de Gabi e pensado que, se desse certo, largariam o emprego. Perdidos em seus dramas diários, cansaram de analisar os demais passageiros. Cansaram da diversidade humana, entediada diante do alucinante ritmo dos subterrâneos. Tanto que nunca notaram nenhum dos motoristas que dirigem os trens das suas próprias rotinas.

Héctor é o detalhe essencial

Ao entrar no Cemitério de la Chacarita, ele respira fundo: “es como que se corta todo”. Solene, faz o sinal da cruz para atravessar o pórtico de colunas em estilo grego. “No sé lo que busco”, diz, enquanto caminha entre mausoléus que imi-



tam capelas com cruces pesadas e estátuas de anjos. “Me gusta leer los epitafios. Conoces a la gente, ve quien murió antes, si la mujer o el marido. Hay algunos en que los hijos están juntos...” Ele segue caminhando até que lê: “Lagrostini..., quién era?”, pensa uns segundos, “No, no conozco la familia”.

Quase não há velas nem flores naturais. “Esto no me gusta”, aponta, “cuando ponen flores de plástico. Es muy falso”. Na grade enferrujada da porta de um dos mausoléus, estão as flores falsas já sem cores. “A veces si encuentro una flor en la plaza, la traigo y la dejo en el primero que vea”. Com as mãos nos bolsos, Héctor Henrique Müller afirma: “Tampoco soy Drácula. Lo que me gusta es que es tranquilo. Ahora volveremos donde toda la gente está corriendo y atropellándose”.

Em uma das saídas laterais do cemitério, passa o trem que vem de Urquiza – o mesmo que o trouxe, há uma hora e meia, de Ituzaingo, a 35km de Buenos Aires. Diariamente, Héctor estaciona seu carro na estação Ruben Darío. Ele caminha entre os trilhos e, ao chegar à plataforma, segura-se em uma grade e sobe, de um só golpe, o corpo pesado de 1,90 m e 98 kg. Em seguida, enxerga o trem que o trará a Frederico Lacroze.

Ao entrar no trem, ajeita a calça cinza que, com a jaqueta e o blusão em gola V, compõe o uniforme da Metrovias — a concessionária de todas as linhas do subterrâneo de Buenos Aires. Da camisa azul, só se pode ver a gola. Também es-



condido, está o crachá de habilitação para condutores. Com ele, um santinho de Santa Rosa de Lima. Héctor crê em Deus, mas não costuma ir à missa, apesar do fascínio por igrejas. “Me gustan las iglesias antiguas, los estilos góticos, romanos... cuanto más antigua mejor. La más hermosa es la Catedral de la Plata y después la Iglesia de Lujan.”

Ele aponta para a Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, que deixa ver um pouco de sua antiga beleza envolvida pelas casas do município de Lourdes. O trem vai passando pela cidade e o olhar de Héctor acompanha a corriqueira paisagem que fica para trás... Até que some. Nesta viagem de trinta minutos, Héctor costuma dormir ou trocar mensagens pelo celular. A destinatária é uma mulher com quem ele tem uma “relación aberta” há dez anos. “Ni pienso en casarme, tantas veces no puedo equivocarme.”

O primeiro casamento de Héctor foi aos 19 anos, com uma colega de trabalho em uma empresa de seguros. Viveram juntos por oito anos. A separação aconteceu porque, quatro meses depois de nascer o primeiro filho do casal, Brian Alexander, veio outro, apenas dele: Juan Manoel. Após o divórcio, Héctor passou a viver com a mãe de Juan, com quem esteve casado durante vinte anos. Da relação, também nasceu Evelyn Gisela, agora com treze anos. Todos os dias, Héctor vê Juan e Evelyn. Para Brian, que mora com a mãe em Mar del Plata, ele liga. Os três filhos se dão muito bem. Assim como as duas ex-esposas. “Ya



pasó, pero en la época, una no saludó la otra por dar la luz.”

Héctor avisa que é hora de descer do trem. São 16h58min. Há dias em que, como hoje, o céu e o relógio permitem uma caminhada no cemitério. Se não, ele vai direto para a estação subterrânea Frederico Lacroze, a apenas duas quadras. Ao chegar no trabalho, ele vê os horários da planilha no verso de urna passagem usada. Às 17h23, Héctor, que, aos nove anos, sonhava em ser piloto de avião, passa a dirigir um dos trens da linha B. Ele encaixa a chave que libera os comandos e a que controla o freio. Na pequena cabine, senta com a coluna reta em uma cadeira bordô. Héctor conta que o metrô começou a funcionar com a linha A em 1909. Os vagões, no entanto, são de 1964.

Héctor acelera. A velocidade chega aos 60km/h. A 200m da próxima estação, a velocidade começa a ser reduzida. Ao chegar, ele procura a placa com o número seis, que está no chão, indicando o lugar exato onde deve estacionar o trem. Andréa, a guarda, está a seis vagões, ou seja, 108m de distância. Ela ordena a abertura das portas. Durante os 15 segundos em que o trem está parado, Héctor observa a saída e entrada de passageiros através de dois espelhos grandes presos na parede da estação. Logo, volta a acelerar, despedindo-se da estação Dorrego, que, segundo ele, está 50m abaixo da Terra.

Héctor se define como frio, sério e calculista. “Tengo constancia en mi trabajo y no perco el contról jamás. Es un de-



safío, me gusta pensar el tren como si fuera una ambulancia. Yo llevo un montón de vida y tengo que llegar sí o sí, lo más rápido posible”, afirma enquanto divide o olhar entre os minutos impostos no verso do bilhete e o celular. Ele contabiliza uma média de dois minutos entre uma estação e outra.

Ao chegar à última estação, Leandro N. Alem, Héctor estaciona o trem e pega duas chaves. Passageiros saem e entram, repetindo o costumeiro desfile de faces e estilos. Dos que partem, a maioria olha em direção às escadas. Alguns verificam os relógios. Outros têm olhos perdidos no nada. Não se sabe se alguém percebeu que o motorista, Héctor, caminha rápido entre eles em direção à outra extremidade da plataforma.

Quando chega ao último vagão, que agora será o primeiro, os procedimentos são os mesmos. Ele põe a chave que libera os comandos e, depois, a que controla o freio. No trajeto, Hector aponta: “¡Mira, una pareja de tango!” Em Carlos Gardel, os dançarinos apresentam alguns passos no pequeno espaço que há na plataforma. Dos furos que estão na cortina da cabine, a imagem é incômoda. Há uma multidão de pulsos, entre relógios caros e baratos, algumas pulseiras e apenas uma luva. As mãos seguram firmes as argolas em busca de equilíbrio para todo o corpo. A voz forte de Héctor pede a cada estação: “Las portas libres, por favor. Muchas gracias”. Até que, em Malabia, diminui o número de ternos, sobretudo os



e blusões. A maioria dos passageiros já pode ir sentada.

Ao passar por Frederico Lacroze, o cimento cinza dá lugar a uma instantânea visão do entardecer. Héctor aproveitou esses segundos para saber como está o clima lá fora. “O veo si llueve por la gente empapada que entra, porque acá dentro se pierde un poco la noción de sol o lluvia, de frío o calor, si todavía es día o ya es noche.” Entre uma freada e outra, Héctor conversa e sorri. Os olhos verdes enchem de expressão o rosto oval, com fortes traços de sua descendência alemã. O sorriso é largo. O cabelo, curto e de um tom cinza. A rotina de cimento e estações segue até às 22h50min, quando estaciona o trem na oficina da agora silenciosa estação de Frederico Lacroze. Ele sobe a escada, olha para o céu sem estrelas e sorri. Na rua iluminada, Héctor é uma mancha cinza que se distancia.

Apesar das unhas vermelhas, é tudo tão amarelo nessa senhora de mais de 60 anos... A calça, o cabelo, o rosto, os dentes. O casaco de pele amarelo. Há uma tragédia amarelada na capa do La Razón que ela lê, com a data de 20/06/07. A manchete é concisa: “Asesinaron de un balazo en la cabeza a un contador”. Mesmo assim, neste vagão, há gente que sorri. Sorriem os garotos que descem em Malabia e, nas escadas, passam por Marcela. Há outra tragédia no olhar de Marcela, que, todos os dias, pede: “Una monedita, por favor”. Corcunda, quase sem dentes e sem juventude, ela aceita contar sua história. Marca



para o dia seguinte, às 14h, quando dirá que se esqueceu do compromisso. Depois, gritará que querem prejudicá-la. “¡Que me dejen trabajar en paz!” E dará um fim na tentativa de diálogo para continuar com seu monólogo: “Diez centavos, por favor”.

Gabi joga o jogo da vida

O tempo passa preguiçoso nesta tarde em um vagão entediado. O garoto de boné cochila. Sua cabeça cai lentamente até que uma voz o desperta: “Muy, pero muy buenas tardes. Les paso a mostrar y entregar los billetitos de loteria solidaria, el valor es una moneda nada más, con un premio de 260 mil pesos”. Quem é essa mulher que ousa interromper seu sono? Apenas um senhor de cabelos brancos e óculos de grau parece prestar atenção à dona da voz grave e cheia de vida. Ela olha para ele e esboça um sorriso. Depois, locomove-se para o lado oposto do vagão com uma dificuldade quase invisível.

Aos passageiros que fingem não a ver, deixa a oferta em seus colos. Alguns rejeitam movimentando a cabeça, dizendo “não” para essa mulher de 36 anos, que veste calça jeans, tênis e uma camiseta vermelha que estampa em amarelo: Loteria Solidária. “Hola, ¿qué tal? Usted no va a negarme. Es sin compromiso.” Ela põe o bilhete em cima da pasta do mesmo senhor que a escutava atento. A mulher segue prometendo sorte.

O vagão para em Pueyrredón. Os passageiros que en-

tram logo recebem a rica proposta. Alguns olham com indiferença para a mulher cujos olhos não param de piscar. O rosto é redondo e o nariz, arrebicado. Na sua pobre vaidade, os longos cabelos loiros deixam à mostra a raiz negra. A cabeça está um pouco caída. Os ombros, encurvados. Baixa, a maioria dos passageiros diria que ela está acima do peso considerado ideal. Sorridente, está além da simpatia média estipulada pelas faces deste vagão.

Gabriela Patrícia. Ou Gabi, deixa à vontade para quem queira lhe tratar com intimidade. A sua vida íntima, aliás, ela expõe sem constrangimentos. Apenas não fala do problema de visão, que começou na infância, quando ainda era uma menina que não gostava de ir ao colégio. Gabi estudou até o terceiro ano do Ensino Médio. Desistiu, pois era difícil conciliar com o trabalho de babá. Aos 18, abandonou o sonho de ser professora e passou a vender seu tempo para uma fábrica de sapatos. Um dia, pediu demissão. “No me aguantaba el encierro. Me quedaba once horas sin ver el cielo.” Desempregada, podia ver o céu enquanto vendia salgadinhos. “Me gustaba. Veía toda la gente”. Até que, há cinco anos, pediu informações a uma mulher que trabalhava na Loteria Solidária.

A cada manhã, Gabi busca 130 bilhetes no escritório da Loteria Solidária. À noite, devolve os que sobraram. Cada um custa um peso. Desse valor, trinta centavos ficam com ela. Muito longe dos 260 mil pesos que anuncia, recebe uma média men-



sal de 968 pesos. Com esse dinheiro, sustenta as três mulheres da casa amarela de Glew. Todos os dias da semana, Gabi dá um beijo de despedida no rosto da mãe, de 72 anos, e outro na filha, de 11, antes das 7h30min. Ela pega o trem que leva uma hora e meia até Constitución. Depois da viagem, toma o metrô na linha C e desce na Diagonal Norte. O movimento é um dos motivos que faz com que Gabi goste do Subte. “Me gusta el ambiente lleno de gente diferente. Estar en contacto con esa gente y darle un billete que por ahí pueden salvarse.” No entanto, confessa que não costuma apostar na loteria. Joga apenas o jogo da vida.

Nessa loteria, Gabi não teve a sorte do dinheiro. Sim, é questão de sorte, diz ela. Sorri. “Sí, es injusto, pero no se puede dar la vuelta, hay que aceptar.” Aceitar. Faz parte do jogo. “Es jodido, yo sé. Pero no hay lo que hacer, hoy la única que trabaja soy yo. No puedo comprar ropas, ni ir al cine, tampoco tomar un café con una amiga.”

Para completar a renda, depois de sete horas vendendo bilhetes para a loteria, ela para em uma das escadas da estação Carlos Pellegrini e vende chocolates durante mais uma ou duas horas de indiferença. Porém, ressalta que poucas pessoas são antipáticas. “Si dicen ¡NO! Yo digo: ‘Bueno, perdón, señor’. Pero es raro encontrar gente así”. Raro também é sonhar, mas Gabi é teimosa. A cada mês, guarda o pouco que sobra da renda para dar à filha uma viagem ao exterior. O lugar, Paola Analía é que vai escolher quando fizer 15 anos. “Doy mi vida



por mi hija, es lo más importante en mi vida.” As duas passam os finais de semana juntas, dias em que Gabi não trabalha porque o movimento no Subte é muito baixo. Ela aproveita para ajudar Paola com as tarefas da escola e para passear.

Com o olhar sempre em movimento, Gabi conta que hoje já não tem mágoas. E ri “de las trampas del pasado”. Ela não sabe quanto tempo passou pensando em homens errados. A pior experiência foi com o pai de Paola, de quem se separou há oito anos, após uma traição. Gabi diz que não está procurando ninguém, mas que gostaria de ter um namorado. “Hay hombres que quieren... un guitarrista del Subte, otro vendedor de la línea C, pero no son mi estilo, no siento atracción. Cuando conoces la persona cierta es así como un flash.”

Às vezes, Gabi sente uma agonia que não sabe explicar. “Quizás sea el tema económico, trabajar mucho, acumular un cansazo...” Talvez seja um pouco de tédio porque tudo é sempre tão igual. É só Paola que cresce. “La rutina... hay que ser fuerte para despertar todos los días...” A tristeza, ela tenta asfíxiar com a fumaça do cigarro. «Pero no va a pensar que es siempre, generalmente estoy de buen humor”.

Gabi acompanha diariamente o horóscopo em jornais e revistas. Nascida em um quatro de setembro, crê que tem muito a ver com a descrição de seu signo. “Soy trabajadora, organizada, soy muy celosa de mi hija”, diz a virginiana que acredita no acaso. A vida é simples. É questão de sorte,



assim como a loteria. “Tengo suerte, tengo a mi hija.”

Com admirável energia, Gabi continua espalhando seu perfume doce no vagão monótono, enquanto recolhe de volta os bilhetes ou as moedas de um peso: “Muchas gracias a todos y quien quiera y pueda colaborar conmigo les deseo mucha, pero mucha suerte.” O senhor de óculos nem mexeu no bilhete que está em cima da sua pasta. Logo o tédio deste vagão dará lugar ao alucinante fervor das 19h. Faz parte do jogo.

Os tons no Subte são mais coloridos, e o ritmo é o suave descansar dos passageiros de domingo. Muitos deles descem em Carlos Gardel, onde há um acesso que leva direto ao Shopping Abasto. No caminho, o teclado de Angelina e o violino de Sérgio. A música clássica faz com que a pequena multidão pare sem se importar com a ventania que vem da escada e brinca com os cabelos alheios, arrasta tranquila e circularmente um folheto de propaganda e leva também o balão amarelo da menina no seu momento de distração. Ela chora, denunciando o roubo do vento e atrapalhando os acordes.

Dario é o homem do doce golpe sonoro

Às vezes, uma dor. Às vezes, um afago. Ouvidos sensíveis que sobem, descem ou passam perto desta escada



em Carlos Pellegrini têm uma experiência singular. Nela, das 16h às 20h30min, o barulho do trem compete com notas de violoncelo. O instrumento de quatro cordas é uma extensão do homem que nele trabalha. Os joelhos escoram o corpo do violoncelo – ainda mais belo pelos dois recortes em forma de efe e pelo brilho da madeira envernizada. O chão recebe a haste de metal e também os sapatos gastos do músico.

Sentado em um banco, Dario – assim, sem dizer o sobrenome – transpira enquanto maneja o arco. De estatura média, ele veste uma camisa vermelha e dourada, que dá um pouco de colorido a esta figura de rosto sério e movimentos leves, de uma força leve. Dario parece sofrer com o tango que toca. Será Piazzola que o faz enrugar a testa, apertar os lábios? O rosto, de sobrancelhas grossas, está compenetrado, mas há fios rebeldes que bagunçam os longos e negros cabelos presos. Também negros, os olhos parecem cobertos por uma capa amarelada. Profundas, as rugas não estão apenas na superfície da pele seca.

Dario pouco olha aos passageiros. Sua atenção é quase toda para “el instrumento exigente, de un sonido grueso, que pega a la gente”, define e, na definição do seu espanhol, “pegar” remete a “golpear”. É um golpe, mas um golpe que, de tão sonoro, é doce. Há uma energia estranha na combinação desse homem, sua música e o ambiente subterrâneo. Também para ele é difícil de descrever: “Siento una suerte de magia, pero no me pregunto mucho. Sigo haciendo”. Pensa um pouco mais e completa: “no



sé lo que pasa, lo que transmito al receptor. Sólo sé que cuando estoy down, el sonido sale oscuro (o escucho así). En otros días, sale más blanco, más suave o con más presencia”.

A acústica do metrô, ele diz não ser das melhores, mas já se acostumou. Assim como se adaptou à recepção temperamental dos passageiros. “Cada día es distinto. Dependiendo del estado de ánimo de los pasajeros, nos valoran bien o mal.” Aqueles que “valoran bien” fazem com que ele ganhe uma média de 7 a 10 pesos por hora. De acordo com Dario, a época mais lucrativa é a que envolve o Natal e o Ano Novo, pois “las personas están más emocionales”.

Há dois anos, essa é a fonte de sustento de Dario, que afirma ter começado a tocar violoncelo há cinco anos. Ele já tinha bons conhecimentos de violão, mas buscava algo mais melódico e expressivo. Estudando em uma escola municipal, Dario tinha aula duas vezes por semana e, como não possuía o instrumento, “estudiaba meo salteado”, enquanto esperava horários e salas vagos para ensaiar. “Cuando lo conseguía, era mágico. Había un encantamiento en investigar las cuerdas, hacer sonarlas con un buen timbre...” Há dois anos, a família comprou um violoncelo usado. Ele não sabe quanto custou o presente, mas reconhece que foi um recomeço. O novo Dario abandonou os tantos anos de bico como eletricitista e passou a fazer parte dos músicos que põem um pouco de melodia neste ambiente de curtas esperas.

Quando começou no Subte, no mesmo lugar que toca



hoje, as pessoas perguntavam se ele estava com um saxofone, um bandoneón ou uma harpa. Dario achava engraçado. Outros, com mais afinidade com o instrumento, emocionavam-se: “Era una novedad. Ellos me agradecían por lo que escuchaban”. E havia os que criticavam. Estes eram, na sua maioria, tangueros. “Ellos se enojaban mucho. Decían: esto no es tango. Tango no se hace con violoncello.” Os argentinos dizem que o tango é uma tristeza que se baila. “Es una identidad fuerte. No es tocar Beatles o Bossa en Argentina. Estamos en otro paisaje. El tango pinta cosas que me pasan. Siento y sufro con lo que toco.”

Dario é o homem dos extremos que se deprime até quando seu time de futebol, o Independiente, perde. “Si es tristeza, tiene que ser tristeza. Mi personalidad es así.” Ele vive na mesma casa onde nasceu, em Bella Vista, na área da Gran Buenos Aires. Moram com ele, uma tia e uma irmã. Sobre a convivência, balança a cabeça indicando um “mais ou menos”. “Estoy mi dando cuenta que los otros también tienen sus problemas.” Dario divide com elas as tarefas de casa e preparar o mate. “Es la única ‘ina’ que consumo”, refere-se à cafeína da erva-mate.

Sim, Dario se sente sozinho, mas foi ele quem optou por se afastar dos amigos. A família é outra história, só que a distância é quase a mesma. Lamenta, mas não vê outro caminho. “Me cuesta, es doloroso, pero aprendí a disfrutar de la soledad, es una lección.”

Dario lembra que, aos 18, já bebia em festas e que, aos



34, deu-se conta de que não podia parar. “Fue cuando asumí que estaba enfermo... me aislé de las amistades.” Ele teve que deixar o grupo em que tocava folclore, porque todos os músicos bebiam, não atendeu mais aos telefonemas e encerrou sua conta de e-mail. Passou a ir três vezes ao dia a três grupos de ajuda a alcoólatras. Proibiu a entrada de álcool na sua casa, deixou de comer salame e queijo (porque sentia vontade de tomar cerveja), parou de escutar folclores (que lembravam o vinho) e não foi mais a recitais (pois lhe deixavam muito emotivo). “Hasta las emociones, las tenía que cortar.”

Dario ri quando conta do seu passado. Ri, Dario, um riso breve. Depois, frágil, encolhe os lábios secos. “El alcohol es como una capa, que la sacan cuando está sin beber. Te quedas en carne viva. Todo te lastima mucho más.” Sem a capa carrasca, afirma, convicto: “Yo me torné otro tipo” – o que incomodou sua segunda esposa, com quem vivia na época. “Cambió la forma de administrar el dinero, empecé a poner ordenes en mi casa, paré con las fiestas, dejé de algunas tradiciones familiares que disfrutaba...” Ela, com que estava há intermitentes três anos, pediu o fim do relacionamento e levou consigo o filho deles.

Dario tem outros três filhos do primeiro casamento, que durou dez anos. Eles estão com 18, 20 e 22 anos. “No nos llevamos bien, pero hay diálogo”. Também vê pouco o filho do segundo casamento, mas conta, com um orgulho tímido, que “le explota el artístico. Dibuja bien, saca sonidos de instrumen-



tos, es sensible...”. A abstinência de Dario tem a mesma idade deste filho. Há sete anos, ele desperta a cada dia, cedo da manhã, e se lembra de que foi alcoólatra. Antes de dormir, vai pensar que se passaram mais 24h sem beber. “Es una guerra diaria, en que tengo que ser riguroso para ser libre.”

De segunda a sexta, Dario carrega o pesado violoncelo durante a viagem de trem, que dura uma hora de sua casa à estação de Retiro. Depois, mais alguns minutos até o metrô. Para ir ao trabalho, diz que é tranquilo; mas, na volta, quando está cansado, parece que os oito quilos do instrumento pesam muito mais. Também pesam os sentimentos extremos. Dario quer mudar sua forma de sentir. Ele busca um ponto de equilíbrio entre a depressão e a euforia. “Estoy me volviendo más espiritual, tratando de manejar mis emociones”.

Há uma semana, os portenhos tiveram uma surpresa. Era um domingo melancólico, em que Dario e o céu estavam prestes a chorar. Depois da chuva, veio a neve – o que há 89 anos não acontecia em Buenos Aires. Dario foi ao pátio e viu que o gramado ficava branco. Disse à irmã: “Mira lo que ella nos manda del cielo”. Ambos sentiram a presença da mãe, morta de uma parada cardiorespiratória há quatro meses. “Era como si fuera cosa de ella” – e completa, juntando evidências: “Yo la relaciono mucho con el color blanco, por la pureza”. A mãe morava com eles. Ela sempre esteve ao lado de Dario na sua guerra contra o álcool. Ao falecer, com 68 anos,



ela diz que ela o deixou sozinho. “Como que diciendo: ‘tiene que aprender sólo’. Yo ahora estoy más en carne viva.”

Naquele domingo, Dario saiu a caminhar pelas ruas, a brincar com a neve, a deixar o branco purificar sua capa negra. “Lo viví muy emocional. La nieve no es como la lluvia que cae pesada. La nieve cae como que baila.” Como, se ao som de um tango no violoncelo, bailasse uma tristeza.

De Frederico Lacroze a Leandro N Alem, os trens da linha B correm embaixo da Calle Corrientes. Nenhuma estação leva o nome dessa rua, apenas das suas perpendiculares. Resignada, a Corrientes segue sentindo, debaixo de si, cócegas de um mundo subterrâneo. Entre os números 3900 e 4000 da Rua Corrientes, está a entrada da estação Medrano. Colado às grades de ferro, o adesivo oferece um telefone para quem já cansou dos desencontros desta grande cidade: ‘UNIÓN DE PAREJA 4952-9610’ As almas que seguem sendo solitárias entre os três milhões de portenhos e os outros doze milhões de habitantes da Gran Buenos Aires – e preferem não ligar para a Estrella del Amor – encontram outras solidões no trem que leva à Leandro N Alem. Algumas solidões consumistas descem em Puyerrredón ou Pasteur, onde está a região do Once, paraíso para os que são seduzidos até por roupas baratas. Solidões intelectuais “baixam” entre Callao e Carlos Pellegrini: é que, do lado de fora da linha de concreto, encontram-se sebos, cafés, cinemas e um que outro teatro bom; há também o Obelis-

co de tantas fotos de solidões turísticas. Na *Corrientes* n° 200, a estação de Leandro N Alem indica: é o fim da linha.

COMENTÁRIO DA REPÓRTER

As reuniões da monografia aconteciam em diferentes cafés da cidade. Ele sempre levava um livro novo e a sua moleskine. Pedíamos cappuccino e nos perdíamos nas narrativas, fictícias ou não, que fazem a vida ser interessante e tão simples, como dois sonhadores que tomam uma xícara de café em plena tarde de terça-feira. Enquanto tantos trabalhavam, nós falávamos de “vagabundos iluminados” e desenhávamos literários jogos de amarelinha.

Paulo Roberto era apaixonado por perfis de tipos comuns, pois toda pessoa encontrada em meio ao anonimato tem algo interessante a nos contar. Era março de 2007. Eu estava na casa dele para uma reunião sobre meu trabalho de final de curso. Foi quando Paulo me disse que queria voltar a ter gatos. Eu concordei, pois “gatos combinam com os livros” - eles se esquivam de revelar seus segredos.

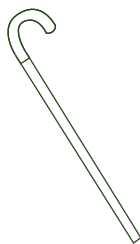
Já tínhamos combinado que o tema escolhido seria o jornalismo literário e a humanização do

relato, mas não sabíamos qual seria o foco. Então, Paulo falou que Tom Wolfe citava a descrição como o recurso menos compreendido do Novo Jornalismo. Ele indicou vários livros e discorreu sobre o quanto descrever aprofunda o relato. Também alertou que temos que ser muito cuidadosos com os enganos da descrição, pois podem envolver julgamento precipitado. Ele mostrou o braço do seu sofá branco, que estava manchado de preto. Disse: “Se você visse este sofá assim, pensaria que está sujo, mas é que folheio os jornais aqui. Isso é tinta de jornal e não sai tão fácil. Se você descrever e concluir sem apurar, você pode pensar que sou sujo; mas, se checar, verá que sou um leitor.”

Fui morar em Buenos Aires – a cidade onde a maioria dos sebos tem gatos. Sempre conversávamos pelo messenger (era nosso café virtual). Logo que escrevia cada perfil, enviava por e-mail para o Paulo. Ele retornava repleto de observações e me pedia para reescrever – no final, assinava: “abraço saudoso” ou “com afeto”. Agora, passados tantos anos, eu vejo o quanto ele estava sempre disponível para ler várias vezes o mesmo texto e o quanto acreditava em seus alunos e lhes dava toda sua confiança e amizade quando sentia que era correspondido.

Eu penso no Paulo como um verdadeiro professor – aquele que vivencia o que ensina. Ele vivia poesia e lutava para que o cotidiano não fosse entediante e mecânico, como, às vezes, se torna o jornalismo diário. Em vários momentos, citou a frase de Jorge de Lima: “Há sempre um copo de mar para um homem navegar”. A biblioteca era o mar de Paulo Roberto. Cada vez que tomava um café com ele, eu me sentia tão grata por estar dentro de seu copo de mar, o oceano-Paulo, onde flutuam e afundam os livros amarelados, os jornais antigos, as cartas que não recebemos, as pessoas que nunca ouvimos, os manuscritos tibetanos, todo um universo de histórias que jamais conheceremos. Um oceano em cujas profundezas há um navio naufragado, dentro do qual estão misturadas a solidão selvagem e a redentora esperança. Era um copo profundo, onde, às vezes, ele me permitia navegar.





OURO PRETO ME COMOVE

Olivia Bressan

Dia.

Quando o velho ônibus estacionou em frente à igreja de Lavras Novas, mal o dia clareava. A cena já havia se repetido tantas vezes que nem os vira-latas deitados por toda parte davam mais muita atenção ao veículo que revolia o chão de terra ao chegar ao vilarejo. As possibilidades de ida até o distrito por transporte coletivo a partir de Ouro Preto são exíguas: três horários para ida e para volta em dias úteis e apenas um horário no fim de semana. Às oito horas da manhã, na última semana de viagem, desembarquei no cenário que, mal sabia eu, traria seu João à minha vida. Ao meu lado, um parceiro que conheci pelo caminho: Henrique, artista plástico que topou ir comigo para registrar em ilustrações o lugarejo sobre o qual estava curioso para conhecer. Quando o veículo nos deixou, tudo estava deserto. Lavras Novas ainda não havia acordado. Àquela altura, estávamos sós, eu e o desenhista. No entorno, apenas alguns passageiros desnorreados que

nos acompanharam e uma padaria com uma porta estreita entreaberta. Um café fervido e um pão francês com queijo e presunto. Sentados no banco de praça, os copos descartáveis em punho, encarávamos tudo mais que nascera ao redor. O povoado resiste. A vida prossegue sem asfalto e sem pressa e o João-de-barro ainda consegue manter seu ninho apoiado na cruz em frente à igreja. Henrique quer registrar a paisagem que nos observava. Saca uma prancheta da mochila e um lápis encarvoado. O traço é como um retrato instantâneo, capaz de aprontar um cenário inteiro em poucos segundos. Enquanto seus rabiscos rápidos começam a tomar forma na folha branca, os primeiros moradores vão saindo de suas casas. As horas são dilatadas onde ainda se preserva a conversa na varanda das casas e o debruçar-se nas janelas olhando a vida passar preguiçosa. Sentado em um banquinho, Henrique desenha e eu olho para ele, os cabelos cacheados bem pretos, o olhar concentrado no papel, as solas gastas do All Star de quem já conheceu muitas partes do Brasil com pouco ou nenhum dinheiro. Nunca vou entender essa naturalidade com as mãos que tem Henrique, essa habilidade inata dele, tão diferente de mim, que só sou capaz de usar a palavra, por vezes tão precária, para descrever situações. Decido dar uma volta sozinha, enquanto ele se diverte no seu próprio país. Em movimento, meu olhar passa distraído pelas casinhas e seus moradores em algum fragmento de vida cotidiana. De portas e janelas



abertas, uma loja sem ninguém para atender vende brincos, colares e mandalas feitos de materiais naturais. Sobre a mesinha, alguns exemplares de livros para serem folheados. Ainda permaneciam intactos uns de autoajuda e o clássico de Thoreau sobre a Desobediência Civil. O cheiro forte de incenso ultrapassa as barreiras da outra casa e toma a rua. É ali que mora e comercializa pedras variadas o “louco de BR” que já rodou a América Latina. Mais adiante, um colchão velho havia sido colocado na frente da casa para as crianças tomarem sol e brincarem. A senhora de pano enrolado no cabelo equilibrava uma grande panela na cabeça. Atrás dela, outras duas meninas faziam o mesmo. Da janela, um homem barrigudo, de barba e óculos, aparentando ter trinta e poucos, está à procura de algo na sua escrivaninha. Atrás dele, um laptop e uma grande estante repleta de livros. Na casa de pau-a-pique, flutuava uma música *new age* que pode ser ouvida ao longe. Quase no fim da rua, onde reside uma artista plástica, as paredes pintadas de rosa-bebê têm as janelas e portas propositalmente fora de esquadro. Cada casa tem um cachorro sem raça definida para chamar de seu. O cavalo dos fundos da igreja, preso a uma moitinha, permanece imóvel. Seu rabo, que balança vez ou outra, é a única garantia de que se trata de um animal de verdade. O sol de Lavras Novas é implacável e me queima sem piedade. No dia seguinte, quando retornar a Ouro Preto, irei descobrir que tomei uma insolação severa, com direito à febre,



tremores e bolhas na pele.

João Marins sequer nos conhecia, mas, observando compadecido nosso perambular sem rumo cedo da manhã, fez questão de ser nosso guia. Mesmo seguindo seu ritmo tranquilo, perto do meio-dia, ele já havia nos mostrado o mercado, lojas de artesanato, alguns restaurantes *gourmet* recém-inaugurados pela verve turística e nos apresentado sua família inteira. O vilarejo tem pouco mais de quinhentos habitantes e surgiu como uma comunidade quilombola há mais de 286 anos. Hoje, o centro se resume a duas fileiras de pequenas casas, cortadas por uma longa rua sem asfalto com uma igreja no meio. O distrito tem uma imensa extensão verde que fez a população local se voltar para o potencial de turismo natural da região, particularidade que também atrai investidores externos. Nosso companheiro de caminhada é um senhor negro de sessenta e quatro anos, cujas rugas do rosto tornam sua aparência ainda mais envelhecida. Naquele dia, uma corrente de ouro envolvia seu pescoço, emoldurada pela gola da camisa branca, desabotoada até a metade do peito. Também usava uma calça social cinza já gasta e um par de botinas pretas bastante sujas do solo vermelho de Lavras Novas. É baixinho, mas disfarça a estatura andando com a postura ereta e com um chapéu de couro marrom que lhe protege o rosto.

“Próximo daqui, lá pelas oito, nove da noite, é que vai sair a Folia”, informa seu João de modo nada preciso. Não fa-

zia muita ideia sobre o que ele estava falando. Mineiro que é, Henrique havia me alertado sobre a possibilidade de, por aqueles dias, Lavras Novas ter a sua versão da Folia de Reis: uma festa religiosa que, entre 24 de dezembro e seis de janeiro, homenageia com tambores, festa e música, a passagem bíblica da visita dos três Reis Magos ao menino Jesus recém-nascido. São quatorze dias em que os fiéis pagam suas promessas e também renovam seus pedidos, desfilam pelas ruas em procissão e visitam casas. Henrique me explica tudo isso, e eu acho inesperado que a tradição se mantenha ainda hoje.

Os cenários recém conhecidos já figuravam sobre o papel. Era hora de tracejar com Henrique alguns novos pontos para que as outras folhas de seu bloco de desenho comesçassem a ser preenchidas. Nos despedimos de seu João, com a garantia de que o veríamos mais tarde. E, assim, conhecendo os lugares como forasteiros, o dia escorre sem nem ao menos nos darmos conta quando as primeiras estrelas brilharam.

Às oito e meia da noite, esperávamos a Folia onde seu João havia nos indicado. Apenas um ou outro ponto de luz que escapava das janelas das casas e das portas de poucos bares iluminam a rua de terra. Após alguns minutos no escuro, retumbam distantes os tun-tun-tuns dos tambores. Naquele dia, o cortejo iria dar conta de um determinado número de casas e a primeira delas seria aquela verde musgo à direita da igreja. Num instante, os cômodos pequenos e humildes da residência

toda feita em madeira abrigam umas trinta pessoas. Em uníssono, a música se revela uma espécie de mantra e é absorvida por todos os espaços. Cantam repetidamente os versos que ficarão impregnados na minha memória. *Que bandeira bonita, que bandeira é essa?! Essa bandeira é de pagar a promessa!*

A cortina da janela encobre metade da cena, mas também a emoldura – e é dali mesmo que observo tudo acontecer. Uma senhora firma com as mãos negras a manjedoura preenchida de palha que abriga o menino Jesus e rodopia com ela. A dona da casa toca no bebê esculpido no barro, faz o sinal da cruz e beija o estandarte que tem uma Virgem Maria no centro, envolta por um tom azul celeste e cintilante. Quem o segura é uma outra Maria, chapéu de couro e camiseta folgada arre-mangada até os ombros, guardiã da chave da igreja, que, junto com mais algumas mulheres, encabeçam a cantoria. Ao seu lado, os meninos sustentavam tambores como os de escola de samba, quase do mesmo tamanho do que muitos deles. Mesmo assim, o som sai com força. Chama-me atenção um menino alto, moreno, de sorriso franco, que apoia o violão bem perto do peito, comandando o ritmo. É ele o compositor para as festas do vilarejo. *Eu vi Folia de Reis! Eu vi! Eu vi!/ Tá me chamando!/ Tá me esperando!/ Tá me esperando prá pagar a promessa!*

Passados uns quinze minutos intensos, o estandarte lidera o séquito, que ruma para a casa ao lado e, assim, a



noite em Lavras Novas seguirá até visitarem quantas casas conseguirem. Quão inviável seria essa tradição em uma cidade cheia de prédios, portões e grades? Pela rua sem asfalto, sigo a procissão. Procuo saber sobre outras festas religiosas que acontecem por aqui e pergunto para um dos que tocam tambor que, no momento, faz uma pausa. “O senhor que toca acordeão chegará daqui a pouco e ele saberá responder melhor”, me diz. À medida que a procissão avança, me dou conta de que eu e Henrique somos os únicos turistas. Só naquela hora. Estamos tão à vontade que a impressão é a de termos sido acolhidos por uma grande família.

Desviamos do eixo principal da cidade e partimos em direção a um casarão de arquitetura moderna, vista privilegiada, encravada no silêncio das montanhas. Pavimentamos o caminho com o coro que não cessa nem por um instante. Durante o trajeto, seu João aparece ao meu lado, espichando e encolhendo um acordeão. O som sai meio avariado, mas ele não perde a pose jamais. As mãos de Henrique trabalham, desenhando rapidamente no papel o que vemos. Quando a porta se abre, cinquenta pessoas engrossam o volume da procissão e se acomodam na casa espaçosa. Felizes por receberem a Folia de Reis, os anfitriões devem ter uns sessenta anos, são loiros e vestem roupas brancas da Lacoste. Oferecem a todos vinho e chocolates. Um tempo depois, o dono da casa pede a palavra: “É com muito prazer que eu recebo a Folia de Reis desde que

moro aqui. Quero agradecer ao seu João, amigo da gente, e desejar que ele continue tocando o seu acordeão por muitos anos ainda. E também queria avisar que ano que vem vai fazer parte da Folia um novo integrante da família: é meu neto que vai nascer!”. Os tambores soam mais fortes, celebrando o nascimento “di minino”, como alguns comentam. Antes que a Folia siga em frente, a senhora que mantinha o menino Jesus nos braços quer que eu o segure para abençoar as casas. Muito envergonhada, eu agradeço, mas não o pego. Percebo que se surpreende. Ao sairmos da mansão, Henrique me explica que a oferta tinha sido uma honra e que pegava mal eu não ter aceitado. Fico morrendo de vergonha com a minha desfeita, tipo de coisa que acontece quando não se está familiarizado com os códigos de um lugar.

A casa adiante é mais parecida com as outras. Alguns vasos com flores de plástico dispostos no interior diminuto, paredes de madeira, iluminação e mobiliário parco. A ritualística das bênçãos nas residências também se repete. A diferença é que agora sou eu quem segura o estandarte e lidera o cortejo. É pesado e tenho que erguê-lo bem alto. Firmo-o de modo que as pessoas possam beijar seu tecido para fazer promessas de ano novo, longe de mim querer estragar a Folia de alguém. Enquanto isso, sinto as primeiras gotas de suor pingando do meu rosto. Dona Maria agora orienta os passos da minha dança. Mesmo assim, duas casas depois e os braços

fraquejando, devolvo a peça a ela. De mãos livres, pude me juntar à corrente que foi fazer a visita mais marcante da noite.

“A dona daquela casa tem câncer”, antecipou seu João, ainda antes de chegarmos, com a voz embargada e os olhos baixos. Lá dentro, a canção escolhida não era sobre festa, mas sobre laços que não se desatam assim tão fácil. Junto com muitos outros, em círculo e de mãos dadas, dona Maria e seu João estão com a expressão de saudade, enquanto cantam *Amigos para sempre* em ritmo de tambor. É uma reunião de despedida e, por isso, a visita à amiga que partia tinha de ser demorada.

Quando a Folia parou, doze casas tinham sido visitadas. Os meninos largaram seus violões e tambores, seu João soltou o acordeão do corpo. Rapidamente nos separamos do grupo, Henrique e eu, e seguimos seu João, que encasquetou em nos ajudar a procurar algum lugar aberto para jantarmos. Antes de fazer funcionar um restaurante exclusivamente para nós, usou o tempo para avaliar o que tinha acabado de acontecer.

“Ceis gostaram da nossa Folia? Ainda tem muito prá melhorar. É o primeiro ano que a gente tá trazendo de volta essa tradição. Os meninos tocaram o tambor muito alto, quase não dava pra ouvir o pessoal cantando. Mas isso vai consertando. Eles vão aprendendo. Próxima Folia daí ceis vêm de novo, vai tá mais como deve sê. Mas bom é que teve, porque se não a gente perde, né?”



No protocolo da tradicional Folia de Reis, segundo Henrique, faltavam os homens uniformizados e os palhaços que vão à frente do cortejo. Mas, para mim, não havia Folia mais bonita do que aquela que me traziam seu João e dona Maria.

Em pleno sol a pino do meio-dia, a passos trôpegos e fôlego faltando, volto da rodoviária de Ouro Preto, recém-chegada da experiência de Lavras Novas. Dentre os possíveis caminhos de volta até a Praça Tiradentes, escolho o que me fará revisitar a Igreja São Francisco de Paula, encravada no ponto mais alto da ladeira. A porta da igreja faceia a escadaria de trinta degraus, que desemboca em uma enorme descida. Estava fechada. Atento para um senhor já mais velho sentado na soleira do frontispício malconservado. Estava entristecido, o olhar distante, e, por alguns momentos, penso que não estivesse passando bem. Me curvo até ele.

“Tá tudo bem com o senhor?”

“Sim...é que eu tava esperando aqui pra rezar, mas a igreja não tá funcionando”.

As portas fechadas da São Francisco emudeceram a reza de João Rodrigues, mas não a sua fé. No chão frio de pedra, o pilar de sustentação da entrada servindo como encosto, ele estava quase em penitência. Era um homem negro, magro o suficiente para os ossos do peito aparecerem pela camiseta puída de cor cinza, estampada com um coração dentro do qual se podia ler: “Jesus Cristo é meu herói”. O boné azul-bandeira



que protegia seu rosto do sol que fazia naquela hora exibir a mensagem: “O senhor é meu pastor”. Notei que sua mão esquerda segurava firme um conjunto de papéis e, por cima deles, figurava um santinho de São Miguel Arcanjo em vestes vermelhas e espada em punho, imobilizando um ser das trevas.

“Acho que vou embora, então”, me diz decepcionado, enquanto se levanta e se ajusta.

“O senhor sabe como chego até o centro saindo por aqui?”

Ele diz que sim com a cabeça, levanta-se e caminha comigo pelo gramado em direção à lateral da igreja. “Cê desce por aqui. Eu acompanho você até um pedaço porque eu moro pertinho”. O corpo franzino caminha com leveza. Setenta anos com passos vividos em uma Ouro Preto periférica, afastada da pompa e nobreza a que remete o centro da cidade. Os vincos em seu rosto denunciam que o sol e a vida lhe haviam castigado um bocado. Mesmo assim, João tem na fala a brandura de quem há anos é caseiro da residência do proprietário de uma loja de chocolates. Em sua trajetória, um histórico de quem trabalhou em tantos lugares, desde menino, que não sabe nem dizer quantos.

João para por um momento, satisfeito com meu interesse sobre sua história. Franze o cenho por causa da claridade e, falando baixo, nem sempre compreensível, me propõe que retornemos à frente da ampla sacada da Igreja São Francisco de Paula, quer me mostrar uma coisa. Bem lá de cima, ele con-



templa o mar verde de Ouro Preto que conhece bem e aponta em direção ao pico do Itacolomi, chamado por muitos de “Dedo de Deus”, devido à forma parecida com a de um grande polegar junto a um dedo indicador pequeno. Próximo do ponto mais alto e famoso da cidade, João pastoreava cabras e carneiros. “Cê tá vendo ali onde tá a pedra mais baixa?” – aponta para o indicador do monte – “Ela é maior que a outra mais alta que cê vê daqui. As pessoas acham que não, mas atrás da menor tem um monte bem grande”. João vai apontando para um lado e outro, na tentativa de me explicar a complexa ordem dos nomes dos morros. As curvas do relevo, conhece-as melhor que as linhas de sua mão. Sou incapaz de lembrar de todas elas com os detalhes sem parada que João me dá. Então, me resigno a observar sua generosidade em se mostrar sem ao menos estranhar por que pergunto tanto. Seus olhos turvos de catarata, miram com precisão o Morro da Queimada, que é onde torturavam os escravos. “Não sei se cê sabe, naquele tempo, negro não era gente, não”. Mais adiante, estão os morros de Santana, de São João, de São Sebastião. Naquela parte, era onde ficava a mina em que seu irmão trabalhava. A vida ceifada ali mesmo, por uma explosão, durante um dia de trabalho. “Ouro Preto tem mais ouro, não. O tanto que tinha eles tiraram tudo e levaram embora. Reto aqui, ficava a casa dos Inconfidentes. E perto daquele lá, era onde eu trabalhava, na Alcan. Eu era metalúrgico”. Lá atrás, os Correia de Araújo –

os mesmos da pousada onde fico – haviam comprado as terras das Lajes, o outro monte era pertencente à outra família rica e, aquele outro, costumava ser de gente poderosa.

Quando se cansou de explicar, João continuou caminhando meio sem destino. Ao lado da Igreja, irrompemos uma vez mais na calçada de paralelepípedos cheia de pontinhos dourados que reluziam quando o sol batia. Ouro de tolo. “Bem pertin tem um amigo meu que trabalhava comigo na Alcan e faz artesanato em pedra-sabão. Ele pode fazer uma procê com seu nome”. Na última vez em que eu tinha estado na São Francisco, em 2008, foi quando comprei uma dessas, personalizada. Ao mesmo tempo em que volto no tempo, eu com dezoito anos, minhas questões naquela época, algumas perdas e corações partidos depois, fico pensando sobre João. Quando jovem, de certo deve ter dividido as calçadas com gente importante: Elizabeth Bishop, Guignard, Vinicius, artistas que vinham com frequência à cidade. Mas penso que ignorasse o que fizessem. Devia saber o suficiente sobre a força nos braços e nas pernas, pois era do corpo que dependia para trabalhar.

Sigo João pela descida e encontramos uma planície para continuar caminhando. “Sabe por que eu tava rezando?”. João queria falar. Esperava receber uma indenização pelos direitos trabalhistas que lhe foram tirados quando saiu da Alcan, multinacional metalúrgica que, inclusive, fechou suas portas em Ouro Preto há algum tempo. Mas a resposta para o caso de

João se mantinha em aberto. Há trinta e seis anos seu processo permanecia estaque. A esta altura, o valor corrigido havia se tornado uma soma importante. Por isso, hoje ele iria, mais uma vez, rogar para que Deus intercedesse por um desfecho favorável no impasse. A materialização da espera tão abstrata consistia em uma pilha de papéis soltos, já meio sujos e amassados, os quais levava consigo até a igreja para que Ele não se esquecesse de dar um jeito de resolver. Mostrava-os também para mim, como se esperasse que eu soubesse o que fazer. Eram o registro de um histórico de recorrências de tempos em tempos, tentativas e derrotas, resumidas em algumas linhas pouco compreensíveis. Naquele momento, a verdade de João, seja ela qual fosse, passava a ser a minha também. A chegada à esquina que precede uma descida vertiginosa me separa dele, ao menos naquela viagem. Ele me avisa que, se seguisse em frente, aquela rua me levaria até o centro. Me despeço com um aperto de mão e ele me agradece. Respondo que sou eu quem era grata por saber um pouco dele.

“Não sabia que história de gente velha que nem eu valia alguma coisa. Se ocê quisé voltar para visitar minha casa, se quisé toma café com a minha família é só perguntar por aqui onde fica a casa do João Rodrigues, que o pessoal diz procê como chegá”.

“Claro, seu João, prometo que vou tentar voltar. Foi um prazer conhecer o senhor”.



“Fique com Deus, menina. Deus lhe abençoe!”

Desci com cuidado a ladeira com a certeza de que João Rodrigues era bem mais do que revelara. Foi uma pena não ter conhecido sua casa, sua família. A fotografia é rápida; a memória, falha. Na casualidade que me proporciona encontrá-lo, duas trajetórias se sobrepõem na mesma velocidade com que se distanciam. O sol já amainava seu ardor e eu sentia os primeiros tremores de febre.

Noite.

Um estouro vindo de não sei onde deixa todo mundo no escuro. “Caba não, mundão!”, alguém grita do outro lado da praça. Ouro Preto está na penumbra meia hora antes da virada do ano em que, mais uma vez, o mundo ia acabar. Agora tem algo a ver com uma profecia maia infalível, e, a julgar pelo estrondo, tudo se ensaiava, de fato, para um *the end*. Estou sentada nos paralelepípedos e vejo o obelisco da Praça onde expuseram pendurada a cabeça de Tiradentes um pouco mais distante, cheio de escuridão, apenas o delinear moreno de Henrique ao meu lado achando aquilo tudo normal. Na real a sensação é um pouco onírica, meio difícil de acreditar que tudo não passa de um grande delírio ficcional ocasionado talvez pela insolação, mas é, é isso mesmo: Ouro Preto inteira sem luz quase na hora de estourarem os fogos.

O trote de um cavalo impressiona por mais um barulho que irrompe, o de uma amazona inexplicável vinda por ocasião do insólito apocalipse. A arqueira desfila de camiseta branca – era sexta – e não sei bem o que está usando na parte de baixo, parece até que está sem nada, só de calcinha, troteando por toda a extensão da praça. As pessoas tratam com um ar de naturalidade o fato de uma mulher estar seminua em um cavalo no meio da escuridão, alguns riem incrédulos, outros a encaram com tamanha trivialidade como se já a esperassem, outros ainda estão confiantes na vida, vendados pelo breu, eu só desconfio e, de repente, sou tomada por um desespero. Sempre fui altamente sugestionável. Ainda não fiz nada da minha vida e a festa já vai acabar? Sequer descobri alguma história pra mim, e lá em casa continuam os mesmos problemas, que merda!, logo agora que eu queria me mudar de cidade, tanto reclamei que as coisas não andavam bem para morrer assim?!

Mas não acabou. E continuo a caminhar para descobrir que, no escuro, Ouro Preto é diferente.

Nunca me esquecerei desse acontecimento. Tinha uma pedra no meio do caminho. Na verdade, tinham muitas. A descida pelos trilhos é vertiginosa e dá aquele friozinho na barriga. Poderia ser uma montanha-russa, mas não é. Quando a malha dos trilhos acaba, de dentro do carrinho saem Marlon e Alisson, e eu, depois, aliviada por não estar mais prensada

entre dois. Eles tinham um bom motivo para estarem comigo naquela hora, perdidos em meio aos pedregulhos e às altas galerias da Mina da Passagem em Mariana: causar *frisson*. Marlon está de chapéu coco e um lenço rosa berrante que envolve os cabelos, mas certamente não é páreo para os penachos fúcsia carregados por Alisson na cabeça, bem *belle époque*, ambos com delineador para realçar os olhos, unhas postiças, batom vermelho e barba por fazer. Diante de uma plateia perplexa de estagiários do curso de Engenharia de Minas, os dois serpenteavam as galerias perfuradas pelo minério com os pés tamanho 42/44 que sustentavam os corpanzís, enterrando o salto alto da sandália no chão arenoso, úmido pelas perfurações subterrâneas. Era o que eles queriam mesmo: furar os muros dessa gente preconceituosa. Quantas pedras. Um deles também segurava um improvável radinho no qual a voz desenhada de Drummond recitava seus poemas. Os versos, misturados com o ruído das águas pingando das galerias de pedra, sonorizavam o espaço inteiro. Passeio meus olhos pela mina, os mesmos olhos que já estiveram por ali anos antes, hoje um pouco menos ingênuos, mas agora com Marlon e Alisson, que dançam comigo. Enquanto fazem a performance, mergulhando nas águas que brotam da mina, meio Iemanjá, meio Clara Nunes, mas com toque de sombra, não dizem uma única palavra. Não precisam. Eu mesma, desde o encontro abrupto que me levou até aqui, sei apenas que fazem performances



e que hoje a estariam ensaiando para ver se funciona – a julgar pelos olhos pasmos, funciona –, que já foram namorados, que já terminaram e voltaram várias vezes, mas que são, sobretudo, amigos de arte e de vida, vida essa que converge na trupe das Bacantes, um grupo de atores travestis que fazem apresentações com sexo explícito, nus olímpicos e demais testes de limites do senso comum.

Prossigo errante e sozinha. A mina tem muitos metros. Os flashes são imediatos, batons, espelhos, miçangas, incensos dispostos em uma mesa: oferendas à mulher-estátua do vestido vermelho que mora escondida pelas galerias da mina. Passam-se depois longos minutos de olhares. Os cabelos compridos e negros, a pele morena. Uma figura que mostra a que veio. Quatro de dezembro é o dia dela, sagitariana, não me espanta. Acabo imaginando de quem devo ser filha, todas as coléricas devem ser de Iansã, mas o fato é que eu não sei bem, prefiro ficar na incerteza, já que tenho medo de que, de repente, alguém me fale que sou de Iemanjá, por exemplo. Eu ficaria decepcionada porque, desde que a vi nessa mina, achei que Iansã fica super charmosa de vermelho. Dizem que só indo em terreiro de candomblé mesmo para descobrir minha filiação, ou jogando búzios, coisa que nunca me dispus a fazer já que todas as minhas tentativas com videntes incluíam previsões catastróficas de fracassos nos mais diversos âmbitos da vida, além de uma predestinação impensável para a profissão de

juíza. Rezo uma Ave Maria meio improvisada. Pego o batom (vermelho), que por acaso tinha na bolsa, já que nunca carrego batom comigo – nem lembro a última vez que comprei mais um, fora esse – e deposito junto com as outras oferendas. E agora o que é que eu peço? Eu adoro esse batom, Iansã, esse é um dos meus únicos, acho bom mesmo tu fazer alguma coisa bem boa por mim em troca!, digo agora com uma fé surpreendente na imagem, ameaçando partir, um sinal da cruz rapidinho, não lembro com qual mão.

Não é possível. Essa rua com paralelepípedos irregulares fica perigosa à noite, desço a ladeira, tateando, não devo demorar a chegar. Sozinha, hoje. No vácuo é pouco para saber como vai ser essa festa: Victor trabalha na pousada e, para além disso, pouco sei sobre ele. É um cara introvertido de fala arrastada e olhar parado, uns 25 no máximo. Outro dia comentou ser fardado pelo Santo Daime no Espírito Santo. Hoje ia ter um *rock* na república onde ele mora; como até agora não fui convidada para nada por aqui, resolvi insistir. Me convida? Acabou que o Victor me convidou para chegar lá, mais pela minha insistência do que por vontade própria. Então, como é sexta, ele combinou que estaria me esperando na porta de entrada para eu não me perder no meio de tantas casinhas iguais. Ele mora perto do Carlos Bracher, aquela figura incrível de cabelos grisalhos e desgrenhados, pintor com pinceladas ardentes, de quadros que esboçam, ao mesmo tem-

po, agonia e beleza. Adiante está o Victor, com aquela mesma camiseta verde de ontem e o mesmo ar blasé. O pessoal tá lá embaixo e já tá rolando a festa, eu espero que cê não ligue, mas tem gente fumando um e tem muitos... homossexuais. Ele pausa para falar e essa pausa aumenta a palavra com todos os tabus embutidos nela, enrustidos nela. Não sabia que tinha uma cara tão conservadora, Victor. Podia não ser tão *cool* quanto eles, mas tampouco era homofóbica. Respondi qualquer coisa, nem sabia o que responder na verdade, que situação, estava mais curiosa para entender de onde vinham aqueles batuques que de tão intensos faziam tremer o chão do primeiro andar. A casa era espaçosa o suficiente para abrigar muitas pessoas, uns três andares de casa.

Victor acena para descermos a escada para o terraço e, degrau por degrau, me conduz ao subsolo onde há uma área para festas na qual em torno de quinze pessoas de roupas folgadas estão absortas numa dança de movimentos livres, cantando em coro alguma música com ritmo africano que desconheço. Algumas vezes apenas Victor me passa uma cerveja em silêncio. Não está nem aí. Entre eles, ninguém me vê, então só me recosto na parede e presto atenção ao meu redor entre um gole e outro. Perto de mim, uma menina de cabelos raspados e um pouco mais à frente outro menino muito claro, bem bonito de olhos verdes, cheio de flores transpassadas pelo cabelo volumoso, loiro, crespo, dança sua saia rodada laranja em círculos intermi-



náveis, ou melhor, que talvez acabe numa viagem para dentro dele mesmo. Ou talvez essa ripongagem toda seja uma mera fraude, gente que se acha superior a todo mundo, mais espiritualmente elevada, já que me sinto rejeitada. A festa me lembra o terreiro de umbanda no qual eu nunca estive, todos entrosados menos eu, mesmo balanço, mesmo batuque, uma vibração partilhada só entre eles, só deles. Mas se o lundu prosseguia, uma hora ele cessa de bater. E foi bem na hora em que eu comecei a dançar meio desajeitada, mas a dançar. As pessoas que ocupam a varanda se esvanecem num estalar de dedos, a casa inteira esvaziada, só um rastro de sujeira de final de festa que lotava a mesa de canto num misto de cinzeiros sujos, guardanapos usados e retorcidos, garrafas pet meio vazias e cascos de cerveja semiterminados, copos amassados. Noutro dia iriam encenar uma peça de teatro no fundo da Escola de Minas. Da festa que acabou, respingos do Victor, Mariana e Álvaro, que moravam com ele, e mais um casal de chefs de Juiz de Fora de passagem por Ouro Preto. Mariana coloca um CD dos Strokes e noto como observa meu sotaque. Dezenove anos, uma pirralha que se acha, artes cênicas, nasceu no Mato Grosso. Ah é? Meu irmão mora em SINOP. Olha, que máximo!, e o que ele faz? Tem uma plantação de soja, mas eu sou contra, viu?, me apresso a dizer na inútil-tentativa de angariar alguma simpatia. Silêncio. Mariana retribui com um sorriso sarcástico enquanto amarra nervosamente os cabelos bem pretos e compridos em um coque.

Reparo nela: é corpulenta, usa uma saia longa e está descalça. Fala alto, gesticula bastante, é teatral, gosta de aparecer. Senta-se, depois disso, bem longe de onde sentei, no mesmo sofá em que está Álvaro, com cara de quarenta, cabelos desalinhados e algo grisalhos que tocam o ombro. A escuridão do ambiente deixa tudo meio turvo e é só iluminado pela Lua Crescente que gesta a noite. Quando Victor e Álvaro pegam os tambores e esboçam um ritmo, as saias de Mariana se agitam, as mãos se soltam numa displicência controlada, o corpo pendendo lá e cá e começam a cantar a música mais enigmática de Vinicius de Moraes: o homem que diz dou não dá, porque quem dá mesmo não diz, o homem que diz sou não é, porque quem é mesmo é não sô, o homem que diz estou não está porque ninguém está quando quer. Ossanha, a mais difícil e mais misteriosa das deusas do candomblé baiano, aquela que sabe tudo sobre as ervas, sobre a alquimia do amor. Por aqui, uma vibração violenta rasga a noite. Tem tudo. Charme e agressividade, medo e admiração. Mariana levanta os braços e saúda a lua que está explodindo, enquanto fala que queria ter sido a décima esposa do poeta. Cara, ela quer muito aparecer. Ela gira, gira, gira, ri bem alto, Victor e Álvaro tocam os tambores, as mãos frenéticas, gargalham e tocam, não param e tocam, não param, não param, eles não falam comigo, não entendo muito o que está acontecendo, não sei bem como explicar, que festa é essa?, fecho meus olhos para me evadir, um jeito de sair dali sem precisar mover o corpo, de



imaginar outros mundos – sempre fui de fazer isso quando estou sob pressão, para não surtar finjo viver outras realidades, lembro e revivo os momentos da vida, aquele lance de eu era feliz e não sabia, ou então quero esquecer da vida com uma taça de Martini com cereja porque a cereja espalha o corante como num jorro de um gozo ou com aquela melhor maconha do mundo quando eu tinha o affair com o poliamorista, o mesmo que me ensinou esmurruçar e a enrolar a erva com seda, me deixavam fugir de mim por um tempo e talvez até pensar por alguns instantes rápidos de que vida sem aquela dor constante pode haver, que ela pode existir sem me automutilar para escrever um livro ou minha história. Vai, vai, vai, vai, amar, sofrer, chorar. Lembro de Gesse, a esposa bruxa de Vinicius que gostava de fazer macumba, o que faço aqui? Quero ir embora, mas vou acabar interrompendo o fluxo, então hesito: eu e essa minha mania irritante de querer agradar. Não sei mais que horas são, mal consigo acompanhar os versos, ainda não se cansaram de espalmar os tambores. Preciso levantar, tento, mas me surpreendo quando quase não consigo me mexer. É como se estivesse grudada na cadeira e tivesse perdido minhas forças. Meu olhar desfalece, é uma estranha prova de resistência ficar aqui, ninguém me nota, e então fico observando o céu que ganha tons de púrpura cada vez mais densos, como aquelas imagens do universo que a gente compra em lojas místicas. A cabeça está pesada e não tenho certeza da cor que vejo, que estranho. E o

batuque, quando vai cessar? Mariana se move tomada, rodopia, e não deixa de cantar. Meus ombros estão tensos, tensos, mãos, pernas, pés, pernas, peito, paralisia total. É desesperador. Cê tá bem? Sim, Victor, tô tranquila. Disfarço por medo, sinto medo, medo dele, agora mais que isso: medo de mim. Eu não deveria ter insistido tanto assim para vir, mas como poderia saber que as festas aqui viram terreiro? Um miado felino por perto me desconcentra, o gato cinza pequeno perambula, tento acariciá-lo, porém ele rapidamente foge. A sensação de exílio é mesmo engraçada, me lembro da Amanda dizendo que, quando estive na Irlanda, ficava abraçada em qualquer cachorro de rua para tentar aplacar a saudade e a falta de contato humano. Aqui, eu em exílio também, eu em trânsito, eu em outros que nada têm a ver comigo. É nosso guia espiritual! A voz de Mariana me sobressalta enquanto ela pega o gato no colo, acariciando-o e, para completar a performance, o levanta para oferecer à lua. Clareia! Ela me encara, enquanto diz isso. Em algum momento, Álvaro interrompe seu batuque, mas recomenda, com um rigor indecifrável, que Victor não pare de tocar. Fecho os olhos porque começo a ter vertigens, vejo uma luz negra e outra verde profunda e sinto tontura. Entre uma estrofe e outra das músicas que prosseguem sem respiro, Álvaro brada: Clareia! Como vou escrever sobre isso que está acontecendo? Só gostaria de esquecer, que isso passasse logo. Não faço ideia do que quero para o meu futuro, será que tenho algum? Que saudades dos

meus amigos, queria que eles estivessem comigo. Que pesadelo horrível aquele que eu tive esses dias, a Mara tinha aparecido entre um grupo de colegas da faculdade e me chamado para conversar em um canto, disse que continuava morando lá em casa, estava muito triste e irritada. Vai, vai, vai, sofrer. E minha relação de amor livre com o cara? As incertezas em relação à escrita são tão grandes, dá pra fazer uma avaliação do que estou fazendo na minha vida, do que estou fazendo aqui em Ouro Preto, das mãos daquele senhor que eu encontrei na rua, do sorriso fantasmagórico daquela mulher, dos desenhos do artista de rua, o som do carro que toca todos os dias a mesma música perto do hotel ressoa na minha cabeça. A cadência é meio inebriante, os atabaques me fazem delirar e eu tenho certeza de que estou perdendo a consciência, me envergonho de me verem tão vulnerável. Trata de pensar em alguma coisa pra se distrair. O que acontece se eu parar de resistir? De controlar? Vai, vai, vai, amar... Vai, vai, vai, viver, a voz pastosa de Vinicius me sussurra no ouvido a ponto de eu sentir calor na orelha. Daí que, de olhos fechados, meus ombros despencam de repente, me vergo no assento contraída como se tivesse dor, mas não era dor, era outra coisa difícil de entender. Fecho os olhos um pouco enfraquecida e, quando os abro, sinto uma fumaça escura sair de mim, enquanto Álvaro solta um riso agudo, sádico até, tava difícil de tirar esse diabo, hein? Que vergonha!, protejo meu rosto com as mãos para evitar que ve-



jam minhas lágrimas convulsionando. Os meninos permanecem impassíveis batucando melodias alternando melancolia, euforia e maconha, todos, menos eu, assustada, à flor da pele, um humor que se amolda vulnerável ao riso e ao choro. As horas avançam doloridas, já passa das quatro, quer ir? Sim, melhor eu ir embora, pode me levar até a porta? De uma vez por todas me levanto, faço força, não quero cair, mesmo que fraca, mesmo que o corpo me traia: sinto-me tonta, tremulo inteira, as pernas instáveis. Cê tá pálida, deixa eu te acompanhar até a pousada. Não, não precisa, imagina. Em Ouro Preto não é muito bom menina sair sozinha essa hora, Olívia. De fato, de madrugada os caminhos de paralelepípedo são ermos e lúgubres. Nada bom para meninas. Em instantes, um Victor tom blasé e mais ninguém na rua. Sinto tanto frio, frio intenso, intenso, intenso e estou ofegando como se tivesse corrido uma maratona. Um vazio tão grande que só aumenta com a falta de palavras pelo caminho breve, silêncio, rejeição, depois me deixa votos de que eu tenha curtido o pessoal da casa. Claro, foram ótimos, minha resposta se mistura no hall das coisas que fizeram pouco sentido nessa noite. Victor desaparece e meus olhos voam ao alto, que estou em silêncio, prestando atenção no céu ainda púrpura me colorindo por dentro.

As ruas venais da cidade barroca são um paradoxo. Ouro Preto é feita de luz e de sombra, de claridade e de escuridão. Deixo-a para trás e sei que continuará pulsando dinâmica, ainda que eu não esteja ali para acompanhar toda sua beleza labiríntica. Minha viagem foi feita de tentar experienciar sua energia de transcendência, a mesma que presenteia os que visitam suas vielas com encontros como os que tive. Parto com a certeza de que não importa quantas vezes a visite, Ouro Preto sempre me faz brotar lágrimas de não sei onde e risos que ressoam pelas reentrâncias de suas curvas. E por enquanto, por enquanto apenas, dela me despeço comovida.

COMENTÁRIO DA REPÓRTER

Era 2008 e eu decidi cursar Jornalismo Literário, contrariando toda e qualquer ordem aconselhada do currículo obrigatório. Em troca do rearranjo, Paulo Roberto me alimentou com jornalistas subversivos e com o impulso de ousadia que eu sequer julgava ter. No final do semestre, falei sobre escrever uma reportagem em Ouro Preto. Ele apenas me disse: “Não esquece de caminhar bastante por lá. Dá uma sensação boa, a endorfina passando pelo corpo enquanto a gente sobe e desce as ladeiras.” Achei curiosa a recomenda-

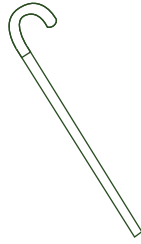
ção, pois o conheci numa época em que não era exatamente um viajante: preferia ficar em casa, cuidando dos gatos e lendo livros em uma velocidade invejável.

Em princípio, escrevi sobre o Pousado do Chico Rey: uma pousada mítica no cenário ouro-pretano cuja dona, Lilli Correia de Araújo, fora mecenas de Guignard, abrigara Elizabeth Bishop enquanto sua casa estava em reforma e Vinicius de Moraes durante as fugas das separações a que sucederam seus inúmeros casos amorosos. Quando voltei, minha euforia era tamanha que queria até me mudar para Ouro Preto! Anos mais tarde, atendendo de certa forma a esse desejo, pensei em escrever um relato de viagem sobre a cidade histórica de Minas. Queria vivenciá-la durante um mês, em cada centímetro seu que tocasse a mim desvendá-la. Apresentei para o Paulo minhas intenções e ele se riu: “Viajar é bom, mas falta jornalismo nesse trabalho”. Foi pela restrição que consegui propor um método a partir do qual faria a viagem sem ter objetivo definido. Eu apuraria pela deriva, pelo flunar. Quando finalmente consegui organizar a ideia por escrito, ele me disse num tom debochado: “Olha, a Olívia desencantou!”. Era um jeito muito particular de dizer que estava feliz com o meu progresso. A piada não era de



todo injusta: não foram poucas as vezes em que enchi a paciência dele dizendo que “não sabia escrever” e que “talvez fosse melhor largar tudo mesmo”. Mais tarde, entendi o que procurava me mostrar por meio de tantas charadas: não se tratava apenas de viajar, mas de ser, sobretudo, uma repórter em viagem. Hoje imagino que aquela recomendação primeira sobre caminhar é que me levou, de maneira inconsciente, a querer (re)conhecer a cidade dessa forma. Esta história é resultado de três incursões a Ouro Preto: uma em 2008, a que me remeto com alguma nostalgia ao longo do texto; outra, durante todo mês de outubro de 2012, e a última, quando estive na véspera do ano novo em 2013.

Uns anos depois, Paulo deixou escapulir que conhecia boa parte do Nordeste. Gostava de contar a história de sua vida a conta-gotas, claro enigma. Dizem que a boa literatura dá espaço para o leitor. Paulo deixava um universo inteiro a ser completado, sua vida em lacunas que preençíamos do nosso modo, conforme nossa imaginação mandasse, de acordo com nossa capacidade de fazer conjecturas. Como um quebra-cabeça repleto de peças ou um caleidoscópio com combinações infinitas, eu procuro até hoje montá-lo através da literatura, das minhas memórias e das memórias dos outros.



RUMO A OUTRO VERÃO

Carolina Abelin

Depois de uma viagem turbulenta, desde Porto Alegre, com atrasos de voos e perdas de conexões, cheguei receosa em Lisboa, rumo a Barcelona. No início de 2008, o grande número de brasileiros barrados no aeroporto de Madrid quase desencadeou uma crise diplomática entre os dois países. E lá estava eu, no olho do furacão. Uma estudante, brasileira, mulher, viajando sozinha e sem nenhum vínculo de curso ou universidade. Meu único álibi era uma carta convite dos meus tios, radicados em Barcelona, que comprovava o fato de eu estar visitando familiares.

“Quanto tempo a senhorita pretende ficar em Barcelona?”, perguntou o funcionário da imigração portuguesa.

“Um mês! Eu volto daqui um mês para as aulas da faculdade”.

“A senhorita sabe em que mês nós estamos?”

“Sim! Abril!”

“E o que está escrito aqui?”

(Deus! A mulher da agência errou as datas. Agora eu tenho uma passagem para a volta em dois meses, mas dinheiro e seguro saúde de apenas um mês. Como eu vou explicar isso?!) “Ahhhhhh, mas como?! Ela errou o mês, moço! Eu não posso ficar tudo isso, como eu faço para corrigir?”

O funcionário acabou aceitando toda a documentação e carimbou meu passaporte com um visto de entrada. Agrade-ci, ainda chocada. Mal sabia ele que um mês seriam, na reali-dade, três ou quatro de trabalho. Mal sabia eu que aqueles três ou quatro meses se tornariam quase um ano.

Ao desembarcar em Barcelona peguei minha bagagem e segui os outros passageiros, certa de que em algum ponto te-ria uma entrada, um controle. De repente, me vejo já saindo do aeroporto. Voltei à procura do guichê de informações e, num terrível portunhol, perguntei onde era a imigração para estran-geiros. A atendente respondeu que não ficava naquela parte do terminal e que, por ser feriado de São Jorge, os funcionários nem deveriam estar trabalhando. Ela indicou o guarda que estava ali perto: um senhor de cabelos e bigode brancos, muito sorridente, fardado com um uniforme preto e amarelo, que me disse a mesma coisa. Ele pediu para ver meu passaporte: “Olha aqui, você já fez a imigração em Portugal. Está vendo? (apon-



tando para o visto de entrada) É válido para toda a União Europeia, durante três meses. Bem-vinda à Barcelona!”

Inacreditável! Logo a etapa considerada a mais difícil. Ao sair do terminal, fui recebida pelos meus tios. Com eles moraria pelos próximos meses em um apartamento na rua Trajá, esquina com a avenida Gran Via das Cortes Catalanas. Tinha recém saído de um verão no hemisfério sul e estava pronta para engatar outro, no hemisfério norte.

Nem tão longe... Salve Jorge!

Cheguei em Barcelona no dia de Sant Jordi, padroeiro da Catalunha. Para celebrar a data, os homens presenteiam suas companheiras com flores e delas recebem livros. São Jorge é muito querido na Catalunha, onde, inclusive, o nome Jorge – Jordi, em catalão – é bastante popular. Há quem acredite que, na verdade, ele tenha sido sacerdote da cidade espanhola de Tarragona, que fugiu para a Itália no século VIII. Há também a lenda de que o soldado Jorge teria ajudado os catalães na conquista de algumas cidades que compõem seu território e, por isso, o reinado teria estimulado a devoção e comemoração do seu dia. De fato, documentos da Fundação Jaume I mostram que, em 1436, a Corte da Catalunha criou a celebração oficial e obrigatória de Sant Jordi. Desde então, celebra-se o dia santo no feriado de 23 de abril.



Nas ruas, mulheres passeiam carregando rosas e homens compram buquês nas várias tendas espalhadas a cada esquina. Marco da primavera, a Feira das Rosas também é relacionada ao santo padroeiro, tido como protetor das colheitas – entre tantas outras vocações que desenvolveu durante anos no imaginário popular. Além disso, 23 de abril é o Dia Nacional do Livro na Espanha, escolhido por ser o aniversário de morte do escritor Miguel de Cervantes. Em algum momento, tudo se mesclou e surgiu a tradição da troca de flores e livros. Ser recepcionada dessa forma foi, no mínimo, a primeira desestabilização da minha indiferença pelo país.

As Ramblas

Fazia quase um mês que eu estava trabalhando numa cafeteria muito charmosa no Eixample, bairro nobre de Barcelona em que estão belas construções de arquitetura modernista. Também nesse bairro fica a rua Passeig de Gràcia, lugar de lojas elegantes, das grandes marcas e da alta costura. Era sábado e eu trabalhava até as duas da tarde. Antes de ir para casa, resolvi dar uma caminhada pela Rambla Catalunya.

Barcelona é cheia de ramblas, aliás. *A ver si me explico:* são longas avenidas que concentram uma espécie de calçada no centro onde há terraços de restaurantes e bares, bancas de jornal e revistas, floriculturas, lojas de souvenir e tendas



que vendem pássaros raros em grandes gaiolas brancas. O nome rambla vem do árabe *ramla* e significa o leito seco do rio sazonal. As tendas disputam espaço com os pintores que expõem seus trabalhos enquanto colorem suas telas. É também o endereço das intervenções artísticas das estátuas humanas: tem a bailarina de flamenco, os anjos, o pensador de Rodin, a infanta de Velázquez, Jack Sparrow, soldados da segunda guerra, a múmia que corre atrás dos turistas, o Ronaldinho Gaúcho que faz embaixadinhas...

As Ramblas funcionam 24 horas por dia, com uma forte tradição de vida noturna, que as transformam, durante o verão, em espaço intransitável lotada de *giris* – turistas de todas as partes do mundo se amontoando, se acotovelando e tirando fotografias.

San Juan: durma com um barulho desses

Em Barcelona, a noite de Sant Juan é a mais quente e curta, e a tradição é soltar foguetes, bombinhas, petardos. Duas semanas antes da festa, já há várias barracas de venda de fogos e, aos poucos, a cidade, já barulhenta o suficiente com o som das ambulâncias e buzinas dos carros, se transforma quase em palco de guerra.

Estouram um, dois... três fogos. Depois mais dois, três... cinco. O intervalo é de duas horas entre um e outro. As-



sim fica durante toda a semana que antecede a celebração. Até que vão aumentando e o intervalo entre eles, diminuindo. A sensação é de que, pouco a pouco, a cidade é invadida até culminar no bombardeio final: a noite de 24 de junho. Nos bairros mais tradicionais, acendem-se fogueiras cujas chamas chegam à altura de um pequeno prédio. Os moradores queimam tudo que não querem mais: móveis, roupas, papéis. Durante aquela semana, as padarias enchem as vitrines com as *cocas*, um bolo típico da época, feito com massa de pão coberta com frutas cristalizadas e recheada de creme.

Naquela noite de 24 de junho de 2008, depois de dar uma olhada nas fogueiras pela cidade, fomos até a praia lotada da Barceloneta. Em um palco central, um animador coordenava a Sardana, uma coreografia típica das cortes medievais que muito se assemelha à quadrilha das festas juninas no Brasil. As pessoas se divertem assistindo à celebração do solstício, uma festa pagã que acontece em parte da Europa há séculos, que foi cristianizada na Idade Média, hoje conhecida como festa de São João, e exportada para vários outros países. Um ritual que se repete ano após ano.

Novos passos para encontrar Magal

No meio da viagem, comecei um curso de documentário e larguei o trabalho na cafeteria. Para ganhar alguma



grana, arrumei um novo emprego nos fins de semana. Encontrei o Magal em um site de anúncios. Não era o seu verdadeiro nome, mas um apelido que secretamente usava para me referir àquele homem, um músico de quarenta e poucos anos que fazia shows para a terceira idade com repertório dos anos 1950 e 1960. “Mais de dez anos e um diploma de formação em ballet clássico não de me servir nesse momento”, pensei. Liguei para ele demonstrando meu interesse em integrar a dupla de bailarinas do seu show.

Marcamos de nos encontrar no *Casal Mayor Casa Nostra*. Ao entrar pela portaria, encontrei um grande *lounge* ao ar livre com várias mesas e cadeiras para o jogo de xadrez, para tomar sol e também um café com paredes de vidro. Situado na rua Malagueta, em Nou Barris, o local era um dos muitos “Casais Mayor”, com atividades para idosos: jogos, coral de canto, bailes, bingos, esportes.

Magal estava sentado em uma das mesas do café. Vestia uma camisa branca amassada, semiaberta e um tanto apertada na barriga protuberante, uma calça cáqui larga e sandálias com tiras de couro nos pés. Usava óculos com lentes grandes, sujas e gordurosas e tinha um corte de cabelo “Elvis não morreu”, com direito a topete e costeletas. Sorridente, me cumprimentou e demonstrou seu entusiasmo pela música, contando sua história nos shows de variedades e a paixão por Elvis Presley. Ele me explicou o que era o trabalho: fazia imita-

ções de seu ídolo e cantava músicas de décadas passadas. O espetáculo incluía duas meninas que dançavam as coreografias, entoavam os coros e, mais importante, animavam o público de terceira idade.

Imediatamente fomos para uma sala de ginástica e ele me mostrou todos os passos de extrema facilidade, inventados por ele, que integravam o repertório. Me deu um de seus CDs, apontando para quais músicas do show eu deveria decorar. Era o início de uma parceria nada lucrativa, porém muito divertida.

Na Espanha, sem legenda

Estar na Catalunha e não dominar o catalão não é tão grave. Mas morar na Espanha e não saber falar espanhol é! Os espanhóis refutam americanismos e todas as expressões, especialmente as relacionadas à informática, existem em espanhol: *mouse é ratón, site é sitio*. Além disso, as grandes redes de lojas internacionais são pronunciadas da forma mais espanholada possível. Também não existe legenda. Na televisão, todos os produtos audiovisuais estrangeiros são dublados. Os cinemas mantêm 80% dos filmes em cartaz na versão dublada. Imagine você: Barcelona, uma megalópole com quase dois milhões de habitantes, tem apenas três redes de cinema que oferecem filmes legendados: o V.O.S (Versión Original Subtitulada). Parece caótico ter que escolher a dedo uma sala para assistir a



um filme legendado. Eu me perguntava enfurecida, nos primeiros momentos, o porquê do extremo nacionalismo.

O fato de o espanhol estar tão arraigado culturalmente é um resquício da ditadura militar do general Francisco Franco. Durante o franquismo (1939-1976), regime político baseado no fascismo, qualquer outra língua que não fosse o espanhol era censurada. Foi uma tentativa de criar uma hegemonia sobre outras línguas, como o catalão da Catalunha, o galego da Galícia e o euskera do país Basco. Como forma de resistência, essas línguas continuaram existindo. Entretanto, a indústria cultural, sobretudo o cinema e a televisão, sofreu muito com a proibição. De modo que a Espanha ficou conhecida como o terceiro país em dublagem, perdendo apenas para a censura fascista e nazista. Foram tantos anos assim, que a população não desenvolveu o hábito do audiovisual legendado até hoje.

A Barcelona de Woody Allen não é a minha

Era semana de estreia e fui ver *Vicky Cristina Barcelona*, de Woody Allen. Não me tocou nem um pouco – e olha que sou fã. A Barcelona retratada pelo diretor, em geral, é encantadora, mas diferente da que habitei. Muito vinho, pequenos povoados com casas antigas decoradas com flores, inúmeros restaurantes ao ar livre, Gaudí para onde quer que se olhe e todo mundo falando inglês perfeito? Tudo bem, licença poé-



tica! Mas, não sei... Talvez o desapontamento seja porque foi a primeira vez que eu assisti a um filme do Woody Allen vivendo onde a história foi rodada. Em não conhecendo o lugar, tudo é possível, tudo é fantasia.

Jovem 1: “Mas que loucura! Eu moro em Barcelona há quase um ano e ainda não conheço o Tibidabo!”

Jovem 2: “Ninguém quase conhece o Tibidabo”.

Jovem 1: “Sim, em dois meses, elas conheceram toda a cidade e ainda foram parar em Oviedo que é na outra ponta do país!”

Jovem 3: “É ficção!”

Jovem 1: “É ridículo, até o Raval é perfeito. Vem andar aqui de noite no Raval pra ver o que é a decadência, drogas e prostituição por todo lado”.

Jovem 3: “É que elas têm dinheiro”.

Jovem 1: “Não! É que elas são americanas”.

Jovem 3: “Que maldoso!”

Jovem 2: “hahahahaha”.

Jovem 1: “Tá na cara que rolou grana pra fazer o filme”.

Jovem 2: “Pra quê?! Pra entupir essa cidade de mais gente como nós?!”

Jovem 3: “Que não, hahahaha! Gente com pasta, com dinheiro. Turistas, não imigrantes!”

Fui silenciosamente acompanhando o diálogo por umas duas quadras, naquela noite em que saía do Cine Renoir



Floridablanca, o máximo que eu pude ouvir dos três jovens que conversavam em um sotaque castelhano antes que eles dobrassem a esquina, e eu seguisse meu caminho.

Na minha Barcelona, faz muito calor no verão e não se usa casaquinhos de lã e, sim, leques. Nos pés, a febre são as Havaianas com a bandeira do Brasil em incontáveis imitações baratas. É uma cidade de vanguarda, onde convergem Picasso, Gaudí, Miró e as últimas tendências. As meninas repicam e encrespam os cabelos na parte de cima e alisam com chapinha em baixo. As ruas do Born e do Barri Gòtic são realmente “cheias de gente estrangeira”, como diz a música do filme. Caminhar por esses labirintos é, todavia, um paradoxo: as construções medievais e de estilo gótico abrigam o mercado mais atual e alternativo e muitas lojas tocam músicos brasileiros. É um chic-cult-intelectual.

Uma brisa fresquinha soprava. O filme tinha sido de-sestimulante. Era verdade, tampouco eu conhecia o parque de diversões Tibidabo, um dos cartões postais em folhetos de turismo. Porém andava pelas ruas de Barcelona, a minha Barcelona: o que era um privilégio.

Fiestas con Habaneras y Rom Cremat

365 dias do ano há *fiestas* na Espanha. Pode ser comemoração ao Santo Padroeiro, mudança de estação, colheitas,

procissão, encenação de batalhas ou momentos históricos. A programação varia em cada local, porém não pode faltar a apresentação das *habaneras* e o ritual do Rom Cremat.

Estávamos em julho, no auge do verão. O curso de cinema documental me tomava manhãs e tardes com aulas teóricas na escola e finais de semana em Sitges, uma cidade da costa da Catalunha, onde gravávamos o nosso próprio documentário. Certa vez, com a equipe de gravação, acompanhamos toda uma procissão para a *Virgen del Carmen*, que acontecia no porto.

O sol caía lentamente sobre o mar e vários barcos atracados eram balançados pelo vento. Algumas pessoas montavam uma grande tenda de lona branca e corriam com os preparativos. Aos poucos, começou a encher de gente: pais, filhos e dezenas, centenas de avós e avôs. As famílias chegavam com assentos plásticos dobráveis, enfileirados até o final do deque. Crianças corriam, algumas bengalas descansavam no chão ao lado das cadeiras, enquanto os leques cortavam o ar num arco-íris de cores. Uma das barracas começou a distribuir *cava*, o champanhe espanhol, e refrigerante em copos de plástico. De repente, uma buzina estridente de navio soou no ar: era início da procissão. No outro extremo da praia, uma embarcação, seguida por outras tantas, foi enfeitada com fitas coloridas pendentes em um teto de arame e transportava a imagem de Nossa Senhora do Carmo. No porto, todos acenavam lenços brancos, esperando a chegada da santa, enquanto os músicos



trajados com ternos de veludo bordô se posicionavam no palco. Quando o barco colorido despontou na linha do horizonte, os artistas que faziam a apresentação de Habaneras – estilo tradicional de música cubana que conta da saudade da terra dos espanhóis desterrados – começaram a tocar.

O barco atracou no porto e a imagem foi levada até um altar, enquanto os fiéis faziam reverências. Os mais velhos sabiam todas as canções do repertório. O cantor brincava, pedia que batessem palmas, que acompanhassem em um trecho e silenciassem em outro, que se dividissem em coros e balançassem os lenços. *Si a tua ventana llega una Paloma / Trátala con cariño que es mi persona / Cuéntale tus amores, bien de mi vida / Córonala de flores que es cosa mía...*

Ao lado do palco, uma toalha branca cobria a grande mesa retangular que fora montada para aparar centenas de copos de licor e uma enorme panela de alumínio com rum. A banda parou de cantar e, ao som de um único instrumento, o Rom Cremat iniciou: um homem com proteção nas mãos se aproxima da panela com um maçarico e ateia fogo no líquido, que, em pouco tempo, se transforma em chamas laranja-azuladas de quase um metro de altura. O povo cantarolava em círculo ao redor da mesa. O fogo cessou. Com uma concha, os copos eram servidos com uma prova do rum flambado. Já era noite e todos brindam – “Arriba, abajo, al centro y adentro!” – e emborcam de uma só vez o licor quente.



Madrid em boa companhia

A mulher é tão pálida que seu rosto tem ranhuras como se fosse porcelana, faz um bico com os lábios rosados, soprando o papel em brasa para que se acendam as chamas. À sua esquerda, um macaco olha atentamente para o que ela faz. O homem de chapéu vermelho ao lado dela, deixa entrever um sorriso. Parece que, a qualquer momento, os personagens da *Fábula*, de El Greco, vão se libertar da pintura e caminhar pelo Museu Nacional del Prado, um dos mais importantes da Espanha. Seu acervo conta com a explosão de cores de El Greco, o realismo tocante de Velázquez e os rostos expressivos de Goya.

“Te fixa no cuidadoso trabalho de pintura dos olhos, o brilho, as veias. Os olhos bem trabalhados são uma marca do realismo”, ouço o senhor de cardigã cinza dizer para o rapaz que anda com ele. Realmente, os olhares marcantes feitos por Goya são causadores de fortes impressões, como os da *Maja Desnuda*, obra pela qual teve que responder à Inquisição, acusado de imoralidade. Passar pelas alas de Velázquez e Goya é um atentado à psique. Seus personagens exibem um realismo tão absurdo que, ao virar o rosto distraído entre um quadro e outro, dá a sensação de ter visto alguém.

Era domingo, fim de um tórrido agosto em Madrid. Sento em um dos luxuosos bancos do Prado para descansar um pouco e me dou conta de que ainda não tinha conhecido

a obra espanhola mais famosa de todas no Museu Nacional de Arte Moderna e Contemporânea Reina Sofia.

A *Guernica* é um quadro gigantesco, um painel que ocupa uma parede inteira em uma sala só pra ela com dois guardas, um de cada lado, e um alarme que soa cada vez que alguém se aproxima a menos de meio metro. Não foi difícil achá-la: estava na sala mais movimentada e vigiada. Nos quinze minutos em que eu fiquei ali, o alarme disparou duas vezes. É possível ver cada detalhe, cada símbolo, cada imagem que se converte em outra imagem, que se converte em outra imagem. O quadro tem milhões de leituras de linhas que se juntam e se desencontram, deformando as figuras humanas e os animais: são braços tortos, uma perna mais gorda que a outra, olhos agonizantes, bocas abertas em um urro desesperado, um animal com mais de dois chifres e todos os horrores de uma guerra. Restos humanos remontados em um único conjunto. Terrivelmente genial.

Esse mundinho artístico

Já fazia quase dois meses que dançava com o Magal. Ensaivamos todos os sábados pela manhã no *Casa Nostra*. Ele sempre chegava com a camisa semiaberta apertada na barriga, coçando as costeletas, animado com um milhão de datas para shows, que iam sendo cancelados durante a semana. Um



dia seríamos contratados em um navio de cruzeiro, no outro, nos apresentaríamos na Festa Major de Barcelona com Carlinhos Brown, ou sairíamos em turnê pela América Latina. Na realidade, iríamos aterrissar no *pueblo* de Piera, com pouco mais de 20 mil habitantes, no interior da Catalunha.

Dias antes, Magal avisou que nos encontraríamos na casa de seu *manager*, Patrício, pois ele nos daria carona. O show estava marcado para dez da noite e a viagem devia durar cerca de uma hora e meia. Cheguei à esquina da Casp com a Roger de Flor uns dez minutos atrasada, mas nem Yoar, a outra bailarina, tinha chegado ainda. De longe, avistei três homens em volta de um Ford Focus azul-cintilante. Um deles, pela roupa, com certeza era o Magal. O segundo, o comico da noite, era uma cópia perfeita de Larry Fine dos Três Patetas, porém com o cabelo em um corte chanel que daria inveja à própria Coco e uma mania de mascar chicletes de boca aberta sem parar. O terceiro era Patrício, um senhor simpático de calça jeans, terno preto e cabelo grisalho. Yoar chegou, todos prontos para a viagem, Patrício ao volante sem parar de falar um minuto, contando sobre artistas absolutamente desconhecidos os quais representou. Uns quarenta minutos depois, eu já nem prestava mais atenção até que o nome Berlusconi me trouxe de volta.

“Estávamos fazendo várias apresentações na Itália e então eu consegui uma entrevista na televisão para o cara. Era uma ótima oportunidade. Só que a gente chegou lá e tinha

que ter um crachá para entrar nos estúdios, mas não havia identificação para nós e, de repente, chegou o Silvio”.

“*Hostia!* Ele estava na emissora também?!”

“Sim, quando nos viu disse: ‘Deixa comigo!’, e resolveu tudo. Entramos mesmo sem os tais crachás. Só que ninguém podia entrar no prédio sem aquela identificação, me entende?!”

Seu amigo Silvio para cá, seu amigo Silvio para lá, houve uma época em que o ex-primeiro-ministro italiano vinha com frequência a Barcelona jogar em um cassino que Patrício frequentava. Ele costumava pagar rodadas e rodadas de bebidas para todo mundo. Após algum tempo sendo ambos clientes fiéis do local, fizeram amizade. Sim, Patrício era parceiro de jogatina de ninguém mais do que o multimilionário Silvio Berlusconi! Se é verdade, eu não sei, mas parece que tem até fotos com a figura. Em meu imaginário durante o trajeto, o cassino de Barcelona cheio de mulheres, fechado especialmente para receber o amigo mais ilustre do *manager* de Magal.

Passava das oito da noite quando chegamos em Piera. Como era verão, ainda estava claro. Desembarcamos no local onde aconteceria o show, na quadra de esportes de um colégio em que foram dispostas longas mesas retangulares, acompanhadas de bancos de madeira. As luzes eram testadas no palco, enquanto Magal, Patrício e Larry Fine conferiam o som. Yoar e eu fomos ao camarim: uma sala ampla, cheia de troféus. Magal veio avisar que estava tudo pronto e que deveríamos



jantar, já que mais tarde seria impossível.

Sáímos a pé pelas ruas de pedras irregulares. Encontramos um bar, mas a atendente disse que a cozinha havia fechado, pois era noite de festa na cidade. Fomos em outro, onde alguns homens bebiam e jogavam sinuca. A cozinha também não funcionava naquela noite, mas, ao saber que erámos os artistas da apresentação, a proprietária resolveu abrir a sala do restaurante apenas para nós. Estava contente em nos receber e quis saber do show: “Todos estão comentando, os moradores todos vão!”.

Além da gente, um grupo de dança, duas transformistas e o cômico que tocava seu violão num canto preenchiam o camarim quando retornamos. Magal seria o principal apresentador e suas músicas seriam intercaladas entre um grupo e outro. O povo, ansioso, batia palmas. Magal subiu ao palco, cujo acesso se dava por uma trêmula escada de madeira, brincou com o público, fez piadas e cantou. “Mas pra gente realmente botar pra quebrar eu vou precisar da ajuda das minhas bailarinas! Recebam com aplausos Yoar, das Ilhas Canárias, e Carol, do Brasil!”. Depois de duas músicas, agradeceu nossa presença, enquanto o público masculino vaiava: “Elas estarão com vocês durante toda a noite. A diversão recém começou! Vamos passar bem!”

Magal então chamou outro senhor ao palco, era o bingo que começaria. Enquanto esperávamos, mais artistas chegavam ao camarim, outros ensaiavam, retocavam a maquiagem e costuravam seus figurinos. “Bingo!”, alguém gri-

tou. Acabava a última rodada e estava na hora de finalizar o jogo e continuar com a festa. Outra vez nos apresentávamos: mais Magal, mais um par de canções. *Oh ohohoh... Oh ohohoh.../ Agujetas de color de rosa y um sombrero grande y feo/ El sombrero lleva plumas de color azul pastel/Oh ohohoh Oh ohohoh...*

Ele anunciou o cômico e as apresentações dos grupos de dança que viriam depois. Sem a menor pressa, Yoar e eu trocamos nossos figurinos e esperamos. O corpo ficou frio, a voz também, e os pés começaram a doer. Hora do tango: *Fanny* e uma calma versão de *Stand by me*.

Aproveitamos a performance de uma das *drags* para tomar água. Trocamos de roupa de novo: botas e chapéu de caubói. Fomos ao encontro da plateia ensinar os passos das coreografias *country*. A outra performista subiu ao palco. Lá de cima, conseguia ver apenas os muitos copos que subiam e desciam em uma cachoeira de mãos e os rostos alegres e vermelhos. As crianças suadas corriam e tentavam subir a escada que levava até o palco. Foi uma noite longa, que se estendeu até as quatro da manhã.

As luzes de todas as pequenas casas estavam apagadas. A cidade toda abandonada, escurecida e silenciosa. Apenas um ponto irradiava luz: a quadra de esportes, de onde também se escutava um zunido sem fim de conversas, risadas e cantorias. Não é sempre que há uma festa tão grande na pequena vila. Fizemos três músicas de bis. Show finalizado, cachê pago: deixamos a pequena cidade e seus moradores em-



briagados de álcool e felicidade para voltar a Barcelona.

Se denota la crisis

“... e ela não quer me pagar, ela me deve e tem que pagar, diz que não tem dinheiro.”

“O que aconteceu?”

“Eu só quero o que é meu de direito, senhor”.

“Que houve?”

Em frente a uma farmácia na Gran Via, em uma manhã, uma cena incomum: uma mulher de pele clara e cabelos loiros lisos, vestida com um casaco bege, sentada em uma cadeira, enrolada em um cobertor marrom. Ao seu lado, um cartaz branco escrito com caneta preta: “Solidariedade com o trabalhador. Me chamo Carmen e não quero dinheiro, nem estou mendigando. Sou vizinha do bairro e trabalhava para esta farmácia. Eles me devem 1.291 euros e não querem me pagar, muita gente do bairro sabe. Eu só quero o que é meu”.

E ela repetia, e repetia, e repetia: “Eu trabalho nesta farmácia há tempos e agora a mulher me despediu e não quer me pagar o que me deve. Eu sou honesta, todo mundo do bairro me conhece e sabe que ela me deve, ela diz que não tem dinheiro, mas não é verdade, tem que pagar o que deve, tem que me pagar”.

“Bom, a senhora tem direitos, se foi despedida, pode entrar com processo de...”



“Não, eu vou ficar aqui até ela me pagar o que deve, para que todos vejam, ela tem que me pagar, eu só peço o que é meu. Ela diz que não tem dinheiro, é mentira. Deus sabe o que eu aguentei aqui, essa mulher é louca, ela tem que me pagar”.

“A senhora tem seguro-desemprego?”

“Eu vou ficar aqui, até que se resolva, até que me paguem e quero que todos vejam”.

A cena juntou muitos curiosos. Alguns paravam, e seguiam, outros escutavam o que ela tinha a dizer, outros ainda tentavam ajudar. Os vizinhos se amontoavam em torno dela. Do lado de dentro da farmácia, os funcionários espiavam. Não satisfeita com o tumulto, ela anunciou ainda que chamou a televisão. “Um homem me perguntou o que acontecia e se eles poderiam filmar, eu disse que sim, já está tudo acertado, eles virão de tarde. É bom que todos saibam”.

Até que a dona da farmácia não aguentou mais a pressão, chamou a ex-funcionária. Dava para ver, pelo vidro, como discutiam exaltadas. Ao sair do estabelecimento, ela começa a recolher seus pertences: a cadeira, o cobertor, uma garrafa de água e o cartaz. Com um semblante satisfeito, agradecia a todos pelo apoio: “Ela vai me pagar”.



Uma calma tarde no café:

“Pega apenas metade dos pães, a Maria mandou cortar pela metade, se não vendemos, não há porque comprar mais”.

“Tudo bem, só metade então”.

“É a crise, não nota? Verdade que se nota a crise? As pessoas estão sendo despedidas, é a verdade”.

“Realmente, só pelo número de gente que vem todas as tardes com um currículo pedir emprego, me diz quando isso acontecia antes do verão?”

“Não acontecia, verdade?”

“Não!”

“A Maria está preocupada, vocês têm vendido no sábado?”

“Não, caiu bastante o movimento. Quase ninguém mais vem, a não ser os de sempre. Só”.

“É, a gente nota. Se nota a crise. E diz que vai piorar...”

No metrô, antes que as portas se fechem, entra um homem com pressa carregando uma pequena caixa com isqueiros na mão direita e alguns papéis na esquerda. Quando o vagão começa o movimento ele pede a atenção de todos: “Não sou mendigo, não vou pedir dinheiro. Eu fui despedido e tenho filhos, eu não consegui o seguro-desemprego, podem

olhar meus documentos. Tá aqui, podem olhar. Eu peço que me ajudem e comprem estes isqueiros. Eu não sou mendigo, não vou pedir dinheiro. Eu fui despedido...”

Conforme ia avançando para outros vagões, o homem recomeçava o discurso à espera da venda de um isqueiro de dois euros.

“Los ahorros de España”. A expressão mais usada na televisão entre os meses de outubro e novembro. “O banco da Espanha aguentará a crise?”, era a pergunta dos jornalistas nos debates. Na imprensa, notícias pontuais construía o cenário sobre o colapso do PIB, a Nissan despedia quase mil pessoas de uma única vez, outras diminuía a jornada de trabalho e o salário para não terem que mandar embora, economistas apontavam para a superlotação do *Paro*, o seguro-desemprego espanhol, e para a desocupação elevadíssima.

Mas não era preciso ler jornal para saber, a gente via no cotidiano: nas baixas vendas do café, na senhora despedida parada na frente da farmácia, nos protestos na Praça Catalunha, no vizinho que teve a jornada de trabalho reduzida. A gente percebia e ouvia no triste e diário comentário da minha colega de turno no café: “¿Se denota la crisis, verdad?”.

Um mar de gente sem trabalho. E tudo tendia a piorar. Sem emprego, os próprios espanhóis aceitavam funções usual-



mente feitas pelos imigrantes, tornando-se garçons, lava-pratos, atendentes do comércio. Alguns imigrantes estavam indo embora. Depois de oito meses, eu sentia: aproximava-se também da minha hora. “Es lo que hay”, diriam os espanhóis com seu célebre e sábio ditado.

COMENTÁRIO DA REPÓRTER

Em abril de 2008, meu plano era estudar cinema nos Estados Unidos. Como não tinha como bancar os custos para fazer o curso, meus tios radicados em Barcelona propuseram que eu ficasse com eles durante três meses para que eu trabalhasse no restaurante de um amigo deles e juntasse dinheiro suficiente para ir a Nova York.

Desembarquei na Espanha nem um pouco interessada no país: tinha um visto de turista e não sabia terminar uma frase em espanhol. O possível emprego não deu certo, o início foi difícil, mas as experiências eram muito intensas e me transformavam. Enquanto esse frescor me oxigenava por inteiro, fiz questão de proporcionar uma viagem também para minha família e amigos que estavam distantes: eu



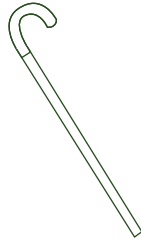
contava tudo em e-mails.

Começou com uma escrita despreziosa. A possibilidade de transformá-las em um livro-reportagem surgiu durante a viagem, por encorajamento do professor Paulo Roberto. Foi através dele que descobri Albert Chillón cujas aulas tive a oportunidade de assistir na Universitat Autònoma de Barcelona. Ele não conhecia o Paulo, mas se mostrou surpreso e orgulhoso em saber que sua pesquisa com literatura e jornalismo estava tão disseminada.

Meses mais tarde, eu e o Paulo nos reuníamos no café da Cesma em Santa Maria para planejarmos o trabalho. Ele adorava aquele lugar – embora quase nunca tomasse café – e sempre tinha apontamentos a fazer. Às vezes, eu compreendia suas considerações, porém, em muitas outras, batia o pé. Hoje, quase oito anos depois, vejo que ele tinha razão. Como me deixou escrever aquilo?! Ele percebia que não havia maturidade suficiente para o entendimento na época: ia calando, olhava pro lado, desviando o interesse e passávamos pro próximo item. Acho que pensava: “A vida se encarrega”.

Os fragmentos que compõem esta reportagem foram lidos, relidos, reescritos. Estou certa de

que se fizer isso de novo, mais para frente, ainda vou achar no que mexer. É assim, somos movimento! Agora que exerço o jornalismo, os ensinamentos do Paulo me visitam. Um deles ecoa com frequência quando consigo fazer o que ele propunha e quando não. Pressa, rotina, cansaço podem servir de justificativa, mas me culpo quando chego na redação, vejo o resultado e percebo que não tive sensibilidade suficiente. Afinal, como ele dizia, “não basta estar bem informado, ler livros, jornais, documentos, o bom jornalista tem que saber também ler a vida”.



TREZE DE JULHO, UMA TERÇA-FEIRA

Bibiano Girard

Era março de 2012 e fazia trinta e cinco graus na Campanha Gaúcha. Começava a segunda fase de produção da reportagem e previmos a realização das entrevistas, após um longo período de apuração documental. Duzentos quilômetros a Oeste desde Santa Maria, passando por casas de compridos pés-direitos, empoleiradas no alto de coxilhas, está a Fazenda Santa Adélia. Não há muita constância nas temperaturas diárias durante o ano, mas o verão costuma derreter o gelo do copo entre um gole e outro. A primeira fase de visitas, entre maio e julho de 2011, me fez lembrar do inverno ventoso que descobre as costuras dos casacos. Independente das estações que se cumpriram ao longo do ano, bastava olhar os sem-fins do mundo para perceber os campos vazios.

Queria entrevistar a penúltima das quatro fontes acima de setenta anos que poderia salvar minha proposta de reportagem. Os outros de sua geração ou estavam mortos ou me diziam por telefone não saberem como ajudar. Muitas vezes, em supostas visitas, mantive intenções desonestas de

escutá-los com ouvidos de jornalista enquanto contavam – ou repetiam – histórias do passado. O local do ocorrido? Interior de Rosário do Sul, para o lado de Alegrete, próximo à Vila Capela do Saicã, principal povoado da região, onde eles viveram a adolescência. Queria contar como as estâncias, hoje extintas, dominavam a vida do morador do vasto pampa gaúcho. Ao narrar a saga tragicômica de minha família, sentia-me em busca dos Aurelianos Buendia daquela região.

Muito ouvi a mesma história por múltiplas versões. Cada uma mitológica a sua maneira, coisa normal dos casos por aqui. A saga de um viajante que atravessava a Campanha entregando encomendas em bolichos, que tinha passado de carreteiro a capitão do governo ditatorial do PRR de Júlio de Castilhos e, quando sorteado satiricamente pelo dia da morte, acabou com o esquife erguido sobre um rio em plena enchente. Dono de trinta e três quadras de campo, afiançou anos antes de seu fim como seria seu cortejo fúnebre – o que não o impedia de ser um homem feliz. “Começou com uma, e antes de se mudar para a casa onde envelheceu e morreu, tinha dezesseis carretas puxadas por bois”, disse-me Odair. Percorria trinta dias de sol e de chuva entre Pelotas e Uruguaiana. No meio do caminho, tinha uma moça. “Depois de entregar encomendas por bolichos espalhados por aí, acabou casando com Alexandrina, minha avó”, completou ele. Foi morar no Oeste, onde hoje há um grande arquipélago de pequenos sítios que lembram o passado



apenas pela arquitetura remanescente das casas.

No convite feito aos entrevistados, apresentei, pela primeira vez, a ideia de escrever a trajetória da família. “Pelo lado dos Silva?”, me questionavam. Com seus enfeites, memórias romantizadas, rancores amortecidos e amores requentados, precisava filtrar a história, o que se tornou tarefa impossível. O relato dos idosos só podia ser descrito através das fabulosas percepções que construíram para lembrar. Fantasiar a realidade mostrou-se inevitável.

“Tu vai querer tomar alguma coisa ou vamos conversando?”, perguntou o senhor sentando na poltrona preta forrada com um pelego. Há uma fama do gaúcho viril e grosseiro que parecia injusta quando, à minha frente, encarava-me um afável *hobbit* com as mãos cruzadas sobre a barriga. Recebeu-me no escritório da casa onde vive há mais de setenta anos, usando bombachas amarelo-escuro, cinto de couro e um chinelo preto. Fui incapaz de contar os variados quadros, fotos de touros, troféus de expofeiras, pastas e amuletos na pequena peça amarelada pelo sol das quatro. O silêncio de fora comprovava: estávamos a quarenta quilômetros em estrada de chão da cidade mais próxima, Rosário. “Tu sabe da história da mulher da capa preta que morava nessa casa?”

Ouvir as pessoas daqui é percorrer um sinuoso e convidativo trajeto entre a lembrança, o causo e a fantasia. Minha curiosidade aumentava. “Essa história tem uns cem anos, de-



certo”, falou enquanto olhava para o nada. Depois riu: “Quando meu pai comprou a casa, acharam aqui todas as portas e o assoalho perfurados por centenas de pequenos furinhos”. A casa, no alto de uma coxilha, permite que se veja, ao longe, um pouco do que já foram as terras de Marcos Antônio, avô do meu entrevistado.

“Ninguém sabe se era viúva, solitária ou maluca”, prossegue. Vendia galinhas, perus e porcos na vila para se manter. Enchia uma pequena mala com milho e percorria mais de légua entre sua casa e a Capela para comercializar os bichos que a seguiam na infeliz jornada rumo à morte, a comer os grãos jogados aos poucos. O restante dos animais era trancado em casa para não fugirem na sua ausência. Porcos, perus e galinhas a transitar entre a mesa do almoço e a cama da solteira numa casa de 1865. As perfurações que encontramos eram bicadas. Chegou uma época em que nem mais expulsava os bichos durante as madrugadas.

A nova casa foi erguida em 1946 por Menoca, pai de Odair, no terreno ao norte da fazenda da família. Foi com a intenção de contar o desgosto do patriarca Marcos Antônio com as terças-feiras, com os dias de chuva, com o número treze e sobre seu famigerado cortejo fúnebre, que comecei aquela viagem.

A Fazenda Bom Retiro abarcava mais de trinta quadras de campo e tinha como limite a Vila do Saicã, vilarejo até hoje existente, de onde saía grande parte da mão de obra da fazen-



da, antes escrava, posteriormente semiescrava, para só décadas depois ser assalariada. Era normal, na época, que as pessoas se achegassem às casas, por trabalho, em troca de comida e teto.

Deco, Menoca, Firoca, Maroca, Dorinha e Vininha: os seis filhos do velho Marcos e de Alexandrina viveram na casa dos pais até se casarem. Era então um vasto continente, que foi sendo retalhado entre filhos, netos, bisnetos e compradores desconhecidos até formar o arquipélago de famílias que é hoje. Exceto por Firoca, o desgarrado, os outros viveram até a morte em casas levantadas em algum canto das terras sem-fim da família. “Depois que o Maroca construiu a casa bonita do Posto Novo, em 1942, Seu Menoca decidiu fazer essa nova, que existe até hoje, onde mora o Odair”, disse-me Horácio, filho adotivo de Dorinha. Horácio vive até hoje na casa onde vivera a infância e a juventude com os pais adotivos. Das memórias mais retumbantes, guarda a imagem dos dois bustos de um metro de altura do ex-presidente Getúlio Vargas que o pai guardava. “A gente tomava mate na frente da casa, e, nos dois lados da varanda, meu pai colocava ‘os Getúlios’ para acompanhar a gente”.

Menoca, o oposto de Firoca, via com desdém o comportamento do irmão farrista. Um tanto desprezível para um filho de Marcos Antônio, pensava. Já Maroca, em sua calma quase feminina, ia ver nos fundos da casa se Firoca conseguia desamarrar os arreios do cavalo que o trazia da Vila Saicã



com frequência. Deco, o mais velho, importava-se um tanto menos com as farras dos irmãos, enquanto Dorinha e Vininha viviam a sina das mulheres, entre o trabalho da casa e o silêncio. Como toda família, o passado nem sempre fica bem-resolvido. Na confusão entre os irmãos, principalmente entre Menoca e Firoca, restou ao último a herança de pequenos nacos de terra aqui e acolá, em um campo afastado, os quais acabou se vendo obrigado a vender aos irmãos.

“E o senhor lembra do fatídico dia da morte do seu avô?”, pergunto a todos. “Não tem como esquecer, né?”. Nunca tinha se visto algo parecido. O velho Marcos chegou às terras da Fazenda Bom Retiro, depois de vender os campos que havia comprado do outro lado do Rio Santa Maria, em Rosário do Sul, terra onde nascera em 25 de abril de 1865, filho de Marcelino Antônio da Silva e Anna Joaquina da Silva. Os tempos de urbanização rápida traziam novos moradores à cidade, em sua grande maioria famílias pobres de peões abandonados pelas estâncias, além de saqueadores e arruaceiros. Já na nova casa, e preparando-se para um cargo de vereança em Rosário, Marcos seguia à risca os mandamentos do partido, o PRR, e do Patriarca, como era chamado Júlio de Castilhos, ao ponto de enviar Firoca e Maroca para a guerra combater os insurgentes maragatos, contrários ao governo.

“Meu querido irmão Firoca”, são as primeiras palavras escritas após endereço e data: Bom Retiro, 14 de Novembro de



1924. O irmão, em casa, continua: “Esperamos que estejam bem. São tantas saudades de vocês que até hoje para nós parece uma mentira que temos dois irmãos na guerra. Sabemos que já brigaram e que foram muito felizes. Deus há de nos aguardar que isto se acabe, que vocês não precisem brigar mais. Estiveram na Capela e não deu o acaso de estar nenhum de nós lá para ver vocês. Hoje passei o dia na Capela pensando que vocês voltariam. Manda saudades ao Funico, ao Bilico e ao Zeca e todos os nossos conhecidos e amigos que andam nessa luta tão triste. Saudades e abraços, que todo bem te desejo, Deco A. da Silva”.

Firoca e Maroca haviam retornado um tanto transtornados da guerra. Os castilhistas, de lenço branco no pescoço, envolveram-se com a incumbência de soterrar o movimento contestatário dos maragatos, de lenço vermelho. Marcos Antônio era Capitão do governo que dirigiu o Rio Grande do Sul entre 1891 e 1903, um posto existente à época, que dava a ele status de juiz sobre as pessoas de seu entorno. A família vivia entre o pavor de não ter notícias de dois dos seus e a iminência de algum ataque à casa, já que, naquelas bandas, era Marcos Antônio quem dava sustentação ao sucessor de Castilhos, Borges de Medeiros. Sozinho em seu quarto, o Patriarca redigira, no primeiro ano de mandato, uma Constituição imperiosa dando plenos poderes ao partido e a seus representantes. Nas coxilhas da Bom Retiro, o lenço branco ventava.



“Eu era a única neta que ele permitia vestir vermelho. Não só vestia como era presenteada com uma fazenda colorada toda viagem a Porto Alegre, Pelotas ou até mesmo em Santa Maria, quando traziam a tia Vininha para consultar”, lembra Alexandrina, que carrega o nome da avó. Tia Vininha não tinha muita sorte: operava a vesícula e começava a doer a perna. Febre, tontura, enxaquecas. Numa viagem a Bagé descobriu-se material cirúrgico esquecido próximo à perna, deixado durante um procedimento feito às pressas. Passava de cama, viajava constantemente a Santa Maria para se consultar: “Jamais a gente soube o que realmente ela sentia. Eram dores que maltratavam bastante dela”. Na memória de Alexandrina, as crises de dor da tia eram marcadas pela chegada de mais um vestido vermelho novo.

O apoio do capitão Marcos ao ditador da elite gaúcha chegava aos noticiários de *A Razão* e a publicações locais. Em 1931, um livro trazia a listagem das famílias que comandavam a política, a economia e a justiça dos arredores, e Marcos Antônio surgia na página 18 como “um abnegado e fidelíssimo servidor do partido republicano”, cargo conquistado por sua posição econômica, herança a qual não conseguiu legar a netos e bisnetos. O livro de exaltação aos ideais castilhistas dava aos quatro filhos do capitão uma valentia não demonstrada no cotidiano: “O Partido Republicano Castilhista tem, na figura dos quatro filhos, quatro soldados destemerosos e bravos, experimenta-



dos na campanha contra os repetidos surtos revolucionários que tentaram contra os princípios constituídos”. Apenas dois tinham ido à guerra. Maroca, asmático e inapto aos trabalhos de campo, preferia passar os dias em casa com as mulheres.

Assim segue o texto: “Todos elles, encorporados em corpos auxiliares da Brigada Militar, souberam honrar a herança paterna e tornaram-se credor da admiração de seus commandantes. Alistado eleitor desde a fundação do partido que dirige os destinos do Rio Grande, Marcos Antonio da Silva jamais deixou de atender a imposição de seus sentimentos cívicos. Tem desempenhado cargos de responsabilidade política e actualmente serve à justiça e à sociedade do terceiro districto de Rosário, como juiz. A sua actividade particular está entregue à indústria pecuária, sendo proprietário de boas extensões de campos. Cria e inverna, sendo a sua fazenda dotada de todas as instalações necessárias a um bom estabelecimento, principalmente de um bom banheiro carrapaticida”. Os louros, em troca, exigiam fiel apoio às medidas tomadas pelo partido e também à tarefa de fazer votar todos aqueles que estavam sob seu comando.

Os dois bois brancos escolhidos a dedo pelo velho Marcos muitos anos antes de sua morte permaneciam sobre o verde contíguo à sede da Fazenda Bom Retiro, sob colossais paineiras e umbus em fileira. Aos fundos, a índia Alzira armava uma cadeira de vime próxima à mesa embaixo da parreira para talhar charque. O trabalho começava logo após o almoço



e se estendia até o sol das quatro. Além dos peões e dos achegados, muitos caseiros – chamados de *posteiros*, por residirem em postos nos limites dos terrenos da estância – davam cobertura ao casarão, cuidando do campo e dos bichos.

As terras de Marcos Antônio se espalhavam por colinas, coxilhas e pequenos bosques: do cemitério dos Trindade – onde jazem os mortos do final do século XIX entre pequenas muralhas naturais de pedras cinzas as quais, dia ou outro, gritam livres das areias que as sufocam – até a Coxilha Alta, onde converso com Odair. “Contam que o cemitério teve que ser construído ali para que Seu Trindade pudesse enterrar todas as suas mulheres”, diz Horácio, rindo. As covas que guardam os Trindade já viram o terreno caminhar para todos os lados, e agora nem mesmo se sabe seus lugares exatos. A terra sobe, desce, faz curva, ondula tapando e destacando a cercania empedrada que protege os túmulos.

A pecuária extensiva, que dava sustento ao Capitão e alimentava seus incontáveis empregados sem salário, era praticada por toda a Campanha, onde se situam bons campos de pastoreio. A sociedade pecuarista encontrava-se sobretudo abaixo da linha formada pelos rios Ibicuí e Jacuí, na grande fronteira com o Uruguai e a Argentina, sendo Rio Grande e Pelotas os dois maiores centros mercantis da época. As milhares de cabeças de gado criadas por Marcos Antônio, e pelos demais estancieiros do entorno, formavam o maior rebanho do país em 1920.



Entretanto, a burguesia gaúcha do pampa, inapta a outro tipo de atividade, não foi capaz de provocar uma diversificação e expansão na economia, e seu ciclo de desenvolvimento foi, aos poucos, sendo paralisado. Após o fim do comércio de charque para o resto do país, as estâncias começavam a mostrar sinais de decadência vindoura.

A única data do ano em que Marcos Antônio recebia gente vinda dos muitos rincões por onde se ouvia falar dele era no dia do seu aniversário. “Foi numa dessas festas, eu ainda era guri, que um dos convidados apareceu pelo céu, num avião, e meu avô, contente, fez questão de ser fotografado na frente da máquina com quem quisesse”, relembra Lino Deoil, irmão de Odair. Funcionava por lá, e por outras dez cidades próximas, latifúndios de poucos donos e muitos empregados, quase todos sem contrato ou salário, moradores das casas e dos galpões. Nem sempre o patrão conseguia contabilizar quantos andavam pelo local. “Nesses aniversários juntava tanta gente, alguns sem eira nem beira, que acabavam ficando por ali para ter o que comer”, rememora Lino.

Nos tempos em que a Bom Retiro era uma extensão só, dividia-se o terreno em duas *invernadas*. Eram espaços de terra onde, graças às características naturais da região, como pequenos bosques, arroios, sangas e vertedouros, distribuíam-se parte das duas mil cabeças de gado Shorthorn – mesma raça do famoso touro Tarquino, trazido da Argentina,



manchete dos jornais brasileiros em 1823. Como no mapa do Egito, a invernada de baixo ficava ao norte e a invernada de cima ficava ao sul. Nos lugares mais afastados da casa principal, posteiros e suas famílias moravam em boas residências construídas pelo velho. Algumas fofocas nesses povoados eram famosas. “Já te contaram da vida do Roque e da Santa? Aquela que o nome não concordava com os costumes?”, pergunta Deoil, zombeteiro. “Entre as caravanas do Seu Roque até os postos vizinhos, na lida diária de manter o rebanho amparado, Dona Santa levava para cama quem passasse por ali: peões, andarilhos. Acontecia até mesmo de os homens do lugar, principalmente os filhos e genros do Seu Marcos, pregarem peças com os posteiros mentindo sobre um revólver da família perdido pelo campo”, conta Odair. “Eles prometiam aos posteiros gratificações ao primeiro que voltasse para a casa principal com a arma na guaiaca. O que os posteiros não sabiam, porém, era que a arma não existia, e que suas esposas, enquanto eles buscavam o revólver com afinco pelas pastagens altas, recebiam visitas”, completa Deoil.

Na lida campeira, eram necessários mais de trinta assistentes para parar rodeio. Quinze peões envolviam o gado sem pressa, cavalgando na tentativa de jamais perder um animal. Com o passar das horas, os cavaleiros se encontravam no ponto onde o gado disperso acabava confluindo em uma massa boiadeira berrante. A valsa entre homens e cavalos findava



com quantos bichos fosse preciso separar para as vendas no próximo dia. O homem que chegou de avião no aniversário do fazendeiro teria vindo só para conhecer a famosa gadaria.

A marcação dos bois, geralmente aos domingos, trazia parentes distantes e reunia peões de paragens vizinhas, avisados muitos dias antes por algum andarilho errante que soubesse da informação, sinônimo de boa comida e bebida no fim de semana. O trabalho, durante manhã e tarde, era colocar o gado dentro da mangueira de pedra, o curral, e depois assinalar no couro dos animais a marca da fazenda com ferro em brasa.

Se os mortos, no voo leve da alma, acompanham seu cortejo fúnebre, Marcos Antônio viu seu finado corpo ser carregado por uma carreta puxada por dois bois brancos, assim como havia ordenado tempos atrás. A família nunca dava ouvidos, já que carros com motor há muito já percorriam as estradas. Mas parecia que o velho imaginava seu futuro e seu fim. “Como neto, percebi que algo de ruim acontecia. Depois que se sentiu mal, enquanto lia na escrivania do seu quarto, permaneceu inconsciente deitado na cama durante treze dias. O corpo ia se decompondo aos poucos e a chuva do lado de fora não cessava. As costas dele estavam tomadas por uma mancha cinza, envelhecida”, recorda Lino.

Os filhos fizeram valer o antigo pedido: “levem-me numa carreta”. A casa escureceu. O silêncio emanava dos quatro cantos. A chuva, que Marcos Antônio tanto execrava, per-



petrava uma enchente histórica no arroio Saicã, fronteira entre a fazenda e a vila onde estava construída a capela fúnebre da família. Os campos baixos estavam alagados e as margens, engolidas pelo espelho d'água. Os dois bois brancos, Santa Rita e Bom Retiro, que puxavam a carreta, faziam parte do rebanho de duas mil cabeças do falecido. “Ficavam sempre na beira da casa, ruminando em silêncio”, diz Lino. “Tinham os olhos murchos e a face espalmada. Mas que coisa horrível era olhar praqueles dois. A gente era jovem, conhecia todo tipo de bicho, mas aqueles dois pareciam dois monstros a vigiar a casa. Ou meu avô”.

O dinheiro que o velho tinha para manter os tantos bois e a vastidão de campos e de empregados iniciara-se com as cento e sessenta patas que com ele trafegavam durante trinta dias e trinta noites entre Uruguaiana e Pelotas. Ao todo, percorria setecentas milhas, ida e volta, abastecendo armazéns por onde passava. Na jornada de ida, anotava os pedidos, a cada conversa com os bolicheiros, clientes seus, e, no retorno, os distribuía, esvaziando aos poucos as dezesseis carretas de sua esquadra. Dizia que morreria sendo levado por seus bichos. Numa tarde, ao cruzar pela Capela do Saicã, levou mais tempo para ir embora porque sentada na frente de uma casa estava Alexandrina.

Em 1939, quem o esperava na estação de trem de Cacequi levou algum tempo a entender porque apenas pai e filha desciam do vagão de passageiros. Marcos Antônio e a esposa



acompanharam Dorinha a Porto Alegre para montar seu enxoval de casamento, mas um mal súbito deixou Alexandrina estirada no chão do quarto do hotel e restou ao velho a opção de transladar o corpo em um vagão fúnebre alugado. “Aí começam as histórias intrigantes, né?”, se pergunta Odair. “O vovô odiava o número treze. Não comprava nem vendia nada nesses dias, assim como nas terças-feiras e quando chovia. Ele faleceu treze anos depois da viagem a Porto Alegre. E se a gente conta ninguém acredita: numa terça-feira de muita chuva, treze de julho. Foi por causa da chuva que tivemos que fazer o cortejo daquele jeito”.

O velho teve um infarto sentado em sua escrivaninha lendo o jornal santa-mariense *A Razão*, que chegava à fazenda dias depois de impresso. No quarto, havia como sempre potes de doces secos e livros, uma bacia de água quente para lavar o rosto, sua cama e os aparatos para o chimarrão. O que se sucedeu até a vila ninguém esquece.

Depois de sua morte e da divisão das terras, os novos donos foram aos poucos vendendo mais partes dos campos ao ponto de hoje não sobraem nas mãos de descendentes da família mais de vinte por cento do que um dia foi a Bom Retiro. Os errantes tumbeiros, que vinham dormir uma noite para seguirem sem rumo na manhã seguinte, foram morrer na cidade. Em cada uma das antigas casas, quase todas com mais de setenta anos, os galpões, que eram movimento entra-e-sai de funcionários,



agora jazem em silêncio. Envelhecidos. Alguns aos pedaços. “Parece que o tempo de grandes estancieiros terminou com o vovô. Seus filhos já foram menores do que o pai e seus netos e bisnetos já nem conhecem mais a terra”, me diz Odair, um tanto saudoso. “Parece que ele e os outros foram os últimos fazendeiros de Campanha”. Eram poucos, são menos agora.

Há ainda um clima de museu pelas residências por onde andei. Nem todas foram abandonadas, algumas permanecem alvas e imponentes, mas em nada se nota o que se conta. “São novos tempos”, comenta Alexandrina. Em algum quarto ou peça sem importância os velhos pampeanos guardam as rédeas penduradas. Poucos são os que ainda engraxam o laço. O fogo às cinco da manhã não precisa mais ser aceso, e a roda de chimarrão acontece com sol alto, antes das nove. Os sacos de lã que antes ocupavam dias de tosquia no trabalho agora são carregados por um único caminhão. Os rebanhos são invisíveis e as parreiras foram tomadas por trepadeiras. As mangueiras, paradas, servem, em sua maioria, como retratos do tempo.

“Mas o que eu estou me esquecendo de te contar, guri?”, questiona Odair. “Pode parecer estranho, mas quero saber como ocorreu o cortejo do velho Marcos”, respondo. Eu já sabia um pouco da história, mas sempre contada por quem não esteve lá. “Pois então... Quando vovô morreu, treze dias depois de cair de cama, no dia treze de julho de 1952, chovia tan-



to que seu amigo Chico Oliveira não via saída. Haviam pedido seu carro emprestado para o encaminhamento do esquife até a vila, mas o arroio Saicã subia de minuto a minuto e seria perda de tempo colocar o carro na estrada para atolar”, lembra Odair. “Parecia que ele sabia que, de alguma maneira, a gente ia ter que buscar os dois bois brancos ao lado da casa e a carreta muito parecida com aquelas de seu passado de carreteiro. Foi quando tivemos a ideia. Até o rio, o caixão seria levado pelos bois, mas para atravessar tanta água era preciso erguê-lo”, conta Lino.

O caixão levado por uma carreta era seguido por um longo cortejo de enlutados, filhos, netos, amigos e conhecidos da região. A cavalo, seis homens da família acompanhavam em silêncio a passagem da fileira negra de gente. A chuva fina gelava até a alma e as crianças menores embarravam as botinas nas poças d'água. O caixão sacudia aos solavancos pelo caminho esburacado. Ao chegarem ao rio, na divisa com a vila, onde está a capela mortuária dos Silva, os seis cavaleiros despediram-se do resto do cortejo. Um pontilhão que cruzava o rio estava mergulhado e os cavalos atravessariam com a água no peito. “Foi quando a gente viu o caixão ser levantado. Cada homem segurava um canto, e dois deles iam na frente para ter certeza que o pontilhão não tinha rachado”. Nunca tinha se visto algo igual. Um corpo gelado quase a nadar na água



fria. “Às vezes se via o caixão encostar na água”. De um lado, o séquito dava adeus. Sobre as águas geladas, abaixo de uma garoa fina, numa terça-feira treze de julho, Marcos Antônio cruzava o rio, deitado em sua última cama.

COMENTÁRIO DO REPÓRTER

Por sorte dos desencontros da vida, posso dizer que, jornalisticamente falando, meu orientador Paulo Roberto Araujo e eu tivemos um período um tanto longo de trabalho. No entanto, a história contada fora ouvida por mim centenas de vezes, durante vinte e nove anos. Sou bisneto da personagem principal e, contudo, desde o primeiro período de apuração, em 2011, resolvemos que pouco me incluiria no texto.

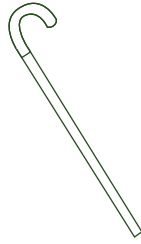
O professor concordou, para minha alegria, que eu elaborasse uma reportagem em forma de romance sobre minha própria família. Desde criança, tais relatos viajavam em minha cabeça, e assim como os velhos, na sina da Campanha, eu mesmo criei – e ainda crio – a versão mitológica da narrativa, ainda que tudo tenha, de fato, acontecido. É a liberdade do pensamento e da criatividade que nos permite dar cor



e intensidade à vida banal e cotidiana, e assim poder transformá-la em história. Quando o Paulo deu o aval quase místico – “faz uma árvore genealógica e mergulha na Campanha” –, a coragem para voltar ao pampa e mexer em lembranças então veio à tona.

Para além da técnica, mergulhamos, nós dois juntos, na quimera lírica de ver o passado através da lente da fantasia. Foi, quem sabe, minha maior viagem até hoje: a cada personagem, a cada lugar e história conhecidos, mais e mais estradas surgiam. A reportagem aqui publicada segue uma linha narrativa diferente de sua primeira versão, escrita em dezembro de 2012. Um devaneio reescrito que valeu muito a pena, visto que dois de meus entrevistados já faleceram e porque, ainda que o futuro reserve o mesmo a todos nós, os livros e a memória permanecem.





EM DIA QUE NÃO TINHA VENTO, NÃO SE OUVIA RÁDIO

Kelem Freitas Duarte

Uma hora em ponto, marca o relógio pendurado na cozinha que, mesmo estreita, comporta um balcão-pia branco e uma mesa não muito comprida de cor igual. No apoio da janela, alguns cactos recebem luz. Enquanto lava as últimas louças do almoço, a senhora de voz tênue e andar despreocupado procura calmamente o rádio que deve estar no lugar de sempre. Nada de botões digitais: é aquele velho aparelho eletrônico retangular, de cor cinza, que tem a régua para sintonizar, provavelmente, comprado há muito tempo, talvez em alguma viagem a Libres, na fronteira.

Na estante de madeira restaurada fica a televisão de tela plana, muito diferente dos enormes trambolhos de antes. Ao lado, está o fiel companheiro sonoro, presente na casa dos moradores do interior do Rio Grande do Sul, seja para informar a previsão do tempo, convidar para algum baile, noticiar quem nasceu ou o que aconteceu na cidade. O rádio é um ami-

go que chega para contar as novidades, que senta na cozinha para conversar enquanto se toma um bom mate.

A senhora de óculos de grau, vestida com camiseta, calças e chinelos confortáveis, caminha em direção ao parceiro de todas as manhãs e tardes. Gira duas vezes para a esquerda, outra para a direita. Pronto! Sintoniza na frequência 590 AM.

Giselda, ou tia Quinca, como é chamada pela família, tem a pele clara, a estatura mediana, os cabelos ondulados e finos. A arquitetura do tempo moldou sua face. Os olhos castanhos, pequenos e vívidos por detrás das lentes dos óculos, a boca mediana, o sorriso largo, as rugas cuidadosamente esculpidas que não revelam de imediato sua idade. A voz imprime a calma e a sabedoria de quem já viveu quatro décadas no campo.

Pela porta da cozinha, Quinca via a imensidão dos campos durante a espera ansiosa pelo marido, que ia à cidade comprar os mantimentos para a casa. Sozinha, cuidava de seus quatro filhos e dos animais da chácara. Os cabelos balançam em dia de vento norte. Ela sabe bem como é a vida no campo: é preciso fazer as lides da casa antes do anoitecer.

Hoje, aos 84, já não usa mais o vestido de algodão estampado com flores amarelas e a saia lápis bege clara. Tampouco faz mais o permanente no cabelo para deixar os fios cacheados. Seus passatempos agora são os bingos aos domingos e alguma outra reunião com as amigas.



O sol começa a esquentar, algumas crianças brincam na rua, e o cachorro late sem parar, fazendo arruaça pelo estreito pátio como se brincasse junto. Ela lembra dos tempos vividos, ouvindo o mesmo programa que anuncia as novidades da cidade. O silêncio da vida era interrompido apenas pelo chiado do rádio e pelo berro do gado no campo. “Tá na hora dos avisos, para-te quieto”, exclama ao cachorro que acoa, “Vamos ouvir!”.

Baita chão

Num rincão do antigo Continente de São Pedro, na fronteira oeste do extremo sul do Brasil, a 400 e poucos quilômetros de Porto Alegre, fica uma cidade de ruas delgadas cujas construções, tanto comerciais quanto residenciais, são baixas. Poucos prédios têm mais de quatro andares: o maior deles, o antigo Banco Meridional no Calçadão, herda os contornos clássicos dos tempos da Revolução Farroupilha. As avenidas são estreitas e carregam hospitalidade a cada abraço e a cada saudação típica: “E aí, chê, como é que tá essa força?”. É como uma regra: todos se conhecem. E se tu não sabes quem é a filha do João lá do armazém da esquina da Barão do Cerro Largo, por certo lembrás da mãe dela que trabalhava no Marquês e é prima da finada Tia Maria.

As águas do rio Ibirapuitã cortam a cidade entre o “outro lado da ponte” e o centro. Fotografias antigas revelam fa-



mílias inteiras banhando-se em suas margens no verão, uma verdadeira festa em águas que já foram limpas. O Ibicuí, rio das areias brancas, contorna o município e deságua no velho e rico Uruguai, carregando a lembrança de seu passado navegável.

O baita chão, como Alegrete é carinhosamente chamada, guarda suas figuras marcadas no tempo. A zona rural é uma espécie de universo à parte, cada local tem até seu jeito de falar – mesmo a terra muda de coloração, e existe uma identidade que distingue o morador de um extremo a outro do município, do Durasnal até o Inhanduí. Em meio a esse cenário, habita o homem do campo, um tipo que contraria o retrato da história oficial: no lugar da bota de couro, da bombacha e dos vestidos da esposa vindos de Montevideú e Buenos Aires, trajes confortáveis para a lida do gado e das lavouras de arroz e de soja e mulheres com roupas feitas em casa pela própria máquina de costurar. A camisa é arremangada, um pouco desalinhada, já puída de várias lavagens. A calça tem um leve rasgado perto da canela, que ficou enredada ao passar pelos galhos rasteiros do espinilho na beira da sanga. Eduardo Galeano registrou sensivelmente, em *As veias abertas da América Latina*, a figura característica da região dos pampas gaúchos, encontrada desde o Rio Grande do Sul até as planícies argentinas: “O gaúcho dos postais folclóricos, tema de quadros e poemas, tem pouco a ver com o peão que trabalha na realidade, terras



grandes e estranhas. As alpargatas ocupam o lugar das botas de couro; um cinturão comum, ou às vezes um simples barbanete, substitui os largos cinturões com adornos de ouro e prata”.

Meio-dia e o sol já está tinindo. Everaldo olha para o relógio no pulso e confirma nos ponteiros que está na hora de seguir para a casa. Um descanso do esforço diário na lavoura. Ontem choveu e, quando se planta arroz, é preciso refazer as taipas para que a água não desmanche as mudas recém-nascidas. O homem de tez morena, jeito sossegado e pacato de levar a vida, retorna do trabalho de trator com ar-condicionado – em estâncias vizinhas, há até aqueles que pastoreiam de motocicleta.

O relógio-despertador pendurado na parede da sala alerta que o *Mensageiro Rural* vai começar logo mais, à uma. Pede às crianças, que brincam de esconde-esconde em volta da casa de madeira pintada cuidadosamente de branco, que parem com o barulho. Apesar de ter trocado de telefone celular no mês passado, não é sempre que o sinal colabora. É preciso saber se tem algum aviso, um recado – ou, quem sabe, alguma encomenda por chegar.

“Sossega o pito, rapaz!”, diz Everaldo para o sobrinho. “Quero ouvir as notícias da cidade, tá começando o *Mensageiro Rural!*”.



Sete décadas de rádio

Aos sete dias do mês de fevereiro de 1947, a rádio Alegrete de prefixo ZYK-210 é fundada por Arnaldo Ballvé, o empresário das comunicações que cria a Rede de Emissoras Reunidas, o principal grupo do interior gaúcho. Os estúdios funcionavam no Calçadão da cidade, no famoso Edifício Galícia, um prédio modesto de quatro andares com venezianas largas. Na década de 1970, a rádio Alegrete AM muda-se para a atual sede, um edifício vistoso de alvenaria e tijolos à vista na Praça Oswaldo Aranha, em frente ao Centro Cultural Adão Ortiz Houayek.

Nas cidades do interior do estado, pouco tempo antes da fundação de emissoras de rádio tal como conhecemos hoje, uma atividade chamava a atenção dos moradores: os serviços de alto-falantes. Geralmente estavam à frente desse veículo pessoas que, além da boa dicção e do vozeirão característico dos locutores tradicionais, carregavam consigo um carisma que os tornavam personalidades muito conhecidas no município. Aos poucos, as “vozes-do-poste” despertaram a atenção de empresários da comunicação, que viram uma oportunidade de estabelecer empresas de radiodifusão sonora no interior.

As Emissoras Reunidas começam a se desenhar por volta dos anos 1940. A estratégia adotada foi aproveitar os comunicadores locais que utilizavam os alto-falantes e oferecer treinamento aos interessados em integrar a futura equipe



que se formaria. Assim, as novas emissoras de rádio surgem por todos os cantos. As ondas radiofônicas conquistam os lares. O prestígio despertou também a concorrência entre as emissoras: os horários destinados aos comerciais eram muito disputados, quantias de cruzeiros foram investidos nas programações do veículo que emergia.

Era preciso estar atualizado e ter mesas de som cada vez mais modernas. Por essa razão, muitas empresas foram surgindo enquanto outras desapareciam. Com as Emissoras Reunidas não foi diferente. O império de Arnaldo Ballvé começou a se desmembrar sem resistir às lógicas do mercado cada vez mais exigente. No início dos anos 1990, o grupo de comunicação, já em posse de menos emissoras de rádio, foi assumido pelo empresário Nelson Proença, e recebeu o nome de Rede Comunidade.

Décadas mais tarde, em junho de 2003, a antiga Rede de Emissoras Reunidas muda de nome e direção novamente e passa a ser chamada de Rede Tchê de Comunicação, composta por três emissoras de amplitude modulada nas regiões gaúchas do Alto Uruguai, da Campanha e da Fronteira Oeste.

No início das transmissões, em 1940, a abrangência da rádio Alegrete é predominantemente rural. Segundo a estimativa do D.E.S¹ para 1957, a população residente na cidade era de 49.010 habitantes – os que residiam no campo somavam

¹ Estimativa demográfica publicada na Edição Comemorativa de 111 anos do jornal Gazeta de Alegrete, 2ª ed, 1993.



26.730. “Hoje a zona rural não tem mais de nove mil habitantes, mas, naquela época, representava a metade da população. O êxodo rural foi incrível e dá para dizer que o *Mensageiro*, e a integração que ele realizava, seguiu as pessoas no campo”, comenta o jornalista Alair Almeida, cujo primeiro emprego foi como estagiário da rádio.

O alcance das ondas sonoras sempre teve uma potência boa. Nas localidades mais distantes, e também em todos os municípios da fronteira oeste, dá para acompanhar a programação da Alegrete. À noite, o sinal sempre fica mais forte devido ao relevo plano e pouca vegetação. Quando tem ventania, é possível ouvir até rádios dos países fronteiriços, Uruguai e Argentina.

Desde a criação da Alegrete até hoje vão ao ar: *Bom dia aos Pagos*, pela manhã, *Mensageiro Rural*, a uma da tarde e, no fim do dia, o *Entardecer na Querência*. Há sete décadas, o *Mensageiro Rural* tem a audiência do trabalhador rural e da cidade, fazendeiros, peões, caseiros, donas de casa, gente comum. Gente que ouve o mais tradicional programa da rádio do município, quiçá do estado inteiro.

13:00 - Rádio Alegrete – Década de 1970

Os degraus serpenteavam pelas paredes, quase em pé de tão inclinados, distribuídos em quatro lances de escadas estreitas que parecem não ter fim. Ao chegar no quarto andar,



Alair, o repórter novato, já está esbaforido. Em seu primeiro emprego, é responsável por ajudar nas tarefas cotidianas da rádio. No Edifício Galícia, na Gaspar Martins, número 39, Calçada da cidade, prédio onde hoje é a loja Izolan, por cerca de vinte anos funcionou a sede da rádio Alegrete.

Lá fora cai uma chuvinha fina, o rapazito está atrás do largo balcão da rádio, encarregado de anotar os avisos, ahh, os tão famosos avisos, para depois repassar ao locutor. Eis que chega uma moça chorando desesperadamente: quer pôr um aviso de que o noivo tinha morrido. Prontamente, o aprendiz de jornalista escreve o nome do falecido, onde está sendo velado e mais todas as informações que uma nota fúnebre exige.

No outro dia, entra na recepção da rádio a família enlutada, acompanhada do “morto”. Primeira coisa que os parentes do noivo fizeram depois de ouvir a notícia foi passar na casa dele e então ir para a sede da Alegrete. Pelas características da informante reconhecem que a noiva do rapaz é a autora da nota. “Como que tu vais saber se é verdade ou não... a moça chorando, né? Acontece que ele brigou com ela, que, para se vingar, foi colocar um aviso convidando todo mundo para o enterro dele. Mas, para desfazer o mal-entendido, tive que dar uma nota. Baarbaridade! Vou te contar, só aqui no interior mesmo!”

Alair Almeida sempre foi apaixonado pelo ofício do rádio. O primeiro rádio portátil que viu foi um modelo antigo, com alça, para ser levado à meia espalda. Era guri ainda



e lembra-se bem das feições do pai quando ia para a lida diária do campo levando o rádio pendurado no ombro, pois não podia perder os avisos do *Mensageiro Rural*. Quando marcava duas da tarde no relógio, sua mãe aguardava ansiosa o desenrolar da radionovela que era transmitida.

Alair é o repórter oficial da cidade. Quando há algum acontecimento, a credibilidade de quem há décadas informa os alegretenses faz com que o pessoal logo procure as informações em seu perfil nas redes sociais em busca de uma apuração minuciosa. Os anos de experiência lhe trouxeram na ponta da caneta e em seu bloco de anotações o discernimento do que é valor-notícia. Graduado em Letras, dá aulas no colégio estadual Oswaldo Aranha. Por 46 anos trabalhou na rádio Alegrete e, mesmo aposentado, continua como correspondente do jornal porto-alegrense *O Correio do Povo*. Uma de suas pretensões é reunir todas as suas matérias em um livro: “Era cada uma... É impressionante, tem muita história”, relembra Alair.

Os enganos em torno dos avisos também aconteciam muitas vezes por causa da correria do dia a dia. Numa tarde, a família de uma senhora que tivera bom atendimento na Santa Casa de Caridade foi até a rádio pôr um aviso de agradecimento pela atenção e cuidados que enfermeiros e equipe médica dispensaram a ela. O relógio da parede da recepção informava que já era quase uma da tarde, e Alair não teve tempo de tomar nota direito, pois precisava entregar os avi-



sos para os locutores antes que o programa começasse. Na pressa, leu sobre um hospital e deduziu que se tratava de um óbito. Redigiu uma nota de falecimento.

Atenção, escrevão... Lápis e papel na mão!

Antigamente, os casais tinham uns dez filhos e as famílias grandes povoavam os vastos campos. Os mais velhos cuidavam dos pequenos, enquanto os pais iam para a lavoura. Devido à abrangência da rádio na zona rural, quando uma criança nascia na família, os pais mandavam um aviso para ser lido no *Mensageiro*, a chamada “participação de nascimento”, momento que era escutado com atenção pelos ouvintes, uma vez que não era hábito fazer o registro logo após dar à luz. Demorava um tempo, até mesmo alguns anos.

O Cartório de Registro Civil da Conceição, na zona rural de Alegrete, a uns trinta quilômetros da cidade, registrou muitos casamentos, certidões de óbito e outros tantos documentos foram lavrados. Diariamente, quando o sol a pino anuncia uma da tarde, o escrevão distrital da Conceição, seu Fidêncio Morais Nogueira, sempre atento às participações de nascimento, já começa a sintonizar o radinho à pilha de cor cinza – aliás, a maioria dos aparelhos eletrônicos ou eram pretos, ou acinzentados. Muita gente foi registrada através do



Mensageiro Rural. O locutor, ao ler os nascimentos do dia, repetia a mesma frase que se tornou característica do programa, a maneira de chamar a atenção do amigo para anotar com exatidão o nome da criança: “Atenção, seu escrivão... lápis e papel na mão! A família Freitas noticia, com alegria, a participação de nascimento de uma linda menina... Jocelaine”.

Está no ar o Mensageiro Rural

Do lado direito da mesa sentava um homem grande, moreno, cabelos crespos, e presença inconfundível. Era gritão, impossível de não ser notado por onde passava, conhecia meio Alegrete. Auri Severo Dornelles gostava de *tocar flauta* nos amigos, entre um aviso e outro, principalmente em dia de Grenal. Por sua destacada popularidade, chegou a apresentar um programa de auditório no extinto Cine Continente, o “pulguedo”, como era chamado.

No outro lado, Rafael Villar Rios, o Faeco, ostentava igualmente o vozeirão característico de quem trabalha no rádio, mas não poderia ser mais diferente do colega. Bem mais reservado, sua voz era calma e plácida, fala pausada, usava óculos de armação fina que combinava com os traços de seu rosto. Nunca foi de grandes auês. “Em toda a minha juventude, o Faeco foi presidente do Caixeiral por mais de 20 anos. Era uma pessoa muito boa, que conheci desde criança e



gostava muito. Os dois tinham grande diferença de idade, o Auri era bem mais novo”, relembra Gilda Freitas, ouvinte dos programas apresentados por Faeco.

Durante três décadas, Auri e Faeco emprestaram a voz para o programa mais característico do Alegrete, tornando-se referência radiofônica na região. A paixão pelo rádio atravessou gerações: Iauri Dias assumiu, em 1988, o lugar do pai, Auri, e de Faeco. “No começo era como se eu não tivesse nome, porque sempre era chamado de Aurizinho, ou o filho do Auri Dornelles”, relembra Iauri, que ficou na apresentação do *Mensageiro Rural* por 22 anos.

Não raro, os apresentadores recebiam do público carne, mandioca, batata, melancia, e outros presentes em retribuição ao trabalho que realizavam. “O que tu dizia no rádio, as pessoas faziam. Se eu dissesse: ‘às 4 horas da tarde, o ônibus vai passar na porteira’, a pessoa já estava na estrada esperando”, relata Iauri. “Um dia o pai tava mandando um aviso para determinado local: ‘Atenção, lá no Jacaquá, seu João manda dizer: ‘Estou saindo da cidade, me espere a cavalo na porteira’. Chegando lá, o homem viu que o peão tava acavalado na porteira com o cavalo *encilhadito* no lado. E aí ele perguntou: ‘Mas o que tu tá fazendo aí? Acavalado na porteira, maluco?’, e o outro respondeu: ‘Ué, o seu Auri disse que era pra tá a cavalo na porteira!’”.

Faeco e Auri Dornelles mantinham uma ferrenha competitividade: eram opostos no time – Faeco era gremista e Auri,



colorado –, no partido político e na preferência musical. No dia seguinte aos jogos do Inter ou do Grêmio, os ouvintes embarcavam na brincadeira e cada locutor tinha que ler um aviso do time adversário. “Eu era o contrário do meu pai: ele era colorado e eu sou gremista. Na realidade, quem mais me incentivou a trabalhar no horário rural foi o Faeco – sou gremista e radialista por conta dele. Quando tinha jogo no final de semana, na segunda, se tocava muita flauta. Um tinha que ler o aviso do time adversário, era uma farra”, relata Iauri Dias.

No *Mensageiro Rural*, cada um lia um aviso, o que dava ao programa um ritmo bem dinâmico. “Eu acho que hoje tinha que ser assim, com dois locutores. O entretenimento, a descontração, a variedade de duas vozes fica bonito. Eu gostaria de um dia ver um programa assim com duas pessoas”, opina o radialista Carlinhos Almeida, que foi a voz do *Mensageiro Rural* no início dos anos 2000. Carlinhos se recorda que, desde criança, sempre teve curiosidade em relação ao rádio. Uma tarde, seu pai saiu para o campo para juntar o gado, e a mãe devia estar na cozinha preparando algum quitute. O menino olhou para o aparelho, foi até a caixa de ferramentas do pai buscar a chave de fenda e lentamente começou a abrir o novíssimo rádio portátil. Viu que ali dentro não tinha ninguém, como estava esperando, mas várias peças pequenas cuidadosamente arranjadas para garantir a recepção dos sinais sonoros. Quando o pai retornou das lides campeiras e descobriu o estrago foi



aquele alvoroço. “Ora, mas como que as vozes iam sair daquela coisinha pequena, eu queria saber como funcionava!”.

Os primeiros rádios portáteis apareceram graças ao transistor, um pequeno objeto metálico cuja forma lembra um garfo com três pontas: foi uma verdadeira festa, o rádio podia ser levado para onde quiséssemos. No início, os aparelhos radiofônicos funcionavam à bateria, que precisava ser recarregada através de um cata-vento. O rádio não era móvel e geralmente ficava na sala ou na cozinha, onde todos sentavam por perto para ouvir os avisos. A bateria durava mais ou menos um dia, por isso não era comum o aparelho passar o tempo todo ligado: precisava poupar energia elétrica para mais tarde, caso não houvesse vento.

Aviso: a notícia para o homem do campo

Atenção, no interior

Nico Changueiro, onde se encontrar

Peço que venhas ou mande dinheiro

Quem ouvir esse, favor avisar...

...No aviso do rádio, a verdade crua...

Na eterna esperança, de melhores dias

Beijos das crianças, abraços... Maria.²

² Trecho da música Comunicado de Francisco Alves e Sílvio Aymone Genro, canção interpretada na 13ª Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiiana.



A secretária da Alegrete aguardava os ouvintes chegarem afoitos para deixar um aviso. Pega uma ficha de papel e anota o que lhe é dito: ainda é preciso datilografar para depois levar até o estúdio. Às 12:45, já estavam definidos uns dez ou quinze comunicados a serem lidos no ar. Mariana Concórdia, integrante da equipe da rádio, é também operadora de som na emissora, abria os microfones. O *Mensageiro Rural* estava no ar. Faeco anunciava o céu claro no Alegrete e os locutores liam aviso por aviso, os quais continuavam chegando na correria até o final do programa.

Os avisos podem ser considerados um gênero informativo do rádio no interior, uma espécie de notícia com frases curtas e concisas com o objetivo de comunicar um familiar, amigo ou quem quer que seja sobre determinado assunto. A espera de algum parente na porteira, quem nascia, a participação de noivado, notas de falecimento, ou alguma encomenda. O aviso iniciava dizendo: “Atenção no interior, quem ouvir este favor avisar...”.

Os bolichos de campanha, muito comuns na zona rural, vendiam de tudo. Os estabelecimentos tinham o necessário, mas, mesmo assim, Genauro Freitas, que morou no interior do município durante a infância e parte da juventude, no passo do Mariano Pinto, conta que era preciso ir à cidade para comprar farinha, arroz, feijão e também comida para os animais. “Em dias de muita chuvarada, o Inhanduí enchia, não

dava para passar para o outro lado. A ponte era muito antiga, e não tinha necessidade de se arriscar tanto. Só quando o rio baixasse era possível fazer a travessia. E a maneira de avisar que o sujeito ia ter que ficar na cidade por mais uns dias era ir até a rádio e passar um aviso”, relembra ele.

Na afobação de noticiar, Faeco e Auri muitas vezes se atrapalhavam: os números se multiplicavam e ambiguidades aconteciam. Os erros no rádio se perpetuaram e viraram lendas locais.

Início de mês, Dona Maria vai à cidade com o marido. Primeira parada é na Cooperativa Rural, vão comprar tripa seca para fazer linguiça, e mais algumas *quintumâncias* para a festa. O marido retorna para casa e ela acaba decidindo ficar mais um dia, queria visitar uns parentes que há muito não via. Nesse meio tempo, a senhora passa mal e precisa ir ao médico, está com fortes dores abdominais. Chegando lá, o Dr. Romário, médico muito conhecido na cidade, dá o diagnóstico: apendicite. Dona Maria precisa “baixar hospital” e operar o mais rápido possível – e não pode retornar para casa no mesmo dia. Preocupada, ela resolve mandar um aviso para a família: “Atenção no interior, a Dona Maria mandou avisar que passou mal, teve que fazer uma cirurgia e passa bem. Mas as tripas vão pelo ônibus das cinco.”

Outra clássica do *Mensageiro Rural* foi a notícia de um remate no parque Lauro Dornelles. A forma dos produtores e



os pecuaristas saberem o que estava sendo ofertado era pelo programa. Iauri Dias lembra do episódio envolvendo a secretária que escreveu o aviso: “Acho eu que ela esqueceu de pôr a vírgula, e o Auri leu: ‘Atenção, a Agenda convida para um remate no parque Lauro Dornelles, com borregos de... 246 dentes... mas que borreguinho dentuço!’. E o meu pai leu para sacanear a secretária, então eles brincam que veio gente da China para comprar a tal ovelha porque era muito grande... Imagina uma ovelha com 246 dentes!? Ele aproveitou para chamar a atenção da secretária no ar, e virou um clássico do programa”.

O hábito das pessoas do interior do município mudava em função dos avisos do *Mensageiro*. Por vezes, alguém ficava escutando o rádio para depois passar as informações. Caso alguém perdesse os avisos, um peão da estância, ou algum familiar ia alertar: “Ó tão te chamando no rádio”.

Atende este teu celular

Em nove décadas de radiodifusão no Rio Grande do Sul e sete de *Mensageiro*, os meios de comunicação e as pessoas evoluíram – dos rádios movidos à cata-vento aos smartphones, a radiodifusão sonora se sofisticou, passando por períodos de apogeu e decadência, mas segue sobrevivendo a cada dia sem perder sua função.



A cobertura telefônica ainda hoje é bastante precária, principalmente em regiões mais longínquas, onde o sinal é muito fraco e, dependendo do lugar, até inexistente. A alternativa é instalar uma antena de uns quatro metros de altura para mais, ou então, recorrer à típica cena em que o sujeito precisa subir em algum poste, ou ir até a coxilha mais próxima para conversar no telefone.

“O *Mensageiro* tem duração de 90 minutos: são dois ou três comunicados porque não existe mais aquela necessidade de se falar apenas pelo rádio, já que tem celular. Mas, olha, aqui o telefone celular só chegou em 96, até os anos 80, por aí, o *Mensageiro* foi o principal canal de comunicação da cidade com o interior”, assegura o jornalista Alair Almeida.

Os ex-apresentadores são unânimes em dizer que o celular terminou com os avisos, a marca registrada do *Mensageiro*. Mas, apesar dessa evolução, o programa ainda segue no ar, mostrando que as adaptações são necessárias sem deixar que se percam características importantes. Alegrete é o maior município em extensão territorial do estado e o acesso à telefonia móvel em certas localidades nem sempre é fácil, mas isso não é um impedimento para a comunicação entre seus habitantes, pois o *Mensageiro Rural* continua a cumprir seu objetivo.

“Quando surgiu o celular, as pessoas diziam que o *Mensageiro* ia terminar, mas sempre tem alguém que se esquece de ligar o telefone, e quem está na cidade tem que avisar pro vivente



ficar atento no celular, então eu tinha que dizer sempre: ‘Ô, animalzinho vivente, aperta o botão do celular. Bacudinho! Aperta aquele botão verde do telefone, que é para atender a ligação. Teu compadre quer falar contigo’”, conta Carlos Alberto Duarte, o Cabeto, outro radialista veterano da Alegrete.

As palavras de Cabeto seguem a cadência característica de quem é da fronteira do Rio Grande do Sul. Defendeu o *Mensageiro Rural* na época em que o celular já existia. Quando Cabeto ainda apresentava o programa, passou a convidar todo mês o Faeco para ir ao estúdio e relembrar do período em que esteve em frente ao *Mensageiro*. De lá para cá, o rádio pode até ter se juntado à internet e se tornado um aplicativo de celular; pode até mesmo ter deixado para trás a régua de sintonizar, o aparelho velhinho pela mão do tempo, mas ainda continua ocupando lugar no coração dos ouvintes, independente da faixa etária. Quem sabe, daqui a dez anos, os atemporais avisos do *Mensageiro Rural* ainda prenderão a atenção das pessoas e será agradável ouvir quem acabou de nascer, quando será o remate ou o baile na cidade.

O cheiro de terra molhada característico da chuva de hoje pela manhã lembra os aromas de infância. Na cozinha estreita, após o almoço, agora se encontram uma senhora e as



circunstâncias de oito décadas vividas. Com voz calma, mas firme, conversa com a neta que pergunta sobre tudo: quer saber das histórias, dos avisos que ela já mandou.

Veste uma calça *de abrigo* azul-marinho, o calçado é fechado e recém buscou um casaco no quarto: da porta aberta vem o vento característico que promete mais frio no Alegrete. Hoje combinaram de ouvir o *Mensageiro Rural* e juntas esperam algum aviso importante que possa interessar.

“A senhora já mandou algum aviso?”.

“Mas, olha... uns quantos. Uma vez o teu tio Sales tinha fugido de casa, foi prá fora com um vizinho do teu avô e não avisou. O aviso dizia que era pro seu Cida, do Mariano Pinto, vir prá cidade porque o filho dele tinha fugido. Quando o Cida chegou na ponte seca, lá estava o Sales na carroceria de um caminhão, bem belo, já de volta”, prossegue a conversa enquanto coloca os últimos pratos e talheres no corredor.

Tia Quinca acende as luzes, e vai em direção ao rádio, o velho amigo que em tantas tardes embalou sua vida. Em meio a alguns chiados, “Ah!, acho que a rádio está fora do ar, deve ter faltado luz”, pronto, acha a estação certa, regula a régua na frequência 590 AM. Faz dias que não consegue ouvir o *Mensageiro* porque o rádio estava estragado. Hoje em dia é bem difícil achar quem conserte. Quando se deram conta, o relógio pendurado acima da televisão marcava uma da tarde.



COMENTÁRIO DA REPÓRTER

O Sol começava a brilhar, porém ainda tímido. Recém findara o inverno e a primavera dava seus primeiros acordes na Santa Maria da Boca do Monte durante o período de escrita da monografia. A cidade, apesar de ter adquirido contornos maiores e uma população de quase 300 mil habitantes, preserva características de interior. As pessoas se conhecem, tem a padaria do seu João na esquina, o mercado do seu Trevisan ali na metade da quadra, os senhores pilchados e suas famílias esperando o ônibus com as sacolas do rancho do mês na parada do Corinthians.

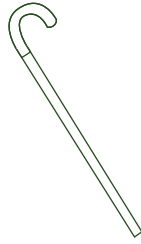
Sempre ajeitava os postigos da janela para que não dessem reflexo na tela do computador, sentava à mesa de estudos em mais uma tarde de escrita, enquanto ouvia o Mensageiro Rural. Sete décadas de histórias presentes nas linhas que redigi e que antes residiam apenas na oralidade dos moradores de Alegrete. Queria escrever sobre coisas cotidianas, simples e comuns e encontrei em “Em dia em que não tinha vento, não se ouvia rádio” a oportunidade para expressá-las. Foi um trabalho que não começou ape-



nas no ano de 2015, último ano da minha graduação, mas uma vivência que tenho desde criança em ouvir histórias antigas de família.

A internet demorava naquela época em que chovia muito no estado inteiro e a conexão não era das melhores. Todos os dias, digitava o site da Rádio Alegrete, enquanto cevava um mate e esperava o player carregar mais uns segundos. Pronto, conseguia ouvir a voz do locutor: “Agora são treze horas e está começando mais um Mensageiro Rural no Alegrete...”.





PÁSSARO PROIBIDO

Marlon Santa Maria Dias

Miranda nasceu no verão de 1973, com a luz vermelha de um holofote apontada para o seu rosto. A chuva ininterrupta que caía lá fora poderia explicar o número reduzido de pessoas que se encontravam no salão onde, pela primeira vez, ela abriu os olhos frente ao público. Miranda nascia já com longos cabelos negros e lábios que cheiravam a morango. Não falava, apenas dublava. O vestido azul com lantejoulas prateadas apertava-lhe a cintura, o que dificultava seus primeiros passos. Mesmo assim, desempenhou seu número com maestria. Uma aparição triunfal e derradeira. Miranda teve uma vida breve. Morreu horas depois, dentro do camarim.

Silvio preparava um suco de laranja no café da manhã quando ouviu gritos. Sobressaltado, surpreendeu-se que uma das meninas estivesse acordada. Era comum que despertassem quando a mesa já estava posta para o almoço. Ao se aproximar da sala principal, viu Dora esbravejar com Laura, que pretendia abandonar a casa na surdina. Silvio acompanhava a discussão de soslaio na porta do corredor que interligava

os cômodos do antigo casarão. Ele gostaria de ter se despedido de Laura, mas ela foi embora tão logo Dora permitiu. Laura chorava dizendo que precisava partir, e ele compreendia seu sentimento de não pertencimento àquele lugar. Voltou a espremer laranjas na cozinha.

Laura era muito cobiçada na boate, dançava como ninguém. Era uma Gina Lollobrigida loira, loiríssima, e de olhos felinos, de um verde cor de esmeralda coisa mais linda. Astuta e frágil, a preferida de Tia Dora. Nunca a gente descobriu por que partiu, nem onde foi parar. Ela disse que ia pra Minas Gerais. Talvez tivesse arranjado alguém que a sustentasse, talvez fugisse dos homens da bandidagem que frequentavam a boate, sabe? Ou tenha resolvido fazer a vida por lá mesmo, ganhar mais dinheiro. Naquela época diziam que em Belo Horizonte cliente não faltava.

Durante o almoço, as outras meninas da casa interrogaram Dora sobre quem iria fazer o número de Laura no arremedo de espetáculo que todas as noites apresentavam à clientela masculina. Irritada e triste, Dora disse que isso era o de menos, que ninguém ali era insubstituível. “Não era mentira não, aqueles showzinhos eram só uma distração mesmo, o pessoal ia lá por outro motivo, né?”, recorda Silvio.

“O Silvinho faz a apresentação”, ordenou Dora em meio à gritaria, “ele treina vocês, passa de firula, é bonito, coloca uma maquiagem, uma roupa fina, fica melhor que muitas. Vão, se preparem! Nada de tristeza essa noite, que não mor-

reu ninguém”.

Disse pra Tia Dora que não faria, que eu não era daquilo, que mal sabia dançar. Ela insistiu, disse pra tentar, seria uma brincadeira... As meninas começaram a se divertir com a história. “Vamos vestir o Silvio! Vai ficar uma graça! Vamos lá ensaiar!”. No fim, me convenceram. Mesmo que me incomodasse um pouco com tudo aquilo, eu não tinha como fugir: eu era bastante feminino, sabe? Não foi difícil me transformar.

“Qual nome anunciamos, Silvinho? Inventa um nome de mulher ou vai querer aparecer toda montada com o nome de Silvio? Não dá, né?”.

“Hmmmm... Ah, coloca Miranda”, respondeu ele. “Miranda, a sereia lá do meu quarto”, disse se referindo a um pôster que decorava o cubículo onde dormia.

Naquela noite em que do céu revoltado caiu uma chuva-rada, Miranda entrou no palco. O suor frio que escorria pelo corpo provocava arrepios. Fora as apresentações que fazia na infância com o coral da igreja, Silvio nunca havia encarado o público. E agora estava lá, numa boate com vinte prostitutas capitaneadas por Dora. Em São Paulo, longe de casa, mais de mil e quinhentos quilômetros o separavam de sua pequena cidade natal, na fronteira do Brasil com o Uruguai. Estava onde antes sonhara estar, mas da maneira que menos desejava. Tinha vinte e cinco anos quando subiu à ribalta. Enquanto os quadris remexiam ao som de um bolero, ele pensava no que havia deixado para trás.

Silvio vive no mesmo casebre azul onde nasceu. A construção, que deve contar agora com quase setenta anos, parece não ter passado por muitas reformas desde que foi levantada. É uma casa de alvenaria, com telhas marrons descascadas e fachada pintada à cal, colorida com um pigmento azul já esmaecido. Assim como as telhas, as portas e janelas são marrons, numa estranha combinação com o anil das paredes. Mais ao fundo há o que ele chama de “puxadinho”, uma peça sem pintura e com nacos de reboco caídos que deixam descobertos os tijolos do interior da construção.

Bati palmas, mas ninguém atendeu. Percorri a extensão inteira do muro com grades pontiagudas, que separa a casa da calçada cujas pedras de cimento há muito foram levantadas pelas raízes, na esperança de ver alguma movimentação lá dentro. Portas e janelas fechadas. Tinha conversado rapidamente com Silvio ao telefone na noite anterior, ele pediu para eu aparecer cedo, antes de começar o seu trabalho. Já passava das nove. Depois de alguns minutos de espera, aproximei-me da casa vizinha. Um esquelético corpo feminino varria as folhas no quintal com uma vassoura de chirca, feita de ervas secas amarradas num cabo de madeira. Perguntei se ela sabia se Silvio estava em casa. “Deve tá, mas é cedo demais. Tá dormindo”. Disse que ele pediu para eu ir cedo ao



seu encontro. “Cedo pra ele é meio-dia, moço”, ela respondeu de modo jocosos. “É alguma conta?”, indagou antes que eu dissesse que voltaria mais tarde. “Qualquer coisa, eu aviso que tiveram aqui procurando ele”.

Voltei às onze da manhã. Silvio me recebeu, ainda que desconfiado. Ele aceitou conversar comigo, mas pediu descrição sobre os detalhes de sua vida. Silvio, no entanto, não fazia questão de ser discreto. É quase impossível passar despercebido com seu um metro e oitenta e cinco de altura e suas roupas extravagantes, sempre coloridas. “É pelas energias que cada cor carrega, jamais preto ou marrom”. É efusivo e fala aos gritos, quando está feliz ou irritado. Seu riso beira à gargalhada, que deixa à mostra os grandes dentes amarelados, de quem confessa não ir a um consultório odontológico, a menos que muito necessário.

Silvio não gosta de consultar, abandonou a medicina convencional e os fármacos por remédios caseiros, chás e ervas medicinais. No máximo, alguma homeopatia ou manipulado. Não se queixa de dores, dizendo que nenhum ranger de coluna vai além daquilo que é normal para um homem de sua idade.

Aos 65, acha desnecessário esconder quantos anos tem. Parte de seu rosto retangular fica por vezes encoberto pelas ondulações de seu cabelo castanho. As rugas preenchem simetricamente sua testa larga, descem e contornam os olhos e a boca. Seus lábios são carnudos, e o olhar, um farol que se



perde no vazio do horizonte. Não raro percebi a mirada vaga, como se estivesse longe dali.

Entrei pelo caminho de pedras que corta a grama do jardim em direção à porta da casa. O primeiro cômodo era uma sala de estar, adaptada para ser o seu salão de beleza. Dois sofás marrons ocupavam um dos cantos da sala. Um grande móvel branco com algumas gavetas – onde eram guardadas as escovas, pentes, máquinas de cortar cabelo, sprays e outros tantos cosméticos –, com enormes espelhos de bordas douradas, e duas cadeiras giratórias. Cada parede era pintada de uma cor, todas em tons claríssimos: verde, azul, amarelo e laranja. Próximo aos sofás, uma porta levava a um cubículo, com um lavatório para os cabelos e uma estante de toalhas. As paredes do salão são decoradas com algumas lembranças de viagem trazidas pelas clientes e quadros de famosas marcas de cosméticos, com modelos de cabelos esvoaçantes. O salão foi a única peça da casa que Silvio permitiu que eu conhecesse, com a desculpa de que a bagunça era grande e que eu deveria parar de ser mexeriqueiro.

Perguntei como ele virou cabeleireiro. Silvio disse que aprendeu o ofício quando morava em São Paulo. Indaguei mais sobre sua estada na capital paulista, mas ele fugia das perguntas, eu não parecia merecer sua confiança. Resolvi ir ao que me parecia inicial: a infância.



Silvio nasceu em março de 1947, no mesmo dia que um de seus artistas preferidos, Elton John, mas ele possivelmente ignore essa coincidência até hoje. Ao contrário dos dois irmãos mais velhos, que nasceram na zona rural, Silvio nasceu na cidade, no casebre da família. Veio ao mundo sem chorar. A parteira, que tinha o sugestivo nome de Enunciação, teve de dar algumas palmadas na bunda do bebê para forçá-lo a soltar aquele que seria o primeiro choro de muitos; contido, quase escondido como foram os demais.

Os pais de Silvio, Cirilo e Agripina, casaram-se em 1941. Tiveram três filhos e uma filha, sendo Silvio o caçula dos meninos. Cirilo não queria que os filhos fossem analfabetos como ele, que sabia apenas escrever sua assinatura por ter decorado a ordem das letras na composição de seu nome. Por isso, construiu uma casa em Quaraí, localizada na fronteira do Brasil com o Uruguai. Morando na cidade, os filhos poderiam frequentar a escola e, se o destino fosse bondoso, seguiriam “carreiras de doutor” – o que não aconteceu.

Cirilo era capataz de estância e ganhou do patrão um terreno na cidade – o que não o eximiu, todavia, de um oneroso desconto salarial durante alguns longos meses. Com a ajuda de um peão de obras, ergueu a construção. Agripina era cozinheira, lavadeira, passadeira e mais uma infinidade de



atribuições comuns às mulheres daquela época que, enquanto os maridos trabalhavam nas lidas campeiras, desempenhavam as tarefas domésticas nas casas grandes das fazendas.

No verão de 1947, Agripina mudou-se para a nova morada junto com os dois filhos e Filomena. “Mamãe foi casada com um tal de José antes do papai. Um dia, uma mulher bateu na porta da casa da mamãe com a Filomena bebê nos braços. Essa mulher disse que o pai era esse José e que ele devia assumir a responsabilidade porque a mãe da criança tinha morrido. Eu acho que a mamãe ficou arrasada com a traição, mas ela resolveu ficar com a menina, já que não tinha filhos na época”. Depois da morte de José e já casada com Cirilo, Agripina continuou cuidando de Filomena até a menina crescer e ser levada pelos avós paternos para viver em São Paulo.

Os passatempos de infância eram os mais rústicos possíveis. Com o dinheiro muitas vezes contado, as crianças improvisavam. Faziam bonecas com panos, palhas e botões; sabugos de milho e tampas de garrafa transformavam-se em carrinhos; ossos de animais envoltos em arame davam vida a soldadinhos. A variedade de brinquedos dependia do que a imaginação conseguisse criar. Eram raras as vezes em que Silvio e seus irmãos ganhavam brinquedos comprados em lojas.

Essas primeiras lembranças parecem ser as mais vividas, talvez por ele considerar a época mais feliz de sua vida. As recordações vêm como um jorro que mistura a alegria pueril a



resquícios de repressão. Silvio recorda do brinquedo que mais o fascinou quando era menino: uma boneca de porcelana, presente que sua irmã ganhou de uma professora. Ele se esquivava dos irmãos e da mãe para brincar com a boneca. A pele branquíssima, os redondos olhos azuis, os cabelos amarelo-gema com seus caracóis presos por uma fita azul, que combinava com o vestido de cetim e o sorriso esculpido em uma boca toda vermelha.

Poderia ficar horas com aquele brinquedo, mas era impossível, meninos jamais brincavam com bonecas. Nunca. Estava errado! Agia às escondidas e culpava-se por isso. O encanto pelo rosto perfeito de porcelana teve um fim abrupto: “uma prima quebrou a boneca, de maldade, batendo a cabeça da coitada na guarda de uma cama”.

Silvio acordava cedo para ir à escola, onde permanecia durante quase todo o dia. Sempre bom aluno, sente alívio e orgulho por nunca ter sofrido os rígidos castigos impostos pelos professores. Gostar de estudar, mesmo assim, era motivo de chacota dos colegas. Com poucos amigos, contava nos dedos algumas meninas com quem conversava. Pela proximidade com elas, recebeu outro apelido: “além de puxa-saco, virei o bichinha da turma”.

Voltava da aula depois do meio-dia e ia direto trocar a roupa para não sujar. “Até hoje tenho uma roupa de sair e outra de andar em casa. Costume posto pela mamãe”. Depois o quintal de casa virava o cenário para as mais diversas brincadeiras,



até chegar a hora da radionovela. Às seis da tarde, alguns vizinhos reuniam-se em torno da casa de um velho sargento reformado. O homem morava sozinho e era o único na vizinhança que tinha um rádio. Nos dias de bom humor – e não era sempre – ele colocava o aparelho na varanda, para que os vizinhos pudessem acompanhar os programas. “Era um velho mal-humorado e mesquinho, sabe? Quase sempre comia rapadura na hora da novela, convidava as crianças e dava um pedaço pro cachorro dele também. Quando tava de mau humor, ele vinha de dentro da casa com um pedaço do doce na boca e ficava quieto. Mas o animal ficava em volta dele, latindo, e ele se obrigava a dar um pedaço pro cãozinho. Como a gente se divertia!”.

“Chegou a minha freguesa favorita!”, festejou Silvio, abraçando uma senhora que entrava no salão. Aquela frase iria se repetir para as próximas clientes do dia. Ele também pergunta da família, comenta os últimos acontecimentos das páginas policiais, fala mal dos políticos e fofoca sobre os vizinhos. Mas ouve principalmente.

“Ai, Silvinho, ela não se prestou nem pra me convidar pro casamento dela!”, desabafa Lucia durante a escova.

“Aquela lá ficou com o nariz em pé depois que se juntou com o dono da sapataria”.



“Ah, mas ela poderia nem que fosse ter participado da festa. Ela acha o quê, que não veio do mesmo lugar que nós? Pensa nos anos que trabalhamos juntas”.

“Te contei que ela deixou de vir aqui? Te contei, não? Mas, gurria, um dia, em pleno domingo, ela me aparece aqui em casa pra eu pintá cabelo e fazê escova. Ah, vá... eu disse que era minha folga e mandei embora. Agora me diz, eu trabalho feito um condenado a semana inteira e ainda tenho que atender a madama em feriado? Nunca mais ela pôs os pés aqui, ficou ofendida, eu acho”, Silvio esbraveja.

O tom de cumplicidade entre os dois não soa falso. Lucia e Silvio são amigos desde a infância – ou “desde os tempos do Ariri”, como ele costuma dizer. Lucia confia que era apaixonada pelo amigo. No aniversário de dezessete anos de Silvio, ela juntou alguns trocados e comprou um cartão no qual declarava seu amor. Entregou-lhe, mas pediu para abrir quando estivesse sozinho. Ao descobrir, o pai de Lucia a surrou e proibiu que ela continuasse se encontrando com o amigo.

Silvio confessa que, mesmo triste, sentiu-se aliviado, já que o afastamento não o forçava a contar que eram os meninos que lhe atraíam. “Nunca me apaixonei por mulher alguma, nunquinha. Mesmo sendo algo que eu queria, e como queria! Se eu me apaixonasse, eu pensava, era a prova de que eu era igual a todo mundo, a todos os outros rapazes. Mas isso nunca aconteceu, nunca tive relacionamento algum



com mulher que não fosse amizade”.

Nessa época, corriam os boatos que o filho de Agripina tinha maneiras femininas, e o fato de nunca aparecer com uma namorada em casa, tampouco frequentar prostíbulos com amigos – mal tinha amigos homens –, despertava ainda mais a desconfiança daqueles que se ocupavam da vida dos outros. Silvio sentia que o olhavam de maneira diferente e culpava-se por se sentir assim. Envergonhava-se de seus desejos e se perguntava por que Deus o fizera daquele jeito.

Silvio finalizava seus estudos no ginásio e preparava-se para se alistar no Exército. Quando ingressou no serviço militar, o preconceito, que antes lhe tocava apenas com os olhares tortos e cochichos, tomou a forma de socos e xingamentos. O sonho de Agripina de ter um filho militar jamais se realizou. Sucessivos ataques de asma fizeram com que Silvio fosse dispensado em três meses. Esse tempo foi suficiente para ele perceber que não seria aceito como era. “Eu tentava disfarçar, mas continuavam me chamando de marica, viado, bichinha”. Os poucos amigos homens foram se afastando, nem só por preconceito, mas também por medo de “ficarem malvistas”. Talvez, longe dali, as pessoas o tratassem de outra forma. Foi nisso que pensou quando decidiu escrever uma carta para Filomena pedindo para ficar na casa dela, em São Paulo.

Na terceira vez em que voltei à casa de Silvio, ele estava no quintal limpando a gaiola dos canários. Quando me viu, pediu que entrasse pelo portão e seguisse pela lateral da casa.

“Tu acredita na sensibilidade dos pássaros?”, me questionou, enquanto alimentava o animal.

“Não sei... É preciso acreditar?”

“Eles sabem muito de nós. Veja o que ele te diz”, afirmava ele, ensimesmado.

“E o que ele pode me dizer?”, perguntei sem entender.

Quando eu tinha os meus catorze anos, meu irmão mais velho adoeceu. Adoeceu pra morrer. Eu não sei o que era, a gente nunca soube. Ele tava doente. Febre, dores de cabeça, perdeu peso em poucos dias, virou um cadáver em cima de uma cama. Um dia fomos na Catarina, uma vizinha nossa, benzedeira ela. Mamãe foi, porque já nem mais sabia o que fazer com o meu irmão. A Catarina disse que era um trabalho, muito bem-feito, gente que queria nosso mal. Eu tinha era medo daquela mulher, uns cabelos de bruxa, uma verruga perto da boca, velha e feia a coitada. Tratava ela com educação, com medo de que me lançasse algo ruim. Claro, isso naquele tempo de guri. Eu acreditava nisso. Ainda acredito um pouco. Mas, então, ela disse que alguém tinha muita inveja do meu irmão.

Silvio contava a história sem me olhar, estava comprometido na limpeza da gaiola e nas brincadeiras que fazia





com os canários. Eram eles os seus companheiros, os únicos com quem dividia a casa, desde a morte de Cacá e da fuga de Vinicius. Era com eles que Silvio se aconselhava. Trocava o forro da gaiola e continuava a contar sua história.

A Catarina ficou dias fazendo o trabalho pra que o meu irmão vivesse. Ele tinha três dias pra morrer... No último dia, quando era para o trabalho fazer efeito, eu tava aqui nos fundos de casa, bem aqui, porque sempre tivemos passarinhos. Eu tinha um azulzinho, pequenininho, muito lindo. Não é que, quando começou as dores no meu irmão, o coraçãozinho do pássaro começou a bater forte? Eu ouvia tuc-tuc-tuc-tuc muito rápido. Acho que a coisa ruim que tinha o meu irmão passou pro bichinho. Foi como se ele tivesse dado um forte suspiro e paft, morreu ali. Caiu mortinho o coitado.

“Você acredita em Deus, Silvio?”.

“Como não? Sempre rezo, pra Cristo, Mãe Maria e São Sebastião, que é meu protetor. E pra Cosme e Damião também, pelas criancinhas”.

“E vai à igreja?”.

“Não preciso. Não mais. Mas sou católico apostólico romano e sigo o santo papa. Fiz de tudo, primeira comunhão, crisma, tudo certinho”.

“Mas a Igreja não aceita bem a homossexualidade...”.

“É complicado de aceitar, né. Eu entendo até... Por muito tempo eu achei que era pecado também. É que, sei lá,

talvez seja mesmo. Mas que culpa temos de nascer assim?”.

“E tu não sentia o preconceito dentro da igreja?”.

“Antes eu ia mais porque minha mãe era meio beata. Mesmo que eu não falasse sobre isso, eles sabiam de mim. Ainda mais que eu virei cabeleireiro... Sempre tinha um olhar estranho, uma fofoca, essa gente é muito fofqueira. Mas eu nunca gostei de falar abertamente assim sobre isso. E eles não iam me expulsar da missa, né? Se expulsassem todos que eram como eu, tiravam de lá bem mais de uma dúzia junto...”, ri com malícia.

“Então tu não te sente mais um pecador?”.

“Sentia. Quando eu era guri, nossa, me odiava. Daí eu fui pra São Paulo e comecei a ver que existiam tantos outros iguais a mim. Relaxei e coloquei nas mãos de Deus. Se era pecado, ele que me fizesse parar de pecar. Eu continuei da mesma forma, ele não me mudou em nada, então acho que ele nem dá bola. Talvez um dia eu pague por isso, vai saber”.

Agripina chorou durante dias a partida do filho. Silvio pegou um ônibus de Quaraí até Porto Alegre, visitou os irmãos que então haviam se mudado para lá e, no dia seguinte, embarcou em outro ônibus para São Paulo. Foi uma longa e cansativa viagem até o encontro com Filomena, a quem considerava uma

irmã, mesmo depois de anos separados. O menino do interior deslumbrou-se com o mundo que o recebera.

A excitação não durou muito tempo. Contrariado com a presença de Silvio na casa, o marido de Filomena começou a implicar com ele. “Ô bicho ruim aquele marido dela! Me conseguiu um emprego na fábrica dele lá, mas fiquei pouco tempo, ele já me mandou embora. Tentei arranjar alguma coisa, mas não deu certo. Eles discutiam por mim, eu ouvia ele dizer pra mandar embora o viadinho que ela tinha colocado dentro de casa, mal me olhava na cara. Olha, não passou quatro meses e ele me enxotou. A Filomena não pôde fazer nada, ele mandava lá. Aí sim, eu penei”.

Era 1968 e Silvio vagava pelas ruas de uma São Paulo caótica. Ele recorda que se escondia em dias de manifestações contra a ditadura, porque os moradores de rua também apanhavam dos militares, mesmo não fazendo parte do levante. Silvio perdeu o contato com Filomena e com a família durante os meses em que andou a esmo. Alimentava-se com os poucos trocados que conseguia mendigando e dormia em igrejas onde permitiam seu pernoite.

“Eu só rezava, nunca perdi a fé em Deus”, ele conta. “Até o dia em que me deu aquele estalo. Lembrei que a Filomena tinha me dito que encontrou umas antigas amigas da mamãe que viviam em São Paulo”. Essas amigas eram, na verdade, filhas de Zoé, uma mulher que já tinha trabalhado



na casa dos antigos sogros de Agripina quando ela ainda era casada com o pai de Filomena. Como a família tinha dinheiro, todos moravam em uma fazenda. A mãe de Silvio era quem defendia os empregados dos maus-tratos, dava-lhes comida, remediava suas dores. Silvio resolveu procurá-las, já que sabia da estima que Zoé tinha por Agripina. Demorou alguns dias até conseguir chegar em Bom Retiro, onde moravam, e mais outros tantos até encontrar a casa.

As filhas de Zoé o acolheram, deram comida, roupas e dinheiro. Não tinham muito, mas ajudaram como puderam, permitindo que o rapaz continuasse com elas. Na primeira semana em que Silvio passou com as irmãs, ele escreveu uma carta para a mãe. Nela, dizia que estava tudo bem, contava do encontro e falava de como Deus arranjava tudo, pedia para que não se preocupassem, logo estaria de emprego novo. “Eu me sentia um marginal, não tinha nem onde cair morto e ainda era assim, alegre! Tentei emprego numas lojas de judeu no bairro. Ninguém me quis, eram tempos complicados. Daí achei um outro tipo de negócio...”.

As solas gastas do único sapato de Silvio percorreram as avenidas, ruelas e ladeiras. Todas as portas iam se fechando até ele encontrar um antigo casarão de porta vermelha com uma grande maçaneta dourada. Ele bateu. Silvio sabia o que funcionava ali. Foi Dora quem o recebeu. Ele foi direto, pediu emprego e um lugar para dormir. Ela se interessou por sua



história e, alguns minutos depois, ele já estava dentro da casa. O cheiro de alfazema misturada com tabaco inebriava a sala. Em troca de abrigo, ele garantiu que poderia cozinhar, lavar, passar e limpar.

“Mas por que logo num bordel, meu filho?”, perguntou Dora.

“É mais seguro, ao menos pra mim”. Silvio ouvira comentários de que os bordéis da cidade eram relativamente neutros da repressão dos militares, que também costumavam frequentar essas boates.

“Você é *entendido*, não é?”.

“Ãh... Sou sim, senhora”, ele respondeu sem saber que era uma gíria para designar homossexuais. Pensou que a mulher queria saber se tinha “bom gênio”, se era trabalhador.

No bordel, aos poucos, passou a auxiliar Dora na governança da casa onde, por dia, deviam circular umas trinta prostitutas. Moradoras fixas não chegavam a dez. O resto alugava os quartos à noite. A boate ainda contava com um *barman* que também fazia as vezes de segurança do local. O salão principal era onde as festas aconteciam e os números eram apresentados num palco improvisado em frente às mesas. As mulheres desfilavam pelo salão, em torno dos homens envoltos pela fumaça do cigarro. Quando eles escolhiam alguma delas para um programa, eram direcionados aos quartos – uns grandes, outros cubículos, já que alguns cômodos eram divididos por folhas



de madeira para aumentar o número de quartos.

Silvio pouco participava das movimentações à noite. Recolhia-se ao seu quarto. A peça era de um verde-musgo repulsivo e acomodava apenas uma cama de solteiro, uma mesa de cabeceira e uma cômoda com quatro gavetas, onde guardava as poucas roupas que carregava consigo. Ficava nos fundos e de lá mal ouvia o barulho dos quartos principais. Em cima da mesa de cabeceira, a imagem de São Sebastião. A única passagem de luz externa era por um vitral com o desenho de um horrendo pelicano, o qual ele cobria com uma cortina vermelha. Na parede em frente a sua cama, afixou um grande pôster, já em cores desbotadas, com uma sereia de nome Miranda. Dormia sempre olhando para ela – que duvidava ser uma grande atriz do cinema, pois julgava conhecer todas.

Com o tempo, Silvio passou a ajudar as meninas também nas coreografias – as apresentações eram importantes porque faziam os clientes gastarem com bebidas enquanto assistiam. Ele virou confidente e encontrou ali uma nova família. Não havia como se sentir marginal porque elas também eram. Foi por essa época que começou a entender melhor sua homossexualidade. Continuava se sentindo diferente, a influência da religião católica em sua formação jamais o faria se livrar totalmente do estigma de pecador, mas percebeu que não estava sozinho no mundo e que, como ele, tantos outros existiam. Foi em São Paulo que descobriu as paixões efêmeras e as decepções

de amor – no entanto, o sentimento de pecado que rondava sua sexualidade o fez celibatário até chegar ao bordel.

Perguntei a ele se não pensava em formar uma família, ter um companheiro. Ele me olhou surpreso e respondeu: “Como? Com outro homem? Não dava. Ainda não dá. E ninguém quer também, só pensam em sacanagem. O Cacá foi o único que me acompanhou, mas nem éramos um casal. Também, depois da morte dele, nem pensei mais em nada disso. E filho, o único que era como meu filho se perdeu pelo mundo”.

Indaguei se Cacá era um namorado, já que não tinha falado sobre ele ainda. “Hm... Um companheiro”, respondeu. “Trabalhava comigo e a gente vivia junto, mas sem nenhuma amarra. Acho que bicha não gosta de amarra”. Quando questionei do que ele havia morrido, falou em voz baixa: “da doença ruim”. “Pegou por aí. Sorte que não me levou junto. Eu cuidei ele até o último... Coitadinho, minguado numa cama. Mas a morte é tihosa quando chega. Agora em janeiro faz seis anos. Mas não quero falar nisso. Chega!”.

“E esse filho?”, continuei. “Ah, o Vinicius não era meu filho. Era filho de uma sobrinha minha. O pai morreu e deixou a guria cheia de cria. Ela arranhou um emprego na Serra e foi embora. Eu fiquei com ele porque ele já tava mocinho e não



queria deixar os amigos daqui. Que nada! Os amigos que ele não queria deixar eram trombadinhas. Virou bandido, roubava e cheirava. Dormia naquele puxadinho dos fundos. Um dia roubou aqui em casa. Fui na delegacia e denunciei e disse onde ele devia estar escondido. Era quase um filho, né, mas eu não podia tapear os malfeitos”.

“E ele tá preso?”.

“Que nada! Ficou pouco tempo. Agora deve tá em Porto Alegre, foi o que ele me disse. A gente reza pra que esteja bem, tenha encontrado um emprego, entre pro bom caminho. Me disseram que ele tinha embarrigado uma menina por lá. É triste, sabe? Ah, mas eu já tô velho pra me preocupar com outros”.

“Mas por isso não seria bom ter um companheiro agora ness...”

“Pra quê? Pra me incomodar, só se for. Se eu sentir aquela coceirinha lá embaixo, eu pago alguém pra coçar. Eu não vou arrumar ninguém pra viver sustentando”.

Um carro alegórico irrompe na Avenida Carlos Lecuender, enquanto uma voz em português entoava o samba-enredo que acompanha a entrada das passistas. Logo a avenida é tomada por uma caravana de cores, na maior festa de Artigas, cidade uruguaia que faz fronteira com Quaraí. O carnaval é conhecido como o maior do país vizinho. Em meio à multidão extasiada pelos batuques, Silvio acompanha o espetáculo. Algumas horas antes, ele estava em um salão de beleza improvisado dentro de



um barracão, maquiando os rostos que agora vê desfilar.

Foi numa dessas noites de fevereiro que Silvio conheceu Cacá, desinibindo-se como um dos destaques de um carro alegórico. Cacá tinha vinte e sete anos e era também cabeleireiro. Eles nunca tinham sido apresentados. A primeira conversa aconteceu tempos depois desse desfile, em um curso de Cortes Femininos e Tratamentos Capilares que fizeram juntos. A amizade transformou-se em namoro e não demorou muito para Cacá juntar suas coisas e ir viver com Silvio. Os dois dividiam os trabalhos no salão de beleza, mas Silvio insistia em ser o “chefe”: “era eu quem mandava nele, por ser o dono da casa e mais velho também”.

O namoro nunca foi assumido. Silvio o apresentava como um ajudante, raramente como companheiro, referindo-se mais a sua companhia na casa do que ao seu relacionamento amoroso. Depois de algum tempo juntos, Cacá começou a sair à tardinha e só voltar no dia seguinte. Noites que se tornaram semanas. Silvio se mantinha impassível em sua solidão, permitindo que Cacá se aventurasse em novos romances. Foram seis anos de relacionamento e convivência até a descoberta da doença.

Silvio atravessou a rua. Uma placa torta com a imagem de um ônibus indicava a parada, mas não havia nenhuma cobertura para proteger do sol do meio-dia, que o obrigava a franzir os olhos. Em alguns minutos, estaria atravessando a ponte que liga Quaraí a Artigas. Fazia o trajeto diariamente para

visitar Cacá, que resolveu morar com a mãe quando recebeu o diagnóstico de AIDS.

Complacente, Silvio ajudava nos cuidados que ele exigia. O corpo fraco parecia menor do que já era. Silvio contava as notícias do outro lado da fronteira. Cacá as recebia com indiferença. Se afastava aos poucos. Silvio percorreu o mesmo trajeto durante, aproximadamente, um ano. Até o dia da morte de Cacá. Silvio abriu o salão na manhã seguinte e, desde então, esquivou-se de todas as conversas que remetiam ao companheiro. “A morte dói mais pros que ficam”.

Poucas palmas ecoam pelo salão. As luzes se apagam. Miranda volta ao camarim. O espelho carcomido reflete alguém que Silvio desconhece. Teria ele aquelas mesmas feições, caso tivesse nascido mulher? Seriam as coisas mais fáceis? “Mulher sofre um monte também, o mundo é cão”. O xingamento que mais odiava era o de “mulherzinha”, achava depreciativo com ele e com as mulheres. Ele não era uma mulher. Era um homem e gostava de outros homens, apenas isso. Passados mais de cinco anos de sua fuga em busca de aceitação, Silvio finalmente começava a acreditar que não havia nada de errado em ter nascido homossexual.

Desde o dia em que se apresentou, alimentou a von-

tade de voltar à sua terra natal. Tinha saudade dos pais, em especial da mãe. O retorno aconteceu apenas alguns anos depois, quando Dora faleceu. Nos últimos anos em São Paulo, fez cursos em institutos de beleza, custeados pela cafetina, e passou a maquiar as moças do bordel. Quando retornou a Quaraí, empregou-se em um salão no centro da cidade.

Era julho e o frio que corria em direção ao norte castigava. Viajou durante a madrugada e, antes do raiar do sol, desembarcou na rodoviária. Esperou amanhecer. A cada esquina que passava, o passado ressurgia na memória. Chegou na casa de número 800, onde viveu sua infância e juventude.

Agripina usava um vestido de flores azuis e um casaco de lã. Regava as plantas do quintal com uma garrafa plástica. Os dentes amarelados davam cor ao sorriso que esboçou quando percebeu a presença do filho. A saudade de anos contida em um abraço. Silvio ficou morando com a mãe e com o pai, que, naquela época, já estava aposentado. Sua sexualidade nunca deixou de ser clandestina, jamais virou assunto nas conversas entre eles. Um pacto de silêncio foi implicitamente estabelecido e muito do que um dia quis gritar continua até hoje petrificado no fundo de sua garganta.

Recordando-se do passado, Silvio percebe o afastamento de Cirilo e a progressiva falta de carícias que antes eram tão comuns entre pai e filho. Tornaram-se dois estranhos. Silvio cuidou da mãe até seu falecimento em 1994. Com



a morte de Agripina, Cirilo foi viver com um dos filhos em Porto Alegre, morrendo três anos depois. Silvio não foi ao enterro. Ficou sozinho na casa até conhecer Cacá e levá-lo para morar consigo. Logo chegou Vinicius. Silvio transformou a sala de sua casa em seu salão de beleza, isso há mais de dez anos.

Hoje vive sozinho, acorda tarde e gosta de ficar horas admirando o luar. “Quem vive à noite”, diz ele, “são aqueles que têm algo a esconder. Sei bem disso...”. Me confidenciou que não deseja encarar a morte de frente – queria morrer dormindo, naquela casa, na cidade onde nasceu. Mas a vida acaba tomando outros rumos, e Silvio sabe bem disso.

O vermelho das flores, prenúncio da chegada de uma nova estação, contrasta com o casebre de Silvio, que agora perdeu por completo o azul de sua pintura. Bati palmas. Nuvens cinzas traziam a chuva que amenizaria o calor modorrento daquela tarde. Silvio talvez estivesse no armazém, não costumava sair muito. Ao avistar a filha da vizinha, pergunto pela mãe, que já vem dizendo de dentro da casa que Silvio não estava mais ali. Pergunto se ele foi viajar. “Ele não volta mais não”, respondeu. “Se mudou?”. “Pra São Paulo, ele me disse. Até a casa já vendeu”. “Mas tão rápido? Ele disse o porquê da mudança? Aconteceu algo?”, continuo. “Sabe que eu achei que ele não ia?”



Faz uns tempos ele me dizia que tava cansado disso tudo, que ia, que ia, que ia... Não é que acabou indo mesmo? Acho que tem uns sobrinhos dele por lá, vai montar salão, decerto”.

Silvio partiu sem deixar telefone nem endereço. Assegurou à vizinha que mandaria notícias. Passaria uns dias em Porto Alegre, na casa de um dos irmãos. Iria ao aeroporto e compraria uma passagem, seria sua primeira viagem de avião. Estava feliz, ela afirma. Quem sabe estivesse voltando para viver algo que um dia deixou para trás; ou para encontrar alguém que há tempos sentia saudade. Quem sabe esse alguém fosse ele próprio.

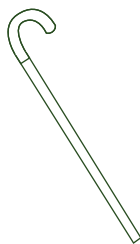
Se esta fosse uma história inventada, talvez o final fosse menos impreciso. Na ficção, o *the end* costuma acomodar todas as personagens em seus destinos previamente traçados. “A gente nunca sabe o que vai acontecer na vida”, ele me disse no último encontro. Silvio foi embora e seu rumo parece incerto. Nenhuma novidade nisso. Caminhar em busca de si talvez seja o próprio sentido da (sua) vida.

COMENTÁRIO DO REPÓRTER

Quando cheguei à cafeteria, Paulo Roberto já me esperava. Estávamos nos primeiros dias de um suave verão. Pedimos o de sempre: eu, um chá gelado; ele, um expresso. Apresentei minha proposta de trabalho de

conclusão de curso e pedi sua orientação: queria escrever perfis, trabalhando com a intersecção homossexualidade masculina e velhice. Ele ouviu atento minha explanação e questionou: “Tá bom, mas o que há de jornalismo nisso?” Sua pergunta era antes uma provocação. Ele dizia que, para reportagem, ter uma ‘boa história’ era ótimo, mas deveríamos ir além: pensar nas formas de narrar, na construção das personagens, refletir sobre os processos de escrita e apuração jornalística, entre tantos outros aspectos que, por fim, dariam forma a um trabalho que aliasse os textos monográfico (teórico) e jornalístico (experimental). Passamos as próximas horas discutindo o modo como jornalismo e memória se entrelaçam e as potências e constrangimentos do ofício no resgate de histórias invisibilizadas. Ainda naquela semana, recebi um e-mail dele com várias referências de livros que me ajudariam. Uns meses depois, cheguei a uma das reuniões de orientação e, cansado, reclamei: “Onde estão os gays velhos dessa cidade?” Ele riu e, levando o café à boca, falou: “Ora, e eu não conto?” Gargalhamos e eu respondi, um pouco sem graça, que não poderia perfilá-lo, era meu orientador. Hoje, porém, penso que deveria tê-lo feito. Como gostaria de, com a desculpa da entrevista, ter indagado mais sobre ele. Minha reclamação se referia à dificuldade em

achar entrevistados. Lembro da vez que expliquei meu propósito a um senhor. Enquanto eu falava, ele, 62 anos, homossexual assumido, não me olhou. Folheava um jornal, um tanto trêmulo. “Não, não, não sou assim”, me respondeu desconfortável. Negava a velhice? A homossexualidade? Tentei insistir. Me pediu que eu fosse embora. Fiquei arrasado e passei a cuidar mais a abordagem. O tema era ainda mais sensível do que pensava. Em *Pássaro Proibido*, o leitor conheceu a história de Silvio, um dos perfis que escrevi em 2012. Seu nome, assim como os demais citados, é fictício, a seu pedido. Tomei a perspectiva do repórter para narrar meus encontros com o perfilado e tentei compartilhar com ele este lugar de narração. Somos, aviso, narradores inconfiáveis, porque inventamos nossas memórias na conformação daquilo que melhor nos parece – foi algo que aprendi na escuta dos velhos. Talvez por isso o texto seja repleto de não ditos, lacunas, silêncios, interdições e, acredito, é aqui que reside a potência dessas memórias. Silvio reconstrói sua história no entremeio pecado/libertação – daí a metáfora do pássaro, que tal qual o de Caetano, é proibido de sonhar, mas com poder de voar. Que o leitor, ao encontrar Silvio, não tenha aceito com normalidade o preconceito que, ainda que naturalizado, ecoa em sua história.



A LINGUAGEM DO TRABALHADOR NA BOCA SUJA DE UM ITALIANO

Bruna Homrich

O trabalhador, a pessoa normal que não é doutor, não gosta de frase longa. Tem que ler três vezes pra entender. E quem é que lê três vezes pra entender? Nem Cristo.

(Vito Giannotti)

Giannotti nos esperava em frente a um hotel de Porto Alegre. Em breve falaria para cerca de vinte plásticos e sapateiros de Novo Hamburgo. Da capital gaúcha até o local onde se daria a oficina, no Sindicato dos Trabalhadores do Ramo Plástico de Novo Hamburgo e Região, eram 45 minutos de viagem. Eu tentava falar mais alto que o rosnar dos grandes caminhões que quase riscavam o rosto do sindicalista, sentado no banco da frente daquele Fiat Uno vermelho. Minha curiosidade de jornalista ainda ensaiando o trabalho nas entidades de classe talvez tenha contribuído para aumentar o fascínio imediato que aquele italiano produzia. De sua boca, as palavras saíam sem pudor, como se nem o manto mais grosso do moralismo pudesse calar

as metáforas bagaceiras ou as expressões sujas do velhote.

A pele vincada de tom moreno contrastava com o branco dos cabelos, que, a essa altura da vida, já tomavam conta apenas das partes laterais da cabeça. Ajudando a apoiar os óculos de grau, as orelhas tinham aquele tamanho característico adquirido na velhice, as quais, em geral, já foram menores e mais bem moldadas. Assim como o nariz, que parece ter crescido e murchado um pouco. Falávamos sobre as muitas gafes cometidas por jornalistas ou sindicalistas nos órgãos de imprensa das entidades.

“Quer dizer, a linguagem é uma tragédia, é uma muralha. Se você escreveu ‘calcanhar de Aquiles’ tem que cortar seus dedos. É porcaria o calcanhar de Aquiles. Qual metalúrgico sabe o que é o calcanhar de Aquiles? Quem é Aquiles? Ele quebrou o pé? Machucou? Mas foi no médico? Engessou? *Esse é o nosso calcanhar de Aquiles*”, diz Giannotti, imitando ironicamente os jornalistas ou dirigentes sindicais que fazem uso de tal metáfora. “Como você diria?”, questiona a mim e ao motorista do Fiat Uno. “Esse é o nosso...” – deixei no ar para que um deles me respondesse – “Ponto fraco”, diz o rapazote no volante. “Isso! Esse é o nosso ponto fraco! Acabou. Se escrever calcanhar de Aquiles, tem que apanhar.”

E daqueles 45 minutos em que, sentada no banco de trás do carro, eu inclinava o gravador para captar a voz arrastada dele, saiu uma conversa cheia de expressões malfadadas



de um homem que dedicou sua vida para se imiscuir entre os trabalhadores e agora conhece-os tão bem que até um livro com as principais palavras usadas nas fábricas escreveu. “E a ponta do iceberg? Quem é que já viu um iceberg em São Leopoldo? Me diga... Isso é só a pontinha do problema, é o que a gente enxerga, mas tem muito mais. Pronto! Ora a ponta do iceberg...”, e ele, mais uma vez, carrega na ironia.

Chegamos ao sindicato, um sobrado em meio à pacata rua de domicílios privados. Não fosse por algumas pinturas na parede lateral externa, a casa também aparentaria ser abrigo de uma família das grandes. Ao entrar, a cozinha comprida exibía em seu centro uma grande mesa de madeira, daquelas feitas por mãos humanas, acompanhada por dois bancos, um de cada lado. Em cima do fogão, panelas que dariam conta de cozinhar para umas cinquenta pessoas. A pouca claridade que entrava tornava aquele cômodo um ambiente rústico, com traços humildes e aconchegantes. Tudo ali remetia ao coletivo: provavelmente ninguém chegava àquela cozinha pensando em cozinhar apenas para si, pois sua própria construção, de tijolos e anexa ao sobrado, pressupunha união, conjunto, grupo, quebra do individual.

Ao subir as escadas, encontrávamos um corredor com algumas portas. Uma dava acesso a um quarto, de extensão modesta, mas que abrigava, pelo menos, quinze colchões.



Quando precisam dormir no sindicato, nos cursos de formação política de fim de semana, por exemplo, os trabalhadores pegam aqueles colchões e os espalham pelo quarto ou pela sala. Foi a sala em que o italiano falou na sexta, 26 de julho, durante cerca de três horas, aos trabalhadores. O tema era comunicação sindical. Giannotti tentaria ensiná-los a se comunicarem entre eles e, ainda, com outros trabalhadores.

Rosa Luxemburgo, Che Guevara, Lênin, Marx, Zumbi: eram esses os revolucionários que forravam as paredes da sala de estudos. Aquelas figuras, emolduradas em largos quadros, serviam para não deixar adormecer a consciência de classe de cada trabalhador que, apesar de todas as dificuldades, destinava algumas horas para estudar entre os seus. O grupo que iria assistir à oficina começava a se acomodar em um círculo de cadeiras pensado para garantir o caráter de conversa e a informalidade do espaço. Giannotti sentava em uma dessas cadeiras e, antes de adentrar no tema de sua palestra, contou alguns breves, mas importantes, episódios de sua vida.

Hoje com 70 anos, 25 de trabalho como metalúrgico na indústria Arno, em São Paulo, Gianotti já fez muita coisa. Nesse período, até interrompeu a faculdade de Sociologia em Roma. “Na minha seção de ferramentaria eram 300 e poucas pessoas, tinham três que estavam estudando na faculdade. Toda vez que tinha que fazer um boletim, um jornalzinho ou um negócio



assim, era eu porque eu sabia escrever melhor, já que tinha feito um ano de sociologia. Quando fui preso em 74, no DOPS, fiquei uns meses lá, me apresentaram, debaixo do pau da tortura, um calhamaço de boletins e jornaizinhos. ‘Você que escreveu, filho da puta?’ ‘Não, eu não.’ ‘Foi você, sim.’ E era porrada prá lá e prá cá. Doía muito. A um certo ponto me escapou uma risadinha, você acredita? Lá debaixo da tortura me escapou uma risadinha. Um policial falou ‘Olha aqui, foi você que escreveu isso’. Não adiantava negar, tava na cara que aquele boletim tinha sido escrito por um desgraçado de um italiano.”

Giannotti escreve e fala apaixonadamente sobre dois assuntos: comunicação com trabalhadores e história da luta dos trabalhadores. Atualmente, ele integra o Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC), no Rio de Janeiro, grupo de pessoas que viaja o país dando cursos sobre as duas temáticas.

A experiência daquele velhote, sujeito desenvolvido no seio das maquinarias, levou os trabalhadores que participavam da oficina a conhecer a *paciência histórica*, um tanto esquecida pelos militantes da esquerda revolucionária. Giannotti aprendeu que conquistar um trabalhador para a luta socialista pode ser uma das batalhas mais difíceis e demoradas de se ganhar. Esse era um anseio quase insone daqueles plásticos e sapateiros que, entre um chimarrão e outro, ouviam com atenção as palavras de sílabas arrastadas e salpicadas de um sotaque



italiano que resistiu a anos de Brasil, tortura e chão de fábrica.

Como ganhar companheiros para a nossa causa? Giannotti não tem nada contra Marx. Defende ferrenhamente, inclusive, sua teoria de fim da exploração do homem pelo homem e construção de uma sociedade socialista. Mas o sindicalista tem noção do quão abstrato, chato e repulsivo o alemão barbudo e suas expressões características podem ser aos assalariados, especialmente àqueles cujas jornadas de trabalho são tão extensas e cansativas que não conseguem ter contato com muitas coisas além do futebol, da novela e da cerveja.

E Giannotti explicava como começar o diálogo: “Primeiro eu vou falar da fábrica, da máquina em que ele trabalha, da sola de sapato que ele faz. Aí, aos poucos, vou falando da exploração. E o que é um mundo sem exploradores e explorados? É um mundo comunista! Pelo amor de deus não fala essa palavra!! Depois a gente diz... E eu falava e falava e, apesar do meu sotaque difícil de entender, sei que tava fazendo sentido. Cheguei, então, onde queria chegar desde o início da oficina: a comunicação. Porque é com a comunicação que podemos, quem sabe, ganhar gente, contei a eles. Me diga aí, qual o primeiro instrumento para comunicar?”

“A fala”, murmurou uma estudante sentada perto de mim.

“A língua”, corrigiu.



“É a conversa no pé da máquina, no ônibus, na fila de banco. Mas não aquela conversa do cara chato que só fala daquilo. Tem que falar da vida, falar de tudo, e lá dentro colocar tuas ideias de uma sociedade diferente, solidária, livre, fraterna. Mas com quantas pessoas você pode falar numa semana? Quatro? Cinco? Oito? Dez? É pouco”, diz o sindicalista.

“Mas aqueles para quem tu passou essa informação vão passar para outros. E assim vai indo...”, discordou um dos diretores do Sindicato dos Plásticos.

“É, mas, às vezes, você demora muito tempo para explicar uma coisinha só, sabe, para uma pessoa. Você explicando de um em um, e até falar com 30 companheiros... Quer dizer, você tem outras coisas para fazer na vida. Tem que estudar, namorar... E então, qual é o segundo instrumento além da língua que podemos usar? Alguma coisa escrita”.

Os jornais nasceram com a fábrica

Há mais de cinco séculos, Gutenberg imprimiu os primeiros livros. Um pouco depois disso, uns duzentos anos atrás, vieram os primeiros jornais.

“E o que começou há uns duzentos anos atrás? A revolução... digam aí”.

“Francesa”, arriscou um sapateiro.



“Não, a revolução industrial. Quando começaram a aparecer as primeiras fábricas, as primeiras máquinas a vapor. Quer dizer, a produção aumentou pra caramba. E de quem eram essas fábricas?”, de novo Vito espera uma resposta.

“Dos burgueses”, alguém responde.

“E quem eram os burgueses?”, rebate o italiano.

“Os patrões”.

“Isso, os patrões! Os jornais nasceram no mesmo tempo da fábrica, 220 anos atrás. E de quem eram esses jornais?”

“Dos patrões”, dessa vez umas três vezes se sobrepueram na resposta, agora já previsível.

“Os mesmos patrões donos das fábricas. Olha aí, os mesmos donos das fábricas passaram a publicar seus jornais. Pra que jornal? Pra ir além da língua. O que os patrões queriam com aqueles jornais 200 anos atrás? Vender seus produtos, mas não só isso. Também queriam vender suas ideias, sua visão de mundo”, diz o italiano, e nesse momento, para dar maior realismo à encenação, fingiu-se de patrão.

“Na minha fábrica não temos como te pagar mais que isso, porque senão a gente vai à falência. E se a gente vai à falência, você perde o emprego. E aí vai comer o quê?”. Da voz operária, foi à voz patronal para tentar explicar àqueles plásticos e sapateiros as motivações que faziam os donos das fábricas produzirem jornais: convencer dois mil trabalhadores que o industrial é amigo, quase um pai. Que sem ele não exis-



tiria emprego, não existiria nada.

Mas se os chefes fizeram tão bom uso da imprensa, os trabalhadores também o fariam, e não tardaria muito, contava Giannotti. Já em 1824, foi decretada, na Inglaterra, uma lei que permitia aos proletários criarem suas associações. Antes disso, não era permitida qualquer forma de organização da classe oprimida. Ainda no mesmo ano, foi criado o primeiro sindicato da história do mundo, em Manchester. Em 1825, esse sindicato edita seu jornal, chamado A Voz do Povo, com uma tiragem de 30 mil exemplares por semana. Pra quê? Pra ir além da língua, tá entendendo? O jornal do sindicato é a tua língua multiplicada. Por cem, ou duzentos, ou trezentos. E depois de dizer isso, me voltei pro Madeira, um dos dirigentes do Sindicato dos Plásticos.

“Vocês, aqui, fazem quantos jornais por tiragem?”

“Uns 2000, 2500”.

Avistou a revista produzida por eles em uma das mesas. Era um caderno de debates. Se vocês fizerem 2500 cópias desse caderno de debates são débeis mentais, loucos de pedra. Porque não tem 2500 que querem ler isso. Eu pediria cem, tá bom demais.

Vito dizia que há uma grande diferença na confecção e distribuição de jornais e revistas: jornais tendem a ser mais genéricos e leves, por isso não só podem, como devem ser distribuídos a todos da categoria; já as revistas sindicais



têm conteúdo mais denso, de forma que uma parcela ainda mínima dos trabalhadores está interessada e preparada para estudá-las. “Se tiver cem pessoas nas categorias de vocês que quiserem ler essa revista, vocês todos vão direto pro céu.”

Barulhos numa das cozinhas – há duas delas no sobrado: a de baixo, com a grande mesa em torno da qual ocorrem as refeições, e a daqui de cima, menor, onde são feitos os lanches e bebidas dos trabalhadores durante os estudos e reuniões – denunciam que o café está pronto.

“Sem açúcar”, responde Vito.

Um a um, para não atrapalhar a oficina, levantavam-se e se serviam de café. Aqueles que já tomavam chimarrão, em sua maioria, recusaram a outra bebida. Enquanto o movimento acontecia, Vito perguntava:

“Levanta a mão aí quem tem *Facebook*...”

“Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze”, conta, e continua: “o sindicato de vocês, o Sindiplast, tem *Facebook*?”

“Não”, denuncia uma voz feminina.

“São um bando de bestas. Eu também tive que entrar no *Facebook* ano passado, na marra. São quantos na categoria de vocês?”

“Quatro mil”, responde Madeira.

“Vamos dizer, chutando, que 20% dos trabalhadores da categoria de vocês gostam de *Facebook*. São 800 pessoas.



E você vai deixar 800 pessoas impunes? Há há! 800 pessoas eu vou diariamente bombardear com uma notinha pequena que o sindicato coloca. Só que é trabalho né, tem que ter um profissional que faz isso, ou alguém que tenha tesão por isso. Coloca uma notinha no *Facebook* e você pode, não é que vai, atingir 800 pessoas. Não podemos perder um momento, que a batalha é difícil. Por que a batalha é difícil?”

E explica que a Rede Globo é uma desgraçada a comunicar com os brasileiros todos os dias. Ele queria mostrar que, para disputar a consciência dos trabalhadores com uma gigante cheia de ideologia como a maior emissora do país, o sindicato também teria que comunicar diariamente com sua base. E então dei exemplos de programas tão comuns que eles nem percebem a bomba de dominação. *Jornal Nacional*, *Fantástico*, *TiTiTi*, ou como é aquela que dá às 18h?... *Malhação!* Não tem filho da puta de brasileiro que não vê a Globo uma vez por dia. Pois é. E nós? Nós comunicamos com o trabalhador uma vez por mês. E em uma vez por mês não conseguimos disputar com nosso inimigo que fala a favor da privatização, da terceirização e da flexibilização de direitos. To-do dia tão falando contra a greve. É uma coisa de louco.

Já iam quase duas horas de oficina. Começa a passar na roda uma bacia cheia de frituras, conhecidas no sul como ‘cucas viradas’. Giannotti pegou uma, pegou duas, e, na terceira vez que a bacia passou por ele, pegou outra. Enquanto comia,



abria um de seus livros e mostrava que a classe trabalhadora tem aversão a dialetos pomposos ou penduricalhos desnecessários no discurso e na escrita. Dos 25 anos de ferramentaria na indústria Arno, e de andanças pelo país dando cursos de formação, ele e Sergio Domingues chegaram a uma lista de 3.500 verbetes. Quase quatro mil palavras ou expressões que deveriam ser proibidas de serem usadas na comunicação com os trabalhadores, pois mais dificultam que facilitam a aproximação e a conquista da consciência no chão das fábricas e no pé das máquinas. O livro, chamado *Dicionário de Politiquês*, sugere como substituir esses termos por outros, mais palatáveis e próximos do cotidiano operário. Aí começou uma série bem-humorada de exposição de verdadeiros fracassos, cuidadosamente selecionados por Vito, já cometidos por dirigentes e jornalistas sindicais na tentativa de entrar em contato com os trabalhadores.

O operário não fala inglês

Se um operário inglês vem ao Brasil e tenta dialogar com os operários daqui, sua mensagem não será entendida. Ainda que o sujeito seja gente boa e tenha coisas valorosas a dizer, a linguagem se impõe como uma barreira quase impossível de ser vencida. Mas se ele traduzir para o português, a comunicação, então, se efetiva.

“Em inglês, como é que se diz a palavra casa? Me diga aí,



menininha, você sabe”, instiga o italiano.

“House”, responde a estudante sentada a seu lado.

“House. Agora, tua mãe fala inglês?”

“Não...”

“Fala pra ela: ‘Mãe, nossa *house* está suja’. ‘Ô filha, tá louca? Que que tá sujo?’, é isso que ela vai te responder. Ou você fala pra sua mãe *casa* ou ela não entende. É melhor *house* ou *casa*?”

Ninguém queria arriscar um palpite. Vários ensaiaram, é verdade, mas foi Madeira quem deu a cara a tapa:

“Casa”, responde.

“Não. *Casa* é aqui em Novo Hamburgo. Nos Estados Unidos é *house*. Você entendeu? Não existe a pergunta cretina ‘qual é o melhor?’. Depende de onde. Com quem. Cada lugar tem a sua língua. Cada público tem a sua língua. Ô aqui” – e Giannotti abriu o Dicionário de Politiquês: “Essa é uma atitude SÓRDIDA.”

“Você diz?”, questiona ao Madeira. “Pois nunca mais diga. Nenhum plástico sabe o que é sórdida. Mas, no Rio, é mania. Na UFRJ, se você não falar sórdido, você não é legal”.

Talvez quem não conheça o Vito possa achar que ele é preconceituoso, subestimando as capacidades dos trabalhadores. Não é nada disso. Em um momento da oficina ele parece ter se lembrado de fazer uma pequena explicação, sem a qual muitos ruídos poderiam surgir entre o *professor* e seus *alunos*.

“É claro que não são bobos”, disse a eles, “mas são pes-

soas comuns, com escolaridade pequena, às vezes nem o segundo grau completo. Gente, a média de leitura de jornais no Brasil não chega a 4% das pessoas. No Japão é 70%. Japonês é melhor que brasileiro? Não. É diferente na linguagem. Não é melhor ou pior”.

Aquele livrinho de expressões malfadadas arrancava risadas dos participantes da oficina.

“A oferta que os patrões fizeram foi ‘irrisória’. Traduz irrisória, rápido!”, novamente ele se volta pra menina ao seu lado.

“Insuficiente.”

“Digo mais: ridícula. Tudo que começa com in e ir tem que cuidar, porque 99% das pessoas comuns não entendem. Mas agora quero parar aqui. Prometi falar só 15 minutos, e olha aí... Minha mãe morreu falando ‘fica quieto, Vito, deixa os outros falarem um pouco’. Coitada, morreu pedindo para eu ficar quieto, não conseguiu. Quero ouvir vocês agora. Vamos...”

Mil maneiras de comunicar

“Que trabalhador hoje em dia não tem um celular? Eu tenho dois aqui comigo, no bolso, mas não sei filmar em nenhum deles. Vocês sabem, né? Se não sabem, podem fazer um cursinho de umas duas horas que aprendem rapidinho. Filma uma manifestação, um policial dando porrada em alguém, e em poucas horas qualquer um de vocês, menos eu, aprende a



colocar isso na internet. Não precisa ser um gênio. No outro dia você manda para o sindicato e alguém que coordena a comunicação lá pega o vídeo e coloca no *Facebook*. Puta que pariu, você tá participando da comunicação, tá colocando uma coisa viva que você viu, real, concreta, tá divulgando e incentivando outras pessoas a fazer a mesma coisa.”

Os exemplos de como chegar até os trabalhadores eram despejados sem dó pela boca de Giannotti: “E de música sertaneja, não tem muito peão na fábrica de vocês que gosta? Será que não tem um deles que componha música sertaneja aqui em Novo Hamburgo?”

“Tem sim um que compõe, canta, faz show. Dubla até o Bob Marley”, conta um plástico com traços germânicos.

A ideia de Vito era de que o sindicato pudesse realizar, de tempos em tempos, um concurso para os trabalhadores que se envolviam com música, seja ela de qual estilo fosse. Tanto o concurso quanto o resultado dele seriam divulgados no jornalzinho da entidade. Como prêmio, por que não a gravação de dez CDs? A disputa pode até ser temática. As músicas concorrentes abordam as lutas de vocês.

“Nós já fizemos isso aqui uma época, com o hip-hop. Teve cara que compôs música contra o banco de horas e com crítica ao patrão. E foi sucesso na porta da fábrica”.

“Uma vez vocês fizeram?”

“Sim, uma vez.”



“Outra maneira é fazer cineclubes. Não, não chama de *cineclube*, essa é uma palavra que parece difícil”. A ideia, diz Vito, é pegar o nome, *Facebook*, e-mail e telefone das pessoas para marcar um dia de filme no sindicato. “Traz um debatedor, não precisa ser doutor, mas alguém da categoria de vocês que saiba falar sobre o assunto do filme. Vocês podem implantar um ritmo, uma série de filmes. Quais? Aqueles que vocês querem para sua política. Olha que iniciativa! Os bancários do Rio Grande do Norte já começaram. Semana passada eu dei a ideia e eles já fizeram”.

Foram muitas as proposições de Vito naquela tarde. Propunha debate, concurso cultural, trabalho de base paciente, mudanças na estrutura do jornal, quase um turbilhão de coisas a serem feitas. Mas eram sugestões. Em certo momento, quando quase dava fim à oficina, ele aponta para todos os quadros na parede – Rosa, Che, Lênin, Marx, Zumbi – e diz: “Tudo isso é prá que se consiga ganhar pessoas e organizar melhor a luta contra os inimigos desses aí”.

Três horas de oficina passaram rápido como o vento. Ao fim, Vito estava apressado, deveria chegar logo ao hotel. Entramos no carro, já era noite fechada, nenhum silêncio durante os 45 minutos de viagem. Avistamos o grande conglomerado de luzes e prédios e fios elétricos e viadutos. Porto Alegre se aproximava. Entregamos o italiano de volta, no mesmo ponto em que, várias horas antes, havíamos nos encontrado pela



primeira vez. Demos um aperto de mão e cuidamos até que ele entrasse no prédio. Um camarada desses merece um par de olhos atenciosos.

** Vito Giannotti faleceu em 24 de julho de 2015, aos 72 anos.*

COMENTÁRIO DA REPÓRTER

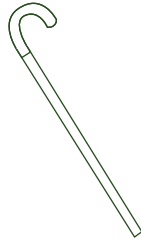
Era início de 2013 quando eu o encontrei e fiz a proposta: elaborar um trabalho que explorasse as contribuições do estilo jornalismo literário às reportagens sindicais. De minha experiência como estagiária em um sindicato, quis tentar unir duas esferas que me eram caras, mas, ao longo de dois anos na entidade de classe, parecia-me difícil tentar suavizar o relato textual que, em essência, expressa uma luta de classes nada sutil.

De fato, foi um desafio. E o professor Paulo e eu abraçamos. Ele se mostrou tão aberto à empreitada que me fez entender, durante nossa convivência, que o jornalismo literário, para além de tomar emprestadas ferramentas da literatura e conferir traços

de romance aos textos jornalísticos, também é uma postura de vida mais plural e sensível. O professor, cuja proximidade com a comunicação sindical era pequena, aceitou comigo o projeto, por acreditar que até um anúncio de classificados no jornal poderia ser narrado de uma forma que envolvesse e interessasse o leitor. Exatamente as tarefas históricas reservadas à comunicação sindical, em especial num sistema que preconiza o individualismo, impõe barreiras concretas e ideológicas à organização coletiva e tenta apagar os laços identitários de classe.

Ao longo de um ano, os encontros de orientação na cafeteria me revelaram características de um verdadeiro mestre, daqueles que não somente ensinam com lucidez, mas rompem certa hierarquia e frieza da lógica acadêmica. Paulo era de uma grandeza inquestionável: com ele entendi a importância de educar o olhar para perceber quem no cotidiano é invisibilizado e para contar suas histórias. Aprendi que um dos exercícios mais importantes – e difíceis – é o da empatia. E que, para extrapolar os números e as fontes oficialescas nas páginas frias, que escondem tanta vida e tanta gente, há caminhos para um jornalismo que escuta, humaniza e valoriza.





A FLOR DE TODOS OS DIAS

Myrella Allgayer

“Bom dia, flor do dia!” A mensagem de texto é enviada pelo celular diariamente, logo no início da manhã. Carolina levanta da cama e, antes das seis, já está embaixo da água do chuveiro. Depois do banho, arruma o cabelo e faz a maquiagem: apenas uma cor discreta de batom, máscara nos cílios e uma boa camada de pó na pele do rosto e do pescoço. Às vezes, no final do dia, a maquiagem acaba absorvida pela gola do jaleco branco que ela usa quando está nos laboratórios da universidade.

Carolina Simões Côrte Real tem a pele da cor de chocolate ao leite e cabelos e olhos castanhos, quase pretos. Os lábios rosados escondem um sorriso de dentes brancos e alinhados. O rosto tem formato arredondado, emoldurado pelo cabelo cacheado, que ela prefere usar liso, e deixa solto ou preso por uma faixa elástica em cima da raiz. Quase todos os dias, Carolina modela os fios com a ajuda de uma chapinha. Quando está pronta e ainda há tempo suficiente, prepara um rápido café da

manhã na cozinha da casa que ela divide com a mãe, Clarice. Em torno das 6h30min, sai em direção à parada do ônibus que a levará para o centro da cidade. “Tchau, mãe! Te amo!”.

À tiracolo, uma bolsa grande retangular azul marinho com letras bordadas na frente informa que cursa Tecnologia em Alimentos na Universidade Federal de Santa Maria. O objeto já virou uma piada interna entre Carolina e as amigas mais próximas. Quando começaram as aulas, uma das primeiras questões da turma, formada em sua maioria por mulheres, foi decidir o modelo, as cores e os detalhes da bolsa. Os gostos diferentes logo dividiram as alunas em grupos. Formou-se a guerra do “azul com vermelho” *versus* o “rosa com tigradinho”, como ela e as amigas apelidaram a estampa que imita a pelagem de um tigre. No final, cada uma montou o acessório do jeito que queria, mas a divisão em grupos foi natural a partir de então.

Às sete horas da manhã, Carolina espera por Andressa e Kellen, duas amigas, colegas de faculdade. De segunda a sexta-feira, as três se encontram na parada de ônibus da Rua do Acampamento, no centro da cidade que amanhece cedo: Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul. Carolina sempre chega primeiro, apesar de vir do bairro Lorenzi, bem distante do campus universitário, e, enquanto espera, olha de um lado para o outro por cima das cabeças de quem aguarda o transporte público na calçada apertada e esburacada, já destruída pelo tempo. Do outro lado da rua, a loja de calçados com a fa-



chada vermelha ainda não abriu as portas. Sempre pontual, se incomoda quando as amigas atrasam para encontrá-la. A ideia de chegar tarde para a aula ou para qualquer outro compromisso a deixa aflita.

“Vocês tão atrasadas”.

“Ah, Carol. Só cinco minutinhos, o ônibus nem passou ainda”.

Kellen e Andressa são mais baixas que Carol, o que a faz se sentir grande perto delas: não é somente mais alta, mas também mais corpulenta que as outras. Kellen tem grandes e expressivos olhos verdes, que se destacam em contraste com a pele claríssima do rosto e o cabelo castanho escuro. Sardas se espalham em cima do nariz e da testa e os lábios finos se contraem, franzem e relaxam, acompanhando a expressão do olhar. Já Andressa tem olhos da mesma cor dos cabelos, longos fios castanhos que ela joga de um lado para o outro com as mãos enquanto conversa. É um pouco mais calma e tem o sotaque da região da Quarta Colônia de Imigração Italiana, próxima de Santa Maria, onde morava com os pais. Além dos aspectos físicos, as três se diferenciam pela risada. Enquanto Carolina é discreta, Andressa ri alto e Kellen chega a chamar a atenção de quem passa na rua.

Conheci a Carol nos primeiros dias em que fomos à universidade, depois da aprovação no vestibular, para entregar documentos e confirmar nossa vaga. Eu estava no ônibus,



sentada ao lado do meu namorado, e na minha frente tinha uma menina. Quando descemos, percebi que ela ia para a mesma direção que eu, mas não chegamos a conversar, era muita gente indo para o mesmo local na reitoria. No primeiro dia de aula, entrei no prédio e fui até a sala indicada. Quando cheguei, a porta ainda estava fechada, mas algumas pessoas já estavam pelo corredor. Reconheci o rosto dela, parada perto da porta. Puxei conversa, perguntei como ela foi aprovada no vestibular e de onde era. Ela respondeu e também me contou que era extrovertida, gostava de conversar com os outros. Me identifiquei com ela e fomos nos conhecendo. Entramos na sala, já começamos a conversar com a Susi também. Logo depois a Andressa e a Ana se juntaram ao grupo. Formamos nosso quinteto.

Todos os trabalhos são feitos com as cinco, assim como os almoços no Restaurante Universitário e as visitas à biblioteca. Para as provas, no entanto, Carolina, Andressa e Kellen se reúnem para passar a madrugada mergulhadas em livros e atividades. Esse costume iniciou logo no começo do curso, quando, no final do segundo mês de aulas, ficaram cerca de 24 horas acordadas para estudar.

O local dos estudos é sempre o mesmo, a casa de Carol. Clarice tem um problema de visão e mora somente com a filha, que nunca a deixa passar a noite sozinha. As atividades cotidianas, como ir no mercado e buscá-la nas aulas de natação, também são feitas por Carolina. Existe uma cumplicidade



no relacionamento entre elas e são raros os dias em que não se ligam para conversar durante a faculdade. Cada ligação termina com um “te amo, mãe!”, dito mais de uma vez.

Na primeira ocasião em que as duas colegas foram até a casa no bairro Lorenzi, entraram em um ônibus juntas, no centro da cidade, rumo a uma região que não conheciam.

“Kellen, tu sabe onde a gente tem que descer?”.

“A Carol disse que ia nos esperar na parada”.

“Tá meio difícil enxergar qualquer coisa nessa lata de sardinha!”.

Tanto Andressa quanto Kellen iam espremidas contra os ferros do ônibus lotado, rindo da situação em que estavam. Como a maior parte dos transportes públicos no fim de um dia de semana, realmente não dava para se mexer. De repente, Kellen olhou para fora e viu Carolina. A reação espontânea que teve foi gritar de surpresa, meio desesperada. Empurrou quem fosse necessário para abrir caminho e não perder a parada. Desceu de um só pulo do ônibus com Andressa no encalço.

A região da entrada do Lorenzi destoa completamente do centro da cidade: não há edifícios, apenas algumas casas feitas de tijolos e outras de madeira. A parada de ônibus fica em frente a uma área abandonada, cujo gramado há muito não é cortado, onde está fixada a uma tora de madeira uma placa em que se lê: “vende-se esse terreno”. Para chegar até a casa da Carolina segue-se por uma rua asfaltada, cheia de bura-



cos, e acaba-se andando em ziguezague. Um terreno ao lado, também desocupado, possui um caminho estreito onde a grama sumiu e deixou a terra à vista de tanto ser pisoteada pelos moradores da região sempre no mesmo trajeto, na busca por um atalho para chegarem mais rápido ao ponto do ônibus.

Antes do asfalto se tornar um caminho de chão batido, dobra-se a rua de paralelepípedo que acaba em uma estação de tratamento de água da Companhia Riograndense de Saneamento. Perto dali, uma das últimas casas, amarela com duas janelas vermelhas escuras, é a de Carolina. Nos fundos do terreno, corre um cachorro pequeno, de corpo preto, patas e focinho marrons. Em volta do focinho, alguns pelos grisalhos denunciam os dez anos de Blade, que late e balança o rabo para os que chegam. O portão aberto é convidativo para ele caminhar um pouco na rua até quando decidir parar em frente ao portão, choringando para que Clarice ou Carolina venham lhe buscar.

Na hora de começarem os estudos, as três meninas sentam à mesa da cozinha: Carolina na ponta, Kellen num lado e Andressa do outro. Próximos à mesa estão uma geladeira alta, branca, enfeitada com imãs de borboletas feitas de crochê e um fogão entre a pia e a porta que dá acesso aos fundos. Há uma pequena área com chão revestido de azulejos, um gramado e um muro de tijolos que separa a casa do resto da vizinhança. Nos finais de semana ensolarados, Carolina costuma se deitar ali para aproveitar o sol depois do almoço.



Elas sentam em torno da mesa retangular de madeira, coberta por uma toalha vermelha, com seis cadeiras em seu redor. Em duas delas há respingos de tinta, da mesma cor avermelhada com que as janelas e as portas foram pintadas. A cuia de chimarrão é preenchida de água quente por Kellen que a alcança à Andressa.

“Não consigo chegar ao mesmo resultado que vocês”, diz Andressa, com o lápis em uma mão e a cuia em outra, enquanto revisa os números e fórmulas no caderno em sua frente.

“Tem uma questão parecida na prova que a Carol conseguiu”, Kellen procura entre livros, cadernos e folhas, empréstimo de um dos veteranos do curso.

“Não se preocupa, Andressa. Qualquer coisa, conferimos o resultado da questão na hora”, Carol diz com um sorriso e o rosto apoiado na mão de unhas pintadas.

“Vocês conferem. Eu só fico feito uma marionete, me balançando de um lado para o outro: ‘Andressa, vai pro lado’, ‘Andressa, vai pra frente’, ‘Andressa, vem para trás’”.

“Com aquele vermelhão todo que tu fica, é capaz de nos entregar pros professores”.

Em dias de prova, são raras as vezes em que Kellen e Carolina não colam, apesar de sempre argumentarem que, na verdade, apenas “conferem resultados”. Andressa nunca participa do esquema e procura sentar mais à frente, pois costuma corar sem querer, ainda mais se o professor olhar para



ela, o que automaticamente compromete a ação. No entanto, a sutileza nem sempre foi a principal tática. As duas amigas já chegaram ao ponto de trocar as provas para compará-las. Outra estratégia é colocar alguma componente do quinteto na frente da mesa do professor para puxar conversa e, assim, impossibilitar a visão dele das alunas.

No final do primeiro semestre de aulas, nenhuma delas conseguiu alcançar a média sete na disciplina de Química. Carolina ficou arrasada, pois gostava muito das aulas do professor. Na noite anterior à prova, estudava sozinha em casa quando o celular tocou.

“Oi, Kellen”.

“Carol, eu não consigo fazer essas questões. Estou com muito medo de ir mal amanhã. Preciso de ajuda! Não tem como tu vir pro centro? Pode dormir aqui”.

“Não posso. Não combinei com alguém para ficar com a mãe. Não quero deixar ela sozinha. Por que tu não vem pra cá?”.

“Já são 22h30min. É tarde demais pra ir até aí. E tô sem internet ainda”.

“Então vamos fazer assim: tu faz as tuas questões aí e eu faço as minhas aqui. Daqui um tempo, quando surgirem mais dúvidas, a gente se liga”.

No dia seguinte, a sala estava cheia de estudantes apreensivos com o resultado final do semestre. Era a última chance de conseguirem passar na disciplina. O professor es-



tava na frente, a metros de distância de onde elas estavam. Escrevi uma informação de uma das questões em um post-it colorido e passei para a Carol, sentada na minha frente. Nesse momento, o professor começou a se mover, se aproximando de nós. A Carol entrou em pânico, ficou nervosa e, em um impulso, colocou o papel dentro da boca. “Kellen, me dá um gole da tua água”, ela pediu. Eu alcancei a garrafa transparente, dividida entre o espanto e a vontade de rir. Com aquele gole, lá se foi nossa cola, direto para o estômago dela.

Apesar de ser bastante liberal para conferir informações quando não deveria, Carolina não admite que as colegas tirem notas maiores que as dela e, quando isso acontece, fica muito incomodada. Teve uma vez que ficou enfurecida com Kellen porque tirou 9,8 em uma prova de matemática, enquanto a amiga conseguiu gabaritar. E o fato é que elas tinham, novamente, uma prova idêntica. Porém, Carolina saiu antes da sala e Kellen mudou o resultado de uma conta porque havia tempo o bastante para conferir.

Os trabalhos também deveriam ter uma última vistória dela. Entregar algo que ela não tivesse checado era praticamente inadmissível. Isso já havia exaltado alguns ânimos, resultando em e-mails e ligações irritadas. Da mesma maneira, quando precisam das provas antigas dos veteranos, ou mesmo quando querem só começar a fazer uma pesquisa para algum trabalho, é comum Carolina puxar o trem.



O ônibus para quase no meio do campus universitário para que as três meninas e os outros estudantes desçam. Depois, continua pela rua de paralelepípedos, com um som alto e característico, enquanto, aos solavancos, balança os passageiros remanescentes. Elas andam na calçada de pedras cinzentas, em direção a um prédio de três andares pintado de branco com colunas verdes. Um gramado se estende à frente, cortado por uma estrada na diagonal, com árvores e plantas esparsas. As que mais se destacam são flores cor-de-rosa, tom similar às cortinas no quarto de Carolina. É possível escutar o canto de pássaros e o barulho de insetos em meio ao chão verde. Algumas vezes, se pararmos para prestar atenção, também há como escutar, vindo do prédio próximo, o som de um instrumento musical, uma flauta ou um piano, no Centro de Artes e Letras. O ar ali carrega um leve cheiro de grama recém-cortada. O caminho de pedras leva ao fundo de outro edifício, também de três andares, perpendicular aos vizinhos, além de menor e visivelmente mais novo. Na calçada, há vários pontos molhados, consequência da água que sai dos aparelhos de ar-condicionado.

Nessa região da universidade, algumas características se repetem: quase todos os meninos usam bombachas, alpargatas, camisetas polo, boinas verdes ou pretas e carregam mateiras de couro no ombro, às vezes com uma cuia nas mãos e uma térmica embaixo dos braços, e bebem chimarrão



no intervalo das aulas. Nos pés femininos e masculinos se repete o uso de calçados pesados marrons. Até mesmo no verão, as meninas costumam usar calça jeans, raramente vestidas com saias, shorts ou vestidos. A maioria delas anda com bolsas grandes em tons escuros, com os nomes dos cursos do Centro de Ciências Rurais.

“Cadê a Carol, gurias?”.

A pergunta de Susiele fez Andressa e Kellen revirarem os olhos e balançarem a cabeça.

“Falando com o Juliano. Onde mais?”.

“Deus no céu e o Juliano na Terra”: é o que as amigas de Carolina costumam repetir, devido à admiração dela pelo professor de Química. Não se trata de uma paixão platônica, mas um interesse pelo trabalho dele como profissional e pesquisador. O objetivo de Carolina é se formar como Tecnóloga e, logo em seguida, fazer mestrado e doutorado, para um dia lecionar. Procura sempre se destacar, já pensando no futuro.

Desde o primeiro semestre, Carolina beirava a perseguição para conseguir conversar com o professor Juliano e conseguir uma vaga no grupo do Laboratório de Análises de Alimentos. Chegou até a pedir dicas para o Matheus, que já fazia parte do grupo e que a aconselhou que fosse bem em provas e trabalhos para ser aceita. No final do primeiro semestre, Carol conseguiu trabalhar como bolsista nos laboratórios, junto dos veteranos e dos mestrandos do curso.



*É que eu sou hot, hot dog, e comigo cê não pode
Se eu te pegar, tu vai levitar
É que eu sou hot, hot dog, e comigo cê não pode
Veja bem prá depois não chorar*

*E nunca dei desculpa prá ninguém
É certo que você vai implorar
Vai pedir arrego, suplicar sossego
Vai ver só o calor que eu vou te dar*

Andressa falava com Carolina ao celular, enquanto escutava música. “Ah, começou a tocar as músicas dos teus cuscos aqui!”. Elas costumam ligar uma para a outra, principalmente porque seus telefones são da mesma operadora, o que faz com que a ligação seja mais barata. Às vezes, ficam um tempão conversando, principalmente quando Carolina tem algo para contar sobre o mais recente “namorado”. Entre as idas e vindas dos meninos na vida de Carol, Andressa apelidou-os de “cuscos”, uma expressão gaúcha para “cachorros”. Coincidentemente, a canção *Hot Dog*, do cantor Buchecha, entrou na trilha sonora da famosa novela das 21h, *Avenida Brasil*, na Globo. A música sempre fez as amigas lembrarem de Carolina e seus casinhos.



Apesar de já ter namorado alguns meninos e ter, inclusive, noivado com um quando tinha menos de dezoito, Carol é insegura quanto à própria aparência. A começar pelo cabelo, que ela não gosta de usar ao natural. Admira o liso das amigas ao passar os dedos nos fios de cabelos delas. Ela assiste o seriado norte-americano *Gossip Girl*, cuja protagonista é interpretada por Blake Lively. A atriz alta, magra, com cabelos dourados e ondulados, é praticamente uma Barbie da vida real e tem o tipo de beleza que Carol gostaria de ter.

No entanto, a insegurança não rouba o lugar das unhas bem pintadas, da maquiagem e até da chapinha, que fazem parte da rotina. Algumas ocasiões pedem produções maiores, como a formatura de Andressa em um curso técnico. Enquanto a própria formanda vestia calça jeans e salto alto para o jantar de comemoração, Carolina estava de vestido justo, preto e curto, meia calça, blazer cor-de-rosa, batom vermelho e, claro, sapatos de salto.

Quando, depois do jantar, fomos para uma festa, uma oportunidade de sorte surgiu. Naquele ano, eu ainda era menor de dezoito e, logo na entrada, eram distribuídas pulseirinhas adesivas de cores diferentes, conforme a idade. A pessoa que nos atendeu esqueceu de pedir minha identidade e me deu a cor destinada aos maiores. “Fica quieta”, a Andressa me falou quando percebeu o que tinha acontecido. Escondi o pulso com o blazer, para evitar que me questionassem antes de entrar.



O meu copo de cerveja não parou na minha mão. Se eu bebia um gole, a Carol bebia o resto. Conseguimos acesso à área VIP, que era em um lugar mais alto do que a pista onde a maioria das pessoas estava dançando. Com a visão privilegiada, ela apontava quais meninos queria beijar naquela noite. Foi embora mais tarde, mas não beijou ninguém. Talvez tenha achado todos entediados demais em comparação à noite de liberdade dela.

“Que roupa eu coloco?”

“Vai com algo simples”.

“Mas simples como?”

“Sei lá, Carol. Até invisível esse menino é”.

“Ele existe, juro. Vou apresentar para vocês na nossa festa”.

Carolina pedia a Andressa palpites sobre a roupa que deveria vestir para encontrar o novo namorado. O menino não gostava de ‘frescuras’, um verdadeiro desafio pra ela, que adorava se arrumar. Ela falava bastante nele para as amigas, mas nunca o tinha apresentado oficialmente. Com a festa da turma, aparecia também a chance de conhecerem ele.

Na metade de 2012, os professores e funcionários da Universidade Federal de Santa Maria fizeram uma greve que durou mais de três meses. O segundo semestre do ano continuou então em 2013, para que o calendário letivo pudesse ser



restabelecido. Em janeiro, no auge do verão de Santa Maria, o campus funcionava em plena atividade.

As meninas da Tecnologia em Alimentos queriam começar a arrecadar fundos para a formatura. A partir de uma amiga de Andressa, do curso de Agronomia, conseguiram se juntar a outros alunos do Centro de Ciências Rurais para organizar uma festa em uma das boates da cidade.

Os preparativos iniciaram com a produção de camisetas e cartazes. Elas também tentavam vender ingressos para a comunidade universitária no campus e no centro da cidade. Uma semana antes, apesar de poucas vendas, os humores efervesciam e Kellen e Carolina chegaram a discutir por causa de um trabalho. Ficaram alguns dias sem se falar. Na sexta-feira anterior à festa, para o alívio das outras colegas, finalmente conversaram.

“Que bom que a gente voltou a ser amigas e a se falar, Kellen”.

“A gente nunca deixou de ser amigas, Carol”.

Naquele dia, o quinteto mal conseguia se manter quieto durante as aulas. Em um pedaço de uma folha de caderno rasgada se comunicavam, dizendo que iriam “bebemorar” na noite seguinte. Com um novo professor, saíram dos limites. A euforia, no entanto, fez com que nem ele conseguisse se manter sério.

Somente no sábado a venda de ingressos foi grande.



Numerosa o bastante para prever uma festa lotada. Apesar de alguns imprevistos, como a troca das bandas que se apresentariam, a animação era grande. Porém, um trabalho de Química pairava sobre o grupo.

“Eu sei que eu disse que ia fazer, Carol. Mas não fiz”.

“Não se preocupa, Kellen. Depois da festa a gente vê”.

“Carol, é sério. Não fiz nada mesmo”.

“Fica tranquila, no domingo resolvemos isso. Depois da festa a gente vê”.

No sábado à noite, Carolina se arrumava no quarto com a ajuda da mãe. Mais tarde, o namorado viria buscá-la em sua casa. O quarto tem paredes rosa-claro, combinando com a colcha de mesma cor da cama de casal. Em cima, uma almofada em formato de coração, vermelha, com as palavras “eu te amo” bordadas. A escrivaninha em frente à cama tem uma televisão de tela plana. Cortinas rosa-choque emolduram a janela. Pendurado na parede, o quadro dos quinze anos, com a foto da então aniversariante, risonha no centro, e várias assinaturas ao redor, das pessoas que estiveram no aniversário com ela e ali desejaram as felicitações.

Ela aplica a maquiagem no rosto e arruma o cabelo. Assim como as colegas, usará a camiseta da festa, azul marinho, com o logotipo da boate estampado, cuja inicial K é de um vermelho brilhante, seguida de outras três letras de cor prateada.



Abaixo, a data e o nome que escolheram para o evento, *Agromerados*. Ela decide vestir uma bermuda branca para combinar.

“Não vai com essa, Carol”, disse a mãe, Clarice, “é muito curto e justo, e hoje tu estará com o namorado. Que tu acha daquela ali?”.

Clarice aponta para outra peça. É uma bermuda feminina azul, estampada com pequenas flores cor-de-rosa e bordas brancas. Nos pés, a sandália que ganhara da mãe como presente de Natal. O salto é alto e dourado e as tiras no tornozelo e em cima dos dedos também são cor-de-rosa. No pulso, uma joia emprestada de Clarice.

“Tchau, mãe! Te amo!”, Carolina se despede na porta e parte com o namorado, que já esperava por ela para a festa de sua turma na Boate Kiss, na noite de 26 de janeiro de 2013.

COMENTÁRIO DA REPÓRTER

Santa Maria me acolheu em 2011. Em poucos meses, fiquei encantada com a atmosfera de vida que os universitários traziam para a cidade. Quando a tragédia da Boate Kiss ocorreu, em 2013, tudo mudou. Santa Maria silenciou pela dor do luto e pelo choque com o número de mortes. Perdi um amigo querido



e muitos outros conhecidos. Meus amigos também perderam amigos.

Nos meses que procederam à tragédia, os veículos de comunicação investiam em perfis curtos e tristes. Vi uma matéria sobre o amigo que eu perdera na qual algumas de suas conquistas acadêmicas e esportivas eram citadas. No entanto, senti falta de contarem sobre a personalidade dele, as piadas bobas, os passos de dança. Cada um dos 242 jovens que morreram eram muito mais do que somente vítimas.

Assim, decidi que, em meu trabalho de final de curso, escreveria perfis mais profundos em estilo jornalismo literário, pela possibilidade de humanização e empatia. Pedi a orientação do professor Paulo Roberto Araujo e decidimos que apenas amigos das vítimas seriam entrevistados. Escolhi dois perfilados, sobre os quais eu pouco sabia: Augusto, que eu conhecera brevemente, e a protagonista do perfil escolhido para compor este livro, Carolina, “bixo” do amigo que eu perdera.

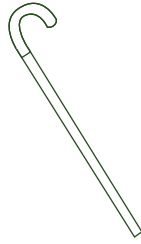
Procurei Kellen e Andressa, amigas de Carolina, através do Facebook. Felizmente, elas entenderam a proposta e aceitaram conversar. A primeira entrevista durou cerca de três horas. Semanas



depois, me levaram para conhecer a mãe de Carol na casa onde moravam.

O processo de escrita dos perfis, realizado em 2014, foi inclusive terapêutico. Eu lidava com minha própria dor e o Paulo com a dor da perda de uma aluna. Meu trabalho nos obrigava a conversar repetidamente sobre a tragédia e a cobertura midiática do caso. Falar a respeito me ajudava na abordagem das fontes, pois eu precisava mostrar que sabia o quão difícil era tocar no assunto. Quase todos os entrevistados se emocionaram e, quando isso acontecia, eu apenas respirava fundo e esperava a pessoa se recompor. Em duas ocasiões, fiquei tão abalada que desmorenei em lágrimas no caminho de volta para casa. Depois, contava a experiência ao Paulo e seguíamos desatando os nós do nosso luto enquanto a história de Carolina ganhava vida.





RETRATOS POLONO-BRASILEIROS

Larissa Drabeski

Nas últimas décadas do século XIX, uma leva de imigrantes deixava uma Polônia que não existia como um país livre e tinha seu território dominado por três potências estrangeiras: Áustria, Prússia e Rússia. Os poloneses partiram em busca da promessa de uma terra fértil no distante Brasil, onde encontraram, de fato, a liberdade, mas também enfrentaram momentos difíceis. Muitos sonhavam em retornar à Europa e reencontrar parentes e amigos deixados para trás. A maioria não conseguiu.

No meio de milhares desses expatriados havia um garoto chamado João. Havia também Maria, que iniciara a viagem ainda no ventre materno e veio ao mundo no navio. Em terras brasileiras, João e Maria cresceram no interior do município de São Mateus do Sul, que passou a receber imigrantes poloneses a partir de 1890. Desse encontro é que começa a vida de Pedro. Já faz tempo.

Hoje, longe da cidade, em uma colônia chamada Cachoeira, entre pinheiros e campos, numa baixada, esconde-se

uma casa de madeira. Paredes pintadas de verde-claro e de amarelo-queimado, janelas venezianas marrons que se abrem para uma cerca sem tinta. Nesta casa, vive um senhor com um de seus filhos. Pedro, aos 94 anos, conserva em si um pouco do menino travesso que foi.

Quando piá, as festas de casamento eram o cenário ideal para fazer brincadeiras com os mais velhos. Em um desses casamentos, entre os convidados, estavam os velhinhos da família Skodoski. Como a festa atravessava a noite afora, seguindo o costume da época de só pôr fim às celebrações após o nascer do sol, os senhores foram dormir no barbaquá, uma estrutura de madeira feita para beneficiar a erva-mate.

Pedro e seus companheiros decidiram então aprontar: esperaram os Skodoski pegarem no sono para, depois, com uma cortadeira, apanharem um formigueiro e colocarem-no entre os senhores que dormiam. Dali a pouco, ouviram os gritos dos Skodoski, que saíram correndo na tentativa de escaparem das picadas. A alternativa encontrada foi dormir no mato, ao relento. Os moleques trataram de ficar quietos para não serem descobertos.

Outro alvo das crianças nas festas eram as carroças dos convidados: durante a noite, os garotos iam, na surdina, inverter as rodas traseiras do veículo com as dianteiras. Depois de dançarem a noite toda, a chegada do sol lembrava que era momento de voltar para casa. Só que, por vezes, os donos retornavam juntando os pedaços da carroça.



Agora Pedro solta uma gargalhada ao lembrar dessas histórias, sentado em um banco azul da varanda de sua casa. “Dava trabalho aprontar essas coisas, mas a gente tinha tempo de sobra. E ainda ensinava aos mais novos”. Do fogão à lenha, vem um leve cheiro de fumaça, junto com o crepitar da madeira se transformando em brasa. Pedro fala da vida enquanto toma um chimarrão com o filho Paulo e com o genro, o xará Pedro Macuco. “Esses pezinhos já aguentaram bastante. Andaram muito atrás do arado, preparando a terra da roça para o plantio. Era o dia todo de trabalho. Do amanhecer até o sol se pondo. E era tudo feito a muque, à força. Agora, vem a máquina e em quinze ou vinte minutos faz por trinta homens”.

Aos doze anos, Pedro pegou o cabo do arado pela primeira vez. Penúltimo dos doze filhos de João e Maria, foi ele o encarregado de ajudar o pai nos serviços até o fim da vida de seu progenitor. Plantavam feijão, milho e muita batata doce, porque a batata se conseguia negociar e pegar algum dinheiro em espécie para comprar coisas para casa, roupa principalmente, já que a comida eles mesmos produziam.

Uma carreira de milho, uma carreira de feijão, uma de milho, uma de feijão... era assim que se cultivavam as espécies: lado a lado. Quando dava muita chuva, arrancavam os pés de feijão e penduravam no milho para enxugar e não apodrecer. Não tinha paiol nem outro espaço para armazenar os grãos.

Depois de seco, juntavam todos os pés e com um cambau¹ macetavam os pés de feijão secos para retirar apenas os grãos.

A vida de Pedro foi marcada por trabalhos manuais pesados. Abria estradas em São Mateus aos dezessete anos. Foram seis meses para abrir a via da granja do falecido Bolek até a Serra dos Carrilho. Foram necessárias trinta pessoas para transformar mata em caminho trafegável.

“Cortavam pinheiro no machado.”, lembra Macuco.

“E pinheiro!”, confirma Pedro, “Nós se juntemo depois em quatro para cortar um pinheiro desse e cortava mais rápido do que com serra. Ficavam dois de um lado, outros dois do outro lado... ê machado veio.”

Durante doze anos, ele trabalhou na safra de erva do João Toporowicz. Às quatro horas da madrugada, já estava triturando a erva com os cavalos. Nos barbaquás, havia um recinto para o malhador, uma peça de madeira tracionada por cavalos que substituiu os facões de madeira utilizados no mato para malhar a erva. Foi inventado por um polonês, Francisco Nadolny, que imigrou para o Brasil em 1876 e tornou-se o precursor da utilização da tração animal para o beneficiamento da erva-mate.

O malhador era uma espécie de um grande cone dentado, puxado em círculo por um cavalo dentro do barbaquá.

¹ Antiga ferramenta agrícola, utilizada para malhar o feijão e separar os grãos da bainha.

Por baixo dos malhadores, passaram-se toneladas e mais toneladas de erva-mate em São Mateus do Sul, produto que era carregado em vapores que trafegavam pelo Rio Iguaçu. O transporte fluvial que tanto contribuiu para o desenvolvimento do município hoje não pode mais ser realizado devido ao assoreamento do Rio, acumulando apenas as lembranças de quem viveu o período da nobreza do mate na cidade.

O produto transportado por vapores era proveniente das atividades de pessoas como Pedro e Sibide Gepper, então companheiros de trabalho. “Só que o Sibide bebia muito e o serviço recaía apenas para mim. Então eu falei para o patrão: ‘Seu João, tire o Sibide daqui, porque ele vem bêbado trabalhar e pode acender tudo isso em volta. Eu posso chamar meu filho Silvestre para ajudar’”.

A partir da concordância do patrão, Pedro passou a ter o auxílio do filho no pesado serviço do barbaquá. “Todos os dias, 84 feixes de erva de 55 quilos passavam pelas minhas costas. Era sofrido. Erva era baratinha dantes tempo, então não dava muito dinheiro, dava uma mixaria. Ganhava 500 réis por arroba, mas isso é o mesmo que 50 centavos hoje. Os donos do barbaquá também tinham que pagar os que trabalhavam no corte e no sapeco, que recebiam por feixe, e eu para secar a erva. Mas, como o povo não tinha ganho, dava graça de pegar um serviço para ganhar um pouco. Saí de lá porque estava cansado”.



Entre tantas lembranças, uma das cenas marcadas foi a primeira vez que dirigiu um carro. Isso foi quando já tinha mais de sessenta anos. Francisco Toporowicz, um senhor bastante conhecido na comunidade da Colônia Cachoeira, se prepara para lhe dar aulas de direção.

“Comprou carro, agora tem que aprender a dirigir”.

Então que Pedro pegou a direção e foi embora, surpreendendo o instrutor.

“Não é a primeira vez que você tá pegando o volante, né?”

“Primeira vez, sim!”

Diante da surpresa de Francisco, Pedro explicou que de tanto observá-lo na direção, sabia como guiar o jipe recém comprado.

Quando a carroça ainda imperava como meio de transporte, os poucos motorizados levavam muita gente de um lado para outro. No caso de Pedro, os muitos quilômetros rodados do jipe que tinha quase fizeram o motor fundir, mas, ainda assim, ele conseguiu negociar o veículo. Um senhor, conhecido por Robertinho do D.E.R., queria um carro para ir pescar e acabou comprando o jipe. A nova aquisição levou Robertinho, munido de varinhas e anzóis, até a beira do rio apenas uma vez; na segunda viagem, o automóvel o deixou no meio do caminho.

Enquanto isso, Pedro fazia um negócio mais vantajoso na compra de seu segundo carro. Era um fusca cujo odômetro mostrava poucos quilômetros rodados e vinha de uma dona

cuidadosa. Pedro nunca mais se desfez do automóvel, embora atualmente o fusca passe a maior parte do tempo na garagem. A vista fraca dos olhos azuis de seu dono o impede de renovar a carteira nacional de habilitação. Os óculos até hoje se mostraram incapazes de resolver o problema de visão, que começou em um acidente, vários anos atrás.

Pedro forrava uma casa no Rio das Pedras com a ajuda do filho Estevão. Durante o serviço, uma tábua escapou das mãos de Estevão....

Um breu.

Escuridão total.

Foi o que se tornou o mundo para Pedro a partir daquele instante. Recorreram ao médico, mas pouco adiantou: o machucado era dentro do olho e assim ele perdeu quase totalmente a visão em um, enquanto o outro ia se desgastando com a idade.

No entanto, mesmo sem a carteira, ele dirige ali por perto, no interior. Somente quando precisa ir até o centro da cidade é que tem o neto como motorista. Nesses dias, ele ouve os sons da cidade com seus carros e passantes. Embora São Mateus não seja uma cidade tão grande, a agitação do centro diverge da tranquilidade que existe na Colônia Cachoeira. O som que predomina por ali é o do canto das aves. As galinhas ciscam e cacarejam perto da casa, enquanto o bem-te-vi, pro-



vavelmente do galho de algum pinheiro próximo, canta tão alto que chega a atrapalhar a conversa.

O ambiente calmo com ar nostálgico por instantes concorre com o ronco pesado dos caminhões passando na estrada principal, os quais suportam os postes que serão colocados para fixar a rede elétrica. Pedro cresceu à luz do lampião. Antes disso, quando cabos e tomadas ainda não eram uma realidade, até a conservação dos alimentos era complicada. Se matavam um boi, tinham que aproveitar para carnear um porco também e fazer linguiça. O genro de Pedro também lembra do costume:

“Carne de gado mesmo era para os dias santos, né, seu Pedro?”

“Pros dia santo, é. E de porco tinha direto. Para não estragar, a linguiça era fumaceada. Às vezes ficava preta de fumaça, mas era gostoso. Hoje em dia, com essa modernagem, não: mata um porco, tem freezer, congela, pode ficar um ano e fica bom”.

Durante a conversa, a memória viaja no tempo, chega a uma manhã chuvosa dos anos 1940, da qual ele nunca esquecerá. Mesmo sob a água, Pedro embarca na carroça ao lado de Teresa Muchal. Juntos seguem da comunidade do Turvo para a Igreja em São Mateus. É um sábado especial para os dois.

Do Turvo até a cidade é um bom trecho. Tráfego difícil em dia de chuva. Por isso, poucos dos parentes e vizinhos vão à



Igreja, os demais ficam preparando a festa na casa dos pais da noiva. Os convidados não são muitos porque faz pouco tempo que os sogros passaram a morar em uma nova casa e gastaram bastante com a mudança. A comida é farta, mataram até um porco para a festa. Para beber, café e uns golinhos de cachaça. Na volta da Igreja, os noivos trocam a roupa molhada e participam da comemoração que segue do sábado de manhã até o domingo. Ele com vinte e sete anos, ela, apenas dezessete.

“Como pode um véião assim com uma menina, né? Mas ela queria né...”. O retrato do casamento fica junto de outras fotografias. A sala onde bate o sol do fim de tarde está repleta de porta-retratos, imagens de santos e bibelôs, alguns sobre os móveis, os demais pendurados nas paredes rosas que contrastam com o forro azul. Molduras de tamanhos e colorações diferentes enquadram as fotos do casamento de cada um dos filhos, a pintura dos rostos de Pedro e Teresa estão resguardadas por uma moldura oval.

Em uma foto, montado em um cavalo, está o companheiro Zildo Fuka, que se suicidou. Pendurado em outra parede, os semblantes dos sogros Boleslau Muchal e Vitória Kochinski Muchal. O sogro tirou a foto, entregou para os filhos e para os genros; no dia seguinte, amanheceu morto. Há também uma lembrança do sobrinho que desapareceu em Curitiba.

Quando Pedro se casou, foi viver no Rio das Pedras, onde ergueu o novo lar com as próprias mãos. Quando a espo-



sa faleceu, os filhos, noras e genros iam sempre visitá-lo para que não ficasse sozinho. Ainda assim, Pedro não pôde mais ficar e se mudou para a Colônia Cachoeira onde está até hoje. A casa de madeira ele desmanchou e trouxe para reconstruir no novo local de residência. O filho Estevão, que morava ao lado do pai no Rio das Pedras, mudou-se também para perto. “E acho que imo terminar aqui e fazer a última festa aqui mesmo. Mudar agora só para o cemitério”.

Foi nesta casa que Pedro realizou festa de casamento para todas as filhas. Henrique Janowski, um músico que sempre tocava nessas festas, não deixava de se admirar com a fartura das datas festivas.

“Pedro, você vai se quebrar com esses casamentos, porque...”.

“Não faça as contas. A última filha que eu vou casar, eu vou matar dois bois e você vem tocar”.

“E como foi! A noiva era a Clara. Não foi preciso matar dois bois, tinha um que já era grande o suficiente. Deu uma festa aqui que Deus o livre!”.

Para aproveitar momentos como esses, Pedro sempre teve a sorte de gozar de boa saúde. “Médico mesmo para mim só conheci depois de velho. Agora, tenho um aparelho para medir pressão arterial em casa. Fácil de usar, basta colocar no pulso e ligar. Quando a pressão sobe, deixa meio bobo, meio



louco. Essa tontura que eu tenho também judia. Já andei tanto na roça, agora para descer uma escadinha tenho que me cuidar. Se eu olhar para cima e erguer as mãos, vou de costa para o chão. Agora dou risada contando isso, mas é assim, tem que ir até onde Deus quer”.

Enquanto Pedro está sentado de pernas cruzadas, a bengala fica à espera, ali, ao lado do banco. Se, em sua vida, pouco precisou de médico, com sua esposa foi diferente. Logo depois de se casarem, Teresa começou a se queixar de dores nas costas. Não havia aparelhos nem médicos instruídos como os de hoje, e só mais tarde descobriram um câncer. Na tentativa de livrar-se da doença, Teresa submeteu-se a três cirurgias, uma das quais foi feita em Rio Azul. Mas não surtiram grandes efeitos.

“Vocês podem levá-la para casa e cuidem dela, porque eu dou o prazo de nove dias de vida”, disse o Dr. Gusso, médico de São Mateus.

“Assim aconteceu. Ela aparentava estar bem, mas, no fim do nono dia, começou a enfraquecer... e dormiu assim que nem vi. Sem se mexer”, lembra ele.

Passados mais de noventa anos desde seu nascimento, Pedro leva uma vida muito diferente da que costumava ter. Não pode trabalhar e percorrer grandes distâncias, televisão ele assiste pouco e prefere viver de recordações. Se um dia foi um menino travesso, um jovem trabalhador e um marido de-

dicado, hoje ele entrega sua vida ao marasmo, aguardando o tempo passar. E o tempo não passa só para ele.

O centenário de vida está muito próximo para Sofia Zimny. A idade traz consigo alguns sinais: para se movimentar pela casa, ela se apoia em uma bengala e já não pode fazer longos passeios. Se o corpo diminui o ritmo, as reminiscências surgem a todo momento, como a lembrança do pai, que se preocupava não apenas com a educação dos filhos, mas também com a das crianças residentes nas colônias do município.

Adão Janoski veio da Polônia com os pais e dois irmãos quando tinha sete anos. Um ou dois anos após pisar em terras brasileiras, Adão foi morar na casa de um padre da região, com quem viveu durante cinco meses e teve lições que as crianças hoje em dia aprendem em sala de aula. O polonês era língua materna e só depois de casado aprendeu a escrever em português, graças ao contato com fazendeiros brasileiros para quem trabalhava. Não teve oportunidade de ir à escola, mas considerava importante que os mais novos o fizessem.

A baixada onde a escola tinha sido construída na Colônia Cachoeira enchia de barro a cada chuva e impedia a freira de dar aula porque a carroça atolava. As crianças saíam de casa, mesmo com frio e com geada, e por vezes, perdiam a viagem porque não tinha professora. Um terreno no alto seria





o ideal para erguer uma nova estrutura. E Adão Janoski não ficou indiferente para a situação: reuniu vizinhos e amigos para juntos tomarem uma providência. Se cada um reunisse madeira, pinheiro e imbuia, dava para juntar e construir uma boa escola.

E, assim, juntos fizeram um prédio bonito e grande para abrigar as crianças durante as horas de estudo. O prédio acabou sendo o espaço também para muitas festas, churrascos e bailes. “Ele não podia ver uma criança não sabendo escrever e ler”. Sofia era menina naquele tempo, mas ainda se lembra.

Outro prédio escolar, construído na Colônia Emboque, leva agora o nome de seu fundador. Mudaram-se para o Emboque quando Sofia tinha dez anos na fazenda de Luis dos Santos Lima, onde viviam muitos caboclos e os polacos eram minoria. Ela já era casada quando seu pai decidiu juntar os compadres Javorski, Szymanski e Kotrych, entre outros que residiam na comunidade. Fizeram vigas de imbuia, serraram as tábuas e construíram uma sociedade-escola para as crianças carentes da região.

A escola polonesa não funciona mais e o prédio agora abriga a associação agrícola Adão Janoski. Os nomes dos dezessete ajudantes figuram nas páginas amareladas do livro de atas da sociedade, ao lado dos quais está o número de dias trabalhados na construção. Entre esses nomes, está o de Jan² Zimny, genro de Adão.

² João em polonês.

A companheira de solteirice de Sofia era a irmã mais nova, Agnela. Quando esta decidiu se casar, a irmã não queria arrumar um marido. Após o casamento da caçula, as duas ainda morariam perto uma da outra, o que não impediu Sofia de derramar lágrimas, já sentindo falta de tudo que faziam juntas, dos passeios pelo mato. “Eu gostava de paquerar, mas quando me pediam em casamento, eu não queria. Gostava de conversar com todos e para dançar eu não escolhia, mesmo que fosse um homem velho. Nunca dei balaio para ninguém”.

Aos 22 anos, Sofia tinha dois pretendentes para escolher – e o casamento da irmã deve ter apressado a decisão. Um deles não falava bem o polonês – o que não era bem visto pelo pai da noiva –, além de beber e de brigar muito com o irmão. E tinha também o João Zimny. Foi com ele que ela subiu ao altar. “Eu casei assim por casar. Não me dava bem com minha cunhada porque ela era fofoqueira, e então ele não acreditava em mim. Eu chorei, chorei por causa dela, mas depois casei com ele. Mas era muito bonzinho meu marido, fazia de tudo. Ele só não gostava de cavalo e eu adorava”.

Quando jovem, João tinha vontade de estudar para ser alfaiate, mas seu pai não deixou. Mesmo assim, ele aprendeu a fazer de tudo sozinho: era relojoeiro, fazia consertos, cortava e fazia calça melhor que muita gente que trabalha com costura.

Nessa época, o pai de Sofia já não era mais jovem e era



conhecido como *dziadek*³. Era um vovô que ainda participava das reuniões da sociedade-escola Casemiro Pulaski. Mesmo morando no Emboque, uma vez por mês ele ia até a cidade para a reunião, que às vezes ia até as cinco da tarde. Como o meio de transporte era a carroça, a viagem chegava a durar três horas.

“Agora já fiz escola. Quer dizer, dei plano de fazer, porque não é eu que fiz, é nós que fizemos, eu organizei”, refletia Adão. Ainda assim, achava que na Colônia Cachoeira faltava uma igreja. Chegou a conversar com vizinhos para realizar esse desejo, mas logo ele adoeceu, ficou mal por algumas semanas, até que, em uma segunda-feira, faleceu. Nos últimos dias, Sofia ficava na casa do pai para cuidar dele, junto com Leonardo, sobrinho que Adão criou como seu filho.

Foi assim: Leonora, tia materna de Sofia, tinha duas filhas e o médico recomendou que não engravidasse, para não colocar em risco sua vida. Só que ela ainda queria um menino e já era de idade quando engravidou. Por se tratar de uma gravidez de risco, ela foi passar a gestação na casa da irmã que morava na cidade. Assim, no caso de uma emergência, estaria mais bem amparada por estar mais próxima do médico. O bebê nasceu em uma madrugada, às três da manhã. Entretanto, estar mais perto de atendimento médico não era garantia de sucesso no parto. A mãe teve uma hemorragia três horas após o nascimento da criança e não resistiu.

³ Avô em polonês.

Os pais de Leonora já eram muito velhos para criar o bebê. A tia Estefanela, a parteira, também não o quis. Diante da situação, a mãe de Sofia resolveu que cuidaria da criança. Deram-lhe o nome de Leonardo, para lembrar o nome da mãe. “Mas deu serviço esse Leotio, achavam que ia morrer. Puseram ele dormindo perto da janela, coitadinho, assim novinho, tomou um vento, deu dor de ouvido e ele começou a gritar, sofreu muito. Ninguém tinha carro e essas estradas ruins, mas de noite pegaram os cavalos, colocaram na carroça e foram para a cidade levá-lo ao médico. Quando chegaram na Colônia Cachoeira, que era metade do caminho, ele parou de gritar e a mãe disse: ‘Sabe do quê? Pare’, acendeu um fósforo, ‘acho que Deus já levou ele’”, lembra a mãe de Sofia, Catarina.

Mas ele apenas havia se cansado e dormido. Chegaram ao médico, já era onze da noite, e ele sugeriu que ficassem na cidade para examinar Leonardo no dia seguinte. O exame constatou que era mesmo do ouvido que o pequeno estava tão doente. A receita para a recuperação incluía um remédio bem caseiro.

“Tem alguma mulher com filhos pequenos assim pra dar de mamar ao menos três meses? Porque ele precisa de leite materno”.

“Tem a minha filha Agnela, mas ela tem uma filha de sete meses já”.

“Não faz mal. Se ela não estiver grávida, pode dar de mamar ao menos duas vezes por dia”.

Agnela morava perto, então, todo dia pelas dez horas ia até a casa dos pais de Sofia amamentar Leonardo. No entardecer, a mesma coisa. Até que se criou e ficou bonitinho. “Eu reclamava pro pai, que ele gostava mais do Leotio do que de nós. Ele sempre respondia: ‘Mas é porque ele não tem mãe’. Só que ele era bonzinho, pronto para tudo. Depois casou, teve seis filhos. Ele mora no Emboque, lá onde nós se criemo. Eu gostava, lá era bom, um parreiral que tinha... o pai fazia vinho, tinha macieira... dava fruta que era uma barbaridade. Pêssego, macieira, uva, mas tinha de tudo. No mato tinha aquela jabuticaba, gaviroveira, cereja. Hoje em dia, não tem nada, o tempo mudou bastante”.

Na mesma época em que Leonardo nasceu, a casa de Adão Janowski e Catarina Hetka Janowski recebeu outra moradora. Adão teve que ir à Curitiba tratar de negócios com seu patrão. Suzana, neta do casal, não quis deixar a *babusia*⁴ se sentir sozinha. A neta foi, acabou se acostumando, e não quis mais voltar para casa. Retornou à casa dos pais apenas para comunicar a decisão.

“Então a mãe criou nós quatro e esses dois, o órfão e essa aí, neta. Criou seis”. Embora não fossem de uma família abastada, Sofia e seus outros três irmãos – Agnela, Antonio e Estefano – tiveram acesso à quase toda a escolaridade de que a cidade dispunha. Era um tempo em que tantas meninas não iam às aulas porque os pais achavam que mulher não

⁴ Diminutivo de bapka, avó em polonês.

precisava estudar e no qual muitos meninos deixavam de ir à escola para ajudar os pais na roça. Para Sofia, isso era coisa de gente ignorante.

O Colégio Imaculada Conceição foi onde Sofia teve o primeiro contato com as letras e com os números, quando tinha oito anos de idade. No material escolar estava a *tablica*⁵, para treinar a caligrafia antes de escrever em cadernos. Sofia tinha preferência pelos números e pensava até que, se um dia fosse professora, seria de matemática. Os filhos de Adão, em geral, eram bons alunos, com exceção de Antônio. “Galinha escreve com o pé melhor do que você”, ralhava o pai ao ver a letra do filho.

O método de ensino era rigoroso, e quem não aprendesse as lições apanhava com vara de marmelo. Certa vez, a irmã que dava aulas para Sofia pediu que seus alunos decorassem um tema em casa. O conteúdo já fugiu da memória, entretanto, independente de ter sido de História ou de Geografia, as consequências dele ficaram marcadas.

As crianças deveriam ter tudo na ponta da língua já na aula seguinte. Não se sabe se foi doença ou se foi uma viagem, mas a irmã não apareceu naquele dia. Nem no outro. A verdade é que ela não apareceu por mais de uma semana. O conteúdo foi sendo esquecido. Até o dia em que ela reapareceu, pronta para fazer o teste com os alunos.

⁵ Lousa em polonês.



Naquela época, era possível distinguir as moças da roça daquelas que viviam em meio urbano pela vestimenta. As do interior, como Sofia, usavam vestido comprido e andavam descalças, pois eram pobres, e calçados naquele tempo eram artigos de luxo. Já as meninas da cidade, como Jadza Nadolny, usavam vestidos curtos e foram as primeiras escolhas da professora para tomar o ponto. Como não sabiam as respostas, apanharam da irmã com cabo de vassoura. Sofia sentiu pena ao ver Jadza com as pernas sangrando de tanto apanhar.

Embora não tenha sido essa a causa, Sofia acabou mudando de escola. Como filha de poloneses, ela deveria estudar na escola fundada pelos imigrantes, mesmo se a mensalidade pesasse mais no bolso de Adão. Por isso, o terceiro ano de estudos começou na escola-sociedade Casemiro Pulaski, localizada onde hoje é o centro de São Mateus do Sul que, à época, não era mais que uma vila.

No pátio da Casemiro Pulaski, em algum ano entre 1895 e 1915, um imigrante plantou a semente de um carvalho trazido da Polônia. O carvalho europeu cresceu frondoso em solo subtropical e se tornou símbolo da imigração polonesa no município, sendo tombado como patrimônio histórico do Paraná. Entretanto, o clima e o meio urbano não eram os ideais para a sobrevivência da espécie, que chega a viver centenas de anos em solo europeu. Em 2011, a árvore foi ao chão, levando consigo as imagens que presenciou.

Quando o carvalho ainda estava cheio de vida e as crianças podiam brincar sob sua sombra, muitas aulas aconteciam em polonês. Os castigos existiam, mas não com a mesma rigidez aplicada pelas irmãs. O professor na escola dos poloneses era Alexandre Zbizlawiecki. Na lembrança de Sofia, ele ressurgiu como uma pessoa gentil, educada e inteligente. Falava cinco idiomas e compartilhava esse conhecimento com as crianças. Do francês ensinado por ele Sofia aprendeu *un, deux, trois, quatre...*

O mestre poliglota chegou ao Brasil fugindo da guerra que assolava o solo polonês. Seu pai tinha uma plantação de uva na Polônia, da qual faziam vinho. Quando Alexandre tinha 17 anos, os inimigos invadiram aquelas terras. Beberam do vinho e ainda quebraram as quintas. Aquele foi um tempo muito sofrido, que Alexandre não gostava de relembrar. Imigrado, o professor se casou com outra Sofia. As duas xarás, esposa e aluna, se davam muito bem. “A mulher do professor era uma pessoa muito boa. Eu queria ela tão bem, como se fosse minha mãe, ia na casa dela e tudo que ela tinha para contar, ela contava para mim. Senti muito a morte dela”.

Sofia Zbislawiecki foi enterrada junto ao marido Alexandre no Cemitério Municipal de São Mateus do Sul. Em uma manhã cinzenta de agosto de 2002, Sofia Zimny, cabeça envolta em um cachecol branco e um casaco marrom, foi

fazer uma visita aos túmulos dos dois. O braço esquerdo en-
ganchado em um amigo, enquanto a mão direita apoiava-se
na bengala, sua companheira. Na ocasião, realizava-se uma
homenagem aos professores das sociedades-escolas polone-
sas que lecionaram em São Mateus. Na escola das freiras onde
estudou, a maioria aprendeu a cantar e a rezar em polonês,
pouca coisa em português, só o hino nacional e olhe lá.

O aspecto estrangeiro na escola não durou muito tem-
po. Com a vinda da política de nacionalização criada por Ge-
túlio Vargas, já no seu primeiro mandato, a língua polonesa
foi perdendo espaço. “Depois nós tivemos que aprender na es-
cola só em português. Na igreja, era proibido cantar e o padre
não podia dizer prática polonesa porque já mandavam pren-
der no xadrez. Vargas ficou como ditador e o povo dizia: ‘Esse
churrasco tá aguentando bastante. Por fim, matou-se, decer-
to viu que fez muita coisa errada, né?’”.

Ainda hoje, Sofia permanece com uma vivacidade in-
vejável para sua idade. Agora, ela se permite fazer apenas o que
tem vontade, mas nem sempre foi assim. Na adolescência, seu
sonho era ser costureira. Não uma costureira qualquer, dessas
que fazem remendos: ela queria costurar chapéus. A oportu-
nidade de aprender passou muito perto. Havia uma costurei-
ra fina na cidade que fazia não apenas chapéus, mas também
bordados. A costureira, que também tinha uma loja de sapatos
junto com o marido, fez uma proposta à mãe de Sofia: “Você

me dá cem mil réis e deixa ela morar comigo por um ano. De manhã, ela me ajuda nos serviços: limpamos a casa, lavamos roupa, fazemos almoço, comemos e depois lavamos louça. E de tarde é costura, é bordado, é chapéu, o que quiser fazer”.

A resposta da mãe foi não. Parecia que se a tirassem de casa, alguém faria mal à filha. Sofia foi depois aprender o ofício na cidade com Dona Ema, mas só soube fazer costuras de casa. Roupa melhor tinha que mandar fazer fora. Nas roupas que fazia para si, não havia vestidos de mangas curtas, resultado de um acidente sofrido na infância.

Adão Janoski sempre pegava homens para trabalhar na roça, enquanto sua esposa Danuta ficava em casa cuidando dos filhos menores. Estefano, que era mais velho, com sete ou oito anos, já ia para a aula. Era inverno e a geada branqueava os campos são-mateuenses. Separado do restante da casa dos Janoski, havia um rancho com uma cozinha velha. Danuta fez fogo para amenizar o frio dos pequenos e saiu para tratar a criação. As lembranças de tão antigas já são meio fugidias, Sofia com um vestido de pelúcia, uma xícara quebrada, ela próxima do fogo, o vestido em chamas.

A garota saiu gritando em busca do auxílio da mãe, que ouviu a gritaria e correu para apagar o fogo com as próprias mãos. Procurava desabotoar o vestido o mais rápido possível, para tirar o tecido que queimava o corpo da filha. Sofia encheu-se de bolhas e sofreu até sarar da queimadura.



A pele, empapuçada, guardou as marcas do acidente e por isso, ela passou a evitar mostrar os braços.

Ela guarda na memória uma cidade diferente. As primeiras celebrações religiosas das quais participou em São Mateus eram em uma capelinha do tamanho da sala de sua casa. A construção de madeira erguida pelos imigrantes foi desmanchada para dar lugar à nova Matriz São Mateus. Se tinha uns cinco ou seis negócios na cidade era muito. Havia duas padarias, um açougue... Era um tempo em que muitos trabalhadores das fazendas no interior haviam sido dispensados do serviço e foram buscar vida nova na cidade. Levavam consigo as criações, especialmente as vacas que supriam a necessidade de leite. Os terneiros ficavam presos no pátio, enquanto as vacas ficavam soltas na rua.

Hoje, a menina, que um dia vira o surgimento de uma colônia, é uma senhora que vive com a filha Danuta no centro da cidade. Até alguns anos atrás, ela morava em uma casa de madeira. Agora, sua residência é nova e de alvenaria, paredes em tons claros e uma decoração simples. O passado está nas fotos e livros guardados por Sofia. E, claro, nas histórias que conta, as quais a filha às vezes contesta.

“Mas eu tô dizendo como é que nós era, porque os velhos queriam os filhos só para trabalhar na roça”.

“É, mas não tem do que a mãe se queixar, porque o



vô deu estudo muito bom para vocês. Se não aproveitaram é porque não quiseram”.

“É, porque o Estefano queria lavoura, puxou o vô Hetka”.

“Só que, Deus o livre, não foram educados naquele negócio de apanhar. O avô não era de judiar assim, as mulheres diz que não iam fazer o serviço na roça”.

“Assim, prá dizer que nós fomos na foice... nunca. Para carpir nós ia, para colher milho nós não ia, porque o pai pegava os camarada. Nós só rastoriava assim. E tinha um limpo na frente de casa, onde tinha gado bastante, então tinha que pegar carrinho e uma pá e juntar esse esterco”.

“Mas também, em casa, quanta menina, deixar merda de vaca...”.

“Você fique quieta!”.

“Pois a mãe não tá dizendo que tem que pegar carrinho e juntar? Pois é, tem que juntar mesmo”.

Eu era esperta antes. E queria tudo para já, se não era prá já, não queria. Hoje, com essa idade, estou toda quebrada. De solteira, eu nunca me quebrei. Tenho catarata na vista e não posso operar. Eu escrevia muito bem. Hoje em dia, não posso, eu não escrevo. Eu começo a escrever, eu não enxergo muito. A escritura ainda a última que consegui, mas assim ainda... meio torto.

Para quem era adepta dos livros e da caligrafia, a in-

capacidade de escrever deve ser realmente motivo de lamentação. Mas ainda lhe resta a oralidade para compartilhar suas vivências. E há quem compreenda a riqueza da fonte oral e busque maneiras de preservá-la.

COMENTÁRIO DA REPÓRTER

O amor pela cultura e pelas histórias polonesas é algo que trago desde a infância. Aprendi, com meus avós e com meus pais, a cultivar uma tradição trazida há mais de cem anos para minha cidade natal, São Mateus do Sul (PR), por imigrantes que deixaram a Polônia em busca do sonho de uma vida nova no Brasil. Ouvir tantas vezes essas histórias me fez querer contar algumas delas para, de alguma forma, ajudar a eternizá-las.

Paulo Roberto Araujo não precisou de muito tempo para acolher junto a si tudo isso que eu admirava. Ele dava aulas de Radiojornalismo e de Jornalismo Literário, mas também ensinava sobre a forma de enxergar nossos entrevistados e sobre como se portar diante deles. Os idosos aqui apresentados foram entrevistados no ano de 2011, em suas

residências. Eram conversas que duravam tardes inteiras – normalmente acompanhadas de um bom chimarrão –, nas quais havia espaço para que suas personalidades aflorassem, e para que adquirissem confiança e segurança em compartilhar seus sentimentos mais íntimos. Os dois personagens retratados aqui se encantaram poucos anos após as entrevistas.

O professor Paulo marcou muitas gerações de jornalistas da Universidade Federal de Santa Maria. Para seus orientandos, as conversas em cafês estão entre as memórias frequentes. Para mim, no entanto, as orientações online foram ainda mais marcantes. Quando decidi me mudar para Curitiba durante a execução do projeto, boa parte das nossas conversas tiveram que ser continuadas por e-mail. Alguns episódios deixavam claro que preferia o contato face a face. Por vezes eu enviava os textos impressos para que ele pudesse ler com mais conforto.

A cada nova página escrita, eu parava para pensar: “Será que isso é mesmo jornalismo literário?”. Paulo Roberto mudou minha forma de ver jornalismo, mostrando, por exemplo, que ele pode (e, muitas vezes, deve) andar de mãos dadas com a literatura. Contribuiu para aumentar a paixão pelos

livros com a frase clássica: “Vocês têm que terminar a faculdade com, no mínimo, cem livros na estante!”.

Ainda sobre os livros, ele dizia preferir presentear a emprestar. A mim, coube um exemplar de *Aura*, de Carlos Fuentes, uma narrativa repleta de simbologias e mistérios. Tão bom olhar para aquele pequeno volume, entre tantos outros que reuni por incentivo dele, e lembrar dos aprendizados que um livro carrega.



CRÔNICAS



À LIVRARIA DO GLOBO, COM CARINHO

Paulo Roberto Araujo

Os verões sempre foram tórridos em Santa Maria. As férias escolares começaram antes de novembro terminar. Sabia que não haveria ônibus, avião, trem, carona.

Consegui emprestado os volumes de *O Tempo e O Vento*. Fiz da poltrona de braços largos um navio, sempre pronto para zarpar do cais da sala de visitas.

Naqueles dias quentes, com a cabeça escorada num dos braços da poltrona e com as pernas sobre o outro: viajava. Continentes, arquipélagos e retratos.

Quando cansava, olhava o outro mundo pelas escotilhas imaginadas nas duas janelas, que ladeavam a porta para a rua.

A viagem tinha que terminar antes das aulas começarem, na primeira segunda-feira de março. No leme, o velho Veríssimo. Aquele do qual só conhecia o perfil que Jorge de Andrade fizera para a revista *Realidade*.

Em alto mar, às vezes me aproximava da costa, fui surpreendido pelo amigo suado, ofegante, a cara em brasa. Sur-

gia como um pirata assaltando minha viagem.

Enquanto eu fazia duma poltrona um navio sem limites, o amigo fazia da outra ao lado o seu porto seguro. Sob o braço molhado, trazia Hermann Hesse. Nossos mapas de viagem se cruzaram.

Não lembro mais se ele já havia lido Érico Veríssimo. Sem demora, troquei de bússola. Hermann Hesse assumia o comando, com Peter Camenzind no meu leme.

O coração acelerado do amigo em busca da outra poltrona foi porque, passando pela Primeira Quadra, estive na Livraria do Globo. Naquele tempo, a livraria era enorme, pé-direito alto. Havia mezanino de onde os funcionários enviavam aos clientes mercadorias numa pequena caixa de madeira amarrada a um cordão. Além das estantes atrás dos balcões, os livros ficavam expostos pelo espaço de circulação da loja. As livrarias ainda trabalhavam com estoques. Seu Milton, para mim, era o gerente. Belvení avisava da chegada dos livros. Eu admirava a solenidade de seu Bráulio desenhando a letra no bloco para fazer a nota da compra.

Não sei quanto tempo levou a visita do meu amigo à livraria. Chegou lá em casa na corrida para escapar do sol ou, também, de vergonha.

Parecia-me um gigante, como os das minhas primeiras leituras, atravessando a Saldanha Marinho em diagonal, com um pé na esquina do Café Turfista e o outro na esquina



do Centro Cultural.

– Na estante ao lado da porta, vi o Hesse. Peguei e saí.

– Correndo?

– Comecei a correr depois. Pensei no Demian, mas era difícil.

– Para carregar os dois...?!

Peter Camenzind não era meu, mas não deixaria de lê-lo também naquele verão.

– Eu fico com o livro para ler depois, se não atravesso a praça. Nunca mais poderás passar pela Primeira Quadra.

Tinha que parar no tempo, ler o Hesse e depois continuar no vento.

Ancorei a poltrona na sala. Li a prosa poética de Hermann Hesse embaixo do caramanchão de maracujá. Deitado na rede, sentindo o cheiro do musgo que desde sempre cobriu aquele muro rente.

Dias mais tarde, meu amigo voltou para buscar o seu Peter Camenzind, jurando que o havia comprado. Voltei ao vento sem perder tempo. Outra vez na poltrona. O tempo e o vento não cabiam na rede.

Logo depois, a prima, que era professora, autorizou minhas compras na sua conta corrente da Globo. Estabelecemos um trato, que possivelmente eu nem sempre tenha cumprido: para comprar novo livro, só depois do outro



pago “a perder de vista”.

(A Livraria do Globo, centenária em Santa Maria, fechou definitivamente suas portas em maio de 2009 – agora, na 2ª quadra da Dr. Bozano. No mesmo local, em junho do mesmo ano, abriu uma papelaria da Livraria da Mente.)

** Este texto foi publicado originalmente pelo jornal Sul21, em 24 de maio de 2010.*





PASSOS DE UM PEREGRINO SÃO ERRANTES

Iuri Müller

Lembro que havia, entre os amigos próximos da faculdade, um questionamento que de tempo em tempo se tornava presente, e que talvez fosse compartilhado em silêncio pelos demais colegas: será que o Paulo Roberto, além do competente leitor que era, também escrevia? Escrever, no caso, não se referia às reportagens que, isso sim, sabíamos que havia escrito ao longo da vida, mas também páginas de ficção – era sobre isso que indagávamos, pensando em um passado do professor que não conhecíamos e apenas poderíamos intuir.

Pensávamos que poderia ter rabiscado um texto ou outro no tempo em que ele viveu em São Paulo, primeiro por conta de um mestrado que não completaria, depois pela busca incessante por livros nos sebos de toda a cidade e então pela vida que se faz independente dos títulos e, creio, por alguma vontade de voltar a Santa Maria. Será que não havia escrito ficção em São Paulo, entre uma caminhada e um café na Consolação, na Liberdade, no antigo Centro, naqueles anos finais

da década de 1980? A uma dessas dúvidas, que em certo momento se tornou pergunta dita, lembro, ou penso lembrar, de uma risada e uma resposta vazia, apenas alusiva, que dizia ter escrito, talvez, “alguns continhos, coisa sem importância”, resposta que não posso saber se foi ou não sincera.

Não é que o Paulo, leitor e professor como foi, precisasse escrever – talvez o víssemos como a figura do caminhar, do leitor que anda tantas vezes a esmo, sem destino prévio, pelo mapa da cidade, na busca inconsciente de uma frase, da modulação da palavra, de um livro que entrega a esquina, numa imagem muito próxima à figura do escritor, o escritor que seria, sem dúvida, o Paulo, caso viesse a escrever ficção (e no caso de nos mostrar os seus possíveis textos).

Se escritor fosse, penso que seria um tanto como João Gilberto Noll, a quem se unia por umas quantas inequívocas semelhanças – estéticas, geográficas, de caráter e mesmo físicas. Ele mesmo se valia da coincidência e por vezes brincava com fotos em que Noll aparecia como se fosse Paulo Roberto, num jogo capaz de enganar uns quantos. Há algumas semanas, pouco depois da abrupta partida de Noll (tão poucos meses depois da morte do Paulo), tive um sonho em que, sem claras transições, e com idas e vindas, às vezes Paulo era Paulo e noutras era Noll, e se encontrava em uma casa repleta de livros e sofás, diferente, no entanto, do apartamento no edifício Dinamarca, com o impedimento de sair para a rua naqueles dias que eram



dias apenas no sonho e nos quais chovia sem parar. Parencas de jogo, de vigília, e também parencas oníricas, a dos dois caminhantes.

Também se pareciam, Paulo Roberto e João Gilberto, no que diz respeito à intransigência: os dois eram homens aferados a ideias claras, a uma ética própria, de valores e condições de que não abriam mão, e por isso pagaram, em distintas situações, um preço demasiado alto. Sobre Noll, desconheço as nuances do temperamento. Quanto a Paulo Roberto, soube bem que a intransigência pode ser, nos melhores dias, coragem, resistência e graça; e, nos piores, que também existiam, como não dizer, a intransigência era tão somente teimosia.

Gosto de pensar a sua imagem perene como a do peregrino errante: o que empreende larga viagem, cansativa jornada, com estradas a se mover pelo caminho (caminhante, não há caminho) e um destino inusitado a se mostrar, já ao final. De pensá-lo como o professor que conhecia na sola do sapato o mapa de Santa Maria, com os atalhos do Centro decorados de antemão e a memória no esplendor da avenida Rio Branco. De imaginá-lo ainda no labirinto da biblioteca particular, entre pilhas de livros que se confundem e de um exemplar que migra, sem trégua, de uma estante a outra, até parar, por um momento, num canto da mesa da sala, ao lado das patas de um gato que dorme.





ANOTADO NO MOLESKINE

Gabriel Eduardo Bortulini

Tres días después del entierro llegó la última carta de Alejandro, donde como siempre preguntaba por la salud de mamá y de tía Clelia. Rosa, que la había recibido, la abrió y empezó a leerla sin pensar, y cuando levantó la vista porque de golpe las lágrimas la cegaban, se dio cuenta de que mientras la leía había estado pensando en cómo habría de darle a Alejandro la noticia de la muerte de mamá.

(Julio Cortázar: La salud de los enfermos)

Anotação ao léu:

Foi o Paulo que me apresentou o Cortázar, bem antes daquela tarde de primavera quando ele disse: “Eu só não posso morrer antes dos meus gatos”. Estávamos no café da Cesma, ele tomava um *espresso* com adoçante, enquanto corrigia algumas páginas que eu entregara. A frase poderia parecer egoísta, mas naquela época eu já sabia que era o oposto. Ele tinha uma ligação profunda com os seus gatos e me pareceu o momento certo para dar a notícia: tínhamos adotado uma gatinha, a Maria.

Ele ergueu as sobrancelhas numa rápida surpresa, mas logo abriu um sorriso enquanto devolvia a xícara ao pires. Então tirou os óculos, que deixava suspensos pelas alças no pescoço e esqueceu por um instante os papéis ao lado de seu café. Perguntou se tinha fotos e eu mostrei uma da noite anterior. Era uma gatinha de dois meses, um pouco abaixo do peso, mas que não deveria ter problemas em se recuperar. Vivíamos em cinco no apartamento, e o Paulo logo se preocupou: “E quem vai ser o responsável? Gato não é como cachorro, é ele quem escolhe o dono”. Mas cuidaríamos com todo o carinho, eu prometia a ele. Após alguns conselhos e mais pedidos de responsabilidade, ele voltou a sorrir: “Que bela atitude, ela vai ser muito feliz”. Ele pegou as páginas que deixara de lado e voltamos ao trabalho.

Já havia dois ou três anos que eu tinha lido *Senhorita Cora*. Foi o meu primeiro conto do Cortázar. O Paulo foi quem pediu: discutiríamos as mudanças de foco narrativo do conto em aula. Naquela época, a história me pareceu bem comum, não cheguei a desgostar, mas tampouco me parecia um texto memorável. No entanto, evitei dizer isso em frente ao professor. Tinha conversado com um colega momentos antes da aula e sabia que ele achava o mesmo. Durante a discussão, esse colega disse: “Se não fossem as mudanças de foco narrativo, o conto não teria nada de mais”. Aquilo incomodou o Paulo: ele cruzava as pernas, tirava seus óculos, sorria de um jeito irônico, ten-



tando se defender com os gestos. Não era o intuito dele, mas a aula sobre foco narrativo acabou se desvirtuando, se transformando em uma análise do conto do Cortázar. Não durou muito. Logo o Paulo tomou a palavra e reordenou a discussão.

Mas nunca esqueci daquele conto. Hoje eu o leio pela quarta ou quinta vez, e isso põe por terra aquela primeira impressão. Porque, aos poucos, me interessei por outros: *Ônibus*, *A ilha ao meio-dia*, *A autopista do Sul*. Todos me lembravam o Paulo. Chegava a imaginar os personagens com o mesmo rosto do meu professor. Talvez seja normal, já que foi ele quem me apresentou o Cortázar. Mas com *Senhorita Cora* as lembranças são mais intensas.

Afinal, seria uma recuperação rápida. Não haveria com que se preocupar. E então eu me pergunto se o terão tratado bem. Se, nos dias em que passou no hospital, ele se deu conta de que poderia não voltar à sua própria casa, aos seus livros. Se terá chamado por alguém durante a modorra dos remédios ou se apenas terá partido, sem ouvir as desculpas por alguma frase mal-intencionada, que agora gotejam nos cobertores.

O menino do conto se chamava Pablo e talvez isso contribua para a fusão com este outro Paulo, do lado lusófono da planície. Os médicos comentavam sobre o frio da rua, de como era bom estar no quarto. O Paulo nunca gostou do inverno. Reclamava tanto do primeiro frio de maio, quanto dos



frios atrasados de novembro. Durante esses meses, evitava as aulas cedo ou tarde demais. Entrava na sala com o rosto avermelhado pelo ar da rua, sempre com a cabeça tapada por um boné, um gorro, uma boina ou um chapéu. Não lembro de tê-lo visto num sobretudo. Preferia jaquetas e casacos mais curtos, embora cobrisse o corpo por camadas de agasalhos. Então colocava o cachecol junto com a sua pasta em um canto da mesa, sentava e iniciava a aula: uma conversa descontraída com os alunos, embora não fossem raros os desentendimentos – algumas vezes um ou outro aluno saía da sala aos prantos. Mas, logo no final de agosto, o Paulo já era mais propenso ao bom convívio. Saudava os brotos da primavera, o canto dos pombos que convidam o parceiro para o acasalamento – o que tanto incomodava o menino padecendo no leito, enquanto a senhorita Cora passava água de colônia em seus cabelos.

No mesmo semestre, o Paulo indicou *O Livro das Vidas*, uma coletânea de obituários do *New York Times*. Não eram obituários comuns, sobre grandes personalidades, mas textos sensíveis, com personagens completamente desconhecidos. Imagino a alegria nos olhos do Paulo, semicerrando detrás dos óculos, as bochechas carnudas levantando junto com o sorriso e a gargalhada grave ao ler seu próprio obituário, sem *lead* ou pirâmide invertida, não numa página *standard* ou *tabloide*, mas num livro.

Talvez ele nunca tenha afirmado, mas era daquelas



pessoas que confiam mais na literatura do que no jornalismo. Não que tenha perdido o gosto por este último. No entanto, era por meio da literatura que ele ensinava o ofício da redação. Um opositor de Hemingway, sem, entretanto, deixar de idolatrá-lo.

Não li mais do que trechos de escritos do Paulo. Não sei se guardava alguma novela nunca publicada, uma coleção de contos ou talvez de poemas. Tenho certeza de que não faltava talento. Ele conhecia os segredos do texto. Foi ele quem me ensinou, durante a revisão de um perfil, que o narrador não pode ter preguiça de narrar. Baixou as folhas, e com sua caneta fez um risco onde eu escrevia “saiu de casa, com cara de quem estava dormindo”. Logo olhou-me e disse: “Aqui pode melhorar. Não diz que ele parecia ter dormido, mas que ele tinha o rosto amassado, o cabelo desarrumado, bocejava”. “Show, don’t tell”, eu ouviria anos mais tarde. O primeiro a mostrar, mas não contar, foi o Paulo.

Só o visitei uma vez em sua casa. Eu fui buscar *Valise de Cronópio*, e ele me convidou para entrar ao chamá-lo pelo interfone. Subi ao apartamento e ele abriu a porta sorrindo. Ainda de pijamas, foi buscar o livro enquanto eu me acomodei no sofá coberto por uma manta, provavelmente por conta dos gatos. Um deles veio até mim, rondou por onde eu estava, subiu no encosto do sofá e continuou a vagar pelas estantes,





pelos racks, entre os vasos de flor, sobre os armários. Logo, o Paulo voltou com o livro, mas disse: “Não gosto de emprestar livros, sempre tem aqueles que devolvem com marcas de café, com páginas amassadas”. Entendi o recado: pus na mochila com cuidado, em um bolso à parte. Voltei para casa.

Sempre tentei ser sincero. Não devolvi o livro amassado, mas tive que omitir um fato meses depois. Ele exercia uma autoridade serena sobre nós, e magoá-lo seria uma crueldade. De alguma forma, nós o escolhíamos e ele acabava nos adotando. Acontece que algumas semanas depois de eu ter contado sobre a gatinha Maria, eu a encontrei doente em casa. Esperei um dos amigos chegar e a levamos para a veterinária. No outro dia, ela morreu. Foi muito rápido – tanto a morte quanto a convivência. Não tivemos tempo para criar laços, para que ela escolhesse um dono – ou para, ao menos, deixar clara a sua escolha. Não poderia contar a tragédia ao Paulo, não antes de apresentar meu trabalho final, poucos dias depois.

A defesa foi muito demorada. Ao final, todos estavam exaustos e eu queria sair logo para comemorar com os outros colegas que também tinham apresentado seus trabalhos. Mal agradeci ao professor e saí da sala, onde estavam alguns colegas de apartamento. “Se o Paulo perguntar da Maria”, eu comentei, “digam que ela está bem”.

Não foi necessário mentir naquele momento, mas mais tarde ele enviou uma mensagem me parabenizando pela conclusão do curso, desejando feliz Natal e querendo saber da gatinha. Eu desconversei, disse que ela continuava saudável e me despedi.

Santa Maria é uma cidade de passagem. Poucos dos que chegam na cidade para estudar têm o conhecimento disso, mas isso não os faz imunes. Depois de tantos alunos, já não era novidade para o Paulo. Talvez por isso ele tenha ficado tão receoso quando adotamos a Maria. O fato é que nada me prendia na cidade. Então me mudei. No início, eu voltava com frequência para lá. Num desses retornos, o encontrei no café da Cesma. A conversa começou tranquila, ele me perguntava sobre trabalho, se eu ainda escrevia. Eu respondia a tudo satisfeito, mas temia que ele tocasse no assunto da Maria. Procurava fugir dos temas muito particulares e também evitava qualquer dúvida que pudesse evocar o tema dos gatos.

Me saía bem, com frases rápidas, sem me estender muito nem emendar outro tópico. Então indagava algo parecido, geralmente sobre os alunos, os novos trabalhos, as leituras. Por um momento, achei que tudo estivesse sob controle e então comecei a falar mais. O Paulo era um entrevistador competente, é claro que ele esperava o melhor momento para me interrogar, justo quando me sentisse mais confortável. Então, num vacilo qualquer, em alguma referência aos colegas que continuavam no



apartamento, ele baixou a xícara e espremeu um pouco os olhos para soltar: “E a gatinha Maria, continua com eles?”.

Provavelmente eu tenha corado um pouco, disfarçando uma irritação na cabeça ou no nariz. Senti o peito queimar e talvez tenha passado alguns segundos em silêncio. Quando me recompus, tentei formular qualquer desculpa coerente, mas apenas consegui dizer: “Sim. Mas faz tempo que não tenho notícias”.

É claro que eu não deveria ter falado aquilo. Não daquela maneira inexpressiva, como se eu não me preocupasse com a Maria. Ele não questionou mais nada. Já estava tarde e apenas terminou o café para se despedir com a frase: “Se tiver notícias, me fala”. Nunca mais o vi.

Quase dois anos depois, enviei um e-mail, que nunca foi respondido. Conversei com alguns colegas que estranharam, afinal o Paulo não costumava demorar a contestá-los. Só voltei a procurá-lo quando dois de meus contos foram lançados em uma antologia. Ele pareceu feliz com a notícia. Mas logo perguntou: “e como está a gatinha Maria?”. Não posso afirmar que foi uma surpresa. Mas ele lembrava inclusive o nome. Tanto tempo depois, eu poderia ter contado a verdade ou, pelo menos, ter dito que morrera havia poucos meses. Mas, em vez disso, eu preferi manter a ficção: “Está bem. Está vivendo na casa de um amigo em Santana do Livramento”. “Que bom”, ele disse, “deve estar feliz na fronteira”.



Foi a nossa última conversa. Há alguns dias, planejava ir a Santa Maria, onde gostaria de encontrá-lo em uma mesa de café, presentear-lo com algum livro, comentar sobre alguma ideia de conto. Talvez mencionasse a recente morte da Maria ou uma possível fuga pelo pampa. Era final de setembro e o frio ainda teimava em ir embora. Não sei como a pneumonia o atacou. Talvez durante um descuido, ao abrir a janela cedo demais para ver as primeiras flores de um ipê amarelo. De qualquer maneira, escrevo para que ele leia – e quem sabe corrija algum trecho inconsistente.

E nesse desfecho o Paulo volta a se misturar aos personagens de Cortázar. E eu me sinto um daqueles filhos de *A saúde dos doentes*, confusos após o falecimento da mãe, para quem jamais revelaram a morte do filho Alejandro. Pois já não sei o que dizer à Maria na próxima visita à fronteira. Ou se alguém reunirá coragem para dar a notícia da morte de Paulo aos gatos que ainda esperam o seu carinhoso boa noite.





HÁ TEMPOS PENSAVA EM TE ESCREVER

João Pedro Wizniewsky Amaral

Caríssimo!

Há tempos pensava em te escrever. Desta vez não é para marcar orientação ou para pedir sugestão de leituras nem para te contar novidades. Escrevo para te agradecer.

Mas, antes, uma confissão. Em 2006, quando fiz vestibular, escolhi um curso em que eu pudesse passar os quatro anos sem estudar. Optei por Jornalismo e contei essa história com orgulho infantil para todos os professores. Menos para ti. Senti vergonha, afinal tuas aulas tinham uma metodologia rigorosa e ninguém podia reclamar de tua didática: suávamos os pés e éramos avaliados por isso. Tuas considerações nos faziam tirar lições de nossos erros e acertos. Eu me tornei mais sensível, melhor leitor e, principalmente, melhor ouvinte. Em um mundo onde as pessoas

têm sua voz amplificada, nem todos prestam atenção no que elas dizem.

Em meu errático percurso acadêmico, se hoje mudei de área e atuo como professor (seguindo teu ensinamento, as áreas de conhecimento não são excludentes, e sim expansivas), é porque me inspirei em ti. Tu sempre foste avesso às vaidades, aos rituais e aos cacoetes da Academia. Tu nos mostravas que a alegria pode estar no cotidiano, na gentileza, na cidadania e na arte: categorias que não podem ser incluídas no Lattes. Sei que a arte, em especial a literatura, é sagrada para ti. Gratidão por nos mostrar como a arte pode tudo – até mesmo fazer sentir tua presença quando tu estás navegando em um copo de mar muito distante.

Paulo, obrigado por ser meu primeiro orientador, por sempre priorizar a prática em um curso que transborda teoria. Pena não termos aquela fotografia na defesa de meu TCC, pois ela é uma das minhas melhores lembranças da FACOS. Lá estavam várias pessoas queridas reunidas para assistir nosso Projeto Experimental, que deixou de lado o academicismo. O evento foi sensível, sutil e leve, te lembranças?

Tu inclusive havias me sugerido alte-



rar uma parte de meu trabalho. "Mas se eu mudar e a banca me questionar?", perguntei. "Eu, na condição de orientador, estarei lá para explicar isso". E tuas palavras me deram confiança. Até porque alterei a análise e, de fato, se a banca não concordou com aquele trecho, tu me defendeste como um pai. Aprendi muito a partir desse episódio de humildade: um trabalho não é só de quem escreve. É do orientador, de todas as referências e influências, de todas as leituras. É dos leitores. Tu és o meu leitor ideal.

A última vez que falei contigo foi quando ingressei no mestrado em Literatura. Não te contei na época, mas fiz questão que tu fosses a primeira pessoa a saber de minha aprovação. Lembro-me também do quão orgulhoso ficaste naquele fim de tarde quando a disciplina de Biografia foi aceita no currículo do curso de Jornalismo - o que é a vida senão histórias? O sol estava se pondo e pegamos juntos um ônibus da linha Bombeiros. Olhando atentamente para as pessoas que sentavam próximas, tu me falaste:

"Sabe o que eu gosto de fazer quando ando por aí, João? Olhar para as pessoas e imaginar suas histórias de vida. Será que elas batalharam muito hoje? Convivem com



monstros e angústias? Quais são seus sonhos?"
Pois até hoje me pego inventando a vida por trás de cada sujeito, das ruas, parques, lugares e cidades. Sou para sempre agradecido por me mostrar o poder que nossa imaginação possui: o de mudar as pessoas para melhor (e olha que é raro).

Tu podes se perguntar se realmente conseguiste atingir teus alunos. Mas olha para quanta gente em torno de ti apaixonada por reportagens bem apuradas, pelo Jornalismo Literário e pela sensibilidade de ouvir e de contar histórias interessantes. Tenho uma boa notícia, Paulo: os frutos do teu trabalho competente estão por toda parte.

Eternamente grato,
João Pedro

PS: Estamos com saudades.

** O autor reproduz elementos utilizados por Paulo Roberto em suas correspondências por e-mail, não apenas na construção textual, como também na visualidade. Por isso, a utilização de fonte tipográfica diferente do restante do livro.*





NO AR, PROJETO RÁDIO ESCOLA

Aurea Evelise Fonseca

O ano era 1994. Tempos difíceis aqueles. “Sucateamento” era a palavra de ordem da militância universitária para denunciar a situação em que se encontravam as universidades públicas. Aulas práticas prejudicadas. Não seria diferente com os laboratórios e estúdios do curso de Comunicação Social da UFSM.

Nesse contexto, decidimos aplicar uma antiga ideia de transformar a emissora oficial da instituição – a Rádio Universidade – em uma Rádio escola, permitindo que os acadêmicos tivessem uma formação prática bem mais próxima da realidade. O momento era aquele e o apoio do curso foi imediato. O professor Paulo Roberto Araujo foi designado para sonhar acordado o nosso sonho e colocar em ação o projeto.

Transferimos, assim, as aulas práticas de Radiojornalismo para a redação e estúdios da Rádio Universidade. De início, alguns colegas desconfiavam da ousadia da proposta, afinal permitir a estudantes entrarem no ar, ao vivo, poderia comprometer a credibilidade do veículo. Paulo Roberto, que até então ministrava outras disciplinas no curso de Jornalismo, abraçou o desa-

fo e, com o perfeccionismo que lhe era peculiar, passou a preparar turmas e turmas nos mais de vinte anos que se seguiram. Ensinou-as a refletirem sobre o processo de construção de uma pauta bem elaborada – base de qualquer produção jornalística de qualidade, seja ela radiofônica ou não – e os apresentou às demais rotinas da preparação, divulgação e repercussão da notícia.

E aí começaram a fluir as ideias sobre os formatos de programas. Foram tantas e tão criativas, que a Rádio Universidade reservou uma faixa de horário especial para o projeto Rádio Escola: de segunda a sexta-feira, das cinco às seis da tarde, os acadêmicos revezavam-se na produção e apresentação de radiojornais, radiorrevistas e programas de jornalismo científico e literário. A exceção eram as quartas, quando ia ao ar o Rádio Ativo, debate com duas horas de duração que buscava aprofundar a discussão sobre um tema com a presença de convidados com opiniões divergentes. Ao vivo.

A aula não se encerrava após a saída dos convidados, pois o Paulo Roberto nunca descuidou da avaliação – etapa tão importante no jornalismo, mas frequentemente esquecida no dia a dia atribulado das redações. Muitas gerações de jornalistas formadas por ele devem lembrar daquelas reuniões posteriores no estúdio do programa Rádio Ativo, que, às vezes, se estendiam noite adentro.

Nós não estávamos pensando nisso, mas inovamos no ensino de Radiojornalismo no país. A cada semestre, nosso



amigo e colega comandava equipes de acadêmicos em novos programas experimentais. A ideia, agora concretizada, ganhou visibilidade: levamos alunos para integrarem a Rede Nacional de Rádios Universitárias durante um congresso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Belo Horizonte; com outro grupo, apresentamos nosso *case* em um evento em Pelotas; e o projeto Rádio Escola foi tema de artigos escritos por professores e, também, de Trabalhos Finais de Graduação.

A partir desta rica troca de ideias, experimentações radiofônicas e interação com os alunos que ultrapassava o ambiente universitário e alicerçava fortes amizades, começou outra parceria com o colega, jornalista, professor, amigo e sonhador Paulo Roberto, que fazia questão de ser chamado pelos dois nomes. Durante duas décadas, ele abriu a oportunidade de participarmos das bancas de avaliação dos Trabalhos Finais de Graduação de seus orientandos. A convivência com ele desde os tempos de faculdade, em que eu era aluna e ele o professor, e o trabalho posterior com ele quando passamos a ser colegas, me permitiram uma preparação para a futura docência universitária. Foi meu professor pela segunda vez.

Em 2016, passados 21 anos, o projeto Rádio Escola completou a maioria. E sem aviso prévio, ficamos todos órfãos, porque a morte é assim: corta, interrompe, não dá explicações. Paulo Roberto saiu do ar.





DOMINGO, 27 DE AGOSTO, ANIVERSÁRIO DO PAULO ROBERTO

Luciana Mielniczuk

O Paulo Roberto foi um homem culto, educado, gentil. Há os que dirão, depois da morte são só elogios. Quem, em pleno século XXI, emprega palavras como “estofa”? Quem faz desjejum? Quem delicadamente, com a mão sobre os ombros, troca de lugar com uma mulher enquanto caminham, ficando na calçada para protegê-la dos perigos da rua? Sim. Culto, educado e gentil são palavras que definem qualidades que o Paulo Roberto espalhava com fartura e naturalidade. Também era generoso, gostava de comprar mimos, assim denominava, e presentear os amigos. Livros, canetas, caderninhos, tenho muitos deles que me rodeiam diariamente.

E o sorriso discreto e enigmático? Ah... esse sorriso misturado ao perfume – sempre de bom gosto e usado com parcimônia – eram marca registrada do charme e da vaidade recatada. A barba feita diariamente com a máquina número um compunha o visual elegante e calculadamente despojado. Gosto de passar a mão na barba enquanto leio, contou-me

quase em tom de confiança.

O sorriso reservado, por vezes, abria espaço para uma gargalhada. Em algum primeiro de janeiro liguei para parabenizá-lo pelo aniversário. Ele me ouviu e solta uma gargalhada frouxa. Naquele momento divertia-se com uma peça pregada sabe-se lá quando. Costumava responder que seu aniversário era no primeiro do ano.

A primeira gargalhada que lembro foi quando conheci o lar das portas vermelhas. Recém-chegada a Santa Maria, fui até o apartamento do Edifício Dinamarca, provavelmente após uma viagem de azulzinho lá de fora até o centro, feita ao lado do Paulo Roberto. Que casa linda e de astral tão bom! A coleção de bengalas, o quadro das bundinhas na parede do sofá, os livros de arte empilhados pela sala, a estante dos LPs com o toca-discos, os espelinhos em molduras coloridas. Quer casar comigo? Foi o que espirrou da minha boca. Gargalhada sonora, e nem neste momento ele deixou de ser didático. “Não posso, já sou casado com o Karim”, explicou. Então me adotem, insisti. Eu queria morar naquela casa. Mais uma gargalhada.

Voltei lá outras vezes para tomar guaraná diet ou sorvete diet de maracujá. Também fui nos momentos em que precisei de um amigo que me ouvisse. E assim fui descobrindo um pouco do que havia por trás daquele sorriso discreto e enigmático.

Quando comecei a conviver com o Paulo Roberto, em 2004, ele já não gostava mais de levar seu corpo para viajar.





Passeava nas noites de leitura, ia para qualquer lugar do mundo ou do tempo onde seus livros o levassem. Juntos, às vezes, transitávamos em pensamentos da ficção. Indicaríamos uma disciplina para o primeiro semestre do curso cujo nome seria “Desvirginamento de bixos”. Dela, também participaria a querida e saudosa Eunice Olmedo. O conteúdo seria composto por discussões de livros e filmes, algumas obras indispensáveis que ajudassem os jovens calouros a conhecer melhor a vida para bem desfrutarem dos conhecimentos que a universidade viria a lhes proporcionar.

Foi meu confidente primeiro para assuntos da lida docente e depois para qualquer coisa. Quando o assunto envolvia perrengue com os estudantes, não poucas vezes me disse que os jovens eram eles e eu, a adulta. Sobre as coisas da vida, gostava de responder: “faz o que teu coração mandar”. Se a consulta era mais objetiva, tinha respostas assertivas. Esta sandália é mais bonita, para lentes de perto aquela armação é a melhor.

Nas suas visitas a Porto Alegre, sempre rápidas, bater perna no shopping era compromisso certo. Mais de uma vez chegamos a ir em dois shoppings no mesmo dia. Lojas com artigos de papelaria eram o nosso destino, com uma parada, é claro, para o café. Eventualmente, ele comia um camafeu, o doce preferido. Explicava: “às vezes a gente tem que fazer uma arte”, referindo-se à dieta que a diabetes impunha. Falávamos de tudo, muito pouco de trabalho.

Com ele também compartilhei o interesse por agendas e aprendi a usar mais de uma ao mesmo tempo, separando-as por temas. Em outubro já começava a procura pelas agendas do ano seguinte, trocávamos informações e impressões sobre formato, diagramação, gramatura do papel. Éramos capazes de passar bastante tempo conversando sobre isso, aquelas que não fabricam mais, características de cada marca, utilidades que ainda não foram incorporadas.

Sexta-feira fui numa livraria e as agendas para 2018 já estão à venda. Paulo Roberto, que absurdo isso! Estamos em pleno agosto, faltam dois dias para teu aniversário e já estão a vender agendas...

** O texto foi carinhosamente revisado pelo Karim. Ao partir, Paulo Roberto me presenteou com a amizade de seu companheiro.*





“CARÍSSIMO PAULO”

Tatiana Py Dutra

O *Facebook* facilitou algo que muito me felicita. Ainda hoje, eu me comunico com a educadora que me alfabetizou, converso com minha primeira professora de dança, troco ideias, dou risadas e até brigo com mestres que me ensinaram ao longo da Educação Básica, Superior e até da pós-graduação. Mas com o Paulo Roberto (ele preferia ser chamado pelos dois nomes) era diferente.

“Caríssima Tatiana...”: era assim que começavam as respostas dele às minhas postagens na rede social. Muitas vezes, falávamos sobre indiretas que ele mandava por meio de escritos em moleskines e mensagens escritas em muros. Mas, geralmente, a nossa pauta eram os gatos. Nossos filhos peludos e suas peripécias valiam, no mínimo, um *like* e, nas melhores ocasiões, longos papos ao vivo, regados a café e carinho. Nesses encontros, não raro com a presença de outros colegas da antiga, ele sempre achava uma forma de elogiar a minha turma. “Vocês eram diferentes...”, dizia. Sempre achei

sinceros os elogios dele à turma de jornalistas que se formou em janeiro de 1998 na UFSM. Não só pelo companheirismo que criamos com o professor de Radiojornalismo, mas pelo esforço que demonstramos em capturar tudo o que ele ensinava. Muito do que ele nos disse, uso até hoje.

Descobri, da maneira mais triste, que muitos dos quase milhares de alunos do Paulo Roberto Araujo pensavam o mesmo. Quando nosso bom mestre ‘encantou-se’ (a expressão é dele), no último dia 5, reencontrei e conheci dezenas de jornalistas que passaram pelas turmas da Facos. Todos com quem conversei tinham alguma história de intimidade compartilhada com o professor. Jantares com massa ao pesto, banhos numa misteriosa ‘banheira de neóbio’, a coleção de bengalas, uma infinidade de cafés, a alegria dele nas nossas formaturas, as críticas à pobreza do jornalismo contemporâneo, a impaciência com a burrice...

Nada disso morreu com ele. Ficou vivo na memória de quem conviveu com aquele professor sincero, esforçado, rigoroso e bem-humorado, que gostava de falar com os ex-alunos e colegas, ainda que fosse pelo *Facebook*. Eu, agora, converso com ele vendo fotos antigas. Prefiro aquelas em que ele posa com os filhos felinos Ava, Miró, Piaf e Anis Lupita. Um carinho genuíno fica explícito nos olhos dele. E eu colho um pouco para mim também.



Sentimos saudade, Paulo. Mas fica tranquilo: tua ninhada está unida. O Karim conseguiu.

** Crônica originalmente publicada no jornal Diário de Santa Maria, em 15 de outubro de 2016.*





A PALAVRA É FRÁGIL PARA A SAUDADE QUE NÃO TERMINA

Olívia Bressan

Confesso que já faz algum tempo que tento escrever sobre o Paulo. Mas a conta não fechava porque, com o perdão do lugar-comum, todas as tentativas me parecem insuficientes perto da experiência que foi estar perto dele. A cada vez que escrevia algumas linhas, a palavra sempre parecia perder a força no meio do caminho. Tentar falar do Paulo durante nossos dez anos de convivência é se deparar com um sem-número de signos frágeis, insatisfatórios e quebradiços. A verdade é que, pensando bem, esse texto poderia ser resumido em uma única frase: o Paulo faz uma falta sem fim.

Tenho saudade dele nos mínimos detalhes, do jeito que ria, malandro e enigmático, estirando um pouco a cabeça para trás; de vê-lo escolher, com o cuidado de um perito, canetas de todos os tamanhos e tipos nas papelarias; do hábito dândi que mantinha ao colecionar as bengalas entalhadas mais belas que já vi alguém ter. Sinto também a falta imensa

de ouvir seus ensinamentos. De quebra, nenhum revestido de ar professoral, apenas instantes epifânicos divididos generosamente com quem ele queria bem. Mantenho-os até hoje comigo, coisas que se guarda para a vida, marcas que só algumas poucas pessoas conseguem deixar. Afinal, o cotidiano junto com o Paulo não era só uma convivência alegre e pouco aprofundada. Compartilhar algumas horas da semana com ele implicava comprometimento intelectual, emocional e uma certa dose de paciência de ambas as partes – ingredientes que, acredito, façam parte da arte de entrarmos em contato genuinamente com alguém em uma amizade.

Nas inúmeras ocasiões em que eu, imatura e bagunçada atrasava para nossos encontros, – ou simplesmente perdia a hora, pois estava dormindo e não conseguia chegar a tempo das reuniões matutinas de sábado propostas por ele – o Paulo, ao invés da repreensão que me parece a solução mais correteira e justa, apenas dizia: “Naquele dia em que tu não vies-tes, Olívia, eu senti a presença da tua ausência. Olha quanta importância: não se trata de sentir a falta de alguém, mas de sentir a presença da ausência dessa pessoa” – e gargalhava se dando conta do paradoxo. Foram os puxões de orelha mais elegantes que já recebi.

Pois agora sou eu quem sempre sente a presença da ausência do Paulo. Ele virou lembrança constante no pequeno dos meus dias, seja quando olho para minha pilha de agendas



Moleskine, as quais encomendávamos juntos numa tradição de todo o fim de ano, seja quando folheio a esmo um livro na estante e encontro alguma dedicatória escrita por ele com letra bem desenhada (“Caríssima Olívia, para cada vez mais fortalecer nossa amizade. Com um abraço forte de carinho. Paulo Roberto. Santa Maria, 17 de dezembro de 2015”).

Vejo o Paulo a cada vez que me recordo de outras manias dele, lembranças rápidas que me visitam diariamente: os longos silêncios que se permitia tirar durante a conversa – demonstração de segurança de quem não sente a necessidade ansiosa de preencher espaços vazios em um diálogo; a obsessão por fechar a porta da sala de aula ou de casa, verificar a maçaneta várias vezes e, logo após, debitar a tal mania na conta da astrologia: “é porque sou virginiano com ascendente em câncer”; a metade dos anos de nossa convivência em que me fez acreditar que o aniversário dele era em primeiro de janeiro, afinal, “a gente escolhe quando faz aniversário e eu gosto de capricornianos”; o amor pela palavra inaudita: “acho que o estudante de jornalismo precisa ter *tirocínio*. Sabe o que significa *tirocínio*, Olívia?”. Não, não fazia ideia do que o vocábulo queria dizer. “É aquela pessoa que pega as coisas rápido, que tem postura ativa diante das coisas. Acho que esses são os que se tornam verdadeiros jornalistas”; o hábito de oferecer uma pequena taça de licor quando me recebia na casa dele – onde, aliás, fui poucas



vezes, apenas para conhecer seus três gatos.

Por falar em casa, se havia algum lugar onde esse conceito se aproximava tanto para mim quanto para ele, sem dúvida, esse local era a Cesma. O Paulo mesmo sempre contava sobre um sonho recorrente que tinha no qual as portas da livraria da Cooperativa dos Estudantes fechavam no final do expediente e ele ficava lá dentro. No devaneio dentro da noite, ele aproveitava a clausura forçada passeando por entre as estantes, folheando os livros, escolhendo o que mais iria ler. Mas o sonho não parecia por nada um pesadelo, ao contrário, era quase uma vontade: agradava-o relatá-lo como se fosse uma espécie de visitante clandestino, como se estivesse fazendo uma travessura de menino – esse que muitas vezes eu podia entrever de relance quando tomava meia taça de café com sorvete e *chantilly* e dizia: “Hoje vou fazer uma arte!”. Em tese, estava proibidíssimo de fazer dessas por causa da diabete. O tal sonho recorrente do penetra de livraria se transformou em texto na única crônica que publicou (e que consta neste livro).

Para tomar o café na nossa casa emprestada, fazíamos sempre o mesmo caminho: seguíamos no ônibus seletivo da UFSM para o Centro logo após as aulas de Rádio ou de Jornalismo Literário, descíamos na parada da Rua Riachuelo e subíamos a Astrogildo de Azevedo, enquanto íamos conversando a respeito das impressões que ele tivera daquele dia. Foi na Cesma onde ocorreram praticamente todas as reuniões de



orientação para o meu trabalho de final de curso – as quais ele manifestara vontade de realizar de duas a três vezes por semana, sob pretexto de que serviriam “para assegurar que eu terminasse meu trabalho final em tempo”. De fato, tinha razão em ter receio: meus descaminhos com aquele TCC beiravam o absurdo: a entrega do trabalho, por exemplo, incluiu a contratação às pressas de um motoboy chamado Júlio, encontrado por acaso no meio da Avenida Presidente Vargas, e que carregou desarvorado o material rumo ao município de Não-me-Toque, a 300 km de Santa Maria, para que a Gisele Reginato, que compunha minha banca de avaliação, pudesse ler.

Novamente, quando ficou sabendo do ocorrido (contei apenas depois da defesa, claro), o Paulo torceu minhas expectativas. Ao invés de ralhar e dizer que eu não tinha mesmo jeito, riu e comentou irônico: “Essa Olívia é uma parada!”. Para completar, acrescentou ainda que tinha achado a história ótima e que pensaria em incluir Júlio como futuro perfilado para a disciplina de Jornalismo Literário. Achei a perspectiva de desdobramento da coisa toda ainda mais *nonsense*, mas Paulo cumpriu o prometido: no semestre seguinte, a trajetória do motoboy que foi a Não-me-toque foi escrita.

Foi também na Cesma, o cenário em que apresentei a ele, com toda a expectativa de uma quase-filha, os namorados e amigas mais próximas. Lá comemoramos eufóricos e exaustos, taça de Martini na mão, minha defesa de trabalho



de final de graduação (eu me formei, afinal). Foi onde dividi com ele meus dilemas intermináveis e mandei notícias para o Paulo sobre o turbilhão que é ter vinte e poucos anos. Me olhava um pouco reticente, distante da caótica realidade juvenil e, no entanto, sempre se mantinha num lugar de escuta atenta entre um gole e outro de café.

Certa vez, eu e ele oferecemos uma oficina de Jornalismo Literário e Cinema para uma Semana Acadêmica da Comunicação. *Santiago* de João Moreira Salles estava quase no fim, faltavam apenas subirem os créditos. Logo eu acenderia as luzes para que os participantes debatessem o filme. Quando ensaiei fazê-lo, Paulo apenas franziu o cenho, encostou de leve no meu braço como quem pede para esperar. Assenti e permaneci onde estava. Depois da aula, comentou reflexivo: “sabe, Olívia, eu gosto de deixar os créditos correrem porque acho que é a hora em que o filme te confronta: ‘o que tu tem a ver com essa história?’”. Este é o último texto escrito para “o livro do Paulo”, que demorou tantos anos para ser finalizado. Agora que o desfecho se aproxima, esse questionamento me retorna repetidamente. Creio que ter ajudado a organizar essa compilação foi uma tentativa de encontrar nos textos a fração de vida do Paulo que ele deixou que cada um pudesse experienciar. Pude ler um sem-número de recortes de lembranças de um professor e amigo tão querido e admito que, em algumas vezes, me emocionei lendo as



narrativas, em outras, senti um ciúme muito pouco nobre ou, em algumas ainda, ri sozinha na sala. Afinal, as páginas desse compêndio foram preenchidas de histórias memoráveis com ele, umas pitorescas, outras comoventes. Conhecê-lo pelos olhos dos outros foi o modo que encontrei de mantê-lo vivo e perto através da narração de um Paulo todo por escrito.

Minha negativa por tamanha frequência nas orientações deixou-o muito decepcionado. Ambos sabíamos que, no fundo, a proposta pouco tinha a ver com o trabalho final: era mais sobre aproveitar os últimos momentos do estreito compromisso que mantínhamos – eu, como aluna e orientanda, e ele, como professor e orientador – antes da renunciada despedida daquela etapa da minha vida. O que talvez tenha me escapado de expressar foi assegurá-lo de que vínculos como o que tivemos (como o que temos) não se desfazem. Se soubesse que perderia a oportunidade de convivemos apenas três anos depois da minha formatura, penso que teria aceitado que fizéssemos reuniões duas, três vezes por semana ou quantas mais ele quisesse.

Tanto assim que, quando a saudade não parece caber mais em canto algum, dou um jeito de dar um pulinho no café da livraria. Escolho a mesa em que costumávamos ficar (aque-



la mais perto do ar-condicionado) e peço um expresso ou uma tacinha de Martini para a Nafi – irmã mais nova da Usi, a antiga barista que costumava nos atender. Fico então imaginando que estamos ali, juntos de novo, falando sobre algum livro ou mesmo que ficamos em um cômodo silêncio, satisfeitos por estarmos lado a lado.

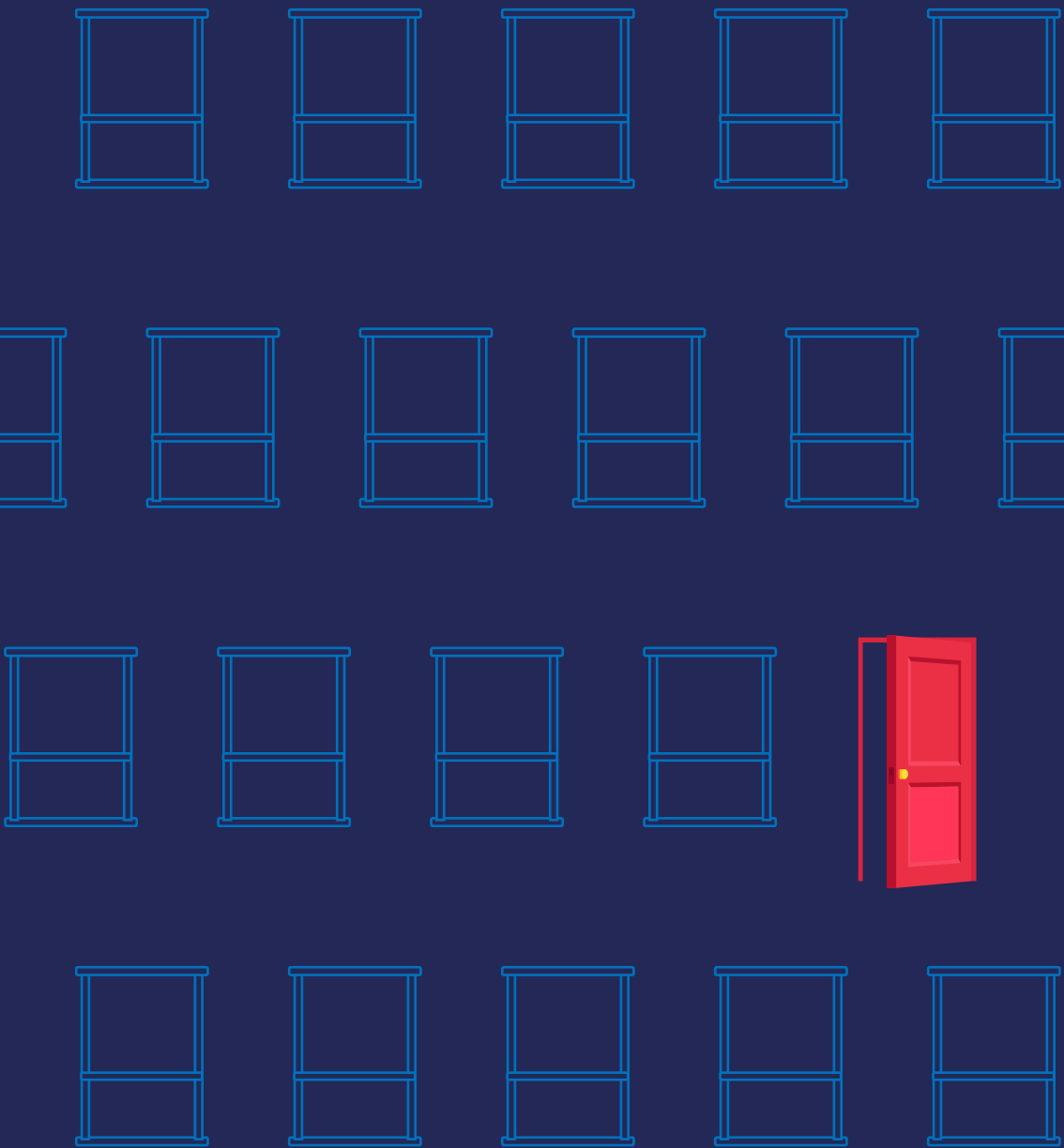
Me pergunto sobre a avaliação do Paulo a respeito do que estamos vivendo hoje, pois que falta fazem seus pareceres perspicazes sobre o mundo. Quais palavras não-elogiosas utilizaria para definir Bolsonaro? Quais jovens autoras e autores teria ele descoberto e seriam seus favoritos? E o que pensaria sobre o resultado deste livro em sua homenagem? O que diria sobre os caminhos que minha vida tomou? Em quais momentos seria todo ouvidos para me escutar? Em quais outros iria ironizar minha versão dramas-de-trinta-anos? São questionamentos que deixam lacunas e ausências e que apenas a presença dele poderia dirimir e corporificar.

Por isso mesmo, as últimas linhas desse texto são cheias de resignação. Estou consciente de que não importa quantas vezes eu escreva ou reescreva sobre minha experiência com o Paulo: a palavra vai sempre soar trivial demais para expressar o quanto me ressentir o fato dele ter ido embora tão antes do que eu gostaria, tão cedo para todos os que o amavam. Entretanto, não posso ser injusta: a palavra continua a servir



de único escudo e lança para lutarmos, mal rompe a manhã, com a difícil tarefa de traduzir o tempo em que trilhávamos juntos o caminho rumo aos moinhos de vento, contra os quais se insurgia meu Quixote preferido.





ESCRITO EM UM MURO



ESCRITO EM UM MURO

Ainda que tivesse gosto pela palavra impressa, Paulo Roberto Araujo não ignorava as tecnologias digitais. Pelo contrário, adquiria os *gadgets* e, o quanto se permitia, adaptava seu cotidiano a eles: tentou ler livros digitais, migrou algumas de suas várias agendas para o celular, organizou suas discografias no computador. Quando o *Orkut* existia, criava e administrava comunidades sobre escritores, especialmente os menos conhecidos, fomentando os fóruns de discussões. No *Twitter*, mantinha o *@umcopodemar* – perfil cujo nome faz referência a um de seus poemas preferidos de Jorge de Lima (“Há sempre um copo de mar para um homem navegar”) – onde compartilhava anedotas, travessuras de seus gatos e recomendações de literatura. Nos últimos anos, passou a agregar tudo isso em seu perfil no *Facebook*. Postava trechos e comentários de obras literárias, recordava todos os dias os artistas que haviam nascido ou falecido naquela data, publicava fotos dos livros que lia, dos cafés que visitava, de alguns cantos de sua casa (“detalhes ao léu”, nomeava). E compartilhava alguns

de seus pensamentos, sempre antecedidos por expressões que se tornaram sua marca: “Anotado no Moleskine”, “Anotação ao léu”, “Escrito em um muro”. Quando a notícia de sua morte veio a público, na noite de cinco de outubro de 2016, vários de seus amigos – sobretudo aqueles que haviam sido seus alunos – começaram a compartilhar nas redes digitais manifestações de carinho e lembranças de momentos que tiveram com o professor. Reunimos aqui trechos de algumas dessas recordações publicadas no *Facebook*, um obituário escrito coletivamente, um mosaico de fragmentos biográficos que mistura peças de um relicário afetivo a declarações de gratidão.

Anotado no moleskine: aquele que lembra de todos os que se encantaram, se encantou hoje.

Victor Wolffenbüttel Carloto

Ele sempre dizia “caríssima”, encerrava os recados com “abraços e beijos carinhosos”, desejava uma “uma noite boa para todos nós” e que o “dia fosse proveitoso”. Ele não dizia que a temperatura caiu, falava que os gatos já tinham puxado agasalho pro frio. Quando fez conta no *Twitter*, não me relatou que estava aprendendo; disse que estava batendo nas quinas da nova aventura. Ele tinha o dom de escolher as palavras certas. De ter

sensibilidade. De ensinar a tantas gerações de jornalistas a importância de ler a vida e de sujar os sapatos na rua. O professor Paulo Roberto Araujo encantou-se. O que dizer diante do café na Cesma que agora ficou adiado? Ficam na lembrança e no coração as dedicatórias nos livros, as sugestões de leituras, as mensagens de carinho. A foto é de 2008, quando fui monitora do Paulo na disciplina de Jornalismo Literário. Foi a minha primeira experiência acadêmica. E uma oportunidade ímpar de conviver com a maior gentileza que pode caber num só par de óculos e de sorriso largo. Descanse em paz, professor.

Gisele Reginato

Encantou-se Paulo Roberto Araujo hoje, professor de jornalismo importantíssimo na formação de décadas de jornalistas da FACOS-UFSM, entre eles, eu. Muitos cafés, histórias e boas lembranças de companheirismo e literatura. Entre algumas, uma rara e serena caminhada aos escombros da Boate Kiss, semanas depois da tragédia, em que passamos pelo epicentro da Santa Maria que ele tanto ama e conhece: Cesma, Calçadão, Praça Saldanha Marinho, Avenida Rio Branco, Andradas, Paulo me guiando pelas histórias de outros tempos da cidade. Chegamos na frente do prédio da Kiss, olhamos as flores na frente da boate, as faixas lembrando as vítimas. Só alguns minutos depois, já na Venâncio Aires, ele quebrou o silêncio dizendo: “Mas que barbáridade, né?” Como disse o Augusto [Paim] hoje, quando ele ci-

tava o Guimarães Rosa falando dos escritores que não morrem, se encantam, era meio que tirando esse peso todo da morte, mostrando que é uma coisa natural, uma experiência que pode ser até bonita. É o caso da dele, ainda mais com essa música, “Saudade”, da Cesária Évora, a quem conheci com Paulo, nos corredores da Rádio Universidade.

Leonardo Foletto

Encantou-se, em meio ao escorrer das chuvas, nosso amado Paulo Roberto. Um pouco de cada um de nós, que tivemos a alegria de compartilhar contigo pela vida, vai também...

Caciane Medeiros

Eu serei eternamente grata ao senhor, por ter acreditado em mim, por me fazer enxergar que eu poderia sim ser jornalista, que eu era capaz de superar os meus monstros internos. Muito obrigada por todas as trocas de experiências, por ter compartilhado comigo a sua grandiosa bagagem cultural e jornalística, as suas angústias e alegrias, por ter me dado um ombro amigo, sempre que precisei. Agora, o céu deve estar em festa por estar recebendo uma pessoa rara como o senhor, um ser humano com senso de humor, afetuoso, dono de uma elegância incomparável e de uma grandiosa generosidade. Descanse em paz, caríssimo. Sentiremos a sua falta, pode ter certeza disso.

Cibele Zardo

Melhor pensar que foi encantar outras paragens, outros mundos. Ficará sempre entre nós, vivo, como a lembrança amiga e generosa de um mestre sem igual.

Rosana Cabral Zucolo

Hoje o dia amanheceu cinza. O café amargo. Os livros tristes. Os muros silenciosos. O mundo menos poético. Encantou-se. Cumpriu seu propósito com maestria. Rompia as barreiras da burocracia, preferia os cafés e conversas calorosas às frias e formais salas de aula. Dizia o que pensava, mas sempre com muita elegância e educação. Obrigada por todos os ensinamentos, indicações de livros, conversas sinceras. Obrigada por me mostrar o jornalismo por um outro ângulo. Obrigada por abrir meus olhos pro rádio.

“Mas, professor, é que eu sempre fico nervosa.”

“São as borboletas, minha cara, tu te apaixonaste pelo rádio.”

Vai em paz. Leva contigo meu abraço carinhoso.

Diossana Costa

Entre lágrimas, deixo meu muito obrigada e meu adeus doído.

Giuliana Matiuzzi Seerig

Lamento os cafés não tomados, as conversas não realizadas. Agradeço por ter sido sua aluna e ter aprendido com ele o

amor pelo rádio. Em torno dele, nossa turma de Jornalismo não perdeu a ligação, apesar dos anos e da distância. Sinto tanto pelos seus filhos felinos, gatos que tiveram o maior amor deste mundo. Vai em paz, querido amigo!

Luciana Carvalho

Os livros amanhecerão sem um de seus maiores contempladores. A vida é breve.

Vitória Londero

Uma triste notícia. Vai-se um mestre da sabedoria discreta, de rara sensibilidade. Um professor encantador. Era daqueles professores que, conversando na maior simplicidade, sempre me fazia perceber que a única certeza é que sabemos pouco, muito pouco.

Elias Machado

Hoje partiu um dos professores que mais me ajudaram a ter certeza de que o jornalismo era realmente o que eu queria. Ah, se ele soubesse que suas teorias sobre a maldição do “jornalista sentado” e que todas as suas indicações de autores e maneiras de fazer um jornalismo mais literário me acompanhariam em cada matéria que eu escrevesse. Não sei se algum dia lhe agradei e lhe disse de sua importância na minha vida de estudante e profissional... uma pena! Agora já não há mais tempo. Deixo

aqui minha pequena homenagem. Ao mestre, com carinho!
Obrigada.

Luciana Rosa

Comigo ficam os ensinamentos do professor que mais marcou minha trajetória acadêmica. Ficam as boas lembranças dos cafés de orientação que se tornavam rodas de contação e de comentários literários. Ficam também as saudades e a tristeza de não ter agradecido o suficiente.

Felipe Severo

Ficam os ensinamentos de um grande cara que me apresentou ao jornalismo literário, um lado mais bonito da profissão que me fez não desistir do curso. Ainda bem que disse isso pra ele e ele sabia da importância que tem pra mim. Fico feliz em ter partilhado seu mundo delicado cheio de livros, cafés e felinos.

Luciana Minuzzi

A vida nos pegou de surpresa. A mesma vida que tu levavas com leveza, hoje ficou pesada, difícil de carregar. Os teus alunos, muito jovens e intensos, aprenderam a sutileza do cotidiano. Expli-cou-nos com maestria a linha tênue entre a poesia e a realidade e não mediu esforços para nos ensinar como a vida era um romance desde que estivéssemos dispostos a enxergá-la como tal. Eu desejo que nessa viagem repentina que fizeste possa encontrar

todos amigos autores que tanto admiravas. Que Deus te receba de braços abertos e com uma biblioteca farta! É com tristeza que aceito que te encantaste, assim como tantos admiráveis escritores. O senhor ajudou a escrever muitas histórias reais e, com certeza, tem um capítulo muito especial na minha.

Francys Albrecht

Anotação ao léu: a surpresa de uma despedida inesperada me deixou perplexa. A noite chuvosa não me permite ver as estrelas, mas sei que, onde estiver, receba a minha gratidão e todas as coisas boas nessa nova passagem.

Kelem Duarte

Caríssimo Paulo Roberto, como você disse outro dia, “adiamos o nosso café, mas não riscamos da agenda”. Meu coração está apertado, mas também cheio de gratidão pela oportunidade que a vida me deu em ter você como amigo. Tenho as mais agradáveis lembranças e ensinamentos para toda a vida.

Angélica Lüersen

O Paulo era um caso singular. Odiava essa história de jornalista mexendo no celular. Streaming. Podcast. Essas coisas que a gente aprendeu a usar pra sobreviver. O Paulo cultuava o jornalismo ‘de raiz’, na máquina de escrever, regado a muito café e cigarro.

Pro Paulo, o jornalismo não era um ofício: era um estilo de vida, uma contemplação estética. Com aquele sorriso de sapeca (de quem muitas vezes aprontava mais que os alunos), havia sempre uma eterna agonia com a falta de paixão pelas coisas. A morte do Paulo, um dos professores universitários mais peculiares de Santa Maria, o homem que formou mais da metade dos alunos de jornalismo da UFSM (muitos deles hoje professores), é muito simbólica pra mim. É a transição de um modelo pro outro. Que nós sempre pensemos no jornalismo do Paulo com carinho: foi por fetiches muito parecidos com os dele que escolhemos esse curso. Que um dia a gente tenha um mundo em que o jornalismo volte a ser estilo de vida, e não só mera sobrevivência.

Mateus Martins de Albuquerque

O céu recebeu hoje uma das pessoas mais brilhantes, gentis e literárias que eu tive o prazer de conhecer: amado professor Paulo Roberto. Sem dúvida alguma, posso dizer que o meu amor por rádio cresceu ao acompanhar os ensinamentos (que utilizo até hoje) deste grande mestre, que partiu para perto de seus ídolos literários. Sempre prestativo e tranquilo, essa é a imagem que mantereí do nosso “professor homenageado”. Que no céu recebam esse maravilhoso professor com todo o amor e carinho que ele sempre mereceu e merecerá.

Arianne Lima

Numa das vezes em que o Paulo Roberto resolveu transferir as aulas para o café da CESMA – momento esse em que nos tornávamos todos um grande grupo desengonçado, num ambiente compartilhado por gente a trabalho e amigos a conversar – discutíamos quem ficaria com que cargo para o programa da semana seguinte, tentando sem sucesso controlar os volumes de nossas vozes, o que obrigava o Paulo a nos pedir, volta e meia, para sossegar o facho. Uma hora esse pedido não veio. Num dado momento, durante sua explicação, bradou um PS-SSHHHH, em alto e bom som, quando nenhum de nós falava, mas sim dois senhores a trabalho, em meio a uma papelada e de olhos arregalados. Rimos todos, inclusive o Paulo, réu confesso. Agora só nos resta rir da vida, esse grande absurdo.

William Boessio

Nosso querido Paulo foi o melhor professor, que transmitia paixão pelo jornalismo, e ao mesmo tempo era amigo dos alunos! Tratava-nos de igual para igual, caminhava ao nosso lado! Que descanse em paz! Um forte abraço à família e a todos nossos colegas que estão tristes com essa notícia e que fizeram parte da vida do Paulo!

Deni Zolin

Espero que quando o Paulo chegue no lugar melhor que aqui, esse lugar se pareça com uma biblioteca e que, ao redor dele,

estejam muitos gatos ronronando de felizes com a companhia do professor mais cheio de classe que eu já tive. Foi um prazer ter aula com alguém como ele.

Jocéli Bisonhim Lima

Guardo dele o amor pelo rádio, a sensibilidade, o gosto pela leitura e a gentileza como ser humano. O plano superior ganha um sujeito legal e de primeiro gabarito. Até breve, professor Paulo. Fraternal abraço.

Gilson Piber

Michelle [Falcão] e eu estamos lembrando os momentos cômicos passados com o Paulo Roberto. O meu mais clássico foi o dia em que decidi, sem a ordem dele, tirar o ponto do ouvido em pleno programa ao vivo porque ele não parava de fazer perguntas. Cinco segundos depois, entra o Paulo no estúdio gritando “termina, termina esse programa, Bibiano”, e foi logo entortando os microfones enquanto balbuciava “que vergonha, faço esse programa há 14 anos e nunca passei por isso”. O mais engraçado foi o momento que ele pediu que a turma fosse para a ilha de edição acompanhar pelo vidro a conversa ‘séria’ que teria comigo. Foi papo de comadre. “Tu é um guri bom, pra quê me desacatar?” A cada homenagem lida ao mestre, uma lágrima de satisfação em ter sido seu

amigo e outra de saudade. Estará para sempre escrito em um muro: do grupo dos inesquecíveis. A partir de agora é nosso dever anotar na moleskine.

Bibiano Girard

Apaixonado por gatos, café e livros, Paulo, com seu humor particular, ensinou-me a não temer o microfone. Paulo riu quando fui fazer uma reportagem sobre agricultura familiar e, na ingenuidade, apareci com áudios com os sons dos animais. Gravei marreco e cachorro. Os marrecos não se deixam gravar facilmente e foi um sufoco. Hoje auxílio a manter a rádio da escola em que leciono. Cada vez que faço um anúncio ou que vejo os monitores escolhendo músicas e lidando com o microfone, lembro de ti com carinho.

Julia Maria

Última conversa que tive com o professor Paulo Roberto foi em 2012. Eu trabalhava no Diário [de Santa Maria]. Produzimos uma matéria sobre os 100 anos do Teatro João Pessoa em Rosário. Tive o prazer de ter a leitura e um feedback dele, sempre generoso. Foi a melhor matéria que produzi, e o tinha na mente como o leitor ideal daquele texto. Captou bem as referências: remetiam diretamente ao quadro que o consagrou na Rádio Universidade. “Eduardo, vi e li tua matéria sobre o teatro em Rosário do Sul. Parabéns! Está muito

boa. Fico feliz, *Relíquias da Casa Velha*, de certa forma, está fazendo escola, pelo menos na pauta. Resgatar a memória, com um gancho na atualidade, enriquece o jornalismo. Tua matéria é um documento. Continuas por esse caminho, te levará longe e para espaços mais largos. Abraço grande”. Que honra ter convivido e aprendido com você, professor. Encante-se em paz.

Eduardo Covalesky Dias

Sei que quanto mais eu seguir apreciando literatura, mais sentirei falta de tomar um café contigo, e, ao mesmo tempo, estarei honrando teus ensinamentos. Meu professor do primeiro ao último semestre da faculdade. Uma figura singular.

Luíza Tavares

O professor Paulo foi mais que meu orientador. Foi um grande amigo e a pessoa que me fez voltar a ver o jornalismo com paixão, além de abraçar comigo o projeto que mais me orgulho de ter feito. Obrigado por tudo, professor. Foi um prazer ter compartilhado os melhores momentos da minha formação contigo. Dói muito saber que não teremos um próximo café na CESMA. Descanse em paz.

Jonas Migotto Filho

Querido amigo, meu orientador, que me acompanhou até o último dia como aluna do curso de Jornalismo da UFSM. Vais me fazer muita falta. Estou triste, mas não vou alimentar porque não seria justo contigo. Dá um beijo e um abraço na Eunice [Olmedo] por mim. Um dia nos veremos de novo e me espera aí com um café, aquele café que fiquei te devendo.

Janine Toma Ponte

Esse foi um dos dias mais importantes da minha vida [da defesa do TCC]. A felicidade em encerrar o ciclo da faculdade se misturava com a emoção do momento de despedidas. Despedida que pensava ser um até breve, pois eu ainda tinha um livro para devolver ao meu orientador. Passaram-se dias, semanas e meses. Postergava a entrega do livro. Confesso que queria ficar com ele mais um pouquinho. Durante a graduação, tive a honra de ganhar dois livros dele e me cobrava pra lê-los. Consegui e não via a hora de contar o meu feito para o professor. A mudança de cidade dificultava ainda mais o encontro. Como ele cuidava tantos dos livros e um pequeno amasso na capa seria uma grande frustração, pensei em comprar uma nova edição quando começasse a trabalhar. Assim eu entregaria o exemplar em perfeitas condições. Passaram-se mais dias e o primeiro salário ainda não chegava. E não chegou. Alguém levou primeiro essa alma linda e finíssima. Estou muito triste em não poder entregar o livro, conversar

e beber aquele gostoso café em sua companhia. E encantou-se trabalhando, uma das coisas que mais gostava de fazer na vida. Foi feliz. Me fez feliz. Beijos, meu querido. Até breve.

Felipe Laud

A Facos e os futuros alunos do jornalismo perdem mais que um professor, perdem um verdadeiro mestre, daqueles que nos guiam para além das aulas que dão, que nos ajudam a entender o mundo à nossa volta e o nosso lugar nele. Daqueles que a gente carrega com carinho para sempre, muito além dos conteúdos e disciplinas. Muito obrigado pelos ensinamentos, PROA!

João Moura

Com ele eu li Vargas Llosa, Hemingway e José Luiz Peixoto. Aprendi sobre rádio e jornalismo literário (onde fiz monitoria) mas, mais do que isso, aprendi a entender melhor aquilo que estava ao meu redor. Infelizmente, não tenho nenhuma foto aqui com ele. Mas as lembranças são abundantes. Ao professor Paulo Roberto, que se encantou hoje, um muito obrigado.

Felipe Viero

Certa tarde, na época em que fui monitora de Jornalismo Literário, meu telefone tocou. Era o professor Paulo. “Andrea, estou tentando mudar minha foto de perfil do *Facebook*, mas

não consigo. Como eu faço?”. Agora, restam as memórias e histórias de um grande professor que o jornalismo me trouxe. Obrigada por me ensinar, Paulo, que “lugar de jornalista é na rua”. Descanse em paz.

Andréa Ortis

Ele fez despertar em mim o gosto pelo jornalismo literário. Possibilitou que pudéssemos escrever além do básico. Ensinou a brincar com as palavras, a escrever de uma maneira bonita. Ele ensinou a tantos. A bem da verdade, a vida não nos prepara para perdas. Mas deixa as lembranças, que não permitem que esqueçamos aqueles que passaram por nós e nos ensinaram. Obrigada, professor Paulo Roberto. Tu parte deixando lições para todos nós.

Mariana Cunha Fontana

Referência, me apresentou e fez com que eu me apaixonasse pelo jornalismo literário. Eu e quantos mais? “Jornalismo literário é uma postura”. E eu não consigo nem imaginar que tipo de jornalista, e pessoa, eu seria sem o jornalismo literário. Lembro da última vez que nos vimos, no café da Cesma, lugar que sempre será lembrado por mim como o refúgio do Paulo. Já não nos falávamos como antes. Estava sentada a tempos quando levantei e o vi. Ele me cumprimentou com cordialidade, me abraçou. Eu elogiei sua camisa, uma polo

rosa pink. “Te empresto pra pular esse Carnaval, Natascha!”.
Vá em paz, Paulo!

Natascha Carvalho

E depois de tanto incentivo para escrever, faltam palavras para expressar a importância do professor Paulo na minha vida, em escolhas da trajetória acadêmica, nas boas lembranças da faculdade de Jornalismo... Para sempre, ficam o afeto, a admiração, as indicações de leituras, o carinho e o cuidado com os livros, o amor pelo radiojornalismo e pelo jornalismo literário, a gratidão e uma saudade imensa.

Tabita Strassburger

E num muro estava escrito: ele trouxe poesia ao meu jornalismo. E para além das técnicas, me ensinou a enxergar o mundo com olhos mais gentis.

Otávio Chagas

Certa vez, quando já estávamos nos encaminhando para o final das aulas de jornalismo literário, o professor Paulo Roberto elogiou a forma como eu concluía o último texto em formato de perfil. Segundo ele, era um texto que não tinha final, da forma como ele gostava. Hoje, lendo as mensagens de todo mundo que, assim como eu, teve a oportunidade de conviver

um pouco com ele, percebo que isso fala muito sobre o Paulo. A história dele não tem um final. Pelo contrário. Continua naqueles ensinamentos que ele passou pra cada um de nós. Sobre entrevista, sobre rádio e, especialmente para mim, sobre jornalismo literário, que aprendi a gostar ainda mais graças a ele. Vá em paz, mestre. E obrigado.

Nicholas Pereira Lyra Ruviano

Diante de tantas palavras de afeto e carinho, nesse momento tão triste, só me resta agradecer à vida por ter me permitido conviver tão intensamente contigo, meu querido amigo e mestre! Obrigada, obrigada, obrigada!

Kamila Baidek

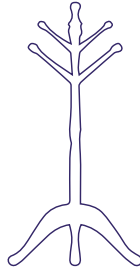
As horas de descuido

Todas as vezes em que uma palavra era dita com respeito e sabedoria, em que deixava um livro em um canto da cidade ou do campus pelo bel prazer de distribuir histórias, em que nos lembrava célebres autores pela internet, em que nos ensinava literatura e rádio com amor e cortesia, em que tomávamos expressos com o senhor: em todas estas horas, que parecem ser de descuido, se acha a felicidade. Frase de Rosa, tal qual o senhor recitava. Até mais e graças, Prof. Paulo.

Leonardo Côrtes



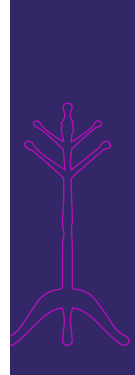
AUTORAS E AUTORES



AUTORAS E AUTORES

Angélica Lüersen é jornalista formada pela UFSM, pós-graduada em Docência na Educação Superior pela Unochapecó e mestra em Comunicação Midiática pela UFSM. Foi monitora de Jornalismo Literário na UFSM em 2007. É docente na Unochapecó, nos cursos de Jornalismo, Produção Audiovisual, Artes Visuais, Design e Moda. Ministra a disciplina de Jornalismo Literário na mesma instituição. Atualmente, é coordenadora do curso de Jornalismo. É freelancer no Jornal Diário Catarinense. Contato: *angelica.luersen@gmail.com*

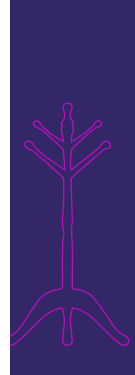
Augusto Paim é jornalista formado pela UFSM, onde ao longo de três semestres foi monitor das disciplinas Jornalismo Literário e Jornalismo Cultural, ministradas pelo professor Paulo Roberto de Oliveira Araujo. É mestre em Letras/Escreita Criativa pela PUCRS e, em 2019, concluiu seu doutorado na Universidade Bauhaus, em Weimar, na Alemanha, com bolsa CAPES/DAAD, defendendo uma tese sobre estética de reportagens em quadrinhos. Atualmente, vive na capital alemã, onde trabalha



no Literarisches Colloquium Berlin, um centro de literatura fundado em 1963 na beira do lago Wannsee. Lá, é responsável pelo portal alternativo de notícias LCB diplomatique (www.lcb-diplomatique.net), no qual protagonistas da vida literária do mundo inteiro lançam um olhar sobre temas prementes da sociedade por meio de um texto curto e uma foto. Também atua como repórter freelancer e tradutor literário. Contato: augusto.paim@gmail.com

Aurea Evelise Fonseca é jornalista formada pela UFSM, onde trabalhou por 32 anos, atuando como repórter, redatora e produtora de programas radiofônicos. Foi chefe de Redação, dirigiu a Rádio Universidade (de 1994 a 1997) e atuou junto à Agência de Notícias da Coordenadoria de Comunicação Social. Idealizadora do projeto Rádio Escola. De 2007 a 2015 foi docente do curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano (Santa Maria). Contato: aurea_evelise@yahoo.com.br

Bibiano Girard é jornalista, mestre e atualmente doutorando em Comunicação na UFSM. É desenhista e fundador do ateliê “Cidades de Nanquim”, jornalista e cronista em “Histórias Daqui” e publica contos no perfil “Contos do Interior”. Contato: girardbibiano@gmail.com

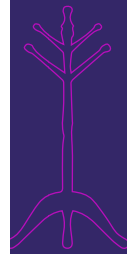


Bruna Homrich Vasconcellos é jornalista e mestra em Comunicação formada pela UFSM. Atualmente, trabalha na Assessoria de Imprensa do Sindicato dos Docentes da UFSM (Sedufsm). Contato: *bruhomrichvasconcellos@gmail.com*

Carolina Abelin é jornalista formada pela UFSM e especialista em Televisão e Convergência Digital pela Unisinos. Foi repórter da RBS TV e da TVTEM, afiliadas da Rede Globo. Atualmente, é repórter da CNN Brasil em São Paulo. Foi monitora de Jornalismo Literário na UFSM em 2009. Contato: *carolinaabelin@yahoo.com.br*

Gabriel Eduardo Bortulini é jornalista formado pela UFSM, mestre e doutorando em Letras/Escrita Criativa pela PUCRS. Por sugestão do professor Paulo Roberto Araujo, em 2014, foi aluno da Oficina de Criação Literária do professor Luiz Antonio de Assis Brasil, da qual foi monitor em 2015. Contato: *gabrielbortulini@gmail.com*

Géssica Valentini é jornalista formada pela UFSM, mestra e doutora em Jornalismo pela UFSC. Foi editora do portal de notícias GI Santa Catarina, repórter da RIC Record, além de ter atuado também em veículos impressos de comunicação. Atualmente, é repórter na SCC SBT. Contato: *valentini.gessica@gmail.com*



Gisele Reginato é jornalista e mestra em Comunicação pela UFSM e doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS. Foi monitora de Jornalismo Literário na UFSM nos dois semestres de 2008. Jornalista concursada do Estado do Rio Grande do Sul, atuou na Fundação de Economia e Estatística e atualmente trabalha na assessoria de imprensa da Superintendência dos Serviços Penitenciários. Integra o Núcleo de Pesquisa em Jornalismo – UFRGS/CNPQ e é autora do livro “As finalidades do jornalismo” (Insular, 2019). Contato: *giselereginato@gmail.com*

Giuliana Matiuzzi Seerig é jornalista formada pela UFSM e graduanda em Letras pela USP. Participou da criação da revista *proa*, no ano de 2012. Contato: *giuliana.seerig@usp.br*

Iuri Müller é jornalista formado pela UFSM e doutor em Letras - Teoria da Literatura pela PUCRS. Publicou o volume de contos “Luz em nevoeiro” (Modelo de Nuvem, 2016). Vive em Porto Alegre. Contato: *iuri.muller@gmail.com*

João Pedro Wizniewsky Amaral é jornalista formado pela UFSM. Licenciado em Letras - Inglês, é mestre e doutorando em Estudos Literários pela mesma instituição. É taurino e foi professor da rede estadual do Rio Grande do Sul de 2014 a 2019. De 2019 a

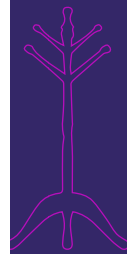
2020 atuou como professor assistente de português na Towson University. Contato: *shuaum@gmail.com*

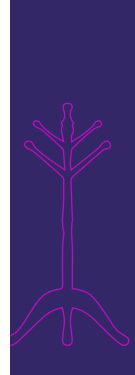
Kelem Freitas Duarte é jornalista formada pela UFSM. Atualmente, reside em Caxias do Sul e atua como redatora publicitária na Interativacom. Contato: *kelemdf@gmail.com*

Larissa Drabeski é jornalista formada pela UFSM, mestre e doutoranda em Comunicação pela UFPR. Pesquisa a identidade e a cultura polonesa em São Mateus do Sul-PR, interesse que foi acolhido e compartilhado pelo professor Paulo na graduação. Contato: *laridra@gmail.com*

Luciana Mielniczuk foi professora da UFSM entre 2004 e 2011 e da UFRGS entre 2011 e 2018. Jornalista e mestra em Comunicação e Informação, ambos pela UFRGS. Doutora em Comunicação e Cultura Contemporânea pela UFBA, com estágio doutoral na Universidade de Aveiro (Portugal). Realizou estágio Pós-Doutoral na Universidade de Santiago de Compostela (Espanha). Coordenou o Grupo Jornalismo Digital (JorDi), CNPq/UFRGS, fundado em 2004. Faleceu em março de 2018.

Luiz Antônio Araujo é jornalista formado pela UFSM e mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS. Professor de



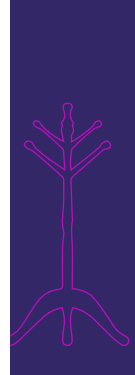


Jornalismo da PUCRS. Autor de “Binladenistão: um repórter brasileiro na região mais perigosa do mundo” (Iluminuras, 2009) e “12 livros que abalaram o Rio Grande” (2015). Prepara biografia do escritor e crítico Mario Pedrosa. Contato: l Luiz.araujo@pucrs.br

Marlon Santa Maria Dias é jornalista e mestre em Comunicação pela UFSM. Atualmente, realiza doutorado em Ciências da Comunicação na Unisinos. Foi monitor de Jornalismo Literário na UFSM em 2011 e 2013. É um dos criadores da revista *proa*, da qual foi editor. Contato: marlon.smdias@gmail.com

Myrella Allgayer é jornalista formada pela UFSM. Atuou como freelancer nas áreas de política e redes sociais. Atualmente, atua na área de turismo e hospitalidade. Contato: myrella.allgayer@gmail.com

Olívia Bressan é jornalista formada pela UFSM e mestra em Letras/Escrita Criativa pela PUCRS. Atualmente, realiza doutorado em Estudos Literários/Tradução na UFPR. Foi monitora de Jornalismo Literário em 2010, ministrou oficina sobre o tema com o Paulo Roberto e foi uma das criadoras da revista *proa*, da qual foi editora. Contato: oliviascarpari@gmail.com



Tatiana Py Dutra é jornalista formada pela UFSM, com especialização em Comunicação e Projetos de Mídia pelo Centro Universitário Franciscano. Atuou no Canal Rural de 1998 a 2002. Entre 2003 e 2017, atuou no Diário de Santa Maria como repórter e editora das editorias de Variedades, Geral e Cultura. De 2018 a 2020, cobriu Política e Economia pelo Jornal de Brasília e Destak. Atualmente, presta serviços em comunicação pela Py Assessoria e Conteúdo em Porto Alegre. Contato: *tatianapydutra@gmail.com*

Thaís Brugnara Rosa é jornalista formada pela UFSM. Trabalhou como repórter durante sete anos, na TV Brasil, no programa Caminhos da Reportagem. Contato: *thaisbrugnara@gmail.com*

Viviane Borelli é jornalista e mestre pela UFSM. Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Desde 2010, é professora do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. Coordenou, junto com o professor Paulo Roberto de Oliveira Araujo, o projeto que originou a revista *proa* durante os anos de 2012 e 2013. Contato: *borelliviviane@gmail.com*

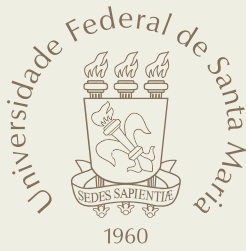


Família tipografia: Alegreya

Número de páginas: 443

Este e-book foi feito para a Editora FACOS-UFSM

2020



FACOS - UFSM

